



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA

AGOSTINHO MOISÉS JOSÉ MUCHOMBE

**A MULTIMODALIDADE GESTO-FALA NA PRODUÇÃO DE GÊNEROS ORAIS:
RECEITA CULINÁRIA, RELATO DE EXPERIÊNCIA E AUTOBIOGRAFIA DE
CRIANÇAS MOÇAMBICANAS FALANTES DE PORTUGUÊS E *NDAWU***

JOÃO PESSOA

2024

AGOSTINHO MOISÉS JOSÉ MUCHOMBE

**A MULTIMODALIDADE GESTO-FALA NA PRODUÇÃO DE GÊNEROS ORAIS:
RECEITA CULINÁRIA, RELATO DE EXPERIÊNCIA E AUTOBIOGRAFIA DE
CRIANÇAS MOÇAMBICANAS FALANTES DE PORTUGUÊS E *NDAWU***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Aquisição de Linguagem e Processamento Linguístico.

Orientadora: Professora Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante

Coorientadora: Profa. Dra. Evangelina Maria Brito de Faria

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M942m Muchombe, Agostinho Moisés José.

A multimodalidade gesto-fala na produção de gêneros orais : receita culinária, relato de experiência e autobiografia de crianças moçambicanas falantes de português e ndawu / Agostinho Moisés José Muchombe. - João Pessoa, 2024.

237 f. : il.

Orientação: Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante.
Coorientação: Evangelina Maria Brito de Faria.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística - Gêneros orais. 2. Gesto-fala - Multimodalidade. 3. Criança falante - Línguas. I. Cavalcante, Marianne Carvalho Bezerra. II. Faria, Evangelina Maria Brito de. III. Título.

UFPB/BC

CDU 81(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
AGOSTINHO MOISÉS JOSÉ MUCHOMBE

Aos vinte e nove dias do mês de julho de dois mil e vinte e quatro (29/07/2024), às nove horas, realizou-se, via Plataforma Google Meet, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada “**A MULTIMODALIDADE GESTO-FALA NA PRODUÇÃO DE GÊNEROS ORAIS: RECEITA CULINÁRIA, RELATO DE EXPERIÊNCIAS E AUTOBIOGRAFIA DE CRIANÇAS FALANTES DE PORTUGUÊS E NDAWU EM MOÇAMBIQUE**”, apresentada pelo(a) mestrando(a) **AGOSTINHO MOISÉS JOSÉ MUCHOMBE**, Licenciado(a) em **Letras** pelo(a) **Universidade Eduardo Mondlane - UEM**, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE(A) EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof(a). Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (PROLING-UFPB), na qualidade de orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(a)s Professores(as) Doutores(as) Evangelina Maria Brito de Faria (Coorientadora/PROLING-UFPB), Maria Cristina Lobo Name (Examinadora/UFJF) e Rufino Alfredo (Examinador/UniPúnguê). Dando início aos trabalhos, o(a) senhor(a) Presidente Prof(a). Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) Mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, ao qual foi atribuído o conceito APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) professor(a) Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 29 de julho de 2024.

Prof(a). Dr(a). Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Evangelina Maria Brito de Faria
(Coorientadora)

Prof(a).Dr(a). Maria Cristina Lobo Name
(Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Rufino Alfredo
(Examinador)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA



Dedico ao meu pai, José Porota Muchombe (em memória)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida e saúde, sem ele nada teria sido possível.

A minha orientadora, Profa. Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante pelo apoio, material e moral; pela disponibilidade durante a orientação do trabalho e, acima de tudo, por me ter acarinhado e dado forças suficientes em todas as etapas da minha formação;

À minha mãe, Felizarda João; à minha esposa, Albertina Pacelisa Basilio e ao meu filho, Gabriel, A. Agostinho Muchombe pelo carinho e compreensão manifestada em vários momentos da minha ausência do convívio familiar.

Aos meus irmãos, tios, cunhados e amigos pelo apoio moral e incondicional.

Aos professores do Proling, que se mostraram tão fundamentais para a minha formação acadêmica e sempre dispostos a me ajudarem.

A CAPES pela bolsa de estudo integral.

Aos secretários dos bairros e quarteirões, aos informantes pela paciência manifestada durante as horas de gravação dos vídeos.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar como as crianças falantes de duas línguas diferentes, Português e *Ndawu* em Moçambique usam os gestos e a fala durante a produção de gêneros orais, autobiografia, relato de experiência e receita culinária. *Ndawu* é uma língua bantu falada por cerca de 836. 038 pessoas, na região central de Moçambique, concretamente nas províncias de Sofala e Manica e, uma parte da zona norte da província de Inhambane (zona sul do país), é igualmente falada na República do Zimbábue. Este estudo quanto a abordagem é qualitativo, quanto aos objetivos é descritivo-exploratório e quanto aos procedimentos é de campo. A metodologia aplicada na coleta dos dados foi, gravação de vídeos de crianças, individualmente em ambiente naturalístico, a contarem os gêneros orais em estudo nas duas línguas, na presença dos pais, ou encarregados de educação, estruturas locais e o pesquisador. Os 36 vídeos analisados foram selecionados por meio de sorteio (6 por cada criança, 3 em *ndawu* e 3 em português). Estes vídeos foram transcritos e analisados por meio do *software ELAN*. Nas análises apoiamo-nos em Galhano-Rodrigues (2008) no concernente as categorias da descrição dos gestos e dos diferentes tipos de espaço gestual, ângulo de articulação e amplitude do movimento; Kendon (1982), a tipologia dos gestos composta por gesticulação, emblemas, gestos preenchedores e pantomimas; McNeill (1992), as dimensões gestuais compostas por: gestos icônicos, dêiticos, metafóricos e ritmados. Os gestos analisados foram das mãos que ocorrem espontaneamente quando falamos. Os resultados obtidos, apontaram a existência de diferenças e coincidências na produção gestual nos três gêneros. Os gestos predominantes nos três gêneros orais são pantomímicos + icônicos + ritmados e emblemáticos + dêiticos + ritmados. *Ndawu* produziu mais gestos em relação ao português, com maior incidência os pantomímicos e os emblemáticos, todos associados por outras dimensões gestuais. Os gestos em *ndawu* são produzidos em abaixo do abdômen enquanto em português, na zona central do abdômen.

Palavras-chave: multimodalidade, gêneros orais, gesto-fala, criança, *ndawu*.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze how children speaking two different languages, Portuguese and Ndwu in Mozambique, use gestures and speech during the production of oral genres, autobiography, experience reports and culinary recipes. Ndwu is a Bantu language spoken by around 836,038 people, in the central region of Mozambique, in the provinces of Sofala and Manica, and a part of the northern part of the province of Inhambane (southern part of the country), it is also spoken in the Republic of Zimbabwe. This study in terms of approach is qualitative, in terms of objectives it is descriptive-exploratory and in terms of procedures it is field-based. The methodology applied in data collection was recording videos of children, individually in a naturalistic environment, counting the oral genres under study in both languages, in the presence of their parents, or guardians, local structures and the researcher. The videos analyzed were selected by drawing 36 videos (6 for each child, 3 in ndawu and 3 in Portuguese) from 6 children. These videos were transcribed and analyzed using ELAN software. In the analyses, we rely on Galhano-Rodrigues (2008) regarding the categories of gesture description and the different types of gestural space, articulation angle and range of movement; Kendon (1982), the typology of gestures composed of gesticulations, emblems, filling gestures and pantomimes; McNeill (1992), the gestural dimensions composed of: iconic, deictic, metaphorical and rhythmic gestures. The gestures analyzed were those of the hands that occur spontaneously when we speak. The results obtained showed the existence of differences and coincidences in gestural production in the three genres and the predominant gestures in them are pantomimic, iconic + rhythmic, and emblematic + deictic + rhythmic. The Ndwu language produced more gestures, with a greater incidence for pantomimic and emblematic. To conclude, gestures in Ndwu are produced below the abdomen while in Portuguese, in the central area of the abdomen.

Keywords: multimodality, oral genres, gesture-speech, child, ndawu.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da localização geográfica das 4 famílias segundo a classificação de Greenberg (1963).....	21
Figura 2 - Mapa da distribuição das zonas pela região bantu segundo a classificação de Doke (1945)	23
Figura 3 - Mapa da distribuição das zonas e grupos de línguas bantu segundo a classificação de Guthrie (1967-71).....	23
Figura 4 - Mapa de países africanos de língua oficial portuguesa	25
Figura 5 - Mapa de localização e divisão administrativa de Moçambique	26
Figura 6 - Mapa das zonas e grupos linguísticos bantu em Moçambique segundo Guthrie (1967-71).	31
Figura 7 - Mapa de localização da língua ndawu.....	39
Figura 8 - Mapa das Províncias de Manica e Sofala (centro de Moçambique).....	39
Figura 9 - o gesto de “banana”, significando insulto em várias sociedades segundo Knapp & Hall (1999).....	70
Figura 10 - Gestos de punho ou de pontuação indicam que o falante pretende seleccionar um objeto para seu interlocutor (um dos tipos de gestos relacionados à fala).	70
Figura 11 - Quadrantes da divisão utilizados para a descrição e delimitação do uso do espaço gestual dos falantes.....	79
Figura 12 - Características dos gestos.....	82
Figura 13 - Mapa da província de Sofala	89
Figura 14 - Mapa da Cidade da Beira	89
Figura 15 - Estrutura do ELAN e seus elementos de edição.....	105
Figura 16 – Abertura gestual da C1 em ndawu e português	111
Figura 17 - Gesto emblemático da C1 em ndawu	112
Figura 18 – Gestos da C1 em português	112
Figura 19 - Abertura gestual da autobiografia da C2 em ndawu.....	115
Figura 20 – Abertura gestual da autobiografia da C2 em português.....	115
Figura 21 – Gestos emblemáticos em ndawu.....	116
Figura 22 – Gesticulação icônica em português.....	117
Figura 23 – Abertura gestual da C3 em cindawu e português.....	119
Figura 24 – Gestos emblemáticos em ndawu e português	120
Figura 25 – Abertura gestual da C4 em ndawu – Gênero autobiografia	123
Figura 26 – Abertura gestual da C4 em português – gênero autobiografia.....	123
Figura 27 – Gesto emblemático em ndawu – gênero autobiografia.....	124
Figura 28 – Gesticulação em português – Gênero autobiografia	125

Figura 29 – Abertura gestual da C4 em ndawu e em português – gênero autobiografia	127
Figura 30 – gesticulação em ndawu – gênero autobiografia	128
Figura 31 – Abertura gestual da C6 em ndawu e em português – gênero autobiografia	131
Figura 32 – gestos emblemáticos da C6 em ndawu – gênero autobiografia	132
Figura 33 – Gesto emblemático da C6 em português – gênero autobiografia	133
Figura 34 – Abertura gestual do Relato de Experiência da C1 em ndawu e português	136
Figura 35 – Gestos pantomímicos e gesticulação da C1 em ndawu	137
Figura 36 – Gesto ritmado da C1 em português.....	137
Figura 37 – Abertura gestual de relato de experiência em ndawu da C2	140
Figura 38 – Abertura gestual de Relato de Experiência em português da C2.....	140
Figura 39 – Gestos pantomímicos em Ndawu	141
Figura 40 – Gesticulação em ndawu e português da C3 – gênero relato de experiência	143
Figura 41 – Gesticulação icônica	144
Figura 42 – Gesto pantomímico na abertura gestual do relato de experiência da C4 em ndawu e em português.....	147
Figura 43 – Gestos da C4 em ndawu – Gênero relato de experiência.....	148
Figura 44 - Gestos da C4 em português – Gênero relato de experiência	149
Figura 45 – Gesto pantomímico na abertura gestual do relato de experiência da C5 em ndawu.....	151
Figura 46 – Abertura gestual do relato de experiência em português da C5.....	151
Figura 47 – Gesto pantomímico em ndawu	152
Figura 48 – gesto pantomímico em ndawu	153
Figura 49 – Gesto pantomímico em português da C5.....	154
Figura 50 – a gesticulação dêitica em português.....	154
Figura 51 – Abertura gestual da C6 – gênero relato de experiência	156
Figura 52 - Gesto icônico da C6 em ndawu.....	157
Figura 53 – gesto icônico da C6 em português	158
Figura 54 – Abertura gestual da receita culinária em ndawu e em português da C1	161
Figura 55 - Gesto ritmado em ndawu.....	162
Figura 56 – gesto icônico da C1 em português	162
Figura 57 – Abertura gestual da C2 em ndawu e português	165
Figura 58 – Gestos pantomímicos da C2 em Ndawu.....	166
Figura 59 – Gesto pantomímico da C2 em português.....	167
Figura 60 – Gestos pantomímicos da C2 em português.....	168
Figura 61 – Abertura gestual da receita em ndawu da C3.....	170

Figura 62 - Abertura gestual da receita em português da C3	170
Figura 63 – Gesto emblemático da C3 em ndawu	171
Figura 64 – gesto emblemático dêitico da C3 em português	172
Figura 65 – Abertura gestual da receita culinária da C4	174
Figura 66 – Gestos pantomímicos em ndawu	175
Figura 67 – gesto metafórico em ndawu	176
Figura 68 – gesticulação em português da C4.....	177
Figura 69 – gestos pantomímicos da C4 em português.....	177
Figura 70 - Gestos icônicos e pantomímicos na abertura gestual da receita culinária da C5 em português e ndawu.....	180
Figura 71 – Gestos pantomímicos em ndawu da C5 – gênero receita culinária	181
Figura 72 – gestos pantomímicos em ndawu da C5 – gênero receita culinária	182
Figura 73 - Gestos pantomímicos da C5 em português – gênero receita culinária	182
Figura 74 - Gestos icônicos + ritmados da C5 em português – gênero receita culinária	183
Figura 75 - Gestos pantomímicos da C5 em português – gênero receita culinária	183
Figura 76 - Gestos pantomímicos da C5 em português – gênero receita culinária	184
Figura 77 – Abertura gestual da C6 – Gênero receita culinária	187
Figura 78 – Gestos metafórico, emblemático e pantomímico da C6 em ndawu.....	188
Figura 79 – Gestos icônico da C6 em ndawu.....	189
Figura 80 – Gesto emblemático da C6 em português -Gênero receita culinária.....	190
Figura 81 – Gestos metafórico e pantomímico em português da C6	190

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo geral das diferenças da classificação das línguas moçambicanas segundo Doke (1945) e Guthrie (1967-71).....	32
Quadro 2 - Variantes do cindawu.....	38
Quadro 3 - classes e prefixos nominais da língua ndawu	41
Quadro 4 - Vogais da língua ndawu.....	42
Quadro 5 - Consoantes da língua ndawu.....	42
Quadro 6 - Grafemas do alfabeto do Cindawu.....	45
Quadro 7 - Elementos da linguagem corporal, identificados como gestos corporais e linguagem não - verbal.....	66
Quadro 8 - Tipologia gestual de Efron (1941)	68
Quadro 9 - Continuum de Kendon 1982	71
Quadro 10 - definição dos tipos de gestos	73
<i>Quadro 11</i> - <i>Dados detalhados dos participantes da pesquisa</i>	96
Quadro 12 - Plano de apresentação aos Postos Administrativos	99
Quadro 13 - Horário de encontro com os secretários dos bairros	100
Quadro 14 - Cronograma das actividades de pesquisa por cada bairro	101
Quadro 15 - Sinais gráficos usados nas transcrições.....	106
Quadro 16 - grade individualizada da produção vocal.....	106
Quadro 17 – Transcrição da Autobiografia da C1	109
Quadro 18 – Transcrição da Autobiografia da C2	113
Quadro 19 – Transcrição da Autobiografia da C3	117
Quadro 20 – Transcrição da Autobiografia da C4	121
Quadro 21 – Transcrição da Autobiografia da C5	125
Quadro 22 – Transcrição da Autobiografia da C6	128
Quadro 23 – Transcrição do Relato de Experiência da C1	134
Quadro 24 – Produções verbalizadas da C1	135

Quadro 25 – Transcrição do Relato de Experiência da C2.....	138
Quadro 26 – Transcrições do relato de experiência da C3.....	142
Quadro 27 – Transcrição de Relato de Experiência da C4	144
Quadro 28 – Produções verbalizadas da C4 – gênero relato de experiência.....	146
Quadro 29 – Transcrição de Relato de Experiência da C5	149
Quadro 30 – Transcrição de Relato de Experiência da C6	155
Quadro 31 – Transcrição da receita culinária da C1	158
Quadro 32 – Produções verbalizadas da C1.....	160
Quadro 33 – Transcrição da receita culinária da C2	163
Quadro 34 – Transcrição da receita culinária da C3	168
Quadro 35 – Transcrição da receita culinária da C4	172
Quadro 36 – Transcrição da Receita Culinária da C5.....	178
Quadro 37 – transcrição da receita culinária da C6	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Línguas faladas em Moçambique por população de 5 ou mais anos de idade	33
Tabela 2 - Falantes da língua portuguesa por província	48
Tabela 3 - Corpus da pesquisa	93
Tabela 4 - Total de gêneros orais, línguas e vídeos analisados	108

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Esquematização da língua ndawu de acordo com as unidades classificatórias de Grenberg (1963)	22
Esquema 2 - Os constituintes do nome em cindawu.	40
Esquema 3 - Representação ortográfica de aspiração	43
Esquema 4 - Representação ortográfica da labialização e velarização	43
Esquema 5 - Representação ortográfica da palatalização.....	44
Esquema 6 - Representação ortográfica da pré-nasalização.....	44
Esquema 7 - Fluxograma com a tipologia gestual (Kendon, 2004)	74
Esquema 8 - Etapas da pesquisa.....	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de gestos da C1 em ndawu - autobiografia	192
Gráfico 2 – Total de gestos da C1 em português-autobiografia	192
Gráfico 3 - Total de gestos da C2 em ndawu – autobiografia	193
Gráfico 4 - Total de gestos da C2 em português - autobiografia.....	193
Gráfico 5 - Total de gestos da C3 em ndawu – autobiografia	193
Gráfico 6 - Total de gestos da C3 em português – autobiografia	193
Gráfico 7 - Total de gestos da C4 em ndawu – autobiografia	194
Gráfico 8 - Total de gestos da C4 em português – autobiografia	194
Gráfico 9 - Total de gestos da C5 em ndawu – autobiografia	195
Gráfico 10 - total de gestos da C5 em português – autobiografia	195
Gráfico 11 - Total de gestos da C6 em ndawu – autobiografia	196
Gráfico 12 - Total de gestos da C6 em português – autobiografia	196
Gráfico 13 - Total de gestos em ndawu – autobiografia.....	197
Gráfico 14 - Total de gestos em português – autobiografia.....	197
Gráfico 15 - Gestos predominantes no gênero oral - autobiografia.....	198
Gráfico 16 - Total de gestos da C1 em ndawu – relato de experiência	199
Gráfico 17 - Total de gestos da C1 em português – relato de experiência	199
Gráfico 18 - total de gestos em ndawu - relato de experiência.....	200
Gráfico 19 - total de gestos em português - relato de experiência.....	200
Gráfico 20 - Total de gestos da C3 em ndawu - relato de experiência.....	201
Gráfico 21 - Total de gestos da C3 em português - relato de experiência.....	201
Gráfico 22 - total de gestos da C4 em ndawu – relato de experiência.....	202
Gráfico 23 - total de gestos da C4 em português - relato de experiência	202
Gráfico 24 - total de gestos da C5 em ndawu – relato de experiência.....	202
Gráfico 25 - total de gestos da C5 em português – relato de experiência	202

Gráfico 26 - total de gestos da C6 em ndawu - relato de experiência	203
Gráfico 27 - total de gestos da C6 em português - relato de experiência	203
Gráfico 28 - Total de gestos em ndawu – relato de experiência.....	204
Gráfico 29 - Total de gestos em português – relato de experiência.....	204
Gráfico 30 - Gestos predominantes no gênero oral - Relato de Experiência.....	205
Gráfico 31 - Total de gestos em ndawu – receita culinária	206
Gráfico 32 - Total de gestos em português - receita culinária.....	206
Gráfico 33 - total de gestos da C2 em ndawu – receita culinária	207
Gráfico 34 - total de gestos da C2 em português – receita culinária	207
Gráfico 35 - total de gestos da C3 em ndawu – receita culinária	208
Gráfico 36 - total de gestos da C3 em português – receita culinária	208
Gráfico 37 - total de gestos da C4 em ndawu – receita culinária	209
Gráfico 38 - total de gestos da C4 em português – receita culinária	209
Gráfico 39 - total de gestos da C5 em ndawu – receita culinária	210
Gráfico 40 - total de gestos da C5 em português – receita culinária	210
Gráfico 41 - total de gestos da C6 em ndawu – receita culinária	211
Gráfico 42 - total de gestos da C6 em português – receita culinária	211
Gráfico 43 - Total de gestos convergentes em ndawu – receita culinária	212
Gráfico 44 - total de gestos convergentes em português	212
Gráfico 45 - Gestos predominantes no gênero Receita culinária	213

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

NEALIM - Núcleo de Estudos em Linguagem e em Matemática

UEM - Universidade Eduardo Mondlane

UMA - Universidade da Madeira

CIERL - Centro de Investigação de Estudos Regionais e Locais

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CCS - Centro de Ciências da Saúde

IFP - Institutos de Formação de Professores

EPF - Escolas de Professores do Futuro

INE – Instituto Nacional de Estatística

CRM - Constituição da República de Moçambique

PEBIMO - Projecto de Escolarização Bilingue em Moçambique

SNE - Sistema Nacional de Educação

TCEB - Transformação Curricular do Ensino Básico

PN – Prefixo Nominal

TN – Tema Nominal

C^h - Consoante aspirada

C^w - Consoante labializada

C^y - Consoante palatalizada

^{m/n}C – Consoante pré-nasalizada

PETEDI - Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso

GR – gestos referenciais

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LAFE – Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita

C1 – criança 1/ 1^a criança

C2 – criança 2/ 2ª criança

C3 – criança 3/ 3ª criança

C4 – criança 4/ 4ª criança

C5 – criança 5/ 5ª criança

C6 – criança 6/ 6ª criança

CMB – Conselho Municipal da Beira

SG – Secretária geral

ELAN - *Eudico Linguistic Annotator*

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. Questões de pesquisa:.....	16
1.2. Objetivos	17
1.2.1. Objetivo geral	17
1.2.2. Objetivos específicos	17
1.3. Justificativa.....	17
1.4. Hipóteses	18
1.5. Organização do estudo.....	19
2. A MULTIMODALIDADE EM GÊNEROS ORAIS EM NDAWU E EM.....	20
2.1. Situação linguística de África.....	20
2.1.1. A realidade linguística da África Portuguesa: o Multilinguismo presente	24
2.2. Moçambique.....	25
2.2.1. Localização geográfica.....	25
2.2.2. Localização cósmica:.....	26
2.2.3. Divisão administrativa de Moçambique:	26
2.2.4. População de Moçambique.....	27
2.3. Situação linguística de Moçambique	29
Figura 6: Mapa das zonas e grupos linguísticos bantu em Moçambique segundo Guthrie . Erro! Indicador não definido.	
2.3.1. Política Linguística de Moçambique.....	35
2.4. Características linguísticas da língua <i>Ndawu</i> e do Português em Moçambique.....	36
2.4.1. A língua <i>ndawu</i>	36
2.4.2 O Português em Moçambique.....	47
2.5. Oralidade e gêneros orais	53
2.5.1. Gêneros orais	54
2.5.2 Características dos gêneros orais.....	56
2.5.3. Receita Culinária.....	57
2.5.4 Autobiografia.....	58
2.5.5. História da vida/ experiência da vida	60
2.6 Os estudos multimodais	60
2.6.1. A Multimodalidade na Aquisição da Linguagem.....	62
2.6.2 A gestualidade.....	63
3. METODOLOGIA	88
3.1. Delineamento da pesquisa	88

3.2. Tipos de pesquisa.....	89
3.2.1. Pesquisa qualitativa.....	90
3.2.2. Pesquisa descritiva-exploratória.....	90
3.2.3. Pesquisa de campo.....	91
3.3. Amostra.....	91
3.3.1. Corpus da pesquisa.....	92
3.4. Métodos.....	93
3.4.1. Método indutivo.....	94
3.4.2. Filológico/ pesquisa bibliográfica.....	94
3.4.3. Entrevista semiestruturada.....	94
3.5. Aspectos éticos.....	95
3.6. Procedimentos de coleta dos dados.....	96
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	108
4.1. Resultados Qualitativos.....	109
4.1.1 AUTOBIOGRAFIA.....	109
4.1.2 Autobiografia da C1.....	109
4.1.3. Autobiografia da C2.....	113
4.1.4. Autobiografia da C3.....	117
4.1.5. Autobiografia da C4.....	121
4.1.6. Autobiografia da C5.....	125
4.1.7 Autobiografia da C6.....	128
4.2. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	133
4.2.1. Relato de Experiência da C1.....	133
4.2.2. Relato de Experiência da C2.....	138
4.2.3. Relato de Experiência da C3.....	142
4.2.4. Relato de Experiência da C4.....	144
4.2.5. Relato de Experiência da C5.....	149
4.2.6. Relato de Experiência da C6.....	155
4.3. RECEITA CULINÁRIA.....	158
4.3.1. Receita Culinária da C1.....	158
4.3.2. Receita culinária da C2.....	163
4.3.3. Receita Culinária da C3.....	168
4.3.4. Receita culinária da C4.....	172
4.3.5. Receita culinária da C5.....	178
4.3.6. Receita culinária da C6.....	184

4.4. RESULTADOS QUANTITATIVOS.....	191
4.4.1. Gênero Autobiografia	192
4.4.2. Relato de Experiência	198
4.4.3 Receita Culinária.....	205
5. CONCLUSÃO	214
6. BIBLIOGRAFIA.....	218

1. INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do projeto¹ de pesquisa intercontinental de três países falantes de português, nomeadamente, Brasil, Moçambique e Portugal, que se propõe a construir um acervo de dados de gêneros orais de crianças entre 7 a 12 anos de idade. Em Brasil é coordenado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por intermédio do Núcleo de Estudos em Linguagem e em Matemática (NEALIM); em Moçambique é representada pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo, através da Faculdade de Letras e Ciências Sociais e pela Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidade da Universidade Púnguè – Extensão de Tete; em Portugal pela Universidade da Madeira (UMA), no Funchal – Ilha da Madeira, por meio do Centro de Investigação de Estudos Regionais e Locais (CIERL). Segundo Cavalcante *et. al.* (2021, p. 247), o intuito deste projeto, é mapear as características orais (verbal, gestual) e culturais que se materializam numa mesma língua em espaços tão distintos.

No presente estudo discutimos e analisamos a multimodalidade gestual-verbal na produção de gêneros orais: autobiografia, relato de experiência e receita culinária de crianças moçambicanas falantes de português e *ndawu*. A língua *ndawu* é a 7ª língua bantu mais falada em Moçambique e a 8ª mais falada em todo território moçambicano, por cerca de 836. 038 pessoas, dos quais 377. 840 homens e 458. 198 mulheres. Esta língua é falada na região central do país, concretamente nas províncias de Sofala e Manica, e uma parte da zona norte da província de Inhambane (zona sul do país), é igualmente falada na República do Zimbábwe.

O termo multimodalidade que nos preduispusemos a discutir e analisar, surgiu na segunda metade da década de 1990, a partir dos trabalhos de Charles Goodwin, nos Estados Unidos, sob a perspectiva da Etnometodologia e da Análise da Conversação e, Kress e Van Leeuwen, no Reino Unido, sob a perspectiva da Semiótica Social (JEWITT, BEZEMER & O'HALLORAN, 2016, p. 43). Para Jewit (2009 apud Pereira, Mortimer, Moro, 2015, p. 44), a multimodalidade parte do pressuposto de que os significados são produzidos, distribuídos recebidos, interpretados e refeitos a partir da leitura de vários modos de representação e comunicação e não apenas por meio da linguagem falada ou escrita, mas também por meio de gestos, imagens, sons e outros modos semióticos de comunicação e representação.

Este termo na aquisição da linguagem começou a ser usado com base nas premissas de David McNeill (1985) quando afirmou que a língua se inscrevia em uma matriz de mescla dos

¹ Projeto aprovado pelo CEP do CCS-UFPB - CAAE: 42841521.0.0000.5188 para uso de imagens em produção acadêmica.

aspectos gesto-vocais da interação (ÁVILA-NÓBREGA & CAVALCANTE, 2015, p. 11). Ademais, para Almeida & Cavalcante (2017, p. 527-528), na aquisição de linguagem refere-se ao uso da língua (fala, gesto, olhar) que coatuam na produção linguística entre os falantes e é praticamente impossível estudar e analisar gesto e fala separadamente porque os dois constituem único sistema.

Neste trabalho, analisamos apenas os gestos das mãos que ocorrem quando falamos por existir uma estreita relação entre certos tipos de gestos, significados e função durante a fala. Nas nossas análises apoiamo-nos em postulados teóricos de Galhano-Rodrigues (2008) no concernente as categorias da descrição dos gestos e dos diferentes tipos de espaço gestual, ângulo de articulação e amplitude do movimento; McNeill (1992; 1997) e Kendon (1982) para quem os gestos e a fala constituírem a mesma matriz multimodal. Em Kendon (1982), buscamos a tipologia dos gestos compostas por: gesticulação, emblemas, gestos preenchedores e pantomimas; em McNeill (1992) buscamos as dimensões gestuais compostas por: gestos icônicos, dêiticos, metafóricos e ritmados.

Este estudo quanto a abordagem é qualitativo, quanto aos objetivos é descritivo-exploratório e quanto aos procedimentos é do campo. A obtenção dos dados que compõem a nossa amostra foi, através da gravação de vídeos por meio de telemóvel da marca Samsung F12. Essas gravações foram feitas ao ar livre (ambiente naturalístico) em casa das crianças, individualmente, na presença dos pais, ou encarregados de educação e secretários dos bairros, unidades, quarteirões e o pesquisador. A nossa pesquisa foi norteadas pelas seguintes questões:

1.1. Questões de pesquisa:

1. Existem diferenças entre as produções gestuais-vocais no mesmo gênero realizadas pela mesma criança nas duas línguas (português e *ndawu*)?
2. Quais os gestos convergentes e divergentes que as crianças falantes de português e *ndawu* em Moçambique usam durante a produção dos gêneros orais, receita culinária, relato de experiências e autobiografia?
3. Quais os gestos predominantes na produção de gêneros orais, receita culinária, relato de experiências e autobiografia por crianças falantes de português e *ndawu* em Moçambique?

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

- Analisar como as crianças falantes de duas línguas diferentes, português e *ndawu* em Moçambique usam os gestos e a fala durante a produção de gêneros orais, autobiografia, relato de experiência e receita culinária.

1.2.2. Objetivos específicos

- Identificar se existem diferenças entre as produções gestuais-vocais do mesmo gênero realizados pela mesma criança em português e em *ndawu*;
- Descrever os gestos convergentes e divergentes produzidos por todas as crianças falantes das duas línguas (português e *ndawu*) em cada gênero;
- Identificar os gestos predominantes em todas as crianças falantes das duas línguas, português e *ndawu* em cada gênero.

1.3. Justificativa

O estudo sobre a aquisição de linguagem a partir da matriz multimodal verbal-gestual de gêneros orais em Moçambique é praticamente inexistente. Não há nenhum estudo nesta área feito por um pesquisador moçambicano. O único foi realizado por Cavalcante *et al.* (2021), uma pesquisa intercontinental (Brasil, Moçambique e Portugal) intitulada “análise da multimodalidade no gênero receita culinária em vídeos de fala infantil de um corpus intercontinental”, onde os gestos predominantes na receita culinária em todas as crianças são os pantomímicos e os emblemáticos. Dado o número reduzido de estudos, uma vez que os gestos começaram a ser estudados em 1982 por Adam Kendon e a matriz multimodal em 1985 por McNeill e mais tarde por Cavalcante em 2009 no Brasil. A partir dos estudos existentes em torno desta matriz multimodal, verbal-gestual nenhum desses faz menção as línguas do grupo bantu, isso nos despertou atenção em fazermos um estudo comparado das línguas portuguesa e *ndawu*, uma vez que em Moçambique, a língua portuguesa coabita com as outras do grupo bantu e uma delas é *ndawu*.

O nosso estudo tem o propósito de suprir as lacunas de ausências de pesquisas na área de aquisição da linguagem a partir da matriz multimodal gestual-verbal comparado com os estudos de outras áreas da linguística em Moçambique e por um lado pela ausência de estudos na língua *ndawu* pelo facto de, no período colonial, as línguas bantu faladas em Moçambique

terem sido tratadas como dialetos ou línguas indígenas (ocasionalmente, chamadas nativas ou autóctones). Correlação a estes termos, Lopes (1997) afirma que ambos eram pejorativos significando que, as pessoas que as falavam eram qualquer coisa como primitivas. Elas eram línguas pouco dignas de um ser humano.

Desta forma, reconhecia-se apenas uma única língua, o Português e o resto eram sons não articulados e os moçambicanos eram proibidos de estudarem em suas próprias línguas. Isso fez com que durante muito tempo, as línguas bantu de Moçambique não fossem estudadas e não possuíssem um sistema ortográfico. Depois da independência em 1975, as línguas moçambicanas continuaram a ter um tratamento diferente da língua portuguesa. Como se pode prever, *ndawu* faz parte dessas línguas que carecem de estudos, diferentemente de português, tendo em conta a falta de referências bibliográficas em *ndawu*, também nos motiva em trazer de alguma forma, esta língua ao centro das atenções no que concerne as discussões linguísticas ligadas a multimodalidade verbal-gestual.

A escolha desses três gêneros e não outros, deve-se ao facto de, as crianças com as faixas etárias escolhidas, dos 7 aos 12 anos terem noções dos tais gêneros orais de uma forma implícita e explícita, uma vez que já vivenciaram cada um deles e por outro lado, devido essa experiência, elas falam livremente sem receio por ser algo que vivem dia pois dia.

Esperamos que os resultados alcançados na pesquisa contribuam para preencher as lacunas teórico-descritivas e interpretativas que se verificam em Moçambique em torno da matriz multimodal verbal-gestual, oferecer dados para futuras análises nesta área e dar visibilidade a língua *ndawu*, em Moçambique e no mundo.

1.4. Hipóteses

A presente pesquisa foi orientada pelas seguintes hipóteses:

1. Há diferenças entre as produções gestuais-vocais do mesmo gênero realizados pela mesma criança nas duas línguas;
2. Há tanto divergência quanto convergência dos gestos produzidos nos três gêneros orais, pelo facto de serem produzidos em línguas diferentes (daí a divergência), mas as línguas se influenciam mutuamente em seus usos (daí a convergência).
3. Os gestos predominantes nesses gêneros orais, são a gesticulação + icônicos por serem imprescindíveis durante a fala da criança.

1.5. Organização do estudo

O presente estudo está organizado em cinco capítulos, a saber:

Capítulo I, Introdução, na qual apresentamos uma breve contextualização do tema, as questões de pesquisa, os objectivos da pesquisa, a justificação do estudo e as hipóteses;

Capítulo II, Revisão de Literatura onde, primeiro, falamos sobre: 2.1. Situação linguística do continente africano, nele abordamos a realidade linguística portuguesa em África portuguesa, com enfoque ao multilinguismo presente; 2.2. Moçambique, sua localização geográfica, cósmica, divisão administrativa, população, situação linguística, política linguística; 2.3. A língua *ndawu*, nele apresentamos a organização dos nomes em classes nominais, sistema ortográfico, as vogais e as consoantes, modificação consonântica e o alfabeto desta língua; 2.4. O português em Moçambique, onde apresentamos o português de Moçambique, os moçambicanismos e as suas características; 2.5. Oralidade e gêneros orais, nele constam características dos gêneros orais, tipos de gêneros orais, receita culinária, autobiografia e história de vida; 2.6. Multimodalidade, onde constam a multimodalidade na aquisição da linguagem, os gestos, significado referencial dos gestos, níveis de distribuição dos gestos, parâmetros básicos articulatórios na produção de signos, categorias da descrição gestual, fases dos gestos e o fator cultural nas gestualidades;

Capítulo III, Metodologia, nele constam o delineamento da pesquisa, tipo de pesquisa, amostra, corpus da pesquisa, métodos usados, aspectos éticos e procedimentos usados na coleta de dados;

Capítulo IV, Resultados e discussões, no qual descrevemos e analisamos os gestos usados pela mesma criança nas duas línguas e em seguida mapeamos os gestos convergentes, divergentes e os predominantes em cada gênero oral;

Capítulo V, Conclusão, nele constam as nossas constatações e reflexões em torno do tema.

Depois de termos abordado a nossa Introdução no capítulo I, onde apresentamos uma breve contextualização do tema, as questões de pesquisa, os objectivos da pesquisa, a justificação do estudo e as hipóteses, o capítulo que se segue apresentaremos a revisão da literatura.

2. A MULTIMODALIDADE EM GÊNEROS ORAIS EM NDAWU E EM PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Depois de termos apresentado a introdução no capítulo I. No presente capítulo descrevemos os estudos similares realizados sobre o tema em análise. Este capítulo está subdividido em seis subsecções: a primeira apresentamos a situação linguística de África; na segunda, localização geográfica de Moçambique; na terceira, a língua *ndawu*; na quarta, o português em Moçambique; na quinta, oralidade e gêneros orais e para terminar, na sexta subsecção, a multimodalidade.

2.1. Situação linguística de África

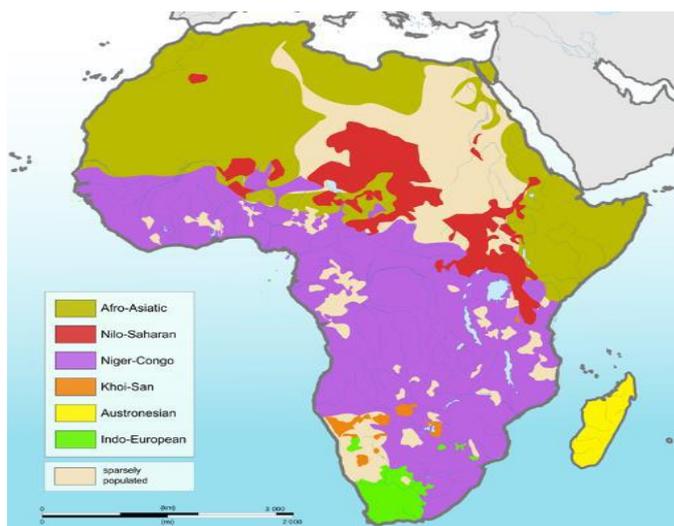
Segundo Lewis (2009 *apud* Rego 2012, p. 49), o continente africano possui uma grande diversidade linguística. Das 6.000 a 7.000 línguas existentes no mundo, o autor citando Heine & Nurse (2000), afirma que 700 a 3.000 são africanas, isto é, África possui maior número de línguas faladas no mundo. Correlação ao número de línguas faladas em África, Rego (*idem*), afirma que a contabilização do número de línguas bantu conhecidas em África depende dos critérios de contagem. É por isso que Marten, Kula & Thwala (2007), afirmaram que as línguas variam entre 300 e 500 línguas; Para Maho (2008), oscilam entre 400 a 500/600; enquanto para Nurse (2008) variam entre 250 e 600. São os números referidos nos estudos aqui citados que levaram Rego (2012, p. 50) a afirmar que o continente africano deve ser o que maior número de línguas tem. É devido a este número elevado e incerto de línguas que o continente é considerado multilingue e multicultural, onde cada língua transporta consigo os seus valores culturais, isto é, cada língua uma cultura.

De acordo com Langa (2012, p. 49) e Ngunga (2014, p. 45), um dos vários estudos sobre a situação linguística do continente africano foi feito por Greenberg (1963), um famoso linguista norte-americano, que em 1963 classificou as línguas africanas em quatro grandes famílias e cada uma com as suas subfamílias, nomeadamente:

- **Afro-asiática/camito-semitica**, ao norte, constituída pelas subfamílias: Semítica (Árabe, Hebraico, Etíope e outras), Berber, Egípcia, Cushitica e Chadica (Haúça);
- **Nilo-sahariana** que se estende sobre uma zona descontínua do Chade ao Sudão e ao Zaire, e compreende as seguintes subfamílias: Songhai, Maban, Koman, Fur e Nilo-Chadiano/Chari-Nilo, este dividido em Sudanês Central (Sara, Mangbetu) e Sudanês Oriental (Línguas Núbias);

- **Congo-Kordofaniana/Níger-Congolesa** que ocupa a maior parte da África Negra e é dividida em seis grupos: o oeste-atlântico (Peul, Uolof, Diola), o Mandé ou Mandinga (Bambara, Malinque, Mende), o Voltaico ou Gur (mossi), o Kwa (Iorubá, Iba, Akan, Ewe, Kru), o grupo de Adamawa Oriental e o grupo benuê-congolês, essencialmente constituído pelas línguas bantu, que ocupam todo o sul do continente. Para fazer face a essa diversidade linguística, foram desenvolvidas línguas de relação, faladas como segundas línguas nos conjuntos geográficos mais vastos: o árabe, a língua mais falada do continente; o Swahili (a leste da África), primeira língua bantu a utilizar a forma escrita; o *Lingala* (oeste do Zaire); o *Bambara* (Mali, Guiné, Costa do Marfim); o Haúça (norte da Nigéria) entre outras e duas sub-famílias: Niger-Congo e Kordofaniana;
- **Khoi e San** ao sul, constituída essencialmente pelas línguas de cliques dos bosquímanos e tem como sub-famílias: Khoi, San, Sandawe, Iraqw, Hatsa ou Hadza.

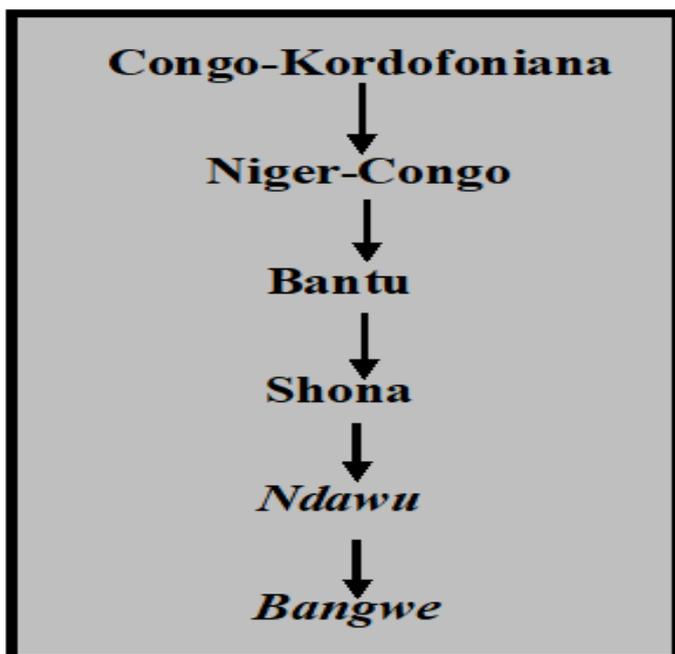
Figura 1 - Mapa da localização geográfica das 4 famílias segundo a classificação de Greenberg (1963).



Fonte: Chalucane (2017, p. 19)

Tendo em conta a classificação de Greenberg (1963) acima descrita, a língua *Ndawu* pertencente à seguinte família, subfamília e grupo:

Esquema 1 - Esquematização da língua ndawu de acordo com as unidades classificatórias de Grenberg (1963)



Fonte: a nossa adaptação (2024) a partir de Ngunga (2014)

De acordo com a classificação proposta por Greenberg (1963), a língua *Ndawu* pertence à família Congo-Kordofoniana; sub-família, Niger-Congo; grupo de línguas, Bantu; subgrupo de línguas, Shona; língua, *Ndawu* e dialecto, *bangwe* (variante em estudo).

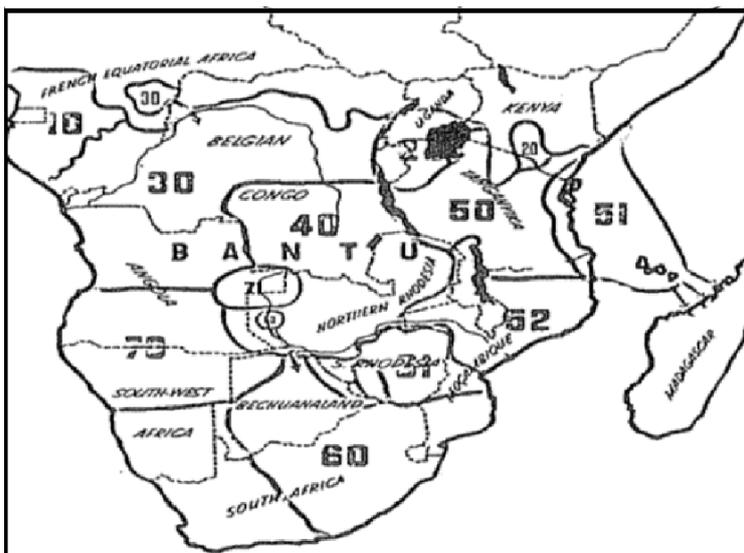
Segundo Ngunga (2014, p. 43), antes da classificação de Greenberg, houve a de Doke (1945), que usou os critérios geográficos, tendo representado as línguas por números decimais e reconhecido 11 zonas, das quais, sete principais (10, 20, 30, 40, 50, 60 e 70) e quatro subsidiárias (51, 52, 61 e 71). Ademais, Doke propôs uma classificação baseada em quatro elementos: zonas, grupos, língua ou conjunto de dialetos, e dialetos. No índice numérico, os primeiros dois algarismos representam o código da Zona; depois seguem os números dos códigos dos grupos e das línguas ou conjuntos de dialetos; finalmente, os dialetos, se houver, são representados por símbolos alfabéticos. As letras “1” e “0” não são usadas na indexação dos dialetos para evitar confusão com “1” e “0”.

Na classificação apresentada por Doke, *ndawu* pertence à Zona Sul-Central (61), subsidiária, onde recebeu o código 1, “a” como seu dialeto, e é representada desta forma: 61/1/6a.

Por fim, seguiu-se Guthrie (1967-71), que fez uma classificação usando os critérios geográficos-genealógicos das línguas, agrupando-as em 15 zonas codificadas por letras maiúsculas do alfabeto (A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R, S) e dividiu cada zona em

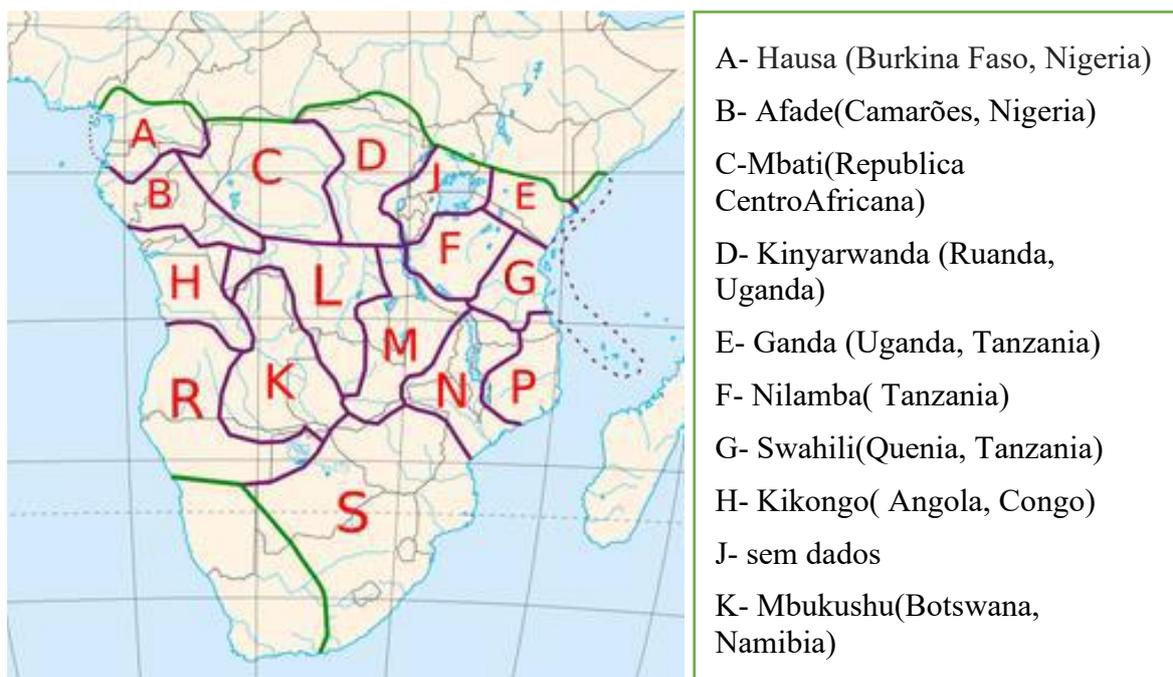
vários grupos de línguas estabelecidos conforme critérios de proximidade ou distanciamento linguístico e geográfico refletindo um certo grau de proximidade genealógico. Cada grupo de língua é codificada por um número decimal sufixado à letra do código da respectiva zona (NGUNGA, 2014, P. 48). Segundo esta classificação, *ndawu* recebeu o código 5 dentro do grupo 10, da zona S, tendo ficado S. 15a.

Figura 2 - Mapa da distribuição das zonas pela região bantu segundo a classificação de Doke (1945)



Fonte: Ngunga (2014, p. 45)

Figura 3 - Mapa da distribuição das zonas e grupos de línguas bantu segundo a classificação de Guthrie (1967-71)



Fonte: Chalucane (2017, p. 20)

2.1.1. A realidade linguística da África Portuguesa: o Multilinguismo presente

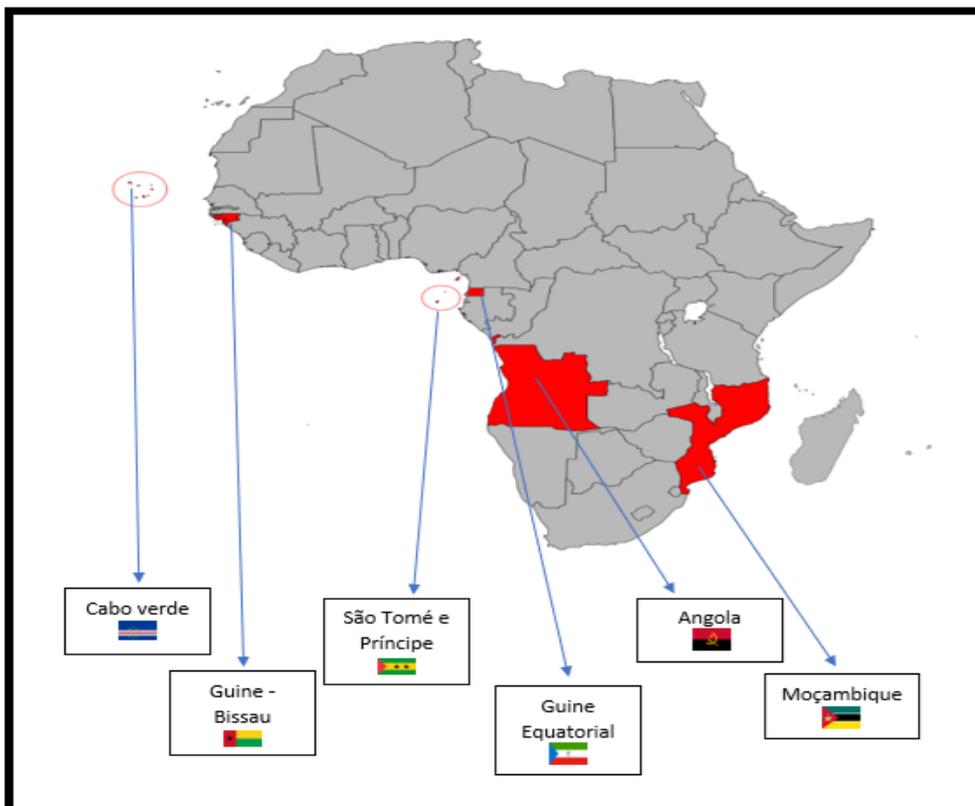
De acordo com Ndombele (2022, p. 77); Waldman & Serrano (2007), a colonização portuguesa em África, deu-se no início do século XIV com a ocupação das Ilhas Canárias. E tendo iniciado a sua expansão em 1415, com a conquista de Ceuta, a cidade islâmica localizada no norte de África, pelo então rei de Portugal Dom João I. No século XV, em 1460, Diogo Gomes descobre Cabo Verde e segue-se a ocupação das ilhas e o seu povoamento que se prolongou até ao século XIX. E no final do século XV, Portugal estabeleceu nos portos do litoral oeste africano suas feitorias. Bartolomeu Dias, iniciou a colonização da costa oriental da África, quando dobrou Cabo da Boa Esperança. No entanto, Portugal manteve algumas antigas colônias, como Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. Nessas colônias, foi em Moçambique e Angola que a língua portuguesa se manteve como língua falada de maneira mais forte.

Dados históricos indicam que apenas no período pós-independência, com a instituição do português como língua oficial, este terá-se generalizado entre as populações de Angola, Moçambique e, em menor grau, de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Não é facto indiscutível que em todos esses países africanos se siga a norma oral europeia, embora seja adoptada a norma ortográfica de Portugal (INVERNO, 2008, p. 169-170).

Segundo Medeiros (2006)² e Oliveira (s/d), os estados-nação que têm o português como língua oficial em África, são designados pela sigla PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), nomeadamente: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Nesses países, o português é uma língua essencialmente urbana tendo uma presença reduzida nas zonas rurais, com exceção de Angola e São Tomé e Príncipe, onde a língua é mais difundida.

² Disponível em: http://www.linguaportuguesa.ufrn.br/pt_3.4.php. Acessado em 11 de Jul. 2023

Figura 4 - Mapa de países africanos de língua oficial portuguesa



Fonte: Wikipédia³ e adaptado pelo autor (2024)

2.2. Moçambique

2.2.1. Localização geográfica

De acordo com Rego (2012, p.11), Silva (2014) e Chalucane (2017, p. 21), a República de Moçambique foi uma colônia portuguesa, independe a 25 de junho de 1975, localiza-se a Sul do Equador, na Costa Oriental de África na região da África Austral. Possui uma extensão territorial de 799.380 Km², dos quais, 786.380 km² correspondem a terra firme e 1.300 km² são ocupados por águas interiores constituídos pelos rios, lagos, lagoas e pântanos. A sua capital é Cidade de Maputo, possui como idioma oficial o Português e tem como moeda oficial o Metical. Este país tem como limites:

- **Norte** – Rio Rovuma que o separa da República Unida da Tanzânia;

³Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pa%C3%ADses_Africanos_de_L%C3%ADngua_Oficial_Portuguesa [acessado em 11.jul.2023]

- **Sul**- República da África do Sul;
- **Este**- Oceano Índico numa extensão de 2515Km, desde a foz do rio Rovuma a Norte a Ponta do Ouro a Sul;
- **Oeste**- Zimbabwe e República da África do Sul;
- **Noroeste** – Malawi e Zâmbia;
- **Sudoeste** - África do Sul e Swazilândia.

2.2.2. Localização cósmica:

No que respeita a localização cósmica (astronómica), Moçambique estende-se entre os paralelos 10°27' e 26°52' de latitude Sul e entre os meridianos 30°12' e 40°51' de longitude (SILVA, 2014)⁴.

2.2.3. Divisão administrativa de Moçambique:

Administrativamente, está dividido em 11 províncias, a contar com Maputo-Cidade que tem estatuto de província, e estão distribuídas pela seguinte ordem: Niassa, Cabo Delgado, Nampula (norte), Zambézia, Tete, Manica, Sofala (centro), Inhambane, Gaza, Maputo Província e Maputo Cidade (sul), como se ilustra no mapa abaixo.

Figura 5 - Mapa de localização e divisão administrativa de Moçambique



Fonte: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2021/02/mapa-mocambique.jpg>

⁴Disponível em: <https://www.infoescola.com/autor/wellington-souza-silva/3318/> [acessado: 11.07.2023]

2.2.4. População de Moçambique

De acordo com os dados do censo geral da população de 2017, segundo INE (2019, p. 16), Moçambique tem 27.909.798 habitantes. Atualmente, este país tem uma população de 33 964 510 habitantes, dos quais, 16 544 669 homens correspondente a 48.7% e 17 419 842 mulheres, equivalente a 51.3% (United Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas, acessado: 14:11h do dia 12/07/2023).

De acordo com Chalucane (2017, p.23), os primeiros habitantes do atual território de Moçambique eram grupos nómadas de caçadores, os khoisan, uma comunidade que se deslocava pela África Austral a procura de melhores condições de vida, gerando, deste modo, uma certa instabilidade nos laços de parentesco.

Lourenço (2010 *apud* Chalucane 2017, p. 23-24) afirma que entre os séculos I a V d.C., a região foi invadida pelos povos bantu, provenientes do norte e oeste de África. Grande parte do povo khoisan foi expulsa pelos bantu, e os que ficaram tiveram que se integrar na cultura e sociedade bantu, que era mais bem organizada, sendo sua estrutura baseada na agricultura, pastoreio e metalurgia. Além disso, sua estrutura social era simples, fundamentada na família alargada e dirigida por um chefe. Sucessivamente, chegaram os árabes na costa leste com o comércio, e essa prática propiciou o desenvolvimento de centros políticos e comerciais em Moçambique. A presença árabe no território moçambicano é relatada por historiadores árabes desde, pelo menos, 950 da Era Comum. A convivência dos árabes com o povo bantu que lá se encontrava criou uma cultura híbrida, um contato harmonioso, uma sociedade política, económica e linguisticamente estabelecida.

Rego (2012, p. 13), afirma que os portugueses terão sido os primeiros europeus a contactar povos africanos e a instalar-se em África. Mas antes da ocupação efectiva dos territórios africanos, o controlo das principais rotas comerciais parece ter sido um dos desígnios no início da empresa portuguesa em África. Na prossecução desses desígnios, são fundados os primeiros entrepostos comerciais europeus (feitorias) em finais do século XV, estabelecendo contacto com vários reinos da África Equatorial e Austral (Congo e Monomotapa).

As duas primeiras construções deste género a serem erguidas foram as de Arguim, na Costa Sariana, em meados do séc. XV, e de São Jorge da Mina, na Aldeia das Duas Partes, em Elmina, na costa do actual Gana, em 1482. No século XVI, os portugueses estabelecem-se na região de Moçambique, que foi sempre considerada estratégica na rota do caminho marítimo para a Índia. Nesse século, foram construídas muitas feitorias-fortalezas de menores dimensões: em 1530, foi fundada a povoação portuguesa de Sena, em 1537, de Tete, no rio Zambeze, e em

1544, de Quelimane, na costa do Oceano Índico, assenhorando-se assim os portugueses da rota entre as minas e o oceano. Em 1607, os portugueses obtiveram do rei *Mavura* a concessão de todas as minas de ouro do seu território, cuja administração (como a de todas as outras possessões portuguesas em Moçambique) esteve até meados do século XVIII a cargo do governador português da Índia.

A colonização efetiva de Moçambique só se inicia verdadeiramente sob o impulso da Conferência de Berlim, em 1885, quando as principais potências europeias procedem à partilha de África. Moçambique, à semelhança do que acontecia em outras colónias europeias, começa a ser administrada por grandes companhias a quem o Estado português concede vastos territórios. Entre as mais importantes, contam-se a Companhia de Moçambique (1888), a Companhia do Niassa (1893) e a Companhia da Zambézia (1892-1910), tendo esta última exercido jurisdição na província de Tete. Além destas, destacam-se, nas margens do Zambeze, a Empresa Agrícola de *Lugela*, Companhia do *Boror*, Companhia de *Madala*, Companhia do *Luabo*, etc. Estas companhias, sobretudo as duas primeiras, comportam-se como verdadeiros estados dentro do estado. Têm a seu cargo a gestão do território, a construção de vias de comunicação, a educação, a exploração da mão-de-obra e até a cobrança de impostos (REGO, 2012, P.13-14).

Com a chegada dos portugueses em Moçambique, chefiados por Vasco da Gama, em 1498, houve declínio do comércio árabe e também de um grande império bantu, conhecido como Mwenemutapa.

A partir dessa época, Moçambique passou para o domínio da colônia portuguesa, tornando-se uma província ultramarina pertencente à Portugal. Este domínio trouxe inúmeras consequências tais como:

- i. a marginalização da cultura africana;
- ii. a imposição da língua portuguesa;
- iii. a opressão do povo dominado;
- iv. a imposição da igreja católica como forma de “educar”, entre diversas outras formas de dominação e violência física e psicológica, que, infelizmente, foi a regra durante a expansão marítima europeia. Diante dessa posição, em diferentes partes do país, os moçambicanos uniram-se em busca da libertação colonial, desencadeada por diversos movimentos e líderes africanos. Embora tenha se acordado a língua portuguesa como oficial, as línguas bantu sempre foram as que contaram, e contam, com um maior número de falantes, usadas no seio familiar e na comunidade (CHALUCUANE, 2017, p. 24).

Na seção, abaixo, vai tratar-se do panorama linguístico de Moçambique, onde se vai incidir as línguas moçambicanas no geral e Ndwu em particular e por último o português de Moçambique.

2.3. Situação linguística de Moçambique

De acordo com Lopes (2018) uma das riquezas de Moçambique é a sua diversidade linguística e cultural porque coabitam muitas línguas de famílias diferentes, tais como: família Congo-kordofaniana, família Indo-europeia, família Indo-ariana, família Afro-asiática e a família de língua de sinais.

É dentro da família Congo-Kordofoniana em que se encontram as línguas bantu de Moçambique, que constituem um grupo de línguas localizadas geograficamente na África Ocidental, Central e se estende até a região Austral do continente com características linguísticas comuns (TIMBANE 2017, p. 21).

Em torno da situação linguística de Moçambique, Chambo *et al.* (2020, p. 25), afirmam que os estudos desenvolvidos de 1975 à actualidade não são unânimes em relação ao número de línguas moçambicanas faladas no país. Os números propostos variam entre 8 a 44 línguas moçambicanas. Ainda assim, a verdade indiscutível é que a maioria das línguas moçambicanas apresenta uma riquíssima diversidade em termos de variantes ou dialectos. A falta de unanimidade em termos do número exato de línguas em Moçambique tem criado dificuldades em descortinar uma língua de dialeto, em algumas regiões do país, principalmente nas zonas fronteiriças distritais da mesma província e zonas fronteiriças interprovinciais. Este facto pode ser observado desde a publicação do Relatório do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas em 1989, neste foram padronizadas 14 línguas, nos Relatórios do II e III Seminários sobre a Padronização da Ortografia de línguas moçambicanas (nos anos 2000 e 2012), foram padronizadas 17 línguas e por fim no Relatório do IV Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas, foram padronizadas 19 línguas.

Os dados apresentados do I seminário, quando comparados com os do IV seminário, nota-se que o número de línguas moçambicanas padronizadas no país registrou nos últimos trinta e três anos (33) anos um crescimento de cinco (5) em termos de números, de 14 para 19 línguas.

As atuais 19 línguas reconhecidas que tem o sistema ortográfico advindo do IV seminário são: kimwani, ximakonde, ciyaawo, emakhuwa, elomwe, ekoti, echuwabo, cinyanja,

cinyungwe, cisená, cibarwe, cimanyika, cindawu, ciwutee, gitonga, citshwa, cicopi, xichangana, xirhonga.

Apesar dessas línguas terem o sistema ortográfico padronizado, nenhuma tem o estatuto de língua oficial e também de serem amplamente usadas para a comunicação quotidiana nas zonas rurais, e nas zonas urbanas juntamente com o português, Firmino (2015, p. 126), diz que:

Apesar de serem amplamente usadas para a comunicação quotidiana intra-ética, nas zonas rurais quase exclusivamente e nas urbanas juntamente com o português, não se reconhece nenhum estatuto oficial explícito às línguas autóctones, excetuando o facto de inúmeros discursos oficiais e/ou públicos se referirem à sua importância, principalmente na sua condição de repositório da herança cultural moçambicana. (FIRMINO, 2015, p. 126).

As relações entre a língua portuguesa e as línguas moçambicanas durante o tempo colonial eram reflexo de relações próprias de colonizador e colonizado. Com efeito, o colonialismo português nunca reconheceu às línguas moçambicanas o estatuto de línguas, subtraindo-lhes todos os predicados susceptíveis de encorajar os moçambicanos a usarem e a ensinarem aos seus filhos como línguas de cultura e de acesso ao conhecimento. (NGUNGA e BAVO 2011, p.1)

Para Timbane (2017, p. 21), em Moçambique falam-se outras línguas cuja padronização ortográfica não foi realizada, mas que são faladas por grupos populacionais espalhados pelo país e localizados geograficamente em regiões rurais e isoladas. Existem línguas fronteiriças faladas em Moçambique e em países vizinhos tais como o *nindi* (da Tanzânia), o *nsenga* (da Zâmbia), o *shona* e o *kunda* (do Zimbabwe) e outras. Em Moçambique, também se falam algumas línguas de origem asiática vindas com emigrantes e povos que se instalaram nas principais capitais de Moçambique a desenvolverem atividades comerciais. São elas: língua gujarati, língua memane, língua hindu, língua urdo e língua árabe. As línguas estrangeiras modernas (inglês e francês) também são faladas no território motivadas pelo fenómeno da globalização em que Moçambique se encontra envolvido. O país faz fronteira com seis países anglófonos e, por isso, é interessante conhecer a língua do “vizinho” para melhor estabelecer relações de amizade e de solidariedade.

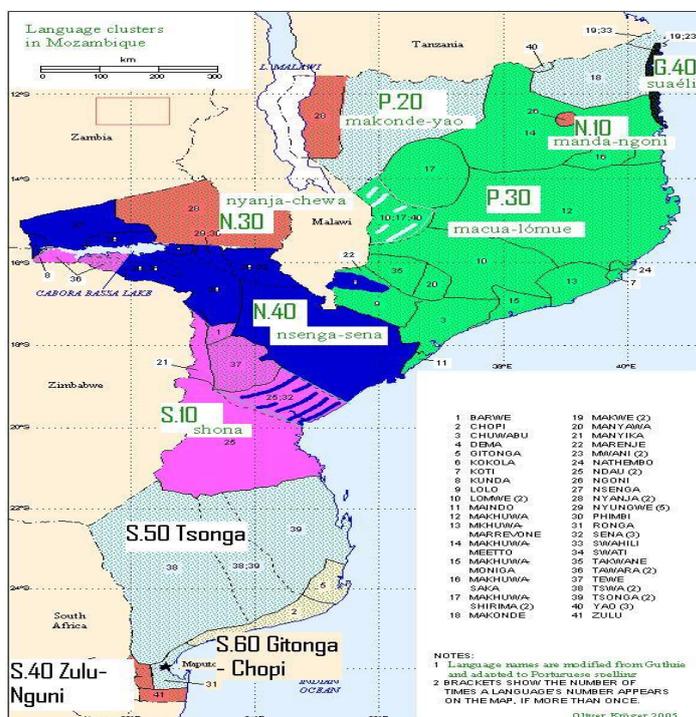
Olhando para o número de línguas faladas em Moçambique, Chambo *et al.* (2020, p. 24) acrescenta a língua de sinais de Moçambique que está presente no ensino primário (escolas especiais, educação bilingue), formação de professores do ensino primário e educação de adultos e adultas nos Institutos de Formação de Professores (IFP) e Escolas de Professores do

Futuro (EPF) no curso superior de Língua de Sinais, ministrado na Universidade Eduardo Mondlane. Por fim, as Línguas Inglesa e Francesa estão integradas no ensino secundário e superior. A Língua Inglesa é cada vez mais falada em escolas privadas e em diferentes sectores privados.

Em torno do número de falantes dessas línguas, segundo dados do Recenseamento Geral da População realizado em 2007 *apud* Ngunga e Bavo (2011, p. 1) indicam que as línguas africanas do grupo bantu continuam a constituir o principal substracto linguístico de Moçambique por serem línguas maternas de mais de 80% de cidadãos de cinco anos de idade ou mais. Os mesmos dados indicam que cerca de quinze milhões de moçambicanos de 5 ou mais anos de idade, 10.8% falam Português como língua materna e 0,23% falam línguas estrangeiras que não são especificadas nos dados do INE.

Olhando para os dados do INE (2019), comparados com os de 2007, as línguas moçambicanas continuam dominadoras em termos do número de falantes, tendo subido dos 80% para cerca de 81.1% da população enquanto a Língua Portuguesa, é falada ao nível nacional por 47.3% da população.

Figura 6 - Mapa das zonas e grupos linguísticos bantu em Moçambique segundo Guthrie (1967-71).



Fonte: Rego (2012, p. 17)

O mapa mostra a distribuição das línguas moçambicanas segundo a classificação de Guthrie (1967-71), onde se constata que estão distribuídas (de norte ao sul do país) em quatro

(4) zonas diferentes (G, P, N e S) e 8 grupos linguísticos (Grupo G.40 - *Swahili*; Grupo P.20 - *Yao*; Grupo P.30 - *Makhuwa-lomwe*; Grupo N.30 - *Nyanja*; Grupo N.40 - *Nsenga-Sena*; Grupo S.10 - *Shona*; Grupo S.50 - *Tswa-ronga*, Grupo S.60 - *Copi*).

Quadro 1 - Resumo geral das diferenças da classificação das línguas moçambicanas segundo Doke (1945) e Guthrie (1967-71)

Doke (1945)	Guthrie(1967-71)
Usou critérios geográficos	CrITÉrios geográficos e genealógicos
Identificou 11 zonas (10, 20, 30, 40, 50, 60 70, 52, 61 e 71)	Identificou 15 zonas (A, B, C, D, E, F, G, H, J, L, M, N, P, R, S)
Dividiu as zonas em 7 principais (10, 20, 30, 40, 50, 60 e 70) e 5 subsidiárias (51, 52, 61 e 71)	Não dividiu as zonas em principais e subsidiárias
Representou as zonas em números	Representou as zonas em letras
Apresenta as línguas sem prefixo	Apresenta as línguas com prefixo
Designou os dialectos em letras minúsculas e alfabeto	Designou os dialectos em asterisco
Agrupou as línguas moçambicanas em 5 zonas, duas principais (50 e 60) e três subsidiárias (51, 52 e 61).	Agrupou as línguas moçambicanas em 4 zonas, não as dividiu.
Não estabeleceu parâmetros para agrupar línguas	Em cada grupo agrupou 9 línguas
Representa as línguas usando barras	Não representa as línguas usando barras

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Tabela 1 - Línguas faladas em Moçambique por população de 5 ou mais anos de idade

Nº	Língua	Falantes 2007	%	Falantes 2011	%	Províncias
1	Makhuwa	4.097.788	26.1	5.813.083	26.4	Cabo Delgado, Nampula, Niassa, Sofala, Zambézia
2	Português	1.693.024	10.8	3.686.890	16.7	Todas as províncias do país
3	Changana	1.660.319	10.5	1.919.217	8.7	Gaza, Maputo, Maputo Cidade, Inhambane e Niassa
4	Sena	1.218.337	7.8	1.578.164	7.1	Manica, Sofala, Tete, Zambézia
5	Lomwe	1.136.073	7.2	1.574.237	7.2	Nampula, Niassa, Zambézia
6	Nyanja	903.857	5.8	1.790.831	6.9	Niassa, Tete e Zambézia
7	Chuwabu	716.169	4.8	1.050.696	4.8	Zambézia, Nampula, Sofala
8	Ndawu	702.464	4.5	836.038	3.8	Manica e Sofala
9	Tshwa	693.386	4.4	836.386	3.8	Gaza, Inhambane, Maputo e Sofala
10	Nyungwe	457.292	2.9	475.292	2.3	Manica e Tete
11	Yaawo	341.796	2.2	433.790	2.0	Niassa, Cabo Delgado
12	Copi	303.740	1.9	227.652	1.5	Gaza, Inhambane, Maputo, Maputo Cidade
13	Makonde	268.910	1.7	58.984	1.5	Cabo Delgado
14	Tewe	259.790	1.7	200.849	1.2	Manica

15	Rhonga	235.829	1.5	273.441	0.3	Gaza, Maputo, Maputo Cidade Inhambane
16	Tonga	227.256	1.5	194.643	0.8	Inhambane, Maputo, Mapu Cidade
17	Manyika	133.961	0.9	137.310	0.9	Manica
18	Cibalke	112.852	0.7	127.140	0.6	Manica
19	Mwani	77.915	0.5	88.035	0.4	Cabo Delgado
20	Koti	60.771	0.4	57.423	0.3	Nampula
21	Shona	35.878	0.2	48.811	0.0	Todas Províncias
22	Swahili	15.255	0.1	26.261	0.2	Cabo Delgado
23	Línguas sinais	7.503	0.05	4.173	0.0	Todas Províncias
24	Outras línguas	310.259	2.0	112.385	1.4	Todas Províncias
25	Mudo			112.385	0.1	Todas Províncias
26	Total	15.670.424	100.0	22.243.373	100	Todas Províncias

Fonte: Elabora pelo autor (2023) a partir de Ngunga & Bavo (2011) e INE (2019)

A tabela acima, mostra-nos as línguas faladas em Moçambique, nela é notável que *Emakhuwa* é a língua com maior número de falantes, superando a língua oficial (português).

2.3.1. Política Linguística de Moçambique

Segundo Chambo *et al.* (2020, p. 27), historicamente, o Português é a língua oficial de Moçambique desde o tempo colonial ainda que as Línguas Moçambicanas sejam as mais faladas e as usadas com mais frequência na vida quotidiana dos cidadãos.

Correlação a oficialização de português, Ndapassoa (2022, p. 141), destaca que a política linguística prevalecente em Moçambique desde a independência do País em 1975, viria a alterar-se formal e definitivamente com a aprovação de uma nova Constituição da República de Moçambique (CRM) em 1990, onde a Política Linguística é traçada no nº 1 do artigo 5º. Para além da manutenção do português como língua oficial, o mesmo instrumento apresenta no nº 2, pela primeira vez na história de Moçambique pós-colonial, uma referência directa ao papel que as línguas moçambicanas podem desempenhar na vida social do País de uma forma mais alargada. Apesar de não definir o seu estatuto, a CRM refere, que o estado “valoriza as línguas nacionais (moçambicanas) e promove o seu desenvolvimento e uso crescente como veiculares e na educação do cidadão”, após anos de marginalização, tanto no período colonial como no período pós-independência.

A partir do exposto na CRM de 1990, a actual CRM, em vigor desde 2004, no seu artigo. 9, advoga que “O Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade” e no artigo 10, estabelece que “Na República de Moçambique, a língua portuguesa é a língua oficial”.

Para Chambo *et al.* (2020, p. 27), a CRM de 1990 permitiu que o país experimentasse, pela primeira vez, o uso das línguas moçambicanas no ensino, através do Projecto de Escolarização Bilingue em Moçambique (PEBIMO) entre os anos 1993-1997. Os autores acrescentam que, a nova CRM de 2004 deu cobertura legal à inclusão das línguas moçambicanas no Sistema Nacional de Educação (SNE), através do programa de educação bilingue, introduzido aquando da Transformação Curricular do Ensino Básico (TCEB) em 2003. Este programa iniciou como um projecto-piloto de expansão de educação bilingue (2004-2017). Em 2018, as línguas moçambicanas foram integradas oficialmente na nova Lei do SNE como línguas de ensino e aprendizagem na modalidade de educação bilingue no nível primário, no currículo do ensino secundário e no ensino superior (Licenciatura em Ensino de Línguas Bantu na Universidade Eduardo Mondlane e “Major” em uma língua moçambicana no curso

de Licenciatura em Ensino de Português nas Universidades: Pedagógica de Maputo; Save; Púnguè; Licungo e Rovuma.

As duas CRM (de 1990 e de 2004), segundo Mabasso (2010) secundarizaram, as línguas bantu ao definir que o Português é a única língua usada para fins oficiais e, de forma implícita, esta medida proíbe o uso das línguas moçambicanas para esse efeito. Isso significa que a maior parte da população que vive na zona rural, que só sabe falar uma ou duas línguas bantu, não tem acesso aos serviços oficiais como a administração pública e muito menos uma educação inclusiva.

Portanto, segundo Firmino (2015), Moçambique precisa de propostas de políticas linguísticas que mantenham um equilíbrio entre as línguas usadas em Moçambique e reconhecidas pela sociedade como moçambicanas, através da sua equiparação ao nível estatutário e político, embora o português mantenha-se como língua oficial principal. Por sua vez, Lopes (2004, p. 51) defende que [...] se as línguas são um fator base para a identidade e satisfação das necessidades humanas, elas devem, de uma forma gradual, serem usadas oficialmente (com o português), pelo menos nos seguintes domínios: Na alfabetização inicial, na educação primária do primeiro ao sétimo ano de escolarização (1^a a 7^a classes), na alfabetização de adultos, cultura, administração pública, na justiça (sobretudo nos tribunais), no parlamento, no desenvolvimento rural e agricultura, em cuidados de saúde, nutrição infantil, planeamento familiar, indústria de pequena escala, meios de comunicação de massas e religiosa.

2.4. Características linguísticas da língua *Ndawu* e do Português em Moçambique

2.4.1. A língua *ndawu*

A língua *ndawu* é a 7^a língua bantu mais falada e a 8^a em Moçambique por cerca de 836.038 pessoas (destes, 377840 homens e 458 198 mulheres) correspondente a 3.8% da população do país (INE 2022, p. 82-83). Segundo Florêncio (2005) esta língua pertence à grande família linguística Shona-Caranga e têm as suas raízes históricas no território correspondente ao actual Zimbabwe. Em relação as origens históricas das atuais populações Vandawu, Florêncio (idem) afirma que estão relacionadas com os processos de fragmentação dos reinos do Mwenemutapa e do Mbire⁵, no Planalto Central do Zimbabwe, provavelmente no

⁵ M'bire era um pequeno reino proveniente da região com o mesmo nome, que esteve ligado ao grande reino Mwenemutapa, mas que posteriormente se tornou independente.

século XV e XVIII, e com os consequentes processos migratórios de populações Shona-Caranga, os Rozvi⁶, que foram ocupando territórios desde o Planalto Central do Zimbabwe até ao Litoral Costeiro Moçambicano (Oceano Índico). Este processo migratório esteve na origem da formação de vários reinos Shona-Caranga, entre os quais se destacam, os de Danda, Senga e QuiTeve. As actuais populações Vandau reclamam as suas origens a partir dos reinos de Danda e Sanga e estruturam-se em unidades sociais, cuja integração processa-se com base no sistema de descendência patrilinear.

O termo *ndawu* foi dado a essas populações pelos invasores *nguni*, fazendo referência à forma tradicional como estas populações cumprimentavam um chefe ou um estrangeiro, ajoelhando-se, batendo palmas e repetindo de forma rítmica “*ndau ui ui, ndau ui ui*” (CHALUCUANE, 2017; FLORÊNCIO, 2002).

Segundo Malua *et al* (2014), o grupo *ndawu* divide-se em cinco:

- Os *Shangas* que habitam principalmente a faixa costeira entre os rios Save e Búzi e cujo o clã totémico principal, é o Simango. Simango foi o Mambo mais poderoso desta região, vivia em Chiloane.
- Os *Gova*, que habitam as terras baixas situadas entre os rios Búzi e Save, cujo *mutupu* mais importante é o *Nkomo*.
- Os *Danda*, que habitam a região fronteiriça ao Zimbabwe e cujo *mutupu* principal é igualmente o *Nkomo*.
- Os *Tombodji*, que habitam as terras altas do maciço central, junto da fronteira, entre o rio Save e o maciço Chimanimani. O mambo mais importante dos *tombodji* era o *mutema nkomo*, que vivia numa região do actual Zimbabwe.
- Os *Teve*, ligados ao reino de Quiteve, no entanto, é bastante problemático considerar os *teve* um subgrupo *Ndawu*. Apesar terem origens comuns, parece ser grupos diferentes, com aspectos da sua organização social que são distintos, com diferenças linguísticas, significativas (JUNOD, 1934 *apud* MALUA *et al.* 2014).

⁶ Era um grupo de linhagem Shona-caranga que se deslocou das terras altas do *interland* da região do Zimbabwe, no mesmo período que Mwenemutapa e se estabeleceu, ocupando sucessivamente a faixa central entre os rios Búzi e Save, dominando assim as populações Tonga que lá viviam e estabelecendo pequenas unidades políticas (chefaturas) autónomas com relação umas às outras, mas unidas pelo parentesco (Florêncio, 2002).

Contudo, antes de Greenberg (1963), vários estudos tinham sido realizados. Um deles pertence à Doke (1945). Nessa classificação, a língua *Ndawu* pertence a Zona 61: Sul-Central com o código (61/1/6) (NGUNGA 2014, p. 48).

Depois de Doke (1945) e Greenberg (1963), Guthrie (1967/71) realizou um estudo semelhante cujo objectivo era classificar as línguas bantu. De acordo com Guthrie (1967/71), *Ndawu* é uma língua bantu pertencente ao grupo S.10 (Shona). onde recebeu o código (S.15a).

De acordo com Ngunga *et al.* (2022, p. 219), a língua *Ndawu* é falada na região central de Moçambique concretamente, na província de Sofala (na cidade da Beira e nos distritos de Búzi, Chibabava, Machanga, Dondo, Nhamatanda, Gorongosa (na serra)); na Província de Manica (nos distritos de Machaze, Mussorize, Barue, Gondola, Manica, Macate, Sussundenga, Vanduzi e cidade de Chimoio); na província do Niassa (na cidade de Lichinga); na província de Tete (na cidade de Tete e distritos de Cahora Bassa, Changara, Mágoe e Zumbo); na província de Inhambane (no distrito de Govuro); na província de Maputo (na cidade da Matola) e na província de Maputo-Cidade (nos distritos KaMaxakeni e KaMavota). Esta língua é igualmente falada na República do Zimbabwe.

Ndawu é mutuamente inteligível com as línguas *tewe*, *manyika* e *shona*. Ela tem 10 variantes distribuídas em 3 províncias da seguinte forma:

Quadro 2 - Variantes do ndawu

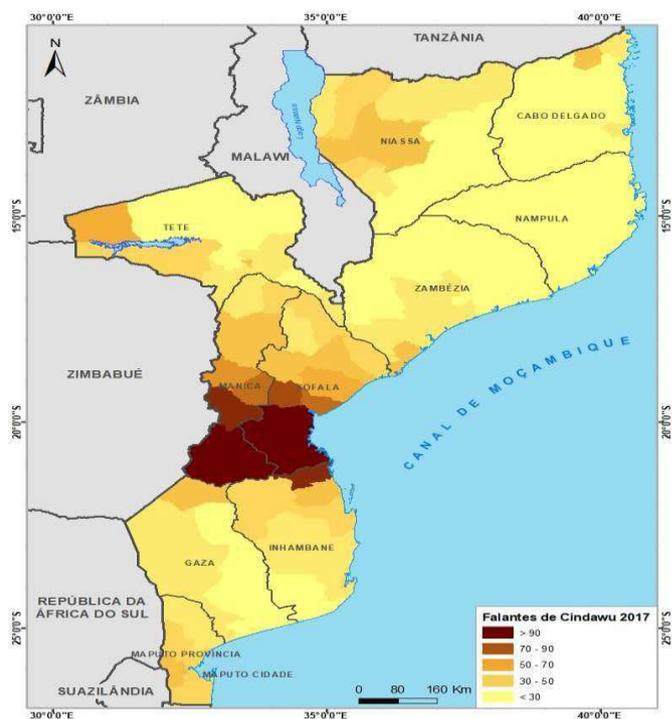
Província de Sofala
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Cimashanga</i>, falada nos distritos de Búzi e Machanga. Essa variante tem os subdialectos, <i>Cibwani</i> e <i>Cimbhara</i>, ambos falados no distrito de Búzi; ▪ <i>Cidondo</i>, falada nos distritos de Chibabava e de Búzi; ▪ <i>Cigova</i>, falada no distrito de Búzi; ▪ <i>Cibuji</i>, falado no distrito de Búzi; ▪ <i>Cibangwe</i>, falada na cidade da Beira; ▪ <i>Cimakaya</i>, falada no distrito de Nhamatanda; ▪ <i>Ciqwaka</i>, falada no distrito de Gorongosa por uma comunidade localizada na serra;
Província de Manica
<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Cindawu</i>, falada no distrito de Mussorize e na cidade de Chimoio; ▪ <i>Cidanda</i>, falado no distrito de Machaze;

Província de Inhambane

- *Cinyai*, falada na margem direita do Rio Save, no distrito de Govuro;
- *Cimashanga*, falada no distrito de Govuro.
- Das variantes acima descritas, neste trabalho vai-se trabalhar com a variante *Cibangwe*, falada na cidade da beira por ter sido o local onde se fez pesquisa.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024) a partir de Ngunga et al (2022, p. 219-220)

Figura 7 - Mapa de localização da língua ndawu



Fonte: Ngunga *et al.* (2022, p. 218)

Figura 8 - Mapa das Províncias de Manica e Sofala (centro de Moçambique)



Fonte: Chalucane (2017, p, 30)

Legenda:

- - Falantes de *cindawu* em Zimbabwe (País que faz fronteira com Moçambique)
- - Falantes de *cindawu* em Manica (Centro de Moçambique)
- - Falantes de *cindawu* em Sofala (Centro de Moçambique)
- - Falantes de *cindawu* em Inhambane (Sul de Moçambique)

Classes nominais na língua *ndawu*

A língua *ndawu* organiza os nomes em grupos, designados classes nominais, através dos seus prefixos. Ngunga (2014, p. 122), define classes nominais como sendo o conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ ou o mesmo padrão de concordância. Nesta língua, o nome é constituído por duas partes, um prefixo nominal variável em função da classe e um tema⁷ que não varia, como se pode ver nos exemplos abaixo.

Esquema 2 - Os constituintes do nome em *ndawu*.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Considerem-se os exemplos abaixo:

1a. mu-fana ‘rapaz/jovem’
1PN-TN

1b. va-fana ‘rapazes/jovens’
2PN-TN

Fonte: O autor (2024)

Nos exemplos (1a e 1b) acima, neles nota-se que os nomes foram divididos em: Prefixo Nominal + Tema Nominal (PN+TN), onde os prefixos (mu- e va-) variam de acordo com as suas classes. O prefixo **mu-**, singular da cl.2 e **va-**, plural da cl.1 variam enquanto **-fana** corresponde ao tema nominal (TN) mantém-se inalterado nas duas palavras, isto é, repete-se invariavelmente em todos os casos, mantendo a ideia lexical da palavra.

⁷ Tema é o portador do significado lexical do nome (Ngunga & Simbine, 2012, p. 91)

Quadro 3 - classes e prefixos nominais da língua ndawu

Classe	Prefixo	Valor semântico	Exemplos
1	mu-	Abundam principalmente seres humanos	musikana ‘menina’
2	va-	Plural da classe 1	Vasikana ‘meninas’
3	mu-	Abundam predominantemente plantas	muti ‘árvore’
4	mi-	Plural da classe 3	miti ‘árvores’
5	∅	Abundam animais, e frutas	Bhasikoro ‘bicicleta’
6	ma-	Plural da classe 5	Mabhasikoro ‘bicicletas’
7	ci, ch /shi-	Coisas basicamente	Shipanga ‘faca’
8	zvi-	Plural da classe 7	Zvipanga ‘facas’
9	n-	Alguns seres do reino animal e outros	n’ombe ‘boi’,
10	n-	Plural da classe 9	n’ombe ‘boi’
11	-----	-----
12	-----	-----
13	-----	-----
14	u-	Predominam, substâncias e abstratos	Ufu ‘farinha’, uci ‘mel’
15	ku-	Indica nomes verbais e infinitivo verbal	Kufamba ‘andar’
16	pa-	Locativo situacional	Panyumba ‘em casa’
17	ku-	Locativo direcional	kunyumba ‘em direção a cas
18	mu-	Locativo de interioridade	munyumba ‘dentro de casa’

Fonte: Adaptado a partir de Ngunga (2014, p. 123-133)

O quadro acima, mostra-nos as classes nominais e os seus respectivos prefixos na língua *ndawu*, onde as classes são nomeadas por número (algarismos) e os prefixos formados por sons, combinações sonoras, sílabas. Essas classes organizam-se em pares formando um gênero gramatical. De acordo com Ngunga (2014, p. 59), nas línguas bantu em geral, gênero gramatical significa a oposição singular e plural, formando os seguintes pares, 1/2, 3/4, 5/6, 7/8, 9/10, os números ímpares são prefixos que marcam o singular e os números pares, os que marcam o plural. Com a ausência dos prefixos 11, 12 e 13, a regularidade de pares deixa de existir, a partir da classe 11. A classe 14 é de gênero de uma classe, referente a substâncias ou matéria incontáveis, a classe 15 de infinitivo verbal, as classes 16, 17 e 18 formam único gênero das classes locativas (situacional, direcional e interioridade).

Sistema ortográfico da língua *ndawu*

Nesta subsecção, passamos a apresentar às formas de representação gráfica dos sons que formam as palavras do *Cindawu*, bem como outras regras ortográficas que os utentes da forma escrita desta língua devem observar.

Ngunga et al (2022, p.220) e Chalucane (2017, p.31), *ndawu* tem cinco vogais fonêmicas, o alongamento dessas vogais ocorre na penúltima sílaba que, é a sílaba tónica; por não ser contrastivo⁸, esse alongamento não é marcado na escrita.

Quadro 4 - Vogais da língua *ndawu*

	Anteriores	Central	Posteriores
Altas	I		u
Médias	E		o
Baixa		A	

Fonte: Chalucane (2017, p. 31)

Para além das vogais, a língua *ndawu* tem 39 consoantes contrastivas, conforme a tabela abaixo:

Quadro 5 - Consoantes da língua *ndawu*

Modo/Lugar	Labial	L-dental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	L-velar	Velar	Glotal
Oclu. (expl..)	p bh		t dh		c j		k g	
Oclu. (impl)	b							
Africada		pf bv	ts dz	psv dzv				
Fricativa		f vh	s z	sv zv	sh zh			
Fric. Lateral			hl dl					
Nasal			n		ny			
Prenasal. Asp.	m		ndh				n	
Vibrante			r					
Aproximante								
Semi-vogal								
Clique								

Fonte: Ngunga et al. (2022, p. 220)

⁸ O tom em *cindawu*, é contrastivo a nível lexical não é marcado na escrita.

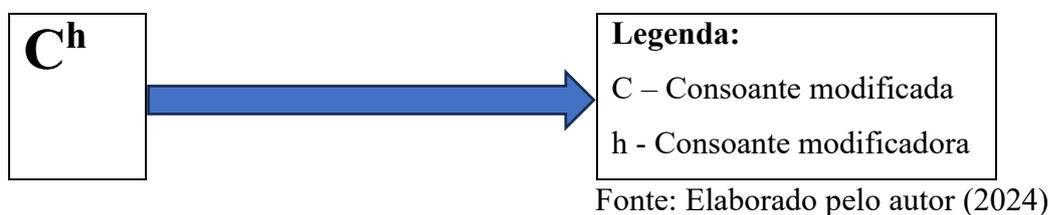
De acordo com Valias (2020, p. 47), modificação consonântica ocorre quando o ambiente fonológico é capaz de modificar a qualidade da consoante, ou quando há combinação de mais de uma consoante.

Na língua ndawu, ocorrem os seguintes tipos de modificações das consoantes:

i. Aspiração: nesse processo, a consoante é pronunciada seguida de uma soltura de ar mais forte (VALIAS 2020, p. 48). Para Ngunga et al. (2022, p. 209), aspiração é pequena quantidade de ar que sai depois da explosão resultante da produção de uma consoante não vozeada.

Em termos ortográficos, a aspiração é representada por **h** depois da consoante modificada.

Esquema 3 - Representação ortográfica de aspiração



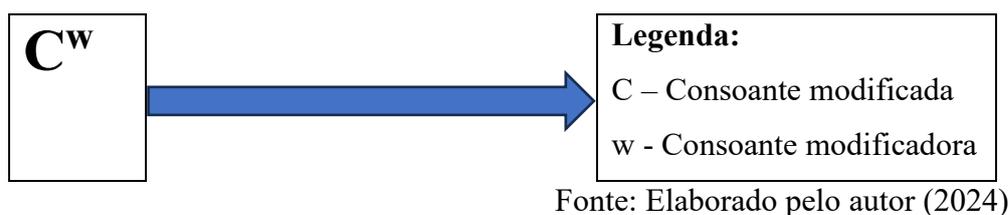
Considerem-se os seguintes exemplos:

- | | |
|----------------------------|-----------------------------|
| 1. kup h aka ‘doar’ | th usa ‘assustar’ |
| ch eka ‘cortar’ | kuk h osora ‘tossir’ |

Fonte: O autor 2024

ii. Labialização e velarização: de acordo com Ngunga et al. (2022, p.209), labialização é a produção de uma consoante não labial influenciada por arredondamento dos lábios. Por outro lado, velarização é a produção de uma consoante labial influenciada por arredondamento dos lábios. Em ambos casos, tais sons são escritos antes de uma semi-vogal lábio-velar. Valias (2020, p. 48) afirma que é através deste processo morfológico, uma consoante se torna labial. A marca da labialização é a ocorrência do grafema **w** logo após a consoante modificada.

Esquema 4 - Representação ortográfica da labialização e velarização



Considerem-se os seguintes exemplos:

- | | | |
|-----------------------------|-------------------------|------------------------------|
| 2. m w ana ‘criança’ | bw aka ‘acender’ | kup w apwata ‘ferver’ |
|-----------------------------|-------------------------|------------------------------|

e ainda em alternância com o prefixo **mu-**. Deste modo, ela não será marcada na escrita, conservando-se o registo de todas as palavras com **mu-**.

5. **mufana** ‘rapaz’ (em vez de m’fana)

pamusoro ‘na cabeça’ (em vez de pam’soro)

Fonte: Ngunga et al. (2022)

Quadro 6 - Grafemas do alfabeto da língua ndawu

Grafema	Nome	Descrição e exemplos
a	a	Vogal central aberta baixa. Ex: apana ‘não há’
b	be	Implosiva bilabial vozeada. Ex: baba ‘pai’
bh	bhe	Oclusiva bilabial vozeada Ex: bhuku ‘livro’
bv	bve	Africada labio-dental vozeada Ex: bvuta ‘carneiro’
c	ce	Oclusiva palatal não-vozeada. Ex: ciroro ‘pequena ata’;
d	de	Implosiva alveolar vozeada. Ex: duri ‘pilão’
dh	dhe	Oclusiva alveolar vozeada. Ex: padhuze ‘perto’
dl	dle	Africada alveolar lateral vozeada Ex: madleyo ‘pastagem’
dzv	dzve	Africada alveolar retroflexa vozeada. Ex: dzvanga ‘arranhão’
e	e	Vogal anterior semi-fechada media. Ex: wedu ‘nosso/nossa’
f	fe	Fricativa labio-dental não-vozeada. Ex: kufa ‘morrer’
g	ge	Oclusiva velar vozeada. Ex: gogogo ‘lata’
h	he	Fricativa glotal vozeada. Ex: hondo ‘guerra’

hl	hle	Fricativa lateral alveolar não-vozeada. Ex: mu h lati ‘maxilar’ ou ‘margem, lado’
i	i	Vogal anterior fechada. Ex: i mbwa ‘cão’
j	je	Oclusiva palatal vozeada. Ex: j ongwe ‘galo’
k	ke	Oclusiva velar não-vozeada. Ex: k ututu “mês de Agosto”
m	me	Nasal bilabial vozeada. Ex: m urimi ‘camponês’
mh	mhe	Nasal bilabial vozeada ‘murmurada’. Ex: mh ondhoro ‘leão’
n	ne	Nasal alveolar vozeada. Ex: n ane ‘melhor’
ndh	ndhe	Nasal alveolar vozeada ‘murmurada’. Ex: mundhu ‘pessoa’
n’	n’e	Nasal velar vozeada. Ex: n’ anga ‘curandeiro’
ny	nye	Nasal palatal vozeada. Ex: ny ama ‘carne’
o	o	Vogal posterior semi-aberta media. Ex: o ro ‘ata’
p	pe	Oclusiva bilabial não-vozeada. Ex: p asi ‘chão’
pf	pfe	Africada labio-dental não-vozeada. Ex: pf uma ‘riqueza’
q	qe	Implosiva alveolar não-vozeada. Ex: ka q uya ‘sapato’
r	re	Vibrante alveolar vozeada. Ex: r uva ‘luva’
s	se	Fricativa alveolar não-vozeada. Ex: kuse s a ‘beleza’
sh	she	Fricativa alveo-palatal não vozeada. Ex: sh amwari ‘amigo’

sv	sve	Fricativa labio-alveolar retroflexa não-vozeada. Ex: kusvipa ‘estar sujo’
t	te	Oclusiva alveolar não-vozeada. Ex: teguru ‘tio/avô’
ts	tse	Africada alveolar não vozeada. Ex: tsamba ‘carta’
tsv	tsve	Africada alveolar retroflexa não-vozeada. Ex: tsvina ‘sujidade’
u	u	Vogal posterior fechada. Ex: usi ‘fumo’
v	ve	Aproximante labio-dental vozeada. Ex: vana ‘filhos’
vh	vhe	Fricativa labio-dental vozeada. Ex: vhangeri ‘evangelho’;
w	we	Semi-vogal labio-dental vozeada. Ex: wana ‘crianças’
y	ye	Semi-vogal palatal vozeada. Ex: yaya ‘mana’
z	ze	Fricativa alveolar vozeada. Ex: zuva ‘sol’
zh	zhe	Fricativa alveo-palatal vozeada. Ex: zhambarau ‘esp. de fruto’
zv	zve	Fricativa labio-alveolar retroflexa vozeada. Ex: zvakankaka ‘bem/bom’

Fonte: Ngunga *et al* (2022, p. 222-223)

2.4.2 O Português em Moçambique

As bases histórica-sociais para o uso do Português em Moçambique são com a chegada dos primeiros portugueses em Moçambique nos finais do século XV (1498), comandados por Vasco da Gama (NEWITT, 1998). Em torno desta chegada, Timbane (2017, p. 23) acrescenta que, a primeira povoação portuguesa foi fundada em 1530, na região de Sena (região central de Moçambique) e a ocupação efetiva de Moçambique e a implementação do sistema colonial foi possível em 1885, aquando da Conferência de Berlim (Partilha de África). Os colonizadores portugueses utilizavam a língua como meio de dominação, pois excluía assim as línguas moçambicanas em todas as esferas do poder porque as tratavam como dialetos num sentido

pejorativo. Ademais, para se expandir a LP, o sistema colonial proibia através de leis e decretos o uso das línguas bantu em instituições públicas, incluindo na escola. A igreja católica contribuiu fortemente para a implementação dessa política através da catequese.

A expansão começou a ter contornos inesperados com o surgimento de uma variedade do português de Moçambique. Os colonialistas portugueses perceberam na fala/escrita formal esse desvio à norma, mas não puderam fazer muito porque eram poucos e também porque a ameaça anglófona circundava o território. Em outras palavras, o sistema colonial, mesmo vendo a dificuldade que os moçambicanos tinham em aprender o português, contentou-se com o pouco porque a ameaça inglesa era iminente (TIMBANE *ibid*, p. 23).

A colonização portuguesa em Moçambique durou 500 anos, findo este processo, o país alcançou a sua independência, à 25 de junho de 1975 e manteve o estatuto de português como língua oficial. Após cinco anos da independência, isto é, em 1980 realizou-se o primeiro recenseamento geral da população e habitação (RGPH), que ditou os seguintes resultados:

- Censo de 1980: 1,2% de 14 milhões da população total tinha Português como língua materna, (LM/L1) e 23% como língua segunda (L2) e cerca de 75,6% não tinha absolutamente nenhuma competência nesta língua (INE, 2010);
- Censo de 1997: 6.0% da população tinha português como L1; 33% tinha português como L2, e 9.0% como língua falada com mais frequência apenas. A maioria destes falantes localizava-se em zonas urbanas;
- Censo de 2007: 10.8% da população tinha português como L1 e 40% como L2;
- Censo de 2017: 16.5% da população tinha português como L1 e 28.8% como L2.

Fonte: www.ine.gov.mz (acessado em julho de 2023).

Tabela 2 - Falantes da língua portuguesa por província

Província	População total	Falantes de português	%
Maputo cidade	959.474	412.162	43.0
Maputo província	1.025.871	283.665	27.7
Sofala	1.338.709	177.655	13.3
Zambézia	3.021.246	277.906	9.2

Nampula	3.183.399	277.223	8.7
Niassa	904.784	61.223	6.8
Manica	1.131.269	64.057	5.7
Inhambane	1.058.135	57.782	5.4
Gaza	1.024.911	49.231	4.8
Cabo Delgado	1.306.724	44.914	3.4
Tete	1.415.977	44.988	3.3

Fonte: Ngunga e Bavo (2011, p. 16)

A tabela acima mostra-nos que as províncias onde se localizam os maiores centros urbanos serem as que albergam a maioria de falantes da língua portuguesa como língua materna. E as com menores centros urbanos serem as que também albergam menor número de falantes de português como língua materna.

De acordo com Firmino (2015, p. 8-9), o português está a interiorizar-se no contexto sociocultural do Moçambique pós-colonial, podendo argumentar-se que está a sofrer um processo de «nativização». Este processo corresponde ao desenvolvimento de uma nova ideologia linguística, à medida que as autoridades oficiais e a opinião pública concebem e reconhecem o português como uma língua oficial e língua franca. Paralelamente ao desenvolvimento e consolidação desta ideologia linguística, a língua portuguesa em Moçambique vai incorporando novas características linguísticas distintivas. Assim, o processo de nativização do português compreende duas dimensões: uma sócio-simbólica, com a emergência de novas atitudes e ideologias sociais face ao uso da língua; outra linguística, com o desenvolvimento de novas formas de uso da língua.

Para Stroud & Gonçalves (1997, p. 50-51) no conjunto de alterações lexicais que ocorrem no PM relativamente à norma europeia, observam-se dois grandes tipos de fenómenos. Por um lado, está a criação de novas palavras, resultantes de empréstimos (às línguas bantu/L1 dos falantes na maioria), ou devidas à produtividade lexical (atuando sobre bases empréstimos

ou sobre palavras já existente no português europeu (PE). Por outro lado, está o uso de palavras já pertencentes ao léxico do PE, às quais são atribuídos novos valores semânticos ou diferentes propriedades de seleção, sintáticas ou semânticas.

A partir do exposto por Stroud & Gonçalves (1997), Firmino (2015), acrescenta que o português em Moçambique independente está a adquirir novas funções sociais, está também a desenvolver características estruturais e retóricas típicas de Moçambique, incluía traços típicos largamente propagados, ou seja, os chamados moçambicanismos, usados até pelos colonos portugueses.

Os autores acima, deram-nos a entender que o português atual em Moçambique não é o mesmo do europeu, por ter sofrido muitas influências, a partir das quais adquirido novas característica fonéticas-fonológicas, lexicais, semânticas e sintáticas.

Segundo Firmino (2015), estão associadas a variação do sotaque, resultante da transferência de propriedades das línguas bantu para o português. Os traços que mostram este tipo de transferências incluem-se os seguintes:

a) Ensurdimento das oclusivas sonoras, típicas dos falantes nativos do *emakhuwa*⁹.

Exemplos (1):

- a. gato - kato.
- b. bola – pola
- c. dedo - teto

b) Fricativização da oclusiva velar sonora, típica dos falantes nativos do Gitonga.

Ex. golo [golu]> [ɣolu].

Fonte: Firmino (2015)

c) Inserção da nasal:

- a. convite – convinte
- b. economia - enkonomiya
- c. exame – enzame

Fonte: Ngunga (2012, p.10)

⁹ Língua bantu falada no norte de Moçambique e a mais falada no país.

d) Deslateralização e lateralização

Substituição da lateral alveolar [l] pela vibrante alveolar [r], o mesmo acontece inversamente, laterização, em que a vibrante [r] torna-se lateral [l]. Os falantes de *cindawu* são os que têm essa característica (Chalucane, 2017, p. 44).

Exemplos:

- a. alguém - arguém,
- b. televisão- terevisão
- c. planeta - praneta
- d. rato - lato

e) Inserção de um som vocálico em uma sílaba. (Chalucane 2017, p. 44)

Exemplos:

- a. Lavar - lavari
- b. Ler - leri

f) Quedas de sons, tanto consonânticos /l/, como vocálicos /e/.

Exemplos:

Queda de /i/

- a. maneira – maneØra
- c. primeiro - primeØro
- c. feira - feØra

Queda de /e/

- a. televisão – tØrevisão

Características lexicais

Resultam de aplicação de diferentes processos, tais como:

- a) Neologismos formais resultantes da aplicação produtiva de regras de formação de palavras existentes em PE (Perpétua 1997, p. 51).

Exemplo: regra derivacional que permite formar verbos da primeira conjugação a partir de nomes (N→V).

- (1) a. estilo → estilar (PE=exibir-se)
 b. lobolo → *lobolar* (PE=pagar o lobolo)
 c. esquina → *esquinar* (PE= esperar) (Perpétua 1997, p. 51)

b) Os empréstimos das línguas bantu também são usados para fazer referência a fenómenos socioeconómicos e a grupos sociais típicos da sociedade moçambicana (Perpétua 2012, p. 403 e Firmino, 2015)

Exemplos:

- (1) a. *dumbanengue* (do Changana, ‘confia nas pernas’): mercado informal
 b. Khanimambo, ‘obrigado’, do Xirhonga e Xichangana.
 c. *guadjissar* (do Changana, ‘ku guadjissa’): extorquir

Características semânticas

De acordo com Perpétua (1997, 51-52; 2012, p. 401), um grande número de inovações, entretanto, tem como ponto de partida palavras já existentes no léxico do PE, e consistem em:

a) Alargamento do(s) seu(s) significado(s) básico(s), que são derivados através de mudanças semânticas em elementos lexicais existentes na língua, quer por via da substituição dos valores originais, quer por via da sua expansão.

Exemplos:

- (2) a. *chapa*: meio de transporte público de propriedade privada

Fonte: (Perpétua, 1997; 2012)

- c. [mola]N, usada com o significado de dinheiro, como em «Estou sem mola».
 d. [abrir]V, também usado com o significado de ‘fugir’, ‘ir-se embora’, ou ‘partir’, como em

Fonte: Firmino (2015)

Características sintáticas

Segundo Gonçalves (2013, p.6-11 apud Timbane 2017, p. 29-30), no português de Moçambique, há interferências sintáticas provenientes das línguas bantu moçambicanas:

(1) Tu também podes **nascer** um filho saudável. (PE=dar a luz)

(2) Ele saiu **em casa** muito cedo. (PE=de casa)

Como vimos as particularidades do *Ndawu* e do Português de Moçambique impactam no uso linguístico das crianças em idade escolar que compõem o corpus da dissertação. Como destacaremos nas análises. O funcionamento gestual aliado à produção verbal, destacará particularidades das línguas usadas pelas crianças.

2.5. Oralidade e gêneros orais

De acordo com Warken & Robazkievicz (2010, p. 6), a linguagem oral é aprendida pelo indivíduo em seu ambiente de convivência, onde com pais e familiares aprende a falar. A oralidade, assim como outros segmentos, tem suas particularidades, e à medida que é praticada tem sua autenticidade pelo falante, sendo um processo individual, no qual a experiência melhora a cada nova situação de interlocução. Nesta senda, Marcuschi (2001), acrescenta que a oralidade lida com todos os contextos de interação (formal e informal) através do oral.

Para Marcuschi (2010, p. 25), a oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Para Cavalcante *et al.* (2021, p. 249), a oralidade possui um status discursivo-interativo mais claro, possui maior abrangência e estaria relacionada às práticas sociais desenvolvidas e organizadas enquanto gêneros textuais orais.

É a partir dos conceitos acima apresentados, que Marcuschi (2010, p. 25) e Cavalcante *et al.* (2021, p. 249) distinguem a oralidade da fala. Para Marcuschi (*idem*, p. 25), a fala é uma forma de produção textual discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano, caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. Warken & Robazkievicz (2010, p. 7) acrescentam que, para se passar a mensagem e sua aquisição ocorrem naturalmente. Enquanto Cavalcante *et al.* (2021, p. 248) afirmam que a oralidade é constituída pelos meios dos fenômenos da prosódia, produção gestual, movimentação corporal e expressões faciais. Olhando para os dois conceitos (fala e oralidade), conclui-se que a fala é a materialização do oral.

Para Kita (2009), a fala é universal e cultural, não existe relatos de uma cultura em que não haja a mescla entre a fala e os gestos.

Fiorin (2008, p. 540), defende que um texto para ser considerado falado, deve atender as seguintes exigências:

- ser relativamente não-planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional;
- consistir-se em uma interação face a face;
- mostrar uma descontinuidade frequente, determinada por fatores de ordem cognitivo-interacional;
- apresentar-se *in statu nascendi*, isto é, em sua própria gênese. O texto falado surge no momento da interação, sendo ele o seu próprio rascunho, pelo fato de o planejamento e a verbalização ocorrerem simultaneamente, onde as interrupções, reinícios, correções, paráfrases e repetições cometidas no processo da produção do texto falado são específicos do *statu nascendi*.

Perante essas exigências, Fiorin (2008, p. 540-541) diz que as frases inacabadas, as construções incoerentes ou tortuosas, as repetições, as reformulações, as retificações, os marcadores de hesitação (“hein”, “hmm”, “éh”) são fenômenos apresentados maciçamente nos textos falados.

2.5.1. Gêneros orais

Em torno do conceito de gênero, Travaglia *et al.* (2013, p. 3-4) traz-nos os seguintes conceitos:

- Na perspectiva bakhtiniana, define-o como um tipo de enunciado relativamente estável, ou seja, com determinadas regularidades em termos de conteúdo temático, construção composicional, forma de realização linguística (estilo), criado em uma esfera de atividade humana ou por uma comunidade discursiva;
- Gênero como um pré-acordo de um grupo social sobre o modo de realizar algo linguística e discursivamente por meio de textos;
- Os gêneros são instrumentos cuja apropriação leva os sujeitos a desenvolverem capacidades e competências individuais correspondentes aos gêneros;

- Gênero é um instrumento linguístico-discursivo devidamente estruturado, criado em uma esfera de atividade humana por uma comunidade discursiva, como uma forma eficiente de realizar a atividade em que o gênero tem um papel essencial. Assim o gênero terá uma função social em decorrência da atividade à qual ele serve de instrumento e que, de um certo modo, o caracteriza;

Para Eija Ventola (1995 *apud* Marcuschi 2002, p. 32), define os gêneros como sendo sistemas semióticos que geram estruturas particulares que em última instância são captadas por comportamentos linguísticos mediante os registros. Enquanto resultado convencional numa dada cultura, os gêneros se definiriam como “ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes” (Miller, 1984, p. 159 *apud* Marcuschi 2002, p. 32). Neles, as formas tornam-se convencionais e com isto genéricas precisamente em virtude da recorrência das situações em que são investidas como ações retóricas típicas, os gêneros são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura, por isso, em princípio, a variação cultural deve trazer consequências significativas para a variação de gêneros, mas este é um aspecto que somente o estudo intercultural dos gêneros poderá decidir.

Em suma, gêneros seriam diferentes textos que se realizam em vários contextos e situações sociais de comunicação usando a linguagem oral ou escrita com a relevância de permitir determinada interação entre os interlocutores.

Na mesma senda, Marcuschi (2002, p. 22), parte do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto que se materializam em gênero. Isto é, nós nos comunicamos por textos e todos os textos se materializam em gêneros.

Quando falamos usamos a linguagem nas práticas, tanto individuais quanto sociais, que se materializam através de nossos gestos palavras, entonações, imagens e animações, que se manifestam através dos gêneros textuais (CARVALHO 2014, p.5). Vieira (2018, p. 43), afirma que, o uso dos gêneros textuais é um processo social, pautado na compreensão de que eles circulam na sociedade e são compartilhados entre as pessoas que fazem uso deles. São organizados em estágios para alcançar determinado(s) objetivo(s), são necessários alguns passos e são orientados para um propósito. Cada gênero textual possui características próprias, como estrutura, vocabulário e finalidade comunicativa

Após a conceptualização de gêneros, segue-se a de gênero oral, segundo Travaglia *et al.* (2013, p. 4-5), afirma que nas suas discussões o PETEDI¹⁰ estabeleceu que gênero oral é aquele que tem como suporte a voz humana (vista como a característica particular que tem o som produzido pelo aparelho fonador) e que foi produzido para ser realizado oralmente, utilizando-se a voz humana, independentemente de ter ou não uma versão escrita. Ademais, o suporte do gênero oral não pode ser visto como a fala, porque esta é a própria língua usada oralmente. Os gêneros orais são construídos com a língua falada e terão características dessa que podem ser específicas de um gênero ou meramente da língua falada e comuns a todos os gêneros orais.

Os autores acrescentam que também podem ser considerados, gêneros orais, aqueles que têm uma versão escrita, mas que têm uma realização prioritariamente oral, usando a voz como suporte, tais como: conferências; representação de peças teatrais, telenovelas e filmes que têm um roteiro ou script; as notícias faladas em telejornais e no rádio que geralmente estão previamente redigidas; recontos etc.

2.5.2 Características dos gêneros orais

Segundo Travaglia (2013, p. 7), na caracterização dos gêneros usam-se parâmetros e critérios, nomeadamente:

- a) o conteúdo temático;
- b) a estrutura composicional;
- c) os objetivos e funções sociocomunicativas da categoria;
- d) as características da superfície linguística (o que Bakhtin chamou de estilo), geralmente em correlação com outros parâmetros;
- e) elementos que podem ser atribuídos às condições de produção da categoria de texto, inclusive as esferas de atividade humana ou esferas sociais ou comunidades discursivas.

No que diz respeito aos elementos característicos da língua oral (entonações, altura de voz, tom etc.) eles serão considerados como característicos de todo e qualquer gênero oral. O

¹⁰ Grupo de pesquisa sediado no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. Criado em Maio de 2000, o PETEDI (Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso) se dedica aos estudos dos textos e discursos a partir das perspectivas teóricas diversas.

autor acrescenta que o uso de linguagens diferentes em conjugação com a língua será considerado na caracterização dos gêneros orais dentro da estrutura composicional (multimodalidade). A linguagem caracteriza o gênero, primeiro por sua presença ser necessária (ou seja, o gênero não pode existir sem a presença da linguagem) e segundo por seu uso particular no gênero.

Travaglia et al. (2013, p. 5-6) trazem-nos alguns gêneros discutidos pelo PETEDI que foram considerados como gêneros orais, tendo em vista os critérios estabelecidos. Correlação aos tipos, os autores chamam atenção em torno de toda listagem, alegando que é incompleta e há elementos que podem ser discutidos se realmente são gêneros ou não e se são orais. Ademais, muitos podem defender a inclusão como gêneros de elementos que consideram mais como atividades.

Os autores acima, apresentam abaixo uma lista de gêneros organizada de acordo com as atividades humana em que eles são produzidos: esfera das relações do dia a dia; esferas do entretenimento e literária; esferas escolar e acadêmica; esfera religiosa; esfera militar; esfera médica; esfera jornalística; esfera jurídica / forense; esfera policial; esfera comercial e industrial; esfera dos transportes; esfera de magia; esferas diversas.

A partir da tipologia/esferas de gêneros orais acima apresentada, o gênero receita culinária enquadra-se em esferas do entretenimento e literária; autobiografia e história da vida em esferas diversas.

2.5.3. Receita Culinária

A receita culinária é um tipo de texto que tem como objetivo principal instruir e orientar o leitor na preparação de um prato ou bebida específica. Ela apresenta uma sequência de passos a serem seguidos, ingredientes necessários e outras informações relevantes para o preparo da receita (Disponível em: <https://aulanotadez.com.br/glossario/o-que-e-genero-textual-receita//>. Acesso em: 29 de abril de 2024). Este tipo de texto apresenta as seguintes características¹¹:

¹¹ Disponíveis em: <https://aulanotadez.com.br/glossario/o-que-e-genero-textual-receita/..>; <https://magic.warda.at/ask/receita-e-um-genero-textual.html>.

Acesso em: 29 de abril de 2024

Estrutura textual:

A estrutura da receita não é fixa, ela varia de acordo com o tipo de prato ou bebida que está sendo preparado, isso não faz com que não se siga um padrão. Normalmente, pode apresentar a seguinte estrutura:

a). Introdução: apresenta uma breve descrição do prato, suas características principais e, em alguns casos, informações adicionais, como a origem da receita ou curiosidades relacionadas ao prato.

b). Lista de ingredientes: apresenta todos os itens necessários para o preparo da receita, ela é clara e objetiva, indicando as quantidades necessárias de cada ingrediente.

c). Modo de preparo: a parte mais extensa da receita. Nela são apresentados os passos a serem seguidos para a preparação do prato. Cada passo deve ser descrito de forma clara e objetiva, utilizando verbos no modo imperativo para indicar as ações que devem ser realizadas.

d). Algumas receitas podem apresentar dicas adicionais, como variações do prato, sugestões de acompanhamentos ou informações sobre o tempo de preparo e rendimento.

Tipo de linguagem

O tipo de linguagem utilizado é objetivo e direto, buscando ser clara e precisa na transmissão das informações. O uso de verbos no modo imperativo é comum, pois eles indicam as ações que devem ser realizadas pelo leitor para o preparo da receita;

2.5.4 Autobiografia

Segundo Castro; Azevedo e Dos Santos (2011, p. 5), definem gênero textual autobiografia como sendo aquele que conta histórias de nossas vidas e de outras pessoas, é também uma prática de linguagem muito comum entre as pessoas. A nossa história de vida é conhecida, valores, experiências de vida, conhecimento de mundo que são veiculados através de um gênero textual. Para Lejeune (2008, p. 14 apud Santos, 2010, p. 14), autobiografia é relato retrospectivo, dinâmico e subjetivo em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual em particular, na história de sua personalidade.

Piovesan (2007, p.3 apud Santos, 2013, p. 2), autobiografia permeia o campo da memória porque a formulação de textos sobre a própria trajetória de vida se faz através do recurso da memória, resultado da lembrança que se transforma em linguagem, adicionada à imaginação e ao olhar particular sobre aquilo que se passou, recriando situações a partir do ponto que se fala, do presente que se escreve e se lembra.

As principais marcas que definem e identificam a autobiografia, segundo Baccin (2008, p. 8) são:

a) Quanto a análise do contexto de produção:

- Protagonista da história é, obrigatoriamente, o próprio autor;
- Os textos tentam mostrar os principais episódios da vida do autor, de forma cronológica. Alguns dão maior ênfase a determinados períodos ou acontecimentos;
- Os textos que circulam pela Internet ou publicados em livros destinam-se a leitores em geral, sobretudo aos que têm interesse em conhecer melhor a vida de determinadas pessoas, sejam elas celebridades ou anônimos.

b) Quanto a análise do plano discursivo:

- As Autobiografias são textos com marcas de implicação (o autor se mostra no texto). Quanto ao tipo de discurso, predomina o relato, uma vez que discorre sobre fatos reais exposto ao leitor. Por isso, são textos do tipo predominantemente narrativos.
- Quanto ao seu plano global (estrutura geral do texto), as biografias podem organizar-se tanto como um texto longo (no caso de livros que relatam minuciosamente a história/trajetória do autor), como textos curtos (é o caso de textos autobiográficos que circulam na Internet, ou textos em que o autor quer apenas mostrar passagens de sua vida de forma mais objetiva).

c) Quanto a análise das marcas linguísticas, os textos revelaram:

- Uso abundante de pronomes pessoais e possessivos na primeira pessoa (tanto no singular quanto no plural);
- Verbos constantemente no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, e algumas poucas vezes no Presente;
- Palavras ou expressões com valor temporal (“há dez anos”, “naquele tempo”, “naquela época”, “tempo em que”, “um tempo depois”, etc.);
- Marcadores espaciais / marcadores de lugar: (“era uma região...”, “naquele lugar...”, “foi o lugar onde...”, etc.);
- Expressões que funcionam como modalizadores do discurso, principalmente advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, etc. e, operadores argumentativos: um pouco, apenas, mesmo, etc.

- Palavras/vocabulário utilizado para identificar objetos da época citada.

2.5.5. História da vida/ experiência da vida

De acordo com Vigotski (2009, p. 24 apud Costa 2021, p. 85) define experiência social como sendo a experiência histórica e coletiva do homem, e que irá influenciar significativamente a experiência prévia, no nível individual, do sujeito. É a experiência social que servirá de base para a formação de algo novo. Ademais, ao se analisar os relatos de experiência vivida com base na ideia de experiência social, possibilitará observar não somente os relatos das crianças no âmbito da linguagem, mas também no âmbito do acúmulo e repertório de experiência social que elas manifestam em seus relatos. Permitirá observar, ainda, como essa experiência social do sujeito terá relação com a experiência pessoal.

2.6. Os estudos multimodais

De acordo com Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016, p. 43), o termo multimodalidade surgiu na segunda metade da década de 1990 e tem sido abordado a partir de diferentes teorias, tem como percussores, os trabalhos de Charles Goodwin, nos Estados Unidos, sob a perspectiva da Etnometodologia e da Análise da Conversação e, Kress e Van Leeuwen, no Reino Unido, sob a perspectiva da Semiótica Social. A base de partida dos trabalhos foram os de O'Toole (1994) e, Kress e Van Leeuwen (1996), para descrever o caráter multimodal de textos de matemática, usando-se a terminologia multisemiótico. Na mesma perspectiva, Silva (2016, p. 36) acrescenta que entre outras coisas, a multimodalidade, considera a relação intrínseca da língua com outras semioses de ordem não verbal, é uma das perspectivas teóricas que mais tem se difundido em relação aos estudos da língua.

Segundo NETO, A. (2016, p. 19), dos diversos estudos que utilizam a abordagem multimodal têm como referência a teoria Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) sob a perspectiva sociocultural¹². Nela, Halliday caracteriza a linguagem como um fato social cuja origem está na interação do sujeito com o outro, com troca de significados entre eles. A teoria funcional leva em consideração que existem outras formas de comunicação e representação além da linguagem oral, pois antes mesmo de falar, a criança já consegue

¹² Duas perspectivas: a semiótica formal, estudo sistemático dos signos e da semiose e a semiótica social, estudo dos signos e símbolos utilizados por um agente no processo de interação social, as comunidades possuem formas distintas de produzir significados, suas próprias (LEMKE, 1997).

expressar significados por sons, além disso, a criança faz gestos com potencial de significado, pois assim ela pode atrair atenção para os objetos de seu interesse. Ademais, na interação, o sujeito passa não somente a agir sobre o outro sujeito por meio da linguagem, mas também internaliza aspectos culturais do outro.

Para Kress (2015 apud Neto, Giordin & Aizawa, 2017, p. 2), consideram a multimodalidade como um desdobramento da Semiótica Social e não pode ser considerada uma teoria, pois ela é responsável por definir o escopo e a abordagem utilizada para caracterização de um conjunto de dados. Já a Semiótica Social é responsável por fornecer o quadro teórico e as categorias de análise.

A multimodalidade é um campo de pesquisa que parte do pressuposto de que os significados são produzidos, distribuídos recebidos, interpretados e refeitos a partir da leitura de vários modos de representação e comunicação e não apenas por meio da linguagem falada ou escrita, mas também por meio de gestos, imagens, sons e outros modos semióticos de comunicação e representação (JEWITT, 2009 apud PEREIRA, MORTIMER, MORO, 2015, p. 44).

Para Carvalho (2014, p. 5) a multimodalidade vem sendo discutida ultimamente por várias áreas de estudos como análise do discurso, psicologia, pedagogia, semiótica, linguística, dentre outras. Conforme Dionísio (2005, p. 159), a multimodalidade refere-se às diferentes formas de representação utilizado na construção linguística de uma mensagem, dentre essas formas temos: palavras, imagens, cores, formatos, disposição da grafia, gestos, olhares etc. Como se refere Oliveira (2020, p. 3) por se caracterizar pela presença de vários aspectos semióticos (linguagens), como: cor, movimento, letras com fontes diferenciadas, imagem, som etc. Não há mais como dissociar a imagem da palavra uma vez que “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”.

Nesse sentido, Silva, R. (2020, p.4) define multimodalidade como o uso concomitante das diferentes modalidades de linguagens empregadas em um texto, ou seja, a utilização de mais de um recurso semiótico, sejam eles imagéticos, auditivos, orais, verbais, etc.

Para Silva, I. (2018), os registros de Dionísio (2014) e Jewitt, Bezemer & O'Halloran (2016) afirma que as contribuições de Kress e Van Leeuwen como sendo as mais proeminentes na multimodalidade, uma vez que eles não só construíram as bases para essa nova perspectiva de estudos linguísticos como também continuam a produzir discussões relevantes para a área.

Olhando para os conceitos acima apresentados por vários autores em torno da multimodalidade, nota-se que eles convergem ao afirmarem que se usam várias manifestações linguísticas associadas a recursos semióticos que envolvem gestos, imagens, textos, entre outros elementos que sejam verbais ou não verbais. Portanto, a multimodalidade seria o envolvimento no mínimo de dois elementos (áreas) sejam elas, gesto-fala, leitura-imagem etc. que atuam em simultâneo.

2.6.1. A Multimodalidade na Aquisição da Linguagem

Segundo Ávila-Nóbrega & Cavalcante (2015, p. 11) na aquisição da linguagem, o termo multimodalidade começou a ser usado com base nas premissas de David McNeill (1985) quando afirmou que a língua se inscrevia em uma matriz de mescla dos aspectos gesto-vocais da interação. Para Drey e Guimarães (2012, p. 161), nesta interação pressupõe que a organização dos seres humanos esteja, em termos interacionais, além da fala – o que incluiria os aspectos visuais e sinestésicos, como os gestos e a posição corporal num espaço.

A natureza dessas interações são objetos de interesse de pesquisadores por considerarem que os gestos e a fala estão fortemente conectados. Pelo fato de os gestos desempenharem um papel importante na produção e na compreensão da língua falada, quando os gestos acompanham uma mensagem oral, reforçando e facilitando a compreensão, porque eles fornecem um suporte externo que ajuda no entendimento de mensagens que possam carregar um nível mais alto de complexidade (SILVA & FARIA, 2022, p.61).

Em Aquisição de Linguagem, a multimodalidade refere-se às modalidades de uso da língua (fala, gesto, olhar) que coatuam na produção linguística entre os falantes (ALMEIDA & CAVALCANTE, 2017, p. 527-528). Os autores acrescentam que é dentro dessa esfera que trabalham os pesquisadores da multimodalidade em aquisição da linguagem, sob uma perspectiva que não considera apenas o que é dito pela fala como veículo de interação, mas sim, o conjunto de elementos que dão à interação um sentido mais amplo e completo. Ademais, o gesto e fala formam um sistema único baseado no mesmo processo mental e que existem imbricações entre eles que ocorrem nos níveis discursivo, sintático, semântico e prosódico.

Na perspectiva multimodal em aquisição de linguagem é praticamente impossível estudar e analisar gesto e fala separadamente porque os dois constituem único sistema.

Para Ávila-Nóbrega & Cavalcante (2015, p. 17), no Brasil pesquisas sobre aquisição de linguagem na perspectiva multimodal gesto e fala baseiam-se na classificação de Kendon

(1982) e McNeill, (1992 e 1997). Estes estudos emergem na interação com o bebê, ou com a criança típica ou com alguma questão de linguagem realizados.

Um dos primeiros a tratar de gestualidades associadas à fala em Brasil, foi Martha Steinberg, a partir do livro “Os elementos não-verbais da conversação”, publicado em 1988. O trabalho de Steinberg, originado da sua tese de livre-docência em 1983, propõe uma análise dos “[...] elementos não-verbais que acompanham a fala numa interação face a face [...]” (SILVA, I. 2018, p. 55). Em Moçambique a pesquisa nessa área foi realizada por Cavalcante *et al.* (2021), numa pesquisa intercontinental (Brasil, Moçambique e Portugal) intitulada “*análise da multimodalidade no gênero receita culinária em vídeos de fala infantil de um corpus intercontinental*” nele é notório que os gestos predominantes na receita culinária em todas as crianças são os pantomímicos e os emblemáticos.

Depois de termos dado uma breve contextualização em torno da multimodalidade no geral e especificamente na aquisição da linguagem, a seguir vai abordar-se sobre os gestos, desde os conceitos, níveis, parâmetros articulatórios, categorias, fases da produção dos gestos, tipos e características dos gestos e por último, a culturalidade dos gestos.

2.6.2 A gestualidade

Gesto é uma palavra que vem do latim *gēstus* que significa movimento, atitude, gesticulação, esgar, visagem, careta [...], é uma ação corporal visível e voluntária pela qual um determinado significado é transmitido por meio de uma expressão voluntária (HOUAISS; VILAR, 2001 apud PEREIRA, 2010, p. 31).

De acordo com MacNeill (2002, p.1-2), a palavra gesto é imprecisa porque abrange uma série de fenômenos, com diferentes funções e plausivelmente diferentes processos subjacentes de evocação e organização. Os falantes criam gesticulações enquanto falam. Eles podem fazer isso precisamente porque tais gestos não são limitados por convenções de forma. As gesticulações são conduzidas por significados atuais, não por convenções e, são idiossincráticas e criadas no momento da fala. O gesto não é um esforço comunicativo consciente, é um movimento inconsciente com significação semântica que se produz com o discurso co-expressivo veiculando a mesma significação. Diante disso, o autor afirma que não temos gesto no singular, mas sim gestos. E prefere o termo no plural porque há diversos momentos em que precisamos distinguir movimentos consecutivos nomeados de gestos.

O sentido dos gestos é sempre global e sintético, e nunca hierárquico. Podendo se observar que os sentidos dos gestos dependem dos sentidos das sentenças verbais. (FARIA D.

2018, p. 65).

Segundo Cavalcante (2018, p. 7), o centro da discussão sobre o gesto foi da iniciativa de McNeill ao considerar o gesto enquanto elemento linguístico e não como extralinguístico com a publicação do seu livro “Hand and Mind. What gestures reveal about thought” que se torna robusta a concepção de gesto e fala como algo integrado – uma matriz cognitiva.

O uso dos gestos na produção de comunicação carrega consigo muitos sentidos, principalmente por aparecer acompanhados sempre de outro elemento ou outros elementos multimodais, como: fala, expressões faciais, expressões corporais, manuseios de cabeça, entre outros (SILVA, 2018, I. p.48). Para o autor (idem, p. 58), os gestos são dinâmicos, assim como as palavras podem ganhar novos significados, a depender do contexto em que são desenvolvidos. Vamos tentar compreender como eles se definem.

Segundo MacNeill (2002, P.8) um gesto é uma imagem em sua forma mais desenvolvida - materialmente incorporada. O gesto e a fala não são apenas mensagens ou comunicações, mas uma forma de existir cognitivamente, de ser cognitivamente, no momento da fala. Ao realizar o gesto, a ideia central é trazida à existência concreta e torna-se parte da própria existência do falante naquele momento. Para Pereira; Mortimer e Moro (2015, p. 44-45), gesto é uma forma de expressão que os humanos dispõem e que pode ser usada para uma série de propósitos expressivos diferentes. Ademais, o gesto tem uma função de representar uma ação.

De acordo com Silva I. (2018, p. 58) citando Knapp & Hall (1999, p. 191) gestos são movimentos do corpo (ou parte dele) usados para comunicar uma idéia, intenção ou sentimento. Muitas dessas ações são feitas com braços e mãos, mas a área da face e da cabeça também é usada na gesticulação. Caes¹³ (s/d, p. 4) define o gesto como sendo um movimento do corpo, especialmente das mãos, dos braços, da cabeça, para exprimir algo. Não há menor possibilidade de separar o corpo dos gestos e os gestos do corpo.

Para Davis (1979 *apud* Oliveira 2008, p. 48), as formas de movimentação das mãos – a dança das mãos – servem para acompanhar e ilustrar nossas palavras. Para essa autora, a gesticulação ajuda no processo de esclarecimento, quando não se tem uma compreensão da mensagem verbal.

¹³ Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/138873347/A...>

Segundo Pereira (2010, p. 31), o gesto é uma forma de comunicação não-verbal de um indivíduo que possui grande capacidade de expressar uma variedade de sentimentos e pensamentos e, é feito com uma ou mais partes do corpo, às vezes usando o corpo inteiro, expressões fisionômicas, braços e especialmente as mãos que, no âmbito gestual, desempenham funções claramente ostensivas, podendo acontecer sem ou com a combinação de uma comunicação verbal, podendo dar mais força à fala ou mesmo substituí-la.

Para Goldin-Meadow (2005a, p. 4 apud Pereira, 2010, p.18), não existe nenhum povo no mundo que não gesticule com as mãos quando fala, independentemente do meio cultural, formação, gênero, idade, etc. afirma que “sempre que houver fala haverá gestos”, pois, “ainda não foi descoberta uma cultura em que os falantes não movam suas mãos ao falarem. Até mesmo pessoas cegas de nascença “que nunca viram pessoas gesticulando, ao falarem, movem intencionalmente suas mãos.”

Os autores acima em torno da definição de gesto, são unânimes ao afirmarem que os movimentos das mãos são imperiosos durante a produção vocal do falante, isso levou Lima (2020, p. 68-69) a afirmar que os gestos das mãos são os mais privilegiados nos estudos do desenvolvimento infantil e são os mais perceptíveis nos procedimentos de análise multimodal. Fonte et al. (2022, p.200) acrescenta que as crianças exploram a modalidade gestual desde muito cedo e, assim sendo, os gestos, bem como os movimentos corporais, aparecem fornecendo suporte na coatuação com as produções de palavras. No âmbito da linguagem, os gestos estão visíveis na movimentação corporal e compõem o sentido.

Pereira (2010, p.48), diz que McNeill em seus estudos chama atenção especial para os gestos das mãos, produzidos durante a fala, que estão frequentemente e estritamente ligados às mensagens comunicativas dos falantes, ou seja, criações espontâneas e individuais, semântica e pragmaticamente coexpressivas que compõem uma unidade inseparável e têm por base o processo cognitivo. Para McNeill (1992), os movimentos das mãos que fazemos quando falamos são fortemente interligados com a nossa fala no tempo, no significado e na função. Ignorar o gesto é ignorar uma parte da conversação.

Em relação a expressão gestos corporais, Pereira (2010, p. 32) afirma ser uma das muitas classificações sobre a linguagem não verbal e a expressividade do gesto como se ilustra no quadro abaixo.

Quadro 7 - Elementos da linguagem corporal, identificados como gestos corporais e linguagem não - verbal

Gesto	Características
Cabeça	Os acenos de cabeça são sinais não verbais muito rápidos, mas perceptíveis. Um aceno de cabeça de quem ouve é entendido por quem fala como um sinal de atenção, desempenhando um papel de reforço e encorajamento para a continuação da fala.
Olhos	A frequência, a duração e a ocasião de um olhar são fatores que permitem enviar mensagens sobre o relacionamento entre duas ou mais pessoas. Um olhar transmite uma série de atitudes, desde um comportamento passivo por meio de um olhar evasivo, ou um olhar direto e franco que pode indicar carinho, consideração, entre outros.
Mãos	Estes gestos podem ser executados por uma ou duas mãos. É a categoria de gesto com maior ocorrência devido à habilidade e precisão da mão humana em adquirir um grande número de configurações claramente perceptíveis.
Posições do corpo	Um dos aspectos importantes da comunicação não-verbal é a postura. Esta designa os modos de nos movimentarmos, vai adquirindo-se com o tempo e com os hábitos. Este sinal é involuntário, participa no processo de comunicação.

Movimentos do corpo	A maneira como um indivíduo estrutura o seu micro-espaco é feita de forma inconsciente, sendo esta uma questão sempre relacionada com situação, o ambiente e a cultura.
Expressão facial	As expressões faciais desempenham diversas funções, tais como, expressão das emoções e das atitudes interpessoais, o envio de sinais inerentes à interação em curso e à manifestação de aspectos típicos da personalidade de um indivíduo.

Fonte: Pereira (2010, p. 33)

De acordo com Drey e Guimarães (2012, p. 162) citando Goodwin (2000) os gestos carregam informações proposicionais e funcionam como ações individuais ou, ainda, como componentes de ações multimodais. A fala e o gesto são elaborados mutuamente dentro de uma sequência de ação maior e dentro de um quadro de participação da configuração corporal constituído através da orientação mútua entre os participantes da interação.

Faria (2018, p. 66) sugeriu uma divisão tripartida da conjugação entre fala e gesto: (i) de *procedência*, onde o gesto direcionaria a interpretação antes do material verbal ou ocorreria de modo isolado; (ii) de *constitutividade*, onde o gesto veicularia o mesmo sentido, ocorrendo de modo sincronizado com a fala; (iii) de *complemento*, onde o gesto restringiria ou complementar a o sentido de um item verbal. Este pensamento foi refutado por McNeill (1992, p. 19-20) ao propor o conceito de *inseparabilidade entre gesto e língua*, pelo facto de estarem interligados, que representam o ponto de partida para o enunciado, denominada pelo termo *growth point* (GP) (ponto de germinação). No ponto de germinação é onde se desenvolvem palavras ou frases e os movimentos significativos das mãos por ser a unidade mínima que se pode desenvolver para um enunciado completo juntamente com um gesto.

Isso permite compreender como língua e gesto se combinam e quais são as características dessa *idea unit* expressa de forma verbal e não-verbal. Ou seja, quais são as propriedades desta unidade que são transmitidas por meio da fala e quais são transmitidas por meio do gesto. McNeill (2002, p. 3) defende a conexão do discurso e do gesto co-expressivo

como inviolável e define o gesto e a fala como unidades psicolinguísticas virtualmente inquebráveis desde que o discurso e o gesto compartilhem significados (PEREIRA 2010, p.49).

Contrariamente ao que Goodwin (2000) disse sobre a divisão do gesto e língua, McNeill (1992, p. 23-24), diz que o gesto e a língua se encontram ligados por meio: a) do significado, pois são semântica e pragmaticamente coexpressivos; b) do tempo, realizando-se em sincronia um com o outro; c) da função, desenvolvimento e dissolução pois se desenvolvem em conjunto na criança e desaparecem juntos nos casos de afasia. Portanto, juntos formam um sistema e representam a mesma idéia de modos diferentes.

Os gestos podem ser clasificados de diversas maneiras dependendo dos autores, como veremos a seguir as classificações apresentadas por cada um. Nas tais classificações, nenhum descarta a mescla gesto e fala. Assim sendo, o primeiro a classificar os gestos foi Efron, 1941, que apresentou uma tipologia composta por seis gestos, como se ilustra no quadro a seguir.

Quadro 8 - Tipologia gestual de Efron (1941)

Tipos de gestos	Características
Gesto batuta/comando	movimentos enfatizadores, acentuando certas palavras ou frases como se regessem a fala;
Gestos ideográficos	movimentos que direcionam o fluxo do pensamento;
Gestos deíticos	movimentos que apontam um dado objeto;
Gestos espaciais	movimentos que evidenciam uma relação espacial;
Gestos cinetográficos	movimentos tradutores de ações corporais
Gestos pictográficos	movimentos que evidenciam uma imagem do referente

Fonte: Oliveira (2008, p. 50-51).

Depois da tipologia de Efron 1941, seguiram-se as pesquisas de Ekman e Friesan (1969) que classificaram os movimentos corporais de acordo com o uso, a origem, a codificação e a categoria, tendo classificado os gestos em cinco categorias, de acordo com Rector & Trinta (1985 apud Oliveira 2008, p. 50) são:

(i). Gestos emblemáticos: são especialmente aprendidos junto com uma cultura, assim como a linguagem verbal, tendo como suporte o uso das mãos, dos braços, movimentos faciais e da cabeça.

(ii). Gestos ilustradores: são gestos sociais aprendidos pela imitação. Esses gestos são atos que se caracterizam como acompanhantes diretos da fala, acentuando ou enfatizando uma palavra ou frase. São movimentos que apontam, mostrando objetos, usados intencionalmente para auxiliar a comunicação. O autor considera que a tipologia de Efron 1941 é uma subdivisão dos gestos ilustrativos.

(iii). Gestos reguladores: são aqueles que mantêm e regulam a natureza da fala e da escuta, entre dois ou mais interlocutores. São atos não-verbais que consistem em meneios de cabeça e movimentação dos olhos, sugerindo ao emissor que pode continuar, repetir, elaborar, apressar-se, tornar-se mais interessante, dar ao outro (receptor) a oportunidade de falar.

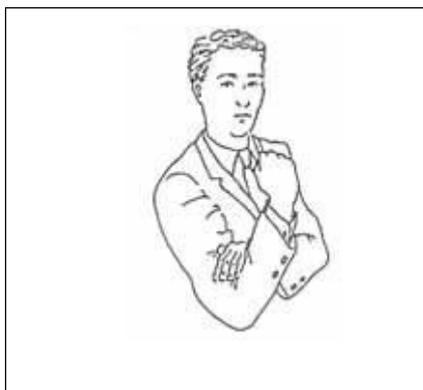
(iv). As manifestações afetivas: são simples configurações faciais que manifestam estados afetivos. Podem repetir, aumentar, contradizer, ou não se relacionar com asserções afetivas verbais. Essas manifestações não pretendem comunicar, mas podem ter caráter intencional.

(v). Gestos adaptadores: são movimentos não-verbais de difícil definição, uma vez que não estão realmente codificados, ou seja, são fragmentos de um comportamento agressivo, sexual ou íntimo, revelando, com frequência, orientações pessoais ou características que são encobertas por mensagens verbais.

Para Knapp & Hall (1999, p. 192-207 apud Oliveira, 2008, p. 41-42), apesar de existirem diversas maneiras da classificação dos gestos, existem duas categorias gestuais mais amplas que são: gestos independentes da fala e gestos relacionados à fala.

(i). gestos independentes da fala: aqueles que “têm uma tradução direta ou uma definição de dicionário, representando geralmente uma ou duas palavras ou uma frase”. Esses gestos são perfeitamente traduzidos pelos membros de uma sociedade e não dependem da produção linguística para ter significado.

Figura 9 - o gesto de “banana”, significando insulto em várias sociedades segundo Knapp & Hall (1999)

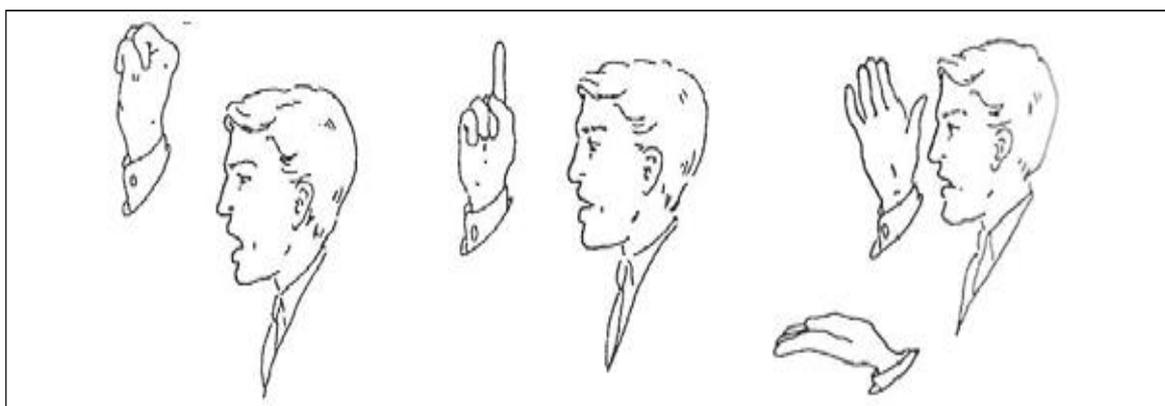


Fonte: Oliveira (2008, p. 42)

A figura acima é referente aos gestos independentes da fala, ela demonstra-nos uma significação verbal direta que varia de acordo com o grupo social, por este facto é cultural.

(ii). Os gestos relacionados à fala: são aqueles que “estão diretamente ligados a uma fala ou a acompanham”. Os seus significados são revelados pela maneira como se relacionam com a fala. Esses tipos de gestos podem ser¹⁴: gestos ligados ao referente (concreto ou abstrato); gestos que indicam o relacionamento do falante com o referente; gestos que agem como pontuação visual para o discurso do falante; gestos que auxiliam na organização do diálogo entre dois interactantes também são chamados de gestos de interação.

Figura 10 - Gestos de punho ou de pontuação indicam que o falante pretende selecionar um objeto para seu interlocutor (um dos tipos de gestos relacionados à fala).



Fonte: Oliveira (2008, p. 43)

¹⁴ A definição de cada tipo de gestos relacionado à fala pode ser encontrada em Oliveira (2008, p. 42-43)

Em relação a classificação de gestos segundo Knapp & Hall (1999), Oliveira (2008, p. 44) refere que ela traz leituras de como se dá a relação dos gestos e da fala, apesar de não poder limitar a uma única e exclusiva função. Os gestos ligados à fala podem ter uma amplitude de significado bem mais abrangente do que as apresentadas pelos autores, dependendo da relação do falante com o referente e variar conforme os participantes da interação.

Depois das tipologias de Efron 1941 e Ekman e Friesen 1969 seguiram-se as de Kendon 1982 e 2004 e McNeill 1992, 2000. De acordo com Pereira (2010, p. 47-48), Kendon (1988) em seus estudos, abordou o aspecto da convencionalidade e valor comunicativo dos gestos, tendo em conta o papel da fala para a compreensão dos gestos ao propor uma sequência em ordem crescente de valores de convencionalidade. Cavalcante (2018, p. 8) afirma que foi a partir daí que o gesto passou a ser concebido como um conjunto, com uma tipologia própria, chamada por McNeill (1992, p. 37) *continuum de Kendon* que se tornou referência para a classificação dos vários tipos de gestos na atualidade. Neste *continuum*, os gestos foram classificados como: gesticulação, pantomimas, emblemas, gestos preenchedores e os sinais, como se ilustra no quadro abaixo.

Quadro 9 - Continuum de Kendon 1982

	Gesticulação	Gestos preenchedores	Pantomima	Emblema	Língua Sinais
<i>Continuum 1</i>	Presença obrigatória de fala	Presença obrigatória de Fala	Ausência obrigatória de fala	Presença opcional da fala	Ausência obrigatória da fala
<i>Continuum 2</i>	Ausência de propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguística	Ausência de propriedades linguística	Ausência de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas

Continuum 3	Não convencional	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
Continuum 4	Global sintética	Global e analítica	Global analítica	Segmentado e sintético	Segmentada analítica

Fonte: McNeill (2000, p. 5)

Em torno deste continuum, Almeida e Cavalcante (2017, p.529), tem quatro aspectos importantes nele que são: gesto-fala, gesto-propriedades linguísticas, gesto-convenções (se o gesto está presente ou não em dada cultura) e gesto-caráter semiótico (se o significado é determinado pelas partes ou pelo todo). É a partir desta sequência que à medida que se avança da esquerda para a direita, a presença obrigatória da fala diminui, a presença de propriedades linguísticas dos gestos aumenta e os gestos idiossincráticos são substituídos por sinais convencionalizados, isto é, socialmente regulados (PEREIRA, 2020, p.48).

Segundo McNeill (2002, p.3) uma imagem mais completa de como o gesto e a fala diferem como modos semióticos é transmitida pelo *continuum* de Kendon, uma série de distinções entre diferentes tipos de gestos, mas também distinções que contrastam gesticulações com códigos linguísticos. A sincronia de gestos e falas reúne diferentes modos semióticos em um mesmo momento. Os gestos do tipo gesticulação diferem dos códigos linguísticos (incluindo ASL e outras línguas de sinais) em vários níveis:

- *Nos gestos, os significados são globais*: as partes do gesto derivam seus significados, do significado do gesto como um todo.
- *A forma do gesto carece de convenções forma-significado*. Forma e significado são criados no momento da fala. A fala é socialmente constituída e mantida em convenções de pares forma-significado.
- *gesto é uma imagem*. A fala é uma combinação arbitrária de significante-significado.

A partir da tipologia acima designada *continuum* de kendon, Cavalcante *et al.* (2021, p. 251) trazem as definições e as características de cada tipo de gestos, conforme o quadro abaixo.

Quadro 10 - definição dos tipos de gestos

Gestos	Definição
Gesticulação	É usada no fluxo de fala sem previsibilidade, ou seja, é um ato individual das mãos.
Gestos preenchedores	É um gesto que ocupa um lugar na sentença, preenchendo um espaço gramatical.
Emblemas	São usados culturalmente, como, por exemplo, o gesto de “ok”.
Pantomimas	É usada sem o fluxo de fala, são representações de ações cotidianas.
Sinais	São os sinais de uma língua sinalizada.

Fonte: Cavalcante *et al.* (2021, p. 251)

Depois da classificação de Kendon 1982, organizada por McNeill (1992, 2000) em sua homenagem, em 1992, McNeill (1992; 1997) criou uma tipologia de classificação de gestos explorando as dimensões gestuais, composto por quatro gestos, nomeadamente: icônicos, dêiticos, metafóricos e ritmados.

- **Icônicos:** representam imagens de entidades concretas e/ou ações, estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito, estabelecendo com o referente uma relação de metonímia;
- **Dêiticos:** são os que demonstram, direcionam, identificam algo ou alguém, o mais conhecido é o ato de apontar. Geralmente acompanham as palavras como “ele”, “tu”, “aqui”, “lá”, “isto”, “eu”, “você”, etc.;
- **Metafóricos:** são os que não estabelecem uma relação direta entre os gestos e a palavra representada, podendo representar conteúdo abstrato;
- **Gestos ritmados:** que aparecem como a batida musical, o movimento das mãos realiza-se ao mesmo ritmo da pulsação da fala.

Em reação a essa tipologia, Silva e Faria (2022, p. 61), afirmaram que todos os gestos que a compõem, são designados no *Continuum* de Kendon como sendo gesticulações ou gestos preenchedores. Para Kita (2003 apud Pereira, 2010, p.19), nesta tipologia/dimensões, o gesto de apontar (dêitico) é um dos primeiros recursos de comunicação que uma criança adquire e também um comportamento que antecede de várias semanas a primeira palavra falada.

Kendon (2004) apresenta outra classificação que faz a distinção entre gestos referenciais e gestos pragmáticos, como se apresenta no fluxograma abaixo.

Esquema 7 - Fluxograma com a tipologia gestual (Kendon, 2004)



Fonte: Pereira; Mortimer e Moro (2015, p. 45)

As duas grandes categorias iniciais, dentro das quais os gestos são classificados, são a dos referenciais e a dos pragmáticos.

1. Gestos *referenciais* (GR) fazem parte do conteúdo referencial do respectivo enunciado. Estes subdividem-se em:

a) Gestos *representacionais*, que se referem a um aspecto do conteúdo do enunciado e são subclassificados em: (i). gestos de *modelagem*, quando uma parte do corpo é usada para modelar algum objeto; (ii). gestos de *descrição figurativa*, quando o falante esculpe e/ou esboça a forma do objeto descrito, ou seja, cria o objeto no ar; (iii). gestos de *ação*, quando as partes do corpo que estão gesticulando apresentam um padrão de ação semelhante àquele sobre o qual se fala.

b) Gestos *dêiticos* (ou *de apontar*), quando o falante aponta o objeto (concreto, virtual ou abstrato) de referência no enunciado.

2. Gestos *pragmáticos*, relacionados a aspectos do significado de um enunciado que não fazem parte nem do significado referencial nem do conteúdo proposicional. Os gestos pragmáticos são subdivididos em:

a). gestos de *modo*, quando o falante dá ênfase ao que está sendo dito no enunciado. Nestes, normalmente, o movimento das mãos geralmente é alternado, batendo a mão para cima e para baixo como um movimento de baqueta;

b). gestos *performativos* mostram a ação que o falante assume no turno da fala. Eles indicam um pedido, uma súplica, uma oferta, um convite, uma recusa e assim por diante;

c). gestos de *partição*, quando pontuam a fala e mostram seus diferentes componentes lógicos.

A partir das tipologias gestuais acima apresentadas (EFRON, 1941; EKMAN e FRIESEN, 1969; KENDON, 1982 e 2004 e MCNEILL 1992, 2000), neste estudo, iremo-nos apoiar nas tipologias de Kendon 1982 e MacNeill 1992, 2000, por serem os que mais se adequam nas nossas discussões e análises pelo facto de estarem ligados a multimodalidade gesto e fala na aquisição da linguagem.

Significado referencial dos gestos

De acordo com Kendon (2004) existe seis tipos de contribuições distintas que os gestos tem no significado referencial, nomeadamente:

(i). Gestos emblemáticos, usados em paralelo com palavras ou frases verbais equivalentes, são aqueles que expressam sinais convencionalizados dentro de uma cultura. Em tais casos, embora pareça uma completa redundância a relação semântica entre fala e gesto, o falante pode produzir vários efeitos ao usá-los. Exemplo: ao pronunciar a palavra dois, o falante levanta uma das mãos com os dedos indicador e médio estendidos (também indicando dois) e os mantém nessa posição. Assim, por meio do gesto, o falante enfatiza e prolonga a ideia de dois;

(ii). Gestos emblemáticos, usados em paralelo com palavras ou frases verbais com significado diferente do gesto, não apresentam redundância semântica entre fala e gesto, porém pode haver uma contribuição significativa para o conteúdo da fala. Exemplo: o falante pronuncia “meu pai cozinhava” e faz um gesto segurando a ponta da orelha com os dedos

polegar e indicador. Embora o falante não tenha expressado verbalmente, pode-se entender que seu pai fazia pratos deliciosos;

(iii). Gestos como especificadores semânticos acrescentam algo ao significado da fala e representam uma forma de ação específica que adiciona informação referencial, tornando o significado do enunciado mais específico. O verbo jogar, por exemplo, pode ser mais bem especificado quando acompanhado de um gesto com movimento que simule o padrão de ação realizado pela pessoa engajada no ato de jogar;

(iv) Gestos usados para criar um objeto são usados quando o falante emprega as mãos para criar o objeto ao qual se refere, por meio de modelagem, no espaço compartilhado com o ouvinte. O objeto é criado e apresentado de tal forma que pode ser visto e inspecionado pelos interlocutores;

(v). Gestos usados para apresentar a forma, o tamanho, as características ou as relações espaciais do objeto ao qual se refere são também uma forma de exibir padrões de ação que provêm imagens motoras ou visuais dos processos;

(vi). Gestos podem ser empregados para criar objetos de referência de expressões dêiticas. Assim, o falante usa gestos que criam o objeto que está sendo referenciado no componente verbal acompanhado de uma palavra dêitica;

Níveis de distribuição dos gestos

Oliveira (2008, p. 47) considera os gestos como signos essenciais em toda e qualquer comunicação do corpo. Rector & Trinta (1999, p. 17 apud Oliveira *ibid*), advogam que existem três níveis de distribuição relacionados aos gestos que são:

(a). o nível sintático, pelo fato de os gestos poderem figurar em uma sequência, sendo seu sentido, considerando o contexto, provindo do seu encadeamento;

(b). o nível semântico, pelo fato de os gestos possuírem significados;

(c). o nível pragmático, pelo fato de os significados dos gestos remeterem à experiência individual e competência social de quem gesticula e/ou ver gestos de outros.

Parâmetros básicos articulatórios na produção de signos

Segundo Nancy Bonvillain (2013, p.29 apud Martinez-Ruiz, 2009, p. 1) o gesto é composto de características formalmente distintas que co-ocorrem em várias combinações. O

autor apresenta quatro tipos básicos de parâmetros articulatórios na produção de signos, nomeadamente:

- (1). configuração das mãos: como as mãos são moldadas;
- (2). local de articulação: onde se forma um signo em relação ao corpo do sinalizante;
- (3). movimento das mãos no espaço e;
- (4). orientação das mãos em relação ao corpo.

Categorias da descrição gestual

As categorias usadas na descrição dos gestos e dos diferentes tipos de espaço segundo Galhano-Rodrigues (2008, p. 87) são:

a. Espaço gestual

De acordo com Galhano-Rodrigues (2008, p. 87), espaço gestual (*gesture space*) designa a dimensão espacial que é precisa/ocupada na execução dos gestos criada no contexto interaccional. Galhano-Rodrigues (2010, p. 29) define o espaço dos gestos como sendo a área definida por posições das mãos dos falantes em diferentes pontos do espaço.

Para McNeill (1992, p. 86) este espaço é maior no caso das crianças, segundo Fonte et al. (2022, p.200) defendem que é maior nelas porque as crianças exploram a modalidade gestual desde muito cedo e, assim sendo, os gestos, bem como os movimentos corporais, aparecem fornecendo suporte na coatuação com as produções de palavras. Lima (2020, p. 68-69), acrescenta que nos estudos de desenvolvimento infantil, os gestos das mãos são os mais privilegiados e são os mais perceptíveis nos procedimentos de análise multimodal.

Num estudo comparado sobre os espaços gestuais de espanhóis e alemães da autoria de Müller (1998, p. 230; 2001, p. 565-571 apud Galhano-Rodrigues, 2008, p.91), a autora codificou o espaço gestual de acordo com as partes dos membros articulados e com o local da realização do movimento. Onde os gestos foram classificados: (1). conforme fossem executados com: a) uma mão; b) com uma mão o antebraço; c) com uma mão e o braço completo; d) com uma mão, o tronco e a cabeça. (2). Conforme a sua posição relativamente a um eixo vertical e a um eixo horizontal: a) gestos ao nível do tronco e da cabeça (eixo vertical); b) gestos acima

do nível da cabeça (eixo vertical); c) gestos próximos do corpo (eixo horizontal) e d) gestos afastados do corpo (eixo horizontal).

O autor verificou que os falantes alemães movimentam predominantemente só um antebraço e uma mão, sem movimentar o braço, enquanto os espanhóis, na maioria dos casos, movimentam ou o antebraço e o braço, ou o braço, o tronco e a cabeça. Isso significa que na gesticulação dos alemães se constrói um espaço gestual mais reduzido do que na gesticulação dos espanhóis. Esta diferença manifesta-se a nível dos eixos vertical e horizontal.

Segundo Kita (2009, p. 5 apud Galhano-Rodrigues, 2010, p.24), no seu estudo intitulado “Espaço gestual e coreografia gestual nas interações entre o português europeu e o português africano: um estudo piloto de dois casos”, nele o espaço físico que nos rodeia tem alguma influência na organização do espaço em nosso cérebro. A autora conceptualiza o espaço gestual como sendo, o espaço que os alto-falantes usam para gesticular. Como também se refere McNeill (1992, p. 86) *gesture Space*¹⁵ como “a shallow disk in front of the speaker half flattened when the speaker is seated.”¹⁶ Galhano-Rodrigues (2010, p.24) chama atenção em relação ao cuidado que se deve ter com a palavra *uso*, para ele parece atribuir propriedades estáticas ao conceito de espaço gestual; preferindo expressões como “o espaço definido por...”, pois o espaço é uma dimensão dinâmica. A autor acrescenta que o espaço em geral só existe como resultado da imposição de limites, marcas ou fronteiras, e o espaço do gesto é o espaço definido/mapeado pela gesticulação, sendo assim sujeito a mudanças de suas dimensões e localização no decorrer da interação face a face. O espaço gestual deve ser visto continuamente como mudando de área, com mais ou menos consideráveis variações de acordo com as diferentes unidades de movimento.

Em relação ao espaço dos gestos, Priesters & Mittelberg (2013, p. 1-2) assentam os seus estudos em três princípios: (1) Distinguem a cinesfera de um falante a partir de (Laban, 1966; Martell, 2005), onde a cinesfera e o espaço gestual são de natureza esférica, centrados no corpo do locutor; devido à anatomia humana, a maioria dos movimentos das extremidades assume a forma de arcos ao redor de certas articulações; (2) os espaços de gestos dos falantes como estruturas espaciais orientadas pelo discurso emergindo através de suas ações propositais (inter)ações corporais durante a comunicação; (3) A localização espacial de um gesto não

¹⁵ Espaço gestual

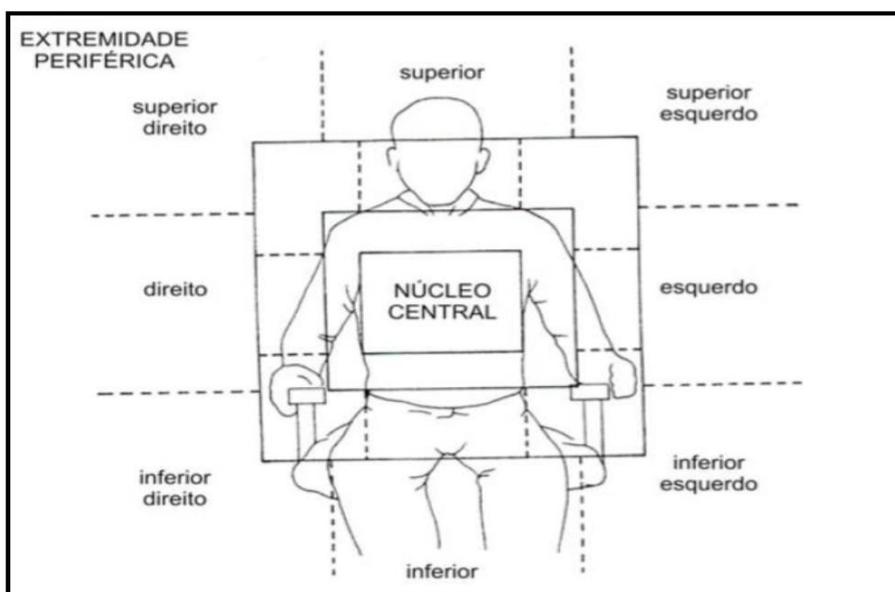
¹⁶ um disco raso na frente do alto-falante meio achatado quando o alto-falante está sentado (Tradução nossa).

parece arbitrária, mas motivada, por exemplo, pode ser orientada para certos elementos da interação em curso e/ou do seu ambiente.

Haviland (1996 apud Galhano-Rodrigues, 2008, P. 87) distingue quatro (4) tipos de espaços gestuais: (1) espaço local: inclui o observável, características do ambiente imediato; (2) espaços narrados (isto é, espaços de referência criados para abranger eventos narrados vistos de alguma perspectiva narrada): são laminadas sobre o espaço local do discurso evento, possivelmente importando as direções cardeais deste último espaço (ou outras características especiais pressupostas) quando relevante; (3) espaço interacional: definido pela configuração e orientação dos corpos dos interagentes e sem os eixos das coordenadas; e (4) espaço interacional narrado: um espaço em que se localiza a interação narrada.

Para Priesters & Mittelberg (2013, p.4), a maioria dos gestos são realizados na frente do corpo dos falantes. Na dimensão profundidade, os espaços gestuais são menos extensos do que nas demais dimensões.

Figura 11 - Quadrantes da divisão utilizados para a descrição e delimitação do uso do espaço gestual dos falantes



Fonte: McNeill (1992, p. 89)

Priesters & Mittelberg (2013, p.1) confirmam que os estilos individuais de gestos e os espaços gestuais das pessoas diferem em vários aspectos, até mesmo eles estando a falar sobre os mesmos assuntos. Ademais, há grande variação em termos de taxa de gestos, as formas

globais e estruturas internas dos espaços gestuais das pessoas mostram perfis idiossincráticos diferentes.

Em relação ao lugar da realização dos gestos, tendo em conta a sua tipologia, McNeill (1992, p. 88), constatou que os gestos icónicos são preferencialmente realizados na zona centro-centro, os metafóricos, abaixo do centro-baixo. Os gestos dêicticos avançam até à periferia e os gestos-ritmados agrupam-se em diferentes pontos.

Contudo, a perspectiva dos quadrantes do espaço gestual possibilita refletir que outros movimentos corporais podem emergir no discurso e podem ser passíveis de análise para verificação de possíveis relações com os outros modos (Lima, 2020, p. 68-69).

b. Espaço interaccional

Espaço interaccional é o espaço formado pela configuração e orientação dos corpos dos participantes na interacção (HAVILAND, 1996; KENDON, 1990 *apud* Galhano-Rodriguês 2008, p. 88-89). O autor acrescenta que este espaço abrange os de projecção (que podem interceptar-se) de acção e de atenção de todos os participantes, e surge devido à interacção que se estabelece entre falante e ouvinte(s) e tem a característica de estar sempre à disposição tanto para gestos de mostraçãõ referencial (gestos dêicticos), como para outros gestos que acompanham a fala (gestos co-verbais), ou seja, os gestos icónicos, metafóricos e batuta (ritmados).

Galhano-Rodriguês (2008, p. 93) acrescenta que no espaço interaccional, os gestos de maior amplitude, isto é, necessitam de mais espaço do que os gestos de pequena amplitude. Ademais, um gesto pode ser articulado em simultâneo em diversos pontos, de modo que produz um movimento articulado em vários eixos - por exemplo, para cima e para frente, ou para cima e para trás. Estas possibilidades de articulação permitem a execução de diferentes coreografias, que se distinguem não só de individuo para individuo, mas também de cultura para cultura, de acordo com hábitos de articulação e/ou uso do espaço gestual.

A autora defende a tese acima com base em diferenças apresentadas por Müller (1998, 2001) quando ele encontrou diferenças nos pontos de articulação dos gestos dos espanhóis e dos alemães: os primeiros tinham como ângulo principal os ombros, os segundos os cotovelos e os pulsos. Consequentemente, os gestos dos alemães são de menor amplitude do que os gestos

dos espanhóis. Além disso, o uso de apenas dois pontos de articulação faz com que o movimento seja menos articulado, com um percurso menos complexo e uma coreografia mais simples.

c. Coreografia dos gestos

Para Galhano-Rodrigues (2008, p. 89-90) o outro aspecto que tem a ver directamente com as formas dos movimentos que, no fundo, originam o espaço gestual é a coreografia dos gestos. Nela, as características dos gestos podem ser estudadas de acordo com diferentes perspectivas: uma que tem a ver com o lugar de realização dos movimentos e outra, com o modo como esses movimentos são feitos, por exemplo, amplitude e tensão dos movimentos.

O autor (ibid, p.92), no seu estudo intitulado “Espaço e gesto: interacções no português de diferentes culturas” apresenta as variáveis consideradas pertinentes nas análises para a descrição dos gestos, tais como:

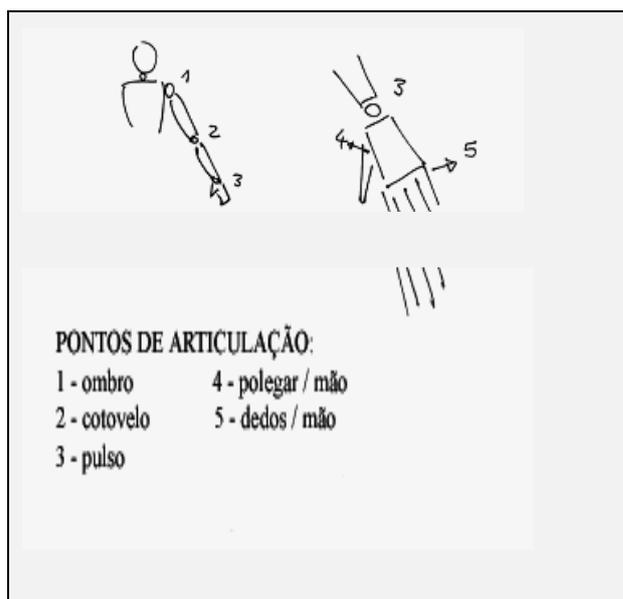
Características dos gestos

- pontos de articulação: ombros, cotovelos, pulsos, dedos, polegar;
- ângulo de articulação e amplitude do movimento;
- forma do movimento: orientação de acordo com um eixo horizontal;
- e um eixo vertical e conforme o cruzamento dos dois eixos;
- tensão/ energia do movimento;
- modalidades participantes (por exemplo, se um movimento da cabeça e/ou do tronco participa na execução dos gestos).

Tipos dos gestos:

- icónicos, metafóricos, dêiticos e batuta/ritmados

Figura 12 - Características dos gestos



Fonte: Galhano-Rodrigues (2008, p.92)

Fases dos gestos

Para além da tipologia gestual característica de uma determinada categoria ou categorias de gestos, Cavalcante (2018, p. 11) afirma que os gestos são compostos de fases gestuais que se organizam em unidades gestuais, em que se estruturam frases gestuais. Assim, uma *unidade gestual* é o intervalo entre descansos sucessivos dos braços, cada unidade é composta por frases gestuais. Segundo Pereira (2010, p. 67), a frase gestual é o que intuitivamente chamamos de *gestos* e consiste até em cinco fases de gestos.

Uma frase gestual é estruturada por cinco fases, de acordo com McNeill (1992, p. 82-83), estas fases são:

(i). Preparação (opcional): é a fase em que a mão se move até uma posição ideal para o golpe. A mão se afasta de uma posição de repouso no espaço gestual onde ela pode começar o curso. O início da preparação mostra o momento em que o conteúdo visoespacial do gesto começa a tomar forma na experiência cognitiva do falante;

(ii). Golpe (obrigatório): é uma ação, a amplitude máxima do esforço no gesto em torno do qual se organizam as outras fases. Esta ação deixa impressões ou efeitos de considerável relevância, muitas vezes sincronizada com o ponto de ênfase prosódica. É a fase do gesto, onde o formulário é semanticamente interpretável. O significado representado por essa fase do gesto é normalmente expresso no discurso;

(iii). Retração (opcional): as mãos retornam para descansar (nem sempre na mesma posição que no início). Não pode haver uma fase de retração se imediatamente o falante se move para um novo golpe e;

(iv). Sustentação: é onde a mão é mantida no ar; na mesma posição há um congelamento, isto é, uma unidade estática chamada não movimento. Esta espera pode ser observada antes do golpe. A sustentação sugere que o golpe e a fala expressos contêm uma unidade de ideia criada antecipadamente, desde o início da fase de preparação.

Estas fases identificadas, na medida em que o gesto ocorre, correspondem à “anatomia gestual”, que é temporal, e o período completo das fases gestuais, do começo da preparação até o final da retração, descreve a duração de um determinado gesto e sua imagem a ele linguisticamente ligada (McNEILL, 2005, p. 29-34 apud PEREIRA 2010, p. 68).

Segundo Pereira (2010, p. 67) na realidade, as categorias *gesto e fase gestual* são apenas instrumentos de análise concebidos para casos empiricamente observáveis, pois as articulações dos braços e das mãos permitem uma grande variedade de movimentos precisos e complexos; qualquer alteração na trajetória é facilmente notada. Mas são ideais porque o gesto nem sempre é tão claro como estas categorias deixam transparecer. Durante a sua execução, está sujeito a alterações de percurso, a interrupções, entre outras.

Os critérios considerados para a identificação e segmentação de uma unidade de movimento segundo Pereira (2010, p. 67) são: (i). a amplitude e a forma da trajetória do movimento e (ii). o tempo de repouso (congelamento) do movimento das partes do corpo (que contrasta com a fase de movimento), são uma unidade estática chamada não movimento.

O fator cultural nas gestualidades

A linguagem gestual, seus usos e significados são considerados culturais por alguns estudiosos. A fala é universal e cultural não é de se admirar que, até então não há relato da existência de uma cultura na qual não haja coexistência entre fala e gestos, dada essa universalidade, a forma como os gestos se materializa no discurso pode variar entre culturas. Várias culturas podem ter gestos com uma mesma configuração, com significados diferentes, bem como numa perspectiva intercultural, um mesmo gesto pode significar duas coisas diferentes (KITA, 2009).

Rector & Trinta (1986 apud Silva I. 2018, p. 63-64) afirmam que o fator cultural, que envolve questões étnicas, geográficas, religiosas, socioeconômicas etc., é um influenciador das manifestações corporais. Certas manifestações corporais, como os emblemas, estão relacionadas a fatores culturais e, podem significar coisas completamente opostas de cultura para cultura. O que para uma cultura pode significar algo natural e muitas vezes indispensável para uma boa relação interpessoal, para outra pode ter uma interpretação de desrespeito ou falta de bons modos. Os autores explicam que o mesmo gesto ou gestos semelhantes podem traduzir mensagens diversas, o que se pode chamar de polissemia gestual.

Perira (2010, p.35) acrescenta que este uso por alguns grupos culturais é mais frequente do que em outros e esta variação da quantidade da gesticulação constitui um fator cultural. Isto se dá porque diversas partes do corpo humano são solicitadas de forma diferenciada, de acordo com as demandas da vida individual e social. Este processo incute regras, condutas, estipula ideais a serem alcançados, o que acaba por refletir não apenas uma singularidade individual, mas alcança características de um grupo. Esta cultura pode ser entendida como local, nacional ou global.

O autor acrescenta que os exemplos das diferenças dos repertórios gestuais entre culturas são as diferenças de ritmo, prosódia, os movimentos das mãos, contato visual e expressões faciais que acompanham o discurso entre um britânico e um italiano, japonês ou francês. Dentro de cada uma destas culturas, as diferenças entre indivíduos no uso de gestos podem ser regionais, limitadas a determinados grupos sociais dentro da cultura, e variam em particularidades (como velocidade, repertório, etc.), portanto, todos mesmo inconscientemente, desenvolvemos características corporais em relação a forma e movimento, de acordo com o nosso contexto social, histórico familiar, experiências motoras e emocionais e nossa bagagem cultural.

O fator cultural, que envolve questões étnicas, geográficas, religiosas, socioeconômicas etc., é um influenciador das manifestações corporais. Por isso, vale lembrarmos que a relação entre um gesto e a mensagem que ele pretende passar nem sempre é simples ou unilateral (RECTOR; TRINTA, 1986 apud Galhano-Rodrigues, 2008). Para Cavalcante (2021, p.249) como há variedade na produção de fala, os gestos também variam culturalmente.

De acordo com Pereira (2010, p. 35), as consequências das características culturais apresentadas por alguns gestos deste repertório, principalmente os das mãos (gestos

simbólicos), podem ter radicalmente interpretações diferentes variando de cultura para cultura, ou nenhum conjunto de interpretação, dependendo da cultura do receptor. A partir dessa diferença cultural dos gestos, o autor mostra-nos dados de estudos interculturais, onde identificou único gesto de mão, o gesto “OK”, realizado através da ponta do polegar toca a ponta do indicador, formando um círculo, pode ter um significado muito diferente em contextos culturais diversos, transformando-se de elogio a gesto altamente ofensivo. Por exemplo, nos Estados Unidos, este gesto significa que “está tudo certo, positivo”, porém é “considerado um insulto” em muitos países da América Latina, incluindo o Brasil, Turquia e Rússia. Já para o francês, o gesto significa apenas “zero” ou “sem valor”.

Para Martinez-Ruiz (2009, p. 2) o significado cultural de um gesto pode ser específico do contexto, de modo que um sinal feito durante a interação na rua pode implicar um significado diferente ou mais profundo se usado durante o culto dentro de uma igreja ou entre membros de uma igreja. uma fraternidade religiosa.

Em torno das diferenças linguísticas entre as línguas, Cavalcante *et al.* (2021, p. 250) apoiando-se em Pederson *et al.* (1998) afirmam que influencia a variação intercultural dos gestos que está diretamente ligado às diferenças linguísticas, uma vez que idiomas têm diferentes recursos lexicais e sintáticos. A forma como o enunciado se organiza sintaticamente e os recursos lexicais disponíveis e selecionados influenciam, de forma direta, a produção gestual.

De acordo com Martinez-Ruiz (2009, p. 3) no seu estudo “Linguagem corporal atlântica do Kongo” os residentes de Mbanza Kongo conceptualizam o gesto de três maneiras, todas definidas em termos de comunicação e são essencialmente diferenciadas pelo receptor da referida comunicação com base no contexto cultural e na função social em que o gesto é realizado que são:

- A primeira categoria de gesto chama-se *Ndinga dia Nitu*, que significa literalmente linguagem corporal usada na comunicação diária entre pessoas nas cidades, aldeias ou ao longo das estradas. A expressão estética é muito importante para este tipo de gesto. A estética gestual refere-se a uma tradição narrativa, que enriquece a cultura literária, e representa o mundo mítico através de gestos simbólicos.
- A segunda categoria é *Bisinsu diaKinkulu*, e implica comunicação com espíritos, ancestrais e mais velhos. De maior importância esta categoria é o conhecimento

metafísico e filosófico e a forma como estes são usados para instrução através da iniciação, para transmissão de notícias, ordens e informações orais. histórias, e para envio de relatos de evidências espirituais. Os gestos tornam-se uma forma de escrita espacial complementada por sons, frases ou ritmos secretos que, quando usados na performance ritual, invocam poderosas forças espirituais da natureza e do cosmos. Essa forma de comunicação também tem função educativa entre os praticantes, o que permite o enriquecimento do conteúdo.

- A terceira categoria é chamada *Dumuka*. Não exatamente definível como gesto tradicional, este tipo de expressão corporal envolve movimentos físicos mais amplos. *Dumuka* significa saltar alto o suficiente para alcançar os antepassados, pedir orientação espiritual e receber sabedoria.

Martinez-Ruiz (ibid, p. 3) afirma que os gestos são inegavelmente um produto da necessidade cultural de expressar o que as palavras por si só não conseguem. Tal como outros produtos comunicativos, como histórias ou canções, os gestos implicam um processo no sentido de que os atos são realizados, criados através de uma série de movimentos aprendidos por cada geração sucessiva. Além disso, cada geração subsequente, dentro das suas circunstâncias históricas e sociais únicas, codificará e acrescentará significado aos gestos que herda, refletindo e impactando simultaneamente o desenvolvimento cultural e permitindo a reinterpretação da sua experiência.

Segundo Kita (2009) existem quatro fatores que influenciam a variação transcultural dos gestos, nomeadamente:

- convenção, específica de cada cultura, para associações de forma-significado;
- cognição espacial específica de cada cultura;
- diferenças linguísticas, uma vez que idiomas têm diferentes recursos lexicais e sintáticos e;
- a pragmática gestual específica de cada cultura.

Em torno dos gestos na língua portuguesa, Morgado e Brito (2019, p. 63-66), advogam que a língua gestual portuguesa (de sinais), tem o sujeito realizado em frases afirmativas, e tem pronomes fortes e fracos, altamente dependentes quer da posição sintática quer dos tipos sintáticos de verbos: com verbos simples a realização pronominal ocorre com pronomes independentes do verbo e fortes, quando deíticos e anafóricos, realizam-se por pronomes

independentes, tendencialmente fracos; com verbos de concordância, o tipo de movimento morfossintático do verbo e o uso do espaço sintático a ele associado permitem-nos concluir que há realização de pronomes dependentes e fracos.

Como se pode depreender o que foi dito acima pelos autores correlação aos gestos e fala, mostram-nos que cada cultura tem um conjunto distinto de gestos convencionalizados de outras culturas, pelo facto de cada língua possuir a sua gramática e também a língua para além de ser um instrumento de comunicação, ela transporta consigo os seus valores culturais. Isso faz com que se registre variação de representação gestual em diferentes línguas. Neste diapasão, observamos as peculiaridades dos aspectos multimodais da oralidade nas línguas portuguesa e *ndawu*.

3. METODOLOGIA

3.1. Delineamento da pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida em Moçambique¹⁷, na província de Sofala¹⁸, concretamente na cidade da Beira. A cidade da Beira tem um universo de 592.090 habitantes, dos quais 295.362 homens e 296.728 mulheres (INE 2019, p. 18-22). De acordo com INE (2008), Beira é a cidade capital da província de Sofala, localizada no centro da costa do oceano Índico e dista cerca de 1190 km da capital do país, Maputo. Beira é uma cidade portuária no Canal de Moçambique, com 26 bairros, tem uma área de 633 km², e uma altitude média de 14 metros acima do nível do mar e está situado nas coordenadas 19° 50' sul e 34° 51' leste.

Limites da cidade Beira:

- **Norte** - distrito de Dondo;
- **Sul** - distrito de Búzi;
- **Este** - Oceano Índico e;
- **Oeste** - distrito de Dondo;

A escolha deste campo, deveu-se ao facto de ser um dos locais onde se falam as línguas portuguesa e *ndawu*.

¹⁷ Moçambique está localizado no continente africano, mais precisamente na região da África Oriental, ao sudeste do continente, possui uma extensão territorial de aproximadamente 799.380 Km², faz fronteira com 6 países sendo eles a África do Sul, Eswatin (antiga Suazilândia), Malawi, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue. Sua Capital é Maputo, possui como idioma oficial o Português e tem como moeda oficial o Metical (cf. WELLINGTON SOUZA SILVA; disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/mocambique/>) acessado no dia 04 de jul. 2023

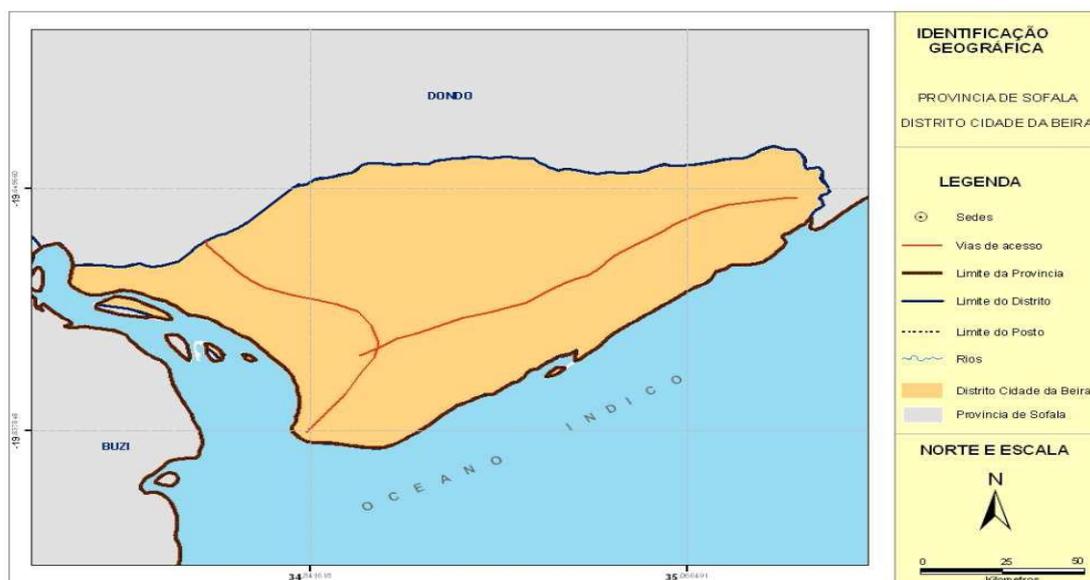
¹⁸ Localiza-se na zona centro do país.

Figura 13- Mapa da província de Sofala



Fonte: www.municipiobeira.gov.mz (acessado em: 22:39h do 04 Julho de 2023)

Figura 14 - Mapa da Cidade da Beira



Fonte: INE (2019)

3.2. Tipos de pesquisa

De acordo com Gerhardt & Silveira (2009) as pesquisas podem ser classificadas quanto, a abordagem, aos objetivos e aos procedimentos. A presente pesquisa quanto a abordagem/enfoque é qualitativa, quanto aos objetivos é descritiva-exploratória e quanto aos procedimentos é pesquisa de campo.

3.2.1. Pesquisa qualitativa

De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013), a pesquisa qualitativa utiliza a coleta de dados sem mediação numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Ademais, ela admite a subjetividade e poucos sujeitos são envolvidos porque a intenção não é necessariamente generalizar os resultados do estudo.

Este tipo de pesquisa tem um carácter exploratório, por estimular os entrevistados a pensarem e a falarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. A pesquisa qualitativa permite que se tenha um ambiente natural como fonte direta de dados e o investigador como instrumento fundamental (DA CAMARA, 2018).

A presente pesquisa é qualitativa porque nela analisamos, interpretamos e descrevemos os nossos dados sem nos preocuparmos com dados numéricos. O nosso interesse não é descrever quantos falantes de Português e *ndawu* fazem as generalizações dos gestos e fala (convergência e divergência), mas sim analisar como as crianças falantes de duas línguas diferentes, Português e *Ndawu* em Moçambique conciliam os gestos e a fala durante a produção de gêneros orais, receita culinária, relato de experiências e autobiografia.

3.2.2. Pesquisa descritiva-exploratória

Segundo Gil (2008, p. 28), pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Dentre elas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc. e vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Ela envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o problema. No caso desta pesquisa, descrevemos se existem divergências e convergências entre as produções gestuo-vocais do mesmo gênero realizados pela mesma criança em português e em *Ndawu*; e mapeamos os tipos de gestos mais frequentes na produção desses gêneros orais.

3.2.3. Pesquisa de campo.

É o lugar onde acontecem os fatos e fenômenos. Esta pesquisa recolhe os dados *in natura*, como percebidos pelo pesquisador, normalmente faz-se por observação direta, levantamento ou estudo de caso (SANTOS,1999). Para Gil (2008, p. 57), os estudos de campo procuram o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Nele estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Ele tende a utilizar técnicas de observação do que de interrogação e caracteriza-se pela coleta de dados junto de pessoas. A presente pesquisa foi desenvolvida na cidade da Beira, nos quarteirões 23 e 24 do 21º bairro – Ngupa, posto administrativo de Inhamizua; 19º bairro (Mphatwe) e quarteirão 5 da Manga-Mascarenha, posto administrativo de Manga-Loforte, por último no 9º bairro (Munhava Central), 10º bairro (Mananga), 11º bairro (Vaz), 12ºA (Chota) e 12ºB (Maraza), posto administrativo de Munhava.

3.3. Amostra

Em todos os trabalhos de pesquisa é pertinente que se procure um universo, população e, por último, a amostra deste universo. Varão, Batista e Martinho (2006) diferencia esta triangulação da seguinte maneira, universo é o conjunto total de sujeitos que partilham ou apresentam características comuns; população é o conjunto total de sujeitos que partilham ou apresentam características comuns de uma determinada área e por fim, amostra é a representação de sujeitos de uma determinada população com características relevantes para o estudo. A relação população e a amostra, pode ser igualmente encontrada em Thopmson (2012). De acordo com este autor, a população é o conjunto de todas as unidades para o qual queremos obter informações ou fazer inferências e a amostra é o subconjunto de unidades da população que selecionamos para medir ou observar, de modo que seja possível estimar alguma coisa sobre toda a população.

Para Silva (2019) amostra é um conjunto de dados coletados, ou selecionados de uma população estatística por um procedimento definido. Os elementos de uma amostra são conhecidos como pontos amostrais, unidades amostrais ou observações. A amostra geralmente representa um subconjunto de tamanho manejável, elas são coletadas e estatísticas são calculadas a partir das amostras, de modo que se possam fazer inferências ou extrapolações da amostra à população. A amostra de dados pode ser retirada de uma população “sem reposição” (nenhum elemento pode ser selecionado mais de uma vez na mesma amostra), no caso em que

a amostra é um subconjunto de uma população, ou “com reposição” (um elemento pode aparecer múltiplas vezes em uma amostra), no caso em que a amostra é um multisubconjunto.

Fora dos termos acima, Thompson (2012) apresenta um termo que se deve ter em conta, a amostragem, o qual se trata de um processo onde se obtém amostras. Uma amostragem é a seleção de pessoas de uma população para se fazer um estudo e caracterizá-la de uma forma geral. Como se refere Silva (2019) é importante não confundir população com amostra. A população refere o conjunto de pessoas ou itens dos quais se quer deduzir, uma amostra refere-se a um subconjunto de pessoas dessa população que fora coletado a fim de fazer uma análise. As amostras são importantes para o levantamento de dados, já que nem sempre é possível analisar uma população toda.

Segundo Henriques (2012), existe dois grandes tipos de métodos de amostragem, nomeadamente: método de amostragem probalística, também designada aleatória ou casual e método de amostragem não probabilística também chamada não aleatória ou não casual.

Na seleção da nossa amostra adoptamos o método de amostragem aleatória/probalística, concretamente a estratificada e por acessibilidade. Segundo Varão et al (2006), a amostragem aleatória estratificada ocorre quando se conhecem as características da população relacionadas com as variáveis que se pretendem estudar e na amostragem aleatória por acessibilidade, segundo Gil (2008), o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo, é menos rigoroso de todos, é isento de qualquer rigor estatístico e aplica-se em estudos descritivos, exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.

3.3.1. Corpus da pesquisa

Participaram da pesquisa 21 crianças bilingues (falantes de português e *ndawu*), residentes na cidade da Beira, com idades compreendidas 09 a 12 anos de ambos os sexos. Destes dados coletados foram selecionadas 06 crianças que compuseram o nosso corpus de amostra para discussões e análises, como se ilustra na tabela abaixo:

Tabela 3 - Corpus da pesquisa

Criança	Gêneros em Português			Gêneros em Ndawu		
	Receita culinária	Relato de experiência	Autobiografia	Receita culinária	Relato de experiência	Autobiografia
C1	1	1	1	1	1	1
C2	1	1	1	1	1	1
C3	1	1	1	1	1	1
C4	1	1	1	1	1	1
C5	1	1	1	1	1	1
C6	1	1	1	1	1	1
Total	6	6	6	6	6	6
	36					

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

O quadro acima descreve detalhadamente a distribuição dos dados que compõem o nosso corpus.

3.4. Métodos

De acordo com Rampazzo (2002), método é o conjunto de etapas, ordenadamente dispostas, a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência, ou para alcançar determinado fim. Este pensamento é partilhado por Andrade (1993) para quem método é um conjunto de procedimentos, os quais são percorridos visando à criação de conhecimento.

Para Chauí (1994), método significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa. Olhando para às definições acima, chegamos à conclusão de que método é um conjunto de procedimentos gerais, baseados em princípios lógicos, que podem ser empregues em várias ciências com a finalidade de indicar o modo de agir para se alcançar um objetivo preconizado. Durante a realização da nossa

pesquisa recorreremos três métodos, nomeadamente: indutivo, filológico/pesquisa bibliográfica e entrevista.

3.4.1. Método indutivo

Para Gil (2008), o método indutivo parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. Nele, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade. Nesse método, parte-se da observação de factos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer. Este método consistiu na análise de nossos dados específicos, neste caso, a matriz multimodal gestual-verbal a partir de vídeos de crianças falantes de português e *ndawu* que nos levaram a generalizar os nossos resultados de pesquisa.

3.4.2. Filológico/ pesquisa bibliográfica

Marconi e Lakatos (2003), advogam que este tipo de pesquisa se realiza através de uma fonte secundária de material que abrange toda bibliografia tornada pública em relação ao tema em estudo, constituído principalmente de livros, artigos periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet. No presente estudo, fez-se o mapeamento de fontes que abordam temas similares ao nosso sobre a matriz multimodal gesto-verbal, o que nos fez refletir sobre o que está escrito? como está escrito? Quem escreveu? E por último o quadro teórico que usamos na discussão e análise do nosso corpus.

3.4.3. Entrevista semiestruturada

De acordo com Ruiz (1996) a entrevista consiste no diálogo com um informante, com o objetivo de colher dados relevantes para uma determinada pesquisa. Nesta pesquisa, foram realizadas 21 entrevistas (126 vídeos), semiestruturadas com crianças falantes das duas línguas. As entrevistas decorreram ao ar livre (ambiente naturalístico) em casa das crianças, individualmente, na presença dos pais, ou encarregados de educação e secretários dos bairros, unidades, quarteirões e o pesquisador.

Durante as entrevistas, os participantes ficavam em pé olhando para a câmara do telemóvel de marca Samsung, F12 e não houve fatores determinantes para a execução dos tais gêneros, por exemplo: tempo limite, especificações para a narrativa, interrupções, dicas por parte do pesquisador. Tais ações foram elaboradas com a finalidade de registrar o ato com a menor interferência possível. Também, não houve interferências externas como falta de

bateria ou memória do dispositivo, força elétrica (falta de energia) ou interrupções por terceiros. A gravação em vídeo é uma das ferramentas mais adequadas para trabalhos multimodais que buscam investigar aspectos da língua que envolvem recursos da fala e dos gestos.

3.5. Aspectos éticos

De acordo com Dos Santos (2011) na pesquisa, a ética não foge aos parâmetros gerais, possuindo também os próprios pilares, disputas e transgressões. O autor acrescenta que o pesquisador ao exercer as suas atividades científicas, sempre deve visar contribuir para a construção coletiva da ciência como um patrimônio coletivo, deve abster-se de agir, intencionalmente ou por negligência, de modo a impedir ou prejudicar o trabalho coletivo de construção da ciência e a apropriação coletiva de seus resultados. É essa parte da ética profissional do cientista que remete a expressão “integridade da pesquisa”.

O corpus da presente pesquisa faz parte do projeto Gesto e fala de crianças: acervo de dados intercontinentais aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba CSS/UFPB-CAAE: 42841521.0.0000.5188. O nosso projeto de pesquisa foi submetido ao Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba CSS/UFPB- CAAE: 69256023.7.0000.5188 no dia 13 de Abril de 2023 com o número do comprovante: 044297/2023. Aquando da sua submissão, usamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) do LAFE autorizado¹⁹ no dia 28 de Março de 2023 pelas coordenadoras do projeto, Profa. Dra. Evangelina M. B. de Faria e Profa. Dra. Marianne C. B. Cavalcante a fazer uso dos corpora do LAFE, referente ao projeto GESTO E FALA DE CRIANÇAS: ACERVO DE DADOS INTERCONTINENTAIS. Nesta senda, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba CSS/UFPB, do dia 29 de Maio de 2023, através do parecer número 6.086.011²⁰.

¹⁹ Ver anexo I

²⁰ Ver anexo II

3.6. Procedimentos de coleta dos dados

²¹ *Quadro 11 - Dados detalhados dos participantes da pesquisa*

Dados das Crianças		Item observado
Cleusa da Gloria Almeida Wache	Idade:09 anos Sexo: feminino Classe: L1: português L2: Ndawu	gesto e fala
Celina Inácio Tomás	Idade:10 Sexo: Feminino Classe: 5 ^a L1: Ndawu L2: Português	gesto e fala
João Maduwaje António Chikwembo	Idade:11 anos Sexo: Masculino Classe:7 ^a L1: Ndawu L2: Português	gesto e fala
Fernando Manuel	Idade:12 anos Sexo: Masculino	

²¹ **LEGENDA:** C- criança; RC-Receita Culinária; RE- Relato de Experiência; AB- Autobiografia; LM- Língua Materna; L2- Língua Segunda; X- confirmação dos gêneros coletados.

	Classe: 7 ^a L1: Ndawu L2: Português	gesto e fala
Rosa	Idade: 12 anos Sexo: Feminino Classe: 5 ^a L1: Ndawu L2: Português	gesto e fala
António Manuel	Idade: 12 anos Sexo: Masculino Classe: 5 ^a L1: Ndawu L2: Português	gesto e fala

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O quadro acima descreve detalhadamente os dados dos seis (06) participantes selecionados que serviram de amostra na pesquisa.

Os procedimentos metodológicos usados durante a coleta de dados que compõe o nosso corpus de amostra e posterior discussões e análises, iniciaram em 22 de Dezembro de 2023 e concluídos em Abril de 2024 subdividido em 09 etapas, desde a submissão do pedido de autorização ao Conselho Municipal da Beira (CMB) para a realização da pesquisa até discussões e análises de dados.

Esquema 8 - Etapas da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

3.6.1. Descrição das etapas da pesquisa

Etapa 1:

Esse procedimento começou no dia 22 de dezembro de 2023 com a submissão de requerimento dirigido ao Presidente do Conselho Municipal da Beira pedindo autorização para a realização da pesquisa naquela urbe, como forma de evitar a proibição das atividades pelas estruturas locais. Passado um mês, obtivemos a resposta do documento com o teor “parecer favorável” do presidente com a recomendação de irmos à vereação que zela pela área de educação.

Não obstante, no mesmo dia dirigimo-nos ao tal sector, onde fomos informados da entrada do documento com o teor acima mencionado. No dia 26.01. 2024 tivemos encontro com a vereadora do pelouro da educação, onde explicamos os objetivos da pesquisa e os postos administrativos que queríamos trabalhar.

Posto isso, a vereador emitiu o seu parecer também favorável ao presidente do município para ele dar o despacho final. Despacho esse que deu entrada na secretária geral do município no dia 29.01.2024. Volvidos duas semanas, isto é, no dia 15.02, dirigimo-nos a SG do CMB para nos inteirmos do despacho final, que até aquela data não tinha sido emitido.

Depois de 5 dias, voltamos a SG e tivemos a mesma informação. Visto que o documento não saia, marcamos audiência com o chefe da SG do CMB que ordenou aos funcionários a procurarem e se inteirarem do paradeiro do documento. Uma semana depois, voltamos a ter encontro com o chefe da SG, mais uma vez não tivemos sucessos.

Depois de dois encontros com o chefe da SG sem sucesso, marcamos audiência com o chefe das relações públicas do município, onde expusemos a nossa preocupação, este levou o nosso protocolo e disse-nos para voltarmos dentro de 3 dias. Depois deste período, voltamos e não tivemos sucesso. O chefe das relações públicas mais uma vez, pediu-nos para voltarmos no dia 05 de março. Chegado esta data, voltamos ao município, onde com o chefe das relações públicas dirigimo-nos a secretária do presidente e de lá tivemos a informação que o documento não tinha dado entrada, e como forma de não perder tempo, fomos orientados a fazer outro requerimento com o mesmo teor. Volvidos 3 dias, tivemos o despacho final que nos autorizava a realizar a pesquisa, que foi partilhado com todos os chefes dos postos administrativos da Cidade da Beira.

Seguiu-se a elaboração do plano de marcação e apresentação aos Postos Administrativos de acordo com o quadro abaixo, após autorização de todos os chefes administrativos da Cidade da Beira.²²

Quadro 12 - Plano de apresentação aos Postos Administrativos

Postos administrativos					
Munhava		Manga-Loforte		Inhamizua	
Data	Horas	Data	Horas	Data	Horas
11.03.2024	09h	12.03.2024	09h	14.03.2024	09h

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Etapa 2:

O primeiro posto a ser escalado foi da Munhava no dia 11 de março de 2024, seguido o de Manga-Loforte no dia 13 de março e por fim o de Inhamizua no dia 14 de março, todos as

²² Autorização das autoridades da Beira, Moz – Anexo III

mesmas horas (09h). Os atendimentos em cada um desses postos, obedeceu às suas horas, desta feita na Munhava fomos atendidos as 09h:30; Manga-Loforte, 12h e Inhamizua, 14h.

Nos encontros que tivemos com os chefes dos postos, contextualizamos o teor da nossa pesquisa, indicação dos bairros que se falam as duas línguas e elaboração do plano das atividades que começou com a marcação de um encontro com os secretários dos bairros, conforme o quadro abaixo.

Quadro 13 - Horário de encontro com os secretários dos bairros

Postos administrativos					
Munhava		Manga-Loforte		Inhamizua	
Data	Horas	Data	Horas	Data	Horas
15.03.2024	11h	18.03.2024	11h	18.03.2024	14h

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Etapa 3

Nesses encontros, socializamos, contextualizamos e difundimos a nossa pesquisa aos secretários dos bairros e esclarecimentos de algumas dúvidas e inquietações que foram levantadas pelos participantes.

Em seguida traçamos as metodologias de trabalho de pesquisa em cada bairro, onde por unanimidade se delegou aos secretários dos bairros a fazerem a réplica do que foi abordado aos secretários das unidades e dos quarteirões, em seguida identificarem crianças de 06 a 12 anos falantes de português e *Ndawu* nos seus quarteirões e unidades e aos pesquisadores coube a tarefa de elaborar o cronograma das atividades em cada bairro, conforme o quadro abaixo.

Quadro 14 - Cronograma das atividades de pesquisa por cada bairro

Postos Administrativos								
Munhava			Manga-Loforte			Inhamizua		
1ª fase			1ª e 2ª fases			1ª e 2ª fases		
Data	P. dia	Bairro	Data	P. dia	Bairro	Data	P. dia	Bairro
19.03	Manhã	Munhava Central	26.03	Manhã	Mphatwe	29.03	Manhã	Nkhupa-23
	Tarde	Vaz		Tarde	Mascarenha		Tarde	Nkhupa-24
20.03	Manhã	Chota	27.03	Manhã	Mascarenha	01.04	Manhã	Nkhupa-24
	Tarde	Maraza		Tarde	Mphatwe		Tarde	Nkhupa-23
21.03	Manhã	Mananga	28.03	Manhã	Mphatwe	02.04	Manhã	Nkhupa-23
				Tarde	Mascarenha		Tarde	Nkhupa-24
2ª fase								
21.03	Tarde	Munhava Central						
22.03	Manhã	Maraza						

	Tarde	Chota						
25.03	Manhã	Vaz						
	Tarde	Mananga						

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O cronograma das atividades acima foi partilhado com os chefes dos postos administrativos, secretários dos bairros e estes com os chefes das unidades e dos quarteirões.

A estratégia da divisão das atividades em duas fases e dois períodos era para termos acesso à todas as crianças porque elas são alunos que frequentam turnos diferentes (manhã e tarde) e não tomarmos todo o dia dos nossos guias e por último não ser cansativo para eles. Na 1ª fase, no período de manhã trabalhamos com as crianças que estudam no período da tarde com as que estudam de manhã. Na 2ª fase invertemos o cenário em cada bairro, onde trabalhamos de manhã, fomos no período da tarde e onde trabalhamos a tarde fomos de manhã, isso garantiu-nos o acesso das crianças de ambos os períodos.

Etapa 4

Esta etapa começou com a apresentação aos chefes dos bairros e estes direcionaram-nos aos chefes das unidades e dos quarteirões identificados, onde tinha crianças falantes das duas línguas. Com os chefes das unidades e quarteirões tivemos uma breve recapitulação e contextualização da nossa pesquisa. Após este processo, seguimos à casa das crianças por eles identificadas.

Na residência dos entrevistados mantivemos uma conversa com os pais e encarregados de educação para os contextualizarmos acerca da nossa pesquisa, apresentação e entrega do TCLE²³ para assinarem e procurar saber se preferiam ocultar os nomes e a caras dos seus filhos durante as discussões e as análises dos dados.

Posto isso, permitiram-nos que fizéssemos o trabalho com os seus filhos nas suas residências, antes de filmarmos tivemos uma breve conversa com os nossos participantes. Nelas procuramos saber se sabiam cozinhar, o que mais gostavam de cozinhar e se podiam contar um

²³ Ver anexo IV

pouco como se prepara o tal prato favorito; o que fazem quando acordam e por último falarem um pouco da si, seu nome completo, nome dos seus pais, a escola onde estudam, etc. O propósito desta conversa era para os participantes se familiarizarem com a atividade e não terem receio de contar tudo o que sabem.

Depois da conversa seguiu-se a fase de filmagem e coleta dos dados, onde foram elaboradas consignas orais, que consistiam em: 1) “primeiro, informe o seu nome, classe (ano escolar), escola e idade, nome dos seus pais, com quem vive e os seus nomes; 2) “conte uma receita culinária que você conhece ou relato de uma experiência/história da vida em português ou *ndawu*”; 2) “agora, conte a mesma receita culinária, ou autobiografia e ou experiência da vida em *ndawu* ou português”, e em ambas as situações se aplicou a 3) “pode começar”, como sinal para autorizar a iniciar a gravação. Sendo assim, os participantes eram livres de escolherem o que contarem primeiro e a língua usada, todos os registros seguiram a mesma sequência, com algumas pausas e repetições de gravações.

Etapa 5

Os vídeos gravados durante as filmagens a partir do telemóvel de marca Samsung F12 foram transferidos e armazenados no Computador (laptop) de marca hp, itel, core i7 8th Gen. Nele foi criado uma pasta designada “gêneros orais, onde para cada gênero foi também criado uma pasta de acordo com a língua, isto é, receita culinária (português e *ndawu*), autobiografia (português e *ndawu*) e relato de experiência (português e *ndawu*).

Dentro dessas pastas, criamos uma específica de cada criança, que continha também três pastas distintas, receita culinária, autobiografia e relato de experiência, todas nas duas línguas (português e *ndawu*). Depois desta organização, os vídeos foram convertidos em Mp4 guardados para a seleção e transcrição no ELAN.

Etapa 6

Este procedimento começou com a codificação dos nomes de cada vídeo dos participantes pelos pesquisadores. Cada vídeo da criança foi identificado por um código como:

C²⁴1-RP²⁵, C1-RN²⁶, C1-ABP²⁷, C1-ABN²⁸, C1-REP²⁹, C1-REN³⁰; C2-RP, C2-RN, C2-ABP, C2-ABN, C2-REP, C2-REN; C3-RP, C3-RN, C3-ABP, C3-ABN, C3-REP, C3-REN; C4-RP, C4-RN, C4-ABP, C4-ABN, C4-REP, C4-REN; assim em diante até completar todos os vídeos. Após este processo, assistimos aos vídeos e descartamos os que não tinham a qualidade desejada em termos de sons, isto é, os que não se percebiam absolutamente nada devido ao ruído externo durante as gravações.

Em seguida, transcrevemos todos os códigos no papel, dobramo-los e colocamo-los em seis (6) caixinhas de acordo com cada gênero e língua, onde foi realizado um sorteio. O pesquisador foi quem mexeu e retirou os papelinhos um por um de cada vez, que só foi interrompido quando completamos o número da nossa amostra que é de 6 crianças por cada gênero.

Etapa 7

A transcrição dos nossos vídeos e análise da pauta gestual-vocal foi por meio do *software ELAN (Eudico Linguistic Annotator)*, versão 6.5, com o volume e velocidade 80. Segundo Almeida (2018) e Bezerra; Silva e Cavalcante (2016), *ELAN*, é um *software* de transcrição de dados que foi desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics* na Holanda. Este *software* é disponibilizado livremente na internet, podendo ser baixado para Windows. A partir dele, pode-se criar anotações, editar textos, visualizar vídeos, realizar anotações através de dados de áudio e vídeo, simultaneamente. O *ELAN*, permite uma análise linguística completa, podendo englobar, além da fala, transcrições de gestos, olhar, expressão facial, entre outros, promovendo, assim, uma análise dos elementos multimodais. A transcrição e anotações das análises linguísticas em linhas é denominada trilhas.

As transcrições e anotações no *ELAN*, obedeceram aos seguintes momentos:

(i). abertura do *software ELAN* e transferência dos vídeos;

²⁴ C- Criança; C1- criança 1; C2- criança 2; sucessivamente;

²⁵ Receita em português

²⁶ Receita em *ndawu*;

²⁷ Autobiografia em português

²⁸ Autobiografia em *ndawu*

²⁹ Relato de experiência em português

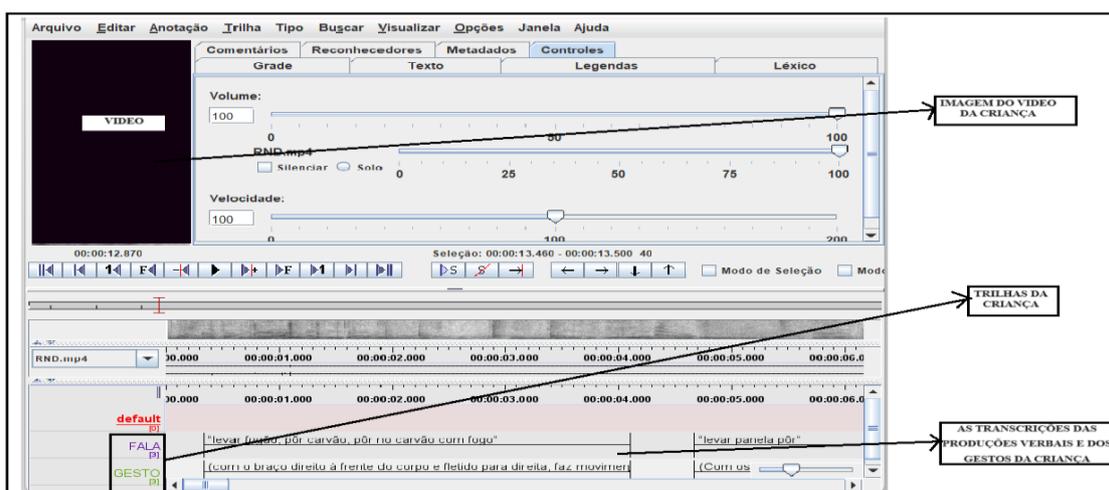
³⁰ Relato de experiência em *ndawu*

(ii). indicação das trilhas, criamos duas trilhas (gesto e fala). Primeiro criamos a de fala, atribuímos o nome a trilha, o nome do participante e o de anotador, o mesmo procedimento aconteceu com a segunda trilha de gesto;

(iii). diminuição do volume e da velocidade para 80;

(iv). Transcrições e anotações dos vídeos foram realizadas ao mesmo tempo em que a mídia era reproduzida. Durante as transcrições, realizamos pausas, repetições para realização das anotações; como se ilustra na figura abaixo.

Figura 15 - Estrutura do ELAN e seus elementos de edição



Fonte: Adaptado pelo autor (2024) a partir das transcrições no software ELAN

Na figura acima, ilustramos com base das trilhas, os momentos em que a fala (produção vocal) e os gestos durante a explanação da criança, mostrando-nos a indissociabilidade dos elementos multimodais (fala e gesto) que analisamos neste trabalho. Também se observa que o ELAN não apresenta somente a barra de ferramentas, mas sim, outros elementos acessórios para os momentos de transcrição e análise, como: “play” para ver o vídeo sem pausas, “play” para o modo de repetição constante, setas para voltar ou acelerar a passagem do vídeo, entre outros (BEZERRA; SILVA e CAVALCANTE, 2016).

Nas transcrições usamos alguns sinais gráficos que representam e marcam cada trilha e elementos observados, o momento do início e término de cada trecho com os elementos multimodais. Os sinais gráficos que usamos, estão apresentados no quadro abaixo.

Quadro 15 - Sinais gráficos usados nas transcrições

Sinais	Nomenclatura	Significados
“ ”	Aspas	Usados para marcar o início e o término da produção vocal
()	Parênteses	Usados para marcar as produções gestuais no início e no fim de cada ação.
...	Reticências	Usadas para marcar o prolongamento das produções vocais

Fonte: Polia (2018, p. 92)

(v). Análise individualizada das especificidades de cada elemento da interação nas trilhas através da *grade*; O tipo de *grade* escolhido foi, múltiplas trilhas com associação simbólica que continha, anotação, tempos inicial e final, e a duração, como se ilustra na figura abaixo.

Quadro 16 - *grade* individualizada da produção vocal

Comentários Reconhecedores Metadados Controles					
Grade		Texto	Legendas	Léxico	
FALA					
>	N.	Anotação	Tempo inicial	Tempo final	Duração
	1	"levar fogão, pôr carvão, pôr no carvão com fogo"	00:00:00.340	00:00:04.110	00:00:03.770
	2	"levar panela pôr"	00:00:04.670	00:00:08.590	00:00:03.920
	3	"(...)lavar cacana (...)"	00:00:09.720	00:00:12.390	00:00:02.670

Fonte: Extraído das transcrições das análises no Software ELAN pelo autor (2024)

A *grade* da trilha acima é referente a fala de uma das crianças, nela permite-nos perceber as anotações de produção de fala da criança, o tempo inicial, o tempo final e a duração de uma determinada produção vocal dela (criança).

Etapa 8

De acordo com Teixeira (2003), o ciclo de pesquisa compreende três momentos: (i). fase exploratória, onde são interrogados aspectos relacionados com o objecto de pesquisa, os pressupostos, as teorias, a metodologia apropriada e as questões operacionais necessárias para desencadear o trabalho de campo; (ii). trabalho de campo, onde se combinam várias técnicas de

recolha de dados, como entrevistas, observação, pesquisa documental e (iii). fase de tratamento de dados coletados, subdividido em: ordenação, classificação e análise.

A presente pesquisa por ser de natureza descritiva-exploratória, os dados colectados a partir da filmagem de vídeos foram organizados por categoria de cada gênero oral e língua (português e ndawu) e cada criança foi codificada, obedecendo 6 momentos a saber:

- i. Discussão e análise dos dados de forma separada em cada gênero e língua, onde analisávamos primeiro uma língua em cada gênero, terminado analisávamos o mesmo gênero em outra língua.
- ii. Tabulação e mapeamento dos tipos de gestos de cada criança por cada gênero e língua;
- iii. Agrupar os gestos convergentes e divergentes de cada criança nas duas línguas;
- iv. Organizar os tipos de gestos em cada gênero e língua;
- v. Agrupar os gestos convergentes e divergentes de todas as crianças nas duas línguas e em cada gênero;
- vi. Mapeamento dos gestos predominantes em cada gênero e língua.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Depois de termos apresentado as metodologias usadas no nosso para a obtenção dos dados, neste capítulo, descrevemos e analisamos os resultados das nossas discussões, em torno dos três gêneros orais, autobiografia, relato de experiência e receita culinária a partir de 36 vídeos de 06 crianças de ambos os sexos, gravados em situações naturalísticas, como se pode ver no quadro abaixo.

Tabela 4 - Total de gêneros orais, línguas e vídeos analisados

Gêneros	Língua	Vídeos analisados por língua
Autobiografia	<i>Ndawu</i>	06
	Português	06
Receita culinária	<i>Ndawu</i>	06
	Português	06
Relato de experiências	<i>Ndawu</i>	06
	Português	06
Total	<i>Ndawu</i> e português	36

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

As nossas análises incidiram apenas aos gestos das mãos que ocorrem quando falamos, partindo da premissa de que existe uma estreita relação entre certos tipos de gestos, significados e função durante a fala.

Nas análises, apoiamo-nos em postulados teóricos de Galhano-Rodrigues (2008) no concernente as categorias da descrição dos gestos e dos diferentes tipos de espaço gestual, ângulo de articulação e amplitude do movimento; McNeill (1992; 1997) e Kendon (1982) para quem os gestos e a fala constituírem-se como a mesma matriz multimodal. Em Kendon (1982), buscamos a tipologia dos gestos compostas por: gesticulação, emblemas, gestos preenchedores e pantomimas; em McNeill (1992) buscamos as dimensões gestuais compostas por: gestos

icônico, dêitico, metafórico e ritmado. Por se tratarem de três gêneros diferentes, nas nossas discussões e análises, agrupamos os dados por cada gênero oral, tendo iniciado por autobiografia, relato de experiência e receita culinária. Cada criança foi codificada pela letra ‘C’ para se evitar a repetição dos seus nomes durante as discussões. Assim sendo, vamos apresentar os resultados produzidos pelas C1, C2, C3, C4, C5 e C6, começando pela autobiografia das 6 crianças.

4.1. RESULTADOS QUALITATIVOS

4.1.1 AUTOBIOGRAFIA

4.1.2 Autobiografia da C1

A C1 foi convidada a apresentar à sua autobiografia ao pesquisador/entrevistador em duas línguas (ndawu e português) como se ilustra nas transcrições nos quadros abaixo. Durante a transcrição, houve a necessidade de quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 17 – Transcrição da Autobiografia da C1

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“zina yango ndi Cléusia da Glória Almeida Wache”	1	“meu nome é Cléusia da Glória Almeida Wache”
2	“zina ya payango ndi Almeida, zina ya mayango ndi Marta”	2	“nome do meu pai é Almeida, nome da minha mãe é Marta”
3	“iba, inine ndibakuvhivheri na avô yangu, tiwango, prima yango”	3	“pessoas que eu vivo com eles na minha casa é Simone, meu avô, minha prima”
4	“idade ya inini ndi se, ndi 9 ano”	4	“vi, vi, o quê? Nem, meus anos sete, são 9”
5	“kumba kumakujija, ke shikora”	5	“estudo na que escola? Escola Básica

			Completa hii! Escola Básica 25 de Junho (...)” (pausa >2s)
6	“shikola básica completa 25 de junho”		O pesquisador pergunta: “onde se situa essa escola?”
	O pesquisador pergunta: “uri crase yenye?”	6	“hãã!”
7	“4ª”		O pesquisador pergunta: “onde fica essa escola?”
	O pesquisador pergunta: “unogara nani kanyi?”	8	“(…) esse lado”
8	“meu avô, meu tio, minha prima”		O pesquisador pergunta: “aonde? Que bairro?”
		9	“bairro da” (pausa > 7s)
			O pesquisador pergunta: “ok! Munhava ou Vaz?”
		10	“aqui no bairro de (pausa > 6s) no 10º não sei!”.

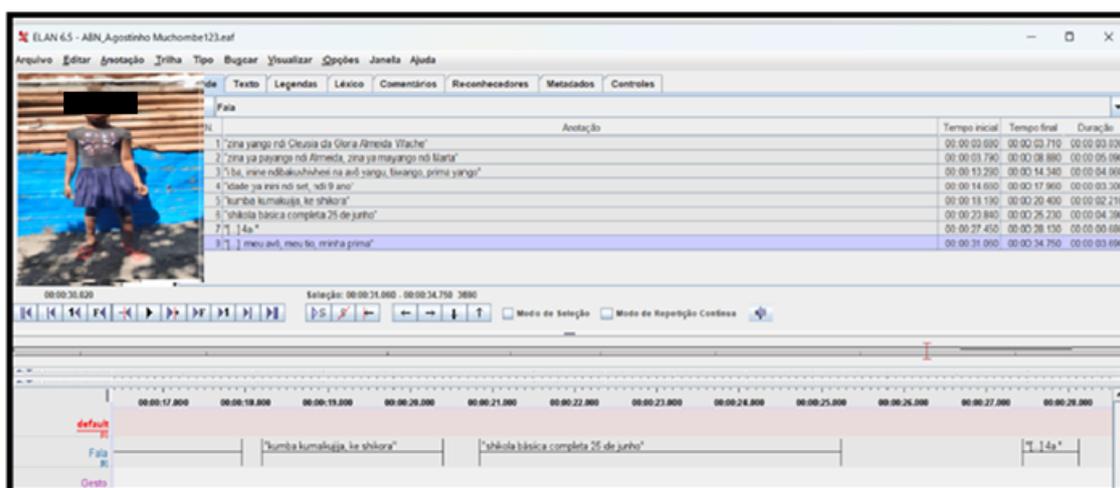
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Nas produções verbais acima, a C1 fala da sua biografia, como se pode notar nas ações 1 a 8 da transcrição em *ndawu* e nas ações 1 a 9, em português. Para a construção do seu texto

oral em *ndawu*, recorre a estratégias organizadoras da sua fala, o que se pode notar nas ações 1, “zina yango ndi Cléusia da Glória Almeida Wache (trad. chamou-me Cléusia Glória Almeida Wache)” – onde se apresenta dizendo o seu nome completo; “zina ya payango ndi Almeida, zina ya mayango ndi Marta (trad. o meu do meu pai é Almeida e da minha mãe é Marta)” – assim como diz o nome dos seus pais; 4, “idade ya inini ndi se, ndi 9 ano (trad. tenho 9 anos)” – diz a sua idade; “meu avô, meu tio, minha prima” – e finaliza a sua autobiografia dizendo com quem vive. Em *ndawu*, não recorre a nenhum elemento lexical mnemônico, enquanto em português faz uso de perguntas retóricas como uma estratégia mnemônica e coesiva para se lembrar da sua autobiografia, como nas ações 4, “vi, vi, o quê?”; 5, “estudo na que escola?”.

Na análise gestual, nas duas línguas (*ndawu* e português), a C1 inicia à sua autobiografia em pé, com as mãos rentes ao tronco, olhando para frente, fazendo movimentos dos braços de frente para trás, usando gestos icônicos, como se ilustra na figura 17, abaixo.

Figura 16 – Abertura gestual da C1 em *ndawu* e português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

De entre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C1, em *ndawu*, a criança recorre aos elementos organizadores do texto, enquanto, em português, recorre à estratégia mnemônica, como perguntas retóricas. Na relação entre a fala e o gesto, é pertinente mostrar os elementos gestuais coocorrestes à produção verbal, como se ilustra na figura abaixo.

Figura 17 - Gesto emblemático da C1 em *ndawu*



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Os frames 1 e 2 acima são referentes à ação 6, ao verbalizar “shikola básica completa 25 de Junho” em *ndawu*, a C1, com o braço direito fletido para a direita, a mão aberta e a palma da mão virada para cima, o dedo mínimo parcialmente fletido pelo polegar da mão direita, começa a enumerar os nomes que compõem à sua escola. À medida que diz o nome da sua escola, outro dedo é fletido parcialmente pelo polegar, enquanto isso, o braço esquerdo fica rente ao corpo e com a mão semifechada, usa gestos emblemáticos com dimensões dêiticas ao enumerar os nomes que compõem à sua escola.

Figura 18 – Gestos da C1 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ação 3, ao verbalizar “(...) Simone, meu avô, minha prima”, em português, com os dois braços rentes ao tronco, a mão esquerda fechada, abre um dedo de cada vez que menciona as pessoas com quem ela vive. Nesta sequência, a mão direita continua rente ao corpo, aberta e encostada à coxa direita, usando gestos emblemáticos com dimensões dêiticas. No frame 2, ao verbalizar “estudo na que escola? Escola Básica Completa é! Escola Básica 25 de Junho (...)”, ação 5, com o braço direito fletido para direita, a mão aberta e a palma virada para

cima, o braço é fletido constantemente da esquerda para direita, quando menciona cada nome que compõe à sua escola, faz uso de gestos dêiticos. No frame 3, ação 3, ao verbalizar “(...) esse lado”, o braço direito é fletido para direita e erguido para cima, acima do ombro, a mão aberta, os dedos apontam para a direita, indica o local onde ela vive, o braço esquerdo é colocado rente ao corpo, usa a gesto dêitico ao apontar onde reside.

4.1.3. Autobiografia da C2

A C2 foi convidada pelo pesquisador para contar um pouco da sua biografia em duas línguas, como foi para C1, como se ilustra nas transcrições abaixo. Durante a transcrição, houve a necessidade de quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 18 – Transcrição da Autobiografia da C2

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“zina yango Celina Inácio Tomás”	1	“meu nome sou Celina Inácio Tomás”
2	“zina ya mayi wango Fátima Pedro Macossa, zina ya babango ndiyani? José Nhabomba”	2	“nome da minha mãe, Fátima Pedro Macossa, nome do meu pai, José Nhabomba”
3	“Zi, zi, ndi, ndina 10 ano”	3	“estu, tenho 10 anos”
4	“ndinojija pashikola 25, 5ª classe”	4	“estudo na escola 25, 5ª classe”
5	“nogara pa Munhava, 9º bairro”	5	“depois, fi, ficooo, ficooo noo, no 9º bairro i, i fico na Munhava”

Fonte: Elaborado pelo autor (2014)

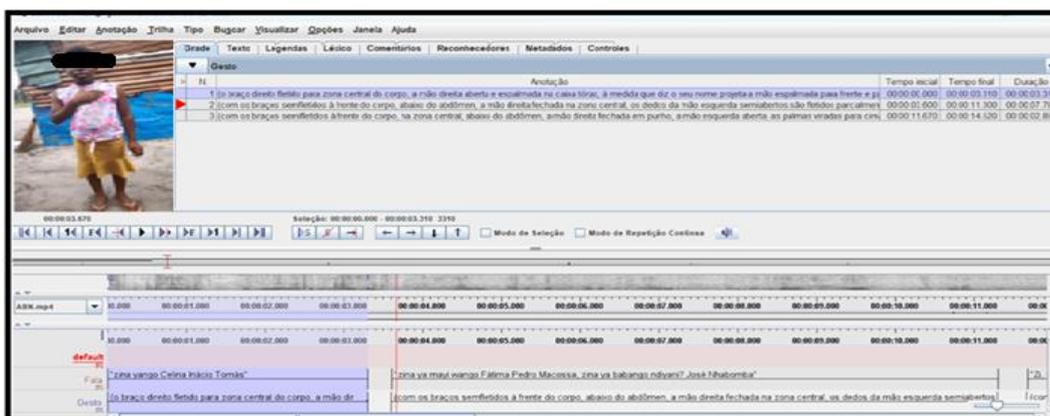
Na análise da produção verbalizada, a C2 fala da sua biografia sem precisar de descrever muita coisa sobre si, como se pode notar nas ações 1 a 5 da transcrição em *ndawu* e português. Para construir o seu texto oral em *ndawu*, recorre a algumas estratégias organizadoras da sua fala, como nas ações 1, “zina yango Celina Inácio Tomás (trad. o meu nome é Celina Inácio

Tomás)” – e se apresenta dizendo o seu nome completo; 3, “(...) ndina 10 ano (trad. tenho 10 anos)” – e diz a sua idade; 4, “ndinojija pashikola 25, 5ª classe (trad. estudo na escola 25, 5ª classe)” – diz a escola onde estuda e a classe que frequenta; 5, “nogara pa Munhava, 9º bairro (trad. resido no 9º bairro, Munhava)” – finaliza à sua autobiografia dizendo o bairro onde vive. Também, recorre às estratégias mnemônicas, como perguntas retóricas, uma estratégia mnemônica e coesiva, na ação 2 “(...) zina ya babango ndiyani? (trad. qual é o nome do meu pai?)” e a repetição de prefixos na ação 3 “Zi, zi, ndi, ndina 10 ano”. Em português, também recorre a estratégias organizadoras da sua fala, que se podem notar nas ações 1, “meu nome sou Celina Inácio Tomás” – apresenta-se dizendo o seu nome completo; 3, “estu, tenho 10 anos” – diz a sua idade; 5, “depois, fi, ficooo, ficooo noo, no 9º bairro i, i fico na Munhava” – a mesma finaliza a sua autobiografia dizendo onde mora. Também, recorre a algumas estratégias mnemônicas, como a repetição de itens lexicais e alongamento de vogais, o que se pode observar na ação 5 “depois, fi, ficooo, ficooo noo (...) i, i fico na Munhava” para dizer onde vive.

Os segmentos acima repetidos fazem parte das auto repetições com uma frequência adjacente uma da outra, em um claro alinhamento com Marcuschi (2006, p. 223) que afirma que, nas auto repetições, o próprio falante produz a repetição em sua fala, como forma de se apoiar em momentos de hesitação para recuperar, reformular e retificar algumas palavras esquecidas durante à sua explanação. Aliás, Marcuschi (1992, p. 6-7) define a repetição como sendo a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Sobre este mesmo aspecto, Fiorin (2008, p. 545) assume que a repetição ocorre de forma espontâneo, não preparado anteriormente, fazendo parte de um processo formulativo na fala.

Na análise gestual, da apresentação da autobiografia da C2, selecionamos e destacamos os seguintes gestos. Em *ndawu*, a C2 inicia a sua autobiografia em pé com o braço direito semifletido à frente do corpo, a mão direita aberta e espalmada no tórax. À medida que diz o seu nome, projeta a mão espalmada para frente e para o tórax, fazendo batimentos na caixa torácica com a palma da mão, cada batimento corresponde a um nome. Enquanto isso, o braço esquerdo fica rente ao corpo e em repouso, com a mão semifechada e o dedo polegar encostado à palma da mão. Faz o uso dos gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas quando se apresenta e ao mencionar os seus nomes, como se ilustra na figura baixo.

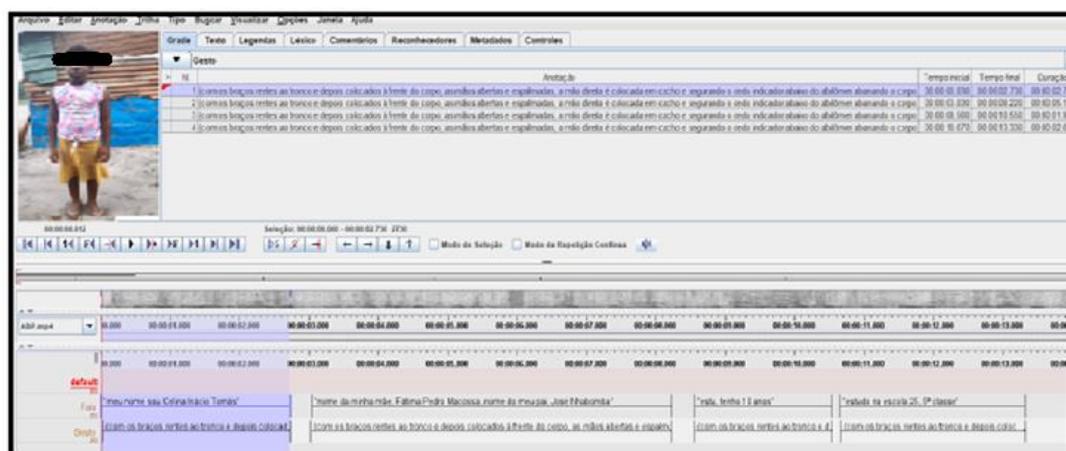
Figura 19 - Abertura gestual da autobiografia da C2 em ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Diferentemente de *ndawu*, em português, também inicia a sua autobiografia em pé, mas com os braços rentes ao corpo, as mãos semifechadas e espalmadas, usando o gesto icônico, como se pode ver na figura X.

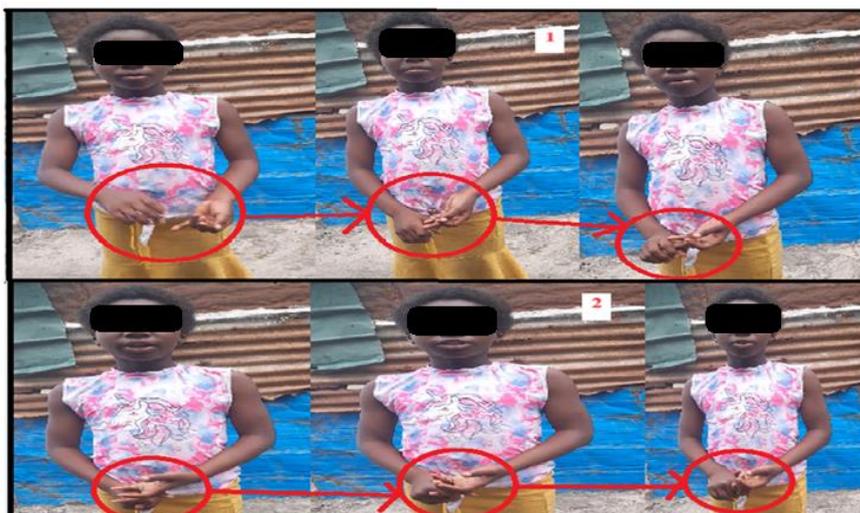
Figura 20 – Abertura gestual da autobiografia da C2 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em torno das estratégias linguísticas, na produção verbalizada da C2, nas duas línguas, destaca-se o uso de elementos organizadores do texto e estratégias mnemônicas, como as perguntas retóricas; repetição de prefixos e itens lexicais. Do ponto de vista da relação gesto e fala, importa mostrar os elementos gestuais coocorrestes à produção verbal, como mostram as figuras 22 e 23 abaixo.

Figura 21 – Gestos emblemáticos em ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ação 2, ao verbalizar “zina ya mayi wango Fátima Pedro Macossa, zina ya babango ndiyani? José Nhabomba (trad. o nome da minha mãe é Fátima Pedro Macossa, e do meu pai é quem? José Nhabomba)”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central, abaixo do abdômen, a mão direita aberta e espalmada, com o dedo mínimo, seguido de anelar e, por último, médio parcialmente fletidos pelos dedos indicador e polegar da mão direita. Cada dedo da mão esquerda, que é fletido, corresponde a um nome dos seus pais, faz uso dos gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas. No frame 2, ação 3, ao verbalizar “Zi, zi, ndi, ndina 10 ano (trad. tenho 10 anos)”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central, abaixo do abdômen, a mão direita fechada em cacho, a mão esquerda aberta e a palma virada para cima, o espalmo sobre a mão direita, diz a sua idade, usando gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas.

Figura 22 – Gesticulação icônica em português

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame acima, ao verbalizar “depois, fi, ficoo, ficoo noo, no 9º bairro i, i fico na Munhava” com os braços semifletidos à frente do corpo, na zona central, abaixo do abdômen, as mãos fechadas em punho e espalmadas, os dedos polegares das duas mãos encostados, abana o corpo e as mãos ao dizer onde mora, fazendo o uso do gesto icônico.

4.1.4. Autobiografia da C3

A C3 foi convidada pelo pesquisador para falar da sua biografia nas duas línguas (*ndawu* e português) como se ilustra na transcrição abaixo. Durante a transcrição, houve a necessidade de se quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 19 – Transcrição da Autobiografia da C3

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“zina rangu ndiri João Maduwaje Ãããntónio Chichikwembo Paulo”	1	“João Maduuwaje Ãããntónio Chikwembo Paulo”
2	“zina ra babangu ndiri, ndi Ãããntónio Chikwembo Paulo”	2	“nome do pai, Ãããntónio Chikwembo Paulo, da mãe, Aaaarminda Pires Seventine”

3	“zina ra mayi wangu ndi Aaaarminda Pires Severtime”	3	“estudo na escola básica da Manga-Loforte”
4	“Iii, inine ndinooojija Eeeescola Básica da Manga-Loforte”	4	“tenho, tenho òðonze ano”
5	“gooore rangu, ndiina òðonze ano” (Pausa > 7s)	5	“to na 7ª classe” (Pausa > 3s)
6	“ndina 11 ano, ndayijija ku Manga-Mascarenha”.		O pesquisador pergunta: “ano passado estava estudar aonde?”
		6	“naaa Manga-mascarenha”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

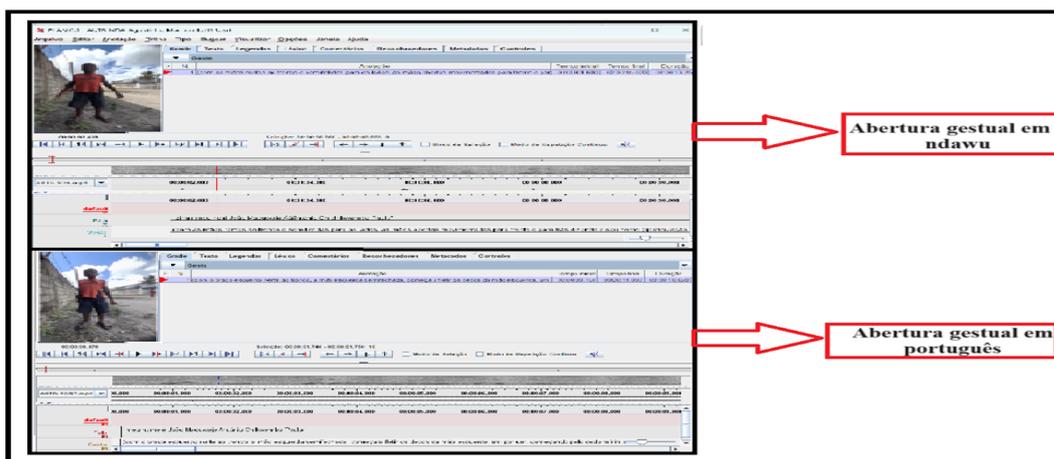
Na análise da produção verbalizada acima, a C3 fala da sua biografia em duas línguas, como se pode notar nas ações 1 a 6 das transcrições em *ndawu* e em português. A C3, para construir o seu texto oral em *ndawu* e em português, faz uso de algumas estratégias organizadoras da sua fala, nas ações 1. “zina rangu ndiri João Maduwaje ããantónio Chichikwembo Paulo” – e se apresenta dizendo o seu nome, 2 e 3, “zina ra babangu ndiri, ndi ããantónio Chikwembo Paulo (trad. o nome do meu pai é António Chikwembo Paulo)” e “zina ra mayi wangu ndi Aaaarminda Pires Severtime (trad. o nome da minha mãe é Arminda Pires Severtime)” – diz o nome dos seus pais; 6. “ndina 11 ano, ndayijija ku Manga-Mascarenha (tenho 11 anos, eu estudava na Manga-Mascarenha)” – finaliza sua autobiografia em *ndawu* dizendo a sua idade e onde estudava e em português, ações 1. “João Maduuwaje ããantónio Chikwembo Paulo” – apresenta-se dizendo o seu nome; ação 2, “nome do pai, ããantónio Chikwembo Paulo, da mãe, Aaaarminda Pires Severtime” – diz o nome dos seus pais; 6, “naaa Manga-Mascarenha” – finaliza a sua autobiografia dizendo onde estudava.

Durante a sua produção verbalizada, nas duas línguas, não faz uso de elementos lexicais mnemônicos, em *ndawu* depois de falar da sua idade (ação 4), faz uma pausa longa, enquanto, em português, após ter falado da classe que frequenta (ação 5), ela faz uma pausa longa. Diante desta situação, o pesquisador faz uma pergunta à C3, como forma de o ajudar a finalizar a sua

autobiografia. Posto isso, a C3 continua a sua explanação na ação 6 “(...) Manga-Mascarenha”, como forma de finalizar.

Na análise gestual, destacamos alguns aspectos nas duas línguas, a partir das observações feitas nos trechos selecionados a seguir. Em *ndawu*, a C3 inicia à sua autobiografia em pé, com os dois braços rentes ao tronco e semifletidos para os lados, mãos abertas movimentadas para frente e para trás dizendo o seu nome, usando gesto icônico, como se pode ver na figura 24. Enquanto em português, inicia à sua autobiografia em pé, com o braço esquerdo rente ao tronco, mão esquerda semifechada, dedos da mão esquerda fletidos, um por um de cada vez, tendo iniciado pelo dedo mínimo, seguido de anelar, médio, indicador e, por fim, polegar, enquanto os flete, menciona os seus nomes, faz uso de gestos emblemáticos com dimensões dêiticas, como se ilustra na figura 24.

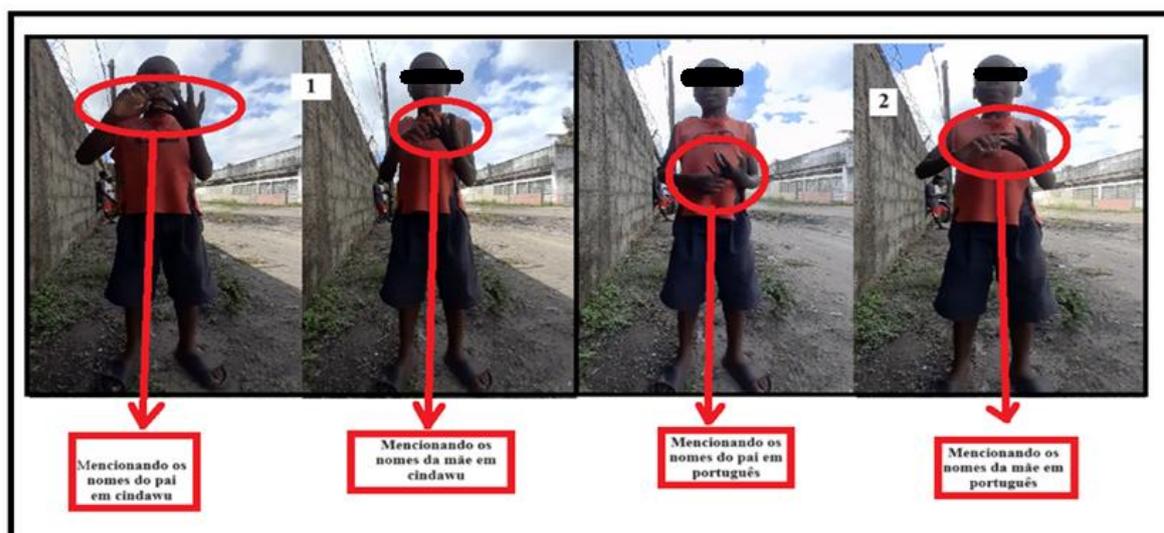
Figura 23 – Abertura gestual da C3 em *ndawu* e português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

De entre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C3, em *ndawu* e em português, destacamos os elementos organizadores do texto e as pausas longas. Do ponto de vista da relação fala e gesto, a figura abaixo mostra os elementos gestuais coocorrestes à produção verbal em *ndawu* e português.

Figura 24 – Gestos emblemáticos em ndawu e português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, as ações 2 e 3, ao verbalizar “zina ra babangu ndiri, ndi ããntónio Chikwembo Paulo (trad. o nome do meu pai é António Chikwembo Paulo)” e “zina ra mayi wangu ndi Aaarmanda Pires Severtime (trad. nome da minha mãe é Arminda Pires Severtime)”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, a mão esquerda aberta e espalmada, com os dedos parcialmente fletidos pelo dedo indicador da mão direita, toca cada dedo da mão esquerda, começando pelo mínimo (mindinho), depois anelar e, por último, médio e menciona cada nome dos seus pais, isto é, cada toque que ela faz com o dedo indicador da mão direita aos da mão esquerda, menciona um nome, faz uso dos gestos emblemáticos com configurações dêiticas e ritmadas ao mencionar os nomes dos seus progenitores e ao bater dedo polegar nos dedos da mão esquerda.

No frame 2, ao verbalizar “nome do pai, ããntónio Chikwembo Paulo, da mãe, Aaarmanda Pires Severtime” em português, com os braços semifletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, a mão esquerda aberta e espalmada, com os dedos parcialmente fletidos pelo dedo indicador da mão direita, vai tocando cada dedo da mão esquerda, começando pelo mínimo (mindinho), depois anelar e, por último médio, menciona cada nome dos seus pais, isto é, cada toque que faz com o dedo indicador, da mão direita aos da mão esquerda, menciona um nome, faz uso do gesto emblemático com dimensões dêiticas e ritmadas, ao mencionar os nomes dos seus progenitores e ao bater dedo polegar nos dedos da mão esquerda.

4.1.5. Autobiografia da C4

A C4 foi convidada pelo pesquisador para contar a sua biografia em duas línguas, à semelhança das outras crianças, como se ilustra nas transcrições abaixo. Durante a transcrição, houve a necessidade de quantificar as ações descritas por ela, tal como se fez com as biografias de outras crianças.

Quadro 20 – Transcrição da Autobiografia da C4

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“inini zina rango ndi Fernando Manuel”	1	“eu sou Fernando Manuel”
2	“zina ra mayi wango ndi Teresa Francisco”	2	“nome do meu pai é Manuel Elia”
3	“zina re papa wango ndi Manuel Elias”	3	“nome de minha mãe é Teresa Francisco”
4	“ndina 12 ano”	4	“estuda 7ª crase” (Pausa > 3s)
5	“ndayigara Begaja” (Pausa > 2s)		O pesquisador pergunta: “tem quantos anos?”
6	“ndakafundira até 7ª crasse” (Pausa > 5s)	5	“tem 12 ano”
	O pesquisador pergunta: “wari uno uri ku kwapi? Mutundho wapi?”		O pesquisador pergunta: “vive aonde?”
7	“wari uno ndiri Beira”	6	“vive no província de Sofala”
	O pesquisador pergunta: “Beira nem! Kuzona rapi?”		O pesquisador pergunta: “em que cidade?”
8	“Munhava”	7	“cidade da Beira”.
			O pesquisador pergunta: “vive com quem?”
		8	“com mamã”.

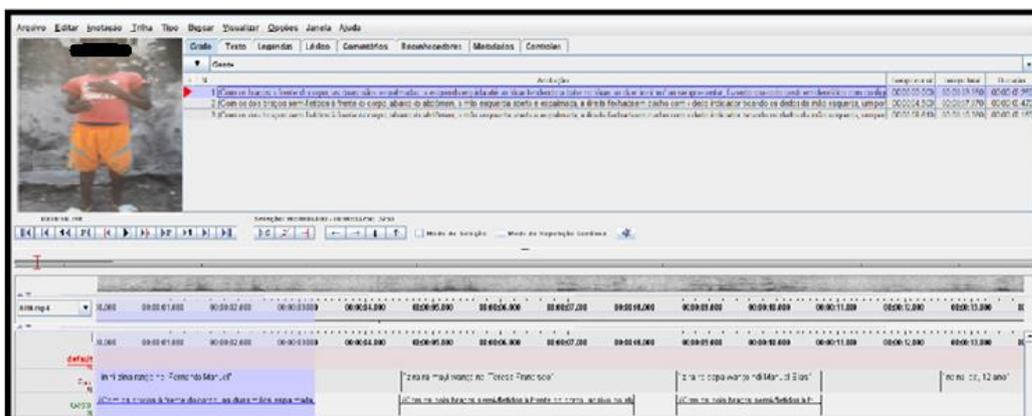
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada acima, a C4 fala da sua biografia em duas línguas, como se pode notar nas ações 1 a 8 da transcrição em *ndawu* e 1 a 8 em português. Para construir o seu texto oral em *ndawu* e em português, a C4 faz uso de algumas estratégias organizadoras da sua fala. Em *ndawu*, nas ações 1, “*inini zina rango ndi Fernando Manuel (trad. chamou-me Fernando Manuel)*” – apresenta-se e diz o seu nome; 2 e 3 “*zina ra mayi wango ndi Teresa Francisco (trad. o nome da minha mãe é Teresa Francisco)*” e “*zina re papa wango ndi Manuel Elias (trad. o nome do meu pai é Manuel Elias)*” – diz o nome dos seus pais; “*ndina 12 ano (trad. tenho 12 anos)*” – e diz a sua idade; 4. “*ndakafundira até 7^a crasse (trad. parei de estudar na 7^a classe)*” – diz a classe e que parou de estudar. Em português, nas ações 1. “eu, eu sou Fernando Manuel” – diz o seu nome, 2 e 3 “nome do meu pai é Manuel Elia” – diz o nome dos seus pais; 4. “estuda na 7^a crase” – e diz a classe que frequenta.

A C4 não faz uso de elementos lexicais mnemônicos, mas faz pausas longas, quando isso acontece, o pesquisador questiona-a como forma de lhe ajudar a recuperar algo que já se tinha esquecido e, também, como forma de continuar a organizar a sua fala. Depois das pausas e questões, a C4 continua sua autobiografia respondendo às questões. Em *ndawu*, na ação 5, “*ndayigara Begaja (trad. vivia em Begaja)*”, não teve nenhum questionamento. Outra pausa foi apresentada na ação 6. “*ndakafundira até 7^a crasse (trad. parei de estudar na 7^a classe)*”, onde o pesquisador faz questão procurando saber onde a C4 vive. Na sequência, a C4 responde dizendo o nome da cidade onde se encontra a residir atualmente, isso na ação “*wari uno ndiri Beira (trad. agora residio na Beira)*”. Em português, na ação 4, “estuda 7^a crase”, o pesquisador pergunta à sua idade, em seguida, na ação 5, “tem 12 ano”, responde dizendo à sua idade.

Na análise gestual, destacamos alguns aspectos nas duas línguas a partir das observações feitas nos trechos selecionados a seguir. Em *ndawu*, a C4 inicia à sua fala sobre a autobiografia em pé com os dois braços semifletidos à frente do corpo. As duas mãos espalmadas, a mão direita na zona central do abdômen, enquanto a mão esquerda é erguida até o tórax, bate no tórax ao dizer *inini* ‘eu’. Ao se apresentar, faz uso dos gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas, como se pode ver na figura 26.

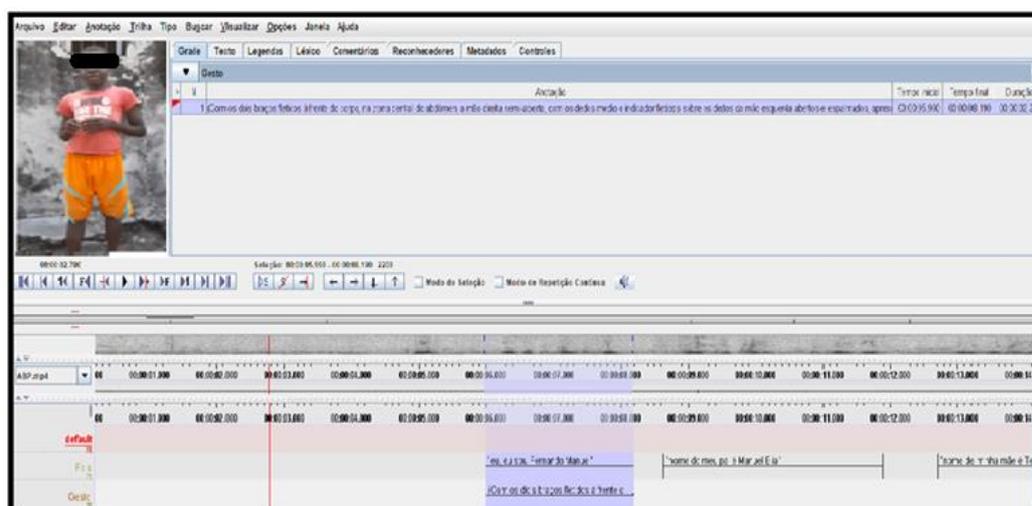
Figura 25 – Abertura gestual da C4 em ndawu – Gênero autobiografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em português, a C4 inicia à sua autobiografia em pé, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, com a mão direita semiaberta, dedos médio e indicador fletidos aos dedos da mão esquerda abertos e espalmados. Apresenta-se mencionando o seu nome completo, faz uso de gestos emblemáticos com dimensão dêitica, como se ilustra na figura 27.

Figura 26 – Abertura gestual da C4 em português – gênero autobiografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

De entre os elementos destacados na análise da produção verbalizada de C4, nas duas línguas, destacamos os elementos organizadores do texto e as pausas longas. Do ponto de vista gestual, em *ndawu*, no frame 1, ao verbalizar (ação 1) “inini zina rango ndi Fernando Manuel

(trad. eu chamou-se Fernando Manuel)”, a C4, com os braços semifletidos à frente do corpo, as duas mãos espalmadas, a mão direita na zona central do abdômen, enquanto a mão esquerda é erguida até o tórax, bate na caixa torácica ao dizer *inini* ‘eu’, enquanto isso, quando apresenta os seus nomes, faz uso do gesto emblemático com dimensões dêiticas e ritmadas.

Nos frames 2 e 3, referentes às ações 2 e 3 “zina ra mayi wango ndi Teresa Francisco (trad. a minha mãe chama-se Teresa Francisco)” e “zina re papa wango ndi Manuel Elias (trad. o meu pai chama-se Manuel Elias)”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, abaixo do abdômen, a mão esquerda aberta e espalmada, a direita fechada em cacho, com o dedo indicador, tocando os dedos da mão esquerda, um por um, começando pelo mínimo (mindinho), menciona os nomes dos seus pais usando gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas.

Figura 27 – Gesto emblemático em ndawu – gênero autobiografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Enquanto em português, ao verbalizar (ações 1, 2 e 3) “eu sou Fernando Manuel”; “nome do meu pai é Manuel Elia”; “nome de minha mãe é Teresa Francisco” no frame abaixo, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, a mão direita semiaberta, com os dedos médio e indicador fletidos sobre os dedos da mão esquerda abertos e espalmados, apresenta-se mencionando o seu nome completo e dos seus pais e faz uso do gesto dêitico ao dizer o seu nome e emblemático + dêitico, ao mencionar os nomes dos seus pais, como mostra a figura 29.

Figura 28 – Gesticulação em português – Gênero autobiografia

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

4.1.6. Autobiografia da C5

À semelhança das outras crianças, a C5 foi convidada para falar da sua biografia ao pesquisador em duas línguas, como se ilustra nas transcrições abaixo. Durante a transcrição, houve a necessidade de quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 21 – Transcrição da Autobiografia da C5

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“zina rango ndi Rosa”	1	“meu nome sou Rosa”
2	“ndino makore (Pausa > 3s) magumi no mawiri”	2	“tenho 12 anos de idade”
3	“ndakabahwa ine ka jasse”	3	“meu pai é António Niquisse, minha mãe é Evelina, meu avô é Marta, vive aqui no mabuto”
4	“baba wango ndi António	4	“na escola, na escora Mascarenha,

	Niquisse, mayi wangu ndi Evelina”		estuda 5ª crase”.
5	“pa, pa, panopa pamabuto pano, ndinogara no mbiya wangu Marta no majiyaya wangu, no majikuny wangu panopa no mwana wanorera pano”		
6	“kushikora ndinojija pashikora Mascarenha”		
7	“ndinojija kalase 5ª, 5ª crase”.		

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

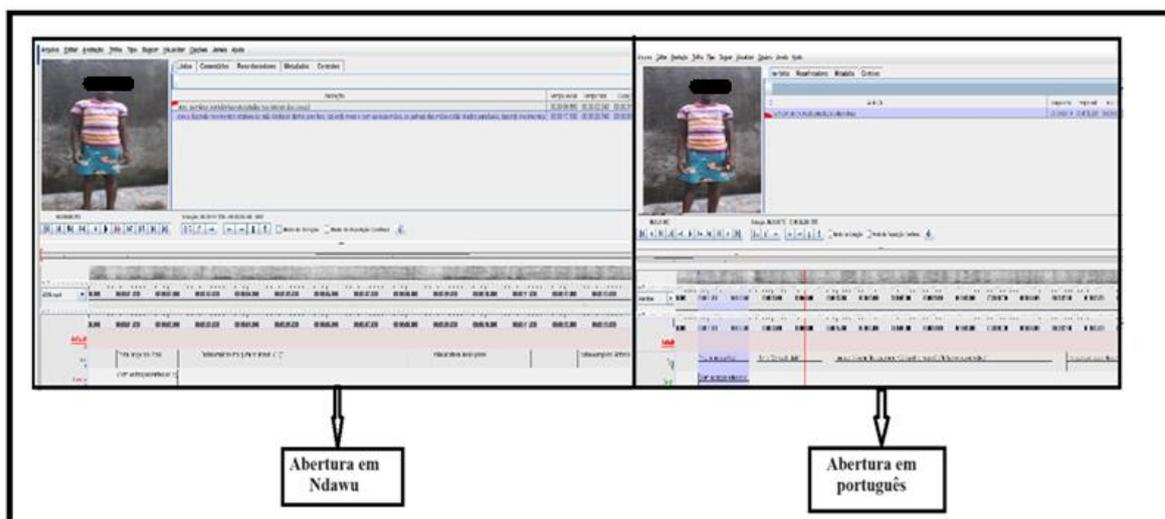
Na análise da produção verbalizada acima, a C5 fala da sua biografia em duas línguas, como se pode notar nas ações 1 a 7, em *ndawu* e 1 a 4, em português. Para construir o seu texto oral em *ndawu* e em português, a C5 faz uso de algumas estratégias organizadoras da sua fala. Em *ndawu*, nas ações 1. “zina rango ndi Rosa (trad. o meu nome é Rosa)” – apresenta-se e diz o seu nome; 2, “ndino makore (pausa > 3s) magumi no mawiri (trad. tenho 12 anos)” – diz a sua idade; 3, “ndakabahwa ine ka Jasse (trad. nasci em Jasse)” – diz o local onde nasceu; 4, “baba wango ndi António Niquisse, mayi wangu ndi Evelina (trad. o meu pai chama-se António Niquisse e a minha mãe chama-se Evelina)” – diz o nome dos seus pais; 7, “ndinojija kalase 5ª, 5ª crase (trad. frequento a 5ª classe)” – finaliza a sua autobiografia. Em português, nas ações 1, “meu nome sou Rosa” – diz o seu nome; 2, “tenho 12 anos de idade” – diz a sua idade; 4, “na escola, na escora Mascarenha, estuda 5ª crase” – finaliza à sua autobiografia dizendo onde estuda e a classe que frequenta. Na mesma senda, em *ndawu*, recorre à repetição de “pa” como uma estratégia mnemônica, enquanto em português, não faz uso de elementos lexicais mnemônicos.

Os itens repetidos, que foram descritos acima, fazem parte das auto - repetições com uma frequência adjacente uma da outra, segundo Marcuschi (2006, p. 223), nas auto -

repetições, o próprio falante produz a repetição em sua fala, como forma de se apoiar em momentos de hesitação para recuperar, reformular e retificar algumas palavras esquecidas durante a sua explanação. Marcuschi (1992, p. 6-7) define a repetição como sendo a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Para Fiorin (2008, p. 545), a repetição ocorre de forma espontâneo, não preparado anteriormente, fazendo parte de um processo formulativo na fala.

Na análise gestual, destacamos alguns aspectos nas duas línguas a partir das observações feitas nos trechos selecionados a seguir. Em *ndawu* e em português, a C5 começa a falar da sua autobiografia em pé, com os braços rentes ao corpo, as mãos semiabertas encostadas nas laterais das coxas, como se pode ver na figura 30.

Figura 29 – Abertura gestual da C4 em *ndawu* e em português – gênero autobiografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

De entre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C5 em *ndawu*, destacamos os elementos organizadores de texto e estratégia mnemônica, como a repetição de “pa”, em português, destacamos os elementos organizadores de texto.

Do ponto de vista gestual, no frame abaixo, ao falar com quem mora, na ação 5, ao verbalizar “(...) no mwana wanorera pano (trad. (...) com a criança que ela cuida)”, com o braço direito fletido para a lateral direita, a mão direita semiaberta, faz dois movimentos rotativos da mão direita de fora para dentro. Enquanto isso, o braço esquerdo está rente ao corpo com a mão espalmada na coxa, faz uso do gesto icônico e, em seguida, vira as palmas das mãos para baixo, faz movimentos pendulares de baixo para cima, menciona com quem mora, usando o gesto

dêitico ao nomear cada membro da sua família com que mora em sua casa. Em todas as ações em português, faz uso do gesto icônico, com todos os braços rentes ao corpo.

Figura 30 – gesticulação em ndawu – gênero autobiografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

4.1.7 Autobiografia da C6

A C6 foi convidada para falar da sua biografia ao pesquisador em duas línguas como se ilustra nas transcrições abaixo. Durante a transcrição, houve a necessidade de quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 22 – Transcrição da Autobiografia da C6

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“zina rango ndine António Manuel”	1	“meu nome sou António Manuel”
2	“ndinogara nyamunyo”	2	“mo nome só, só António Manuel”
3	“ndina 12 ano, ndinojija 5ª classe”	3	“(…) fico com meu pais, tenho 12 ano”
4	“ndinogara na baba wango na mayi wango, no cinyi? No hama	4	“eu estudo aí na escola 25, 5ª classe”

	jango” (pausa > 3s)		
	O pesquisador pergunta: “ngojapi zina ja hama jako?”	5	“esqueci outras coisas”
5	“zina ja hama jango, Lena, Chica, no cir Joanito, Migue”		O pesquisador pergunta: “hãã, onde você vive?”
	O pesquisador pergunta: “iwewe unogara mutundho wapi?”	6	“aí, aí aonde? nyamunyo”
6	“nyamunyo”		O pesquisador pergunta: “hãã` nyamunyo nem! Vive com quem lá?”
	O pesquisador pergunta: “ndikwapi nyamunyo?”	7	“com meus pais com minhas irmãs”
7	“ndiku ini”.		O pesquisador pergunta: “pode dizer nome dos seus irmãos?”
		8	“Joanita, Lena, mais Chica só, sim”
			O pesquisador pergunta: “está fazer 5ª classe nem ?”
		9	“sim”

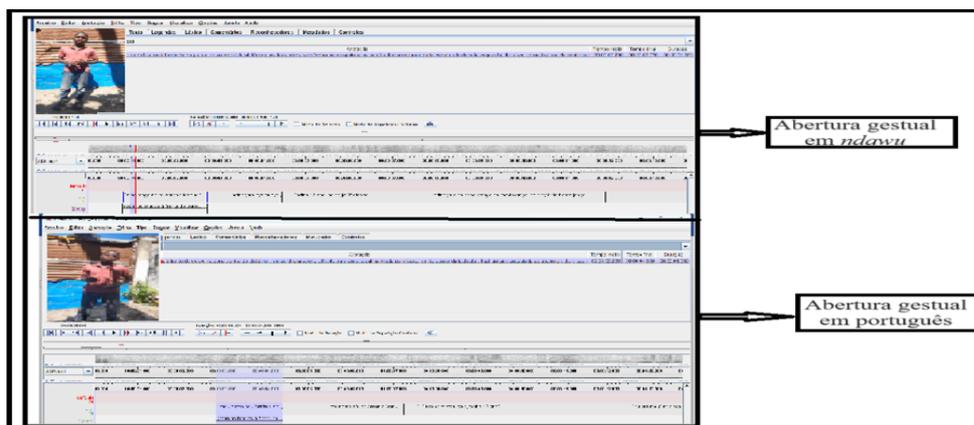
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada acima, a C6 fala da sua autobiografia em duas línguas, como se pode notar nas ações 1 a 7 da transcrição em *ndawu* e nas ações 1 a 9 em português. Para construir o seu texto oral em *ndawu* e em português, a C6 faz uso de algumas estratégias organizadoras da sua fala, em *ndawu*, nas ações 1. “zina rango ndine António Manuel (trad. o meu nome é António Manuel)” – apresenta-se dizendo o seu nome; 2, “ndinogara nyamunyo (trad. resido em nyamunyo)” – diz onde reside; 3, “ndina 12 ano, ndinojija 5ª classe (trad. tenho 12 anos e frequento na 5ª classe)” – diz a sua idade e a classe que frequenta; 7, “ndiku ini (trad. é este lado)”. Enquanto em português, nas ações 1, “meu nome sou António Manuel” – apresenta-se e diz o seu nome; 3, “(...) fico com meu pais, tenho 12 ano” – diz com quem vive e a sua idade; 4, “eu estudo aí na escola 25, 5ª classe” – diz onde estuda e a classe que frequenta; 10, “sim” – finaliza a sua autobiografia.

A C6, para construir o seu texto oral em *ndawu* também, faz uso de alguns recursos mnemônicos para recuperar a lembrança da sua autobiografia, como é o caso do uso de perguntas retóricas, como uma estratégia ao mesmo tempo mnemônica e coesiva, isso nas ações 4, “(...) mayi wango, no cinyi? (trad. (...) minha mãe, o quê?)”; 5, “(...), no cinyi? (o quê?)”. enquanto em português não recorre a nenhuma estratégia lexical mnemônica.

Na análise gestual, destacamos alguns aspectos nas duas línguas a partir das observações feitas nos trechos selecionados a seguir. Em *ndawu* e em português, a C6 inicia a falar da sua autobiografia em pé. Em *ndawu*, com os dois braços à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos semifechadas e espalmadas, a mão direita segura a parte espalmada da mão esquerda, diz o seu nome, usando gesto icônico. Enquanto em português, com os braços à frente do corpo, na zona central do abdômen, a mão direita aberta e fletida para cima, a palma virada para baixo, a mão esquerda fechada e ligeiramente encostada ao abdômen, diz o seu nome, usando gesto icônico.

Figura 31 – Abertura gestual da C6 em ndawu e em português – gênero autobiografia



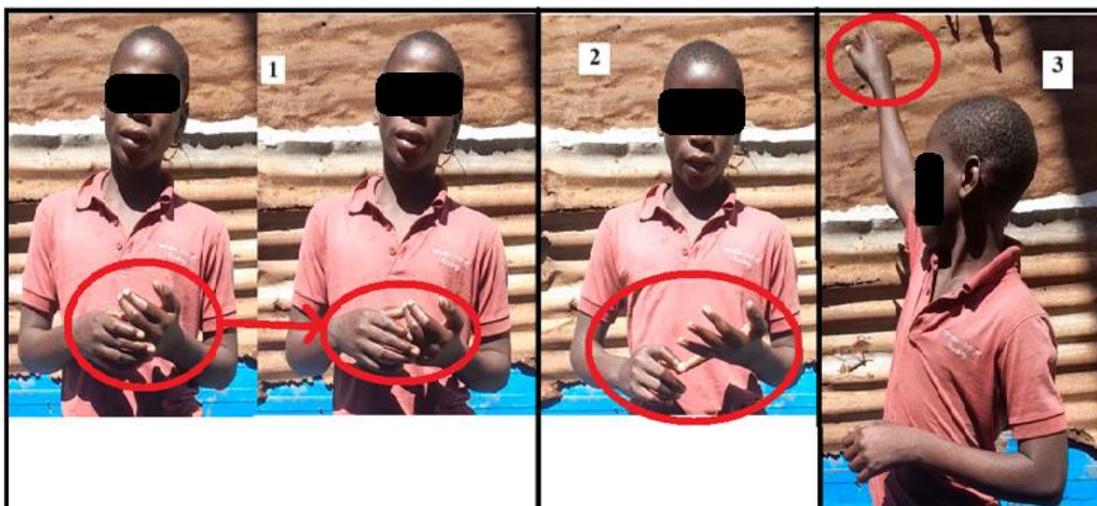
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Dentre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C6, em *ndawu*, destacamos os elementos organizadores de texto e estratégia mnemônica, como é o caso do uso das perguntas retóricas “cinyi?”. Do ponto de vista gestual, no frame 1, ação 4, ao verbalizar “ndinogara na baba wango na mayi wango, no cinyi? No hama jango (trad. moro com os meus pais, e o quê? Com os meus irmãos)”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, a mão esquerda aberta espalmada, com os dedos mínimo e anelar parcialmente fletidos pelo dedo indicador da mão direita, a cada toque do dedo indicador da mão direita aos dedos da mão esquerda, menciona com quem vive, faz uso do gesto emblemático com dimensões dêiticas e ritmadas.

No frame 2, ao mencionar os nomes dos seus irmãos, a C5 verbaliza (ação 5) “zina ja hama jango, Lena, Chica, no cinyi? Joanito, Migue (trad. os nomes dos meus irmãos são: Lena, Chica, e o quê? Joanito, Migue)”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo na zona central do abdômen, a mão esquerda aberta espalmada, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelo dedo indicador da mão direita, a cada toque do dedo indicador da mão direita aos dedos da mão esquerda, menciona os nomes dos seus irmãos, usando os gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas.

No frame 3, ao apontar onde mora, ela verbaliza (ação 7) “ndiku ini (trad. é lá)”, ergue o braço direito acima do ombro, vira o corpo para o lado direito, a mão direita aberta, aponta o local onde reside enquanto o braço esquerdo espalmado é colocado na zona central do abdômen, usando gesto emblemático com dimensões dêiticas.

Figura 32 – gestos emblemáticos da C6 em ndawu – gênero autobiografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

De entre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C6 em português, destacamos os elementos organizadores de texto e estratégia mnemônica, como é o caso do uso da pergunta retórica “aonde?” e a repetição³¹ de item lexical “aí”. Do ponto de vista gestual, na figura 34 abaixo, no frame 1, ao dizer com quem mora e sua idade, ela verbaliza, ação 3, “(...) fico com meu pais, tenho 12 ano”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo na zona central do abdômen, a mão esquerda aberta espalmada, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelo dedo indicador da mão direita, faz uso dos gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas, ao mencionar com quem vive.

No frame 2, ação 6, ao verbalizar “aí, aí aonde? nyamunyo”, ergue o braço direito acima do ombro, é fletido para trás, a mão direita aberta, aponta onde mora, enquanto a mão esquerda semiaberta espalmada à frente do corpo, na zona central do abdômen, em repouso, usa o gesto emblemático com dimensões dêiticas.

No frame 3, ao mencionar os nomes dos seus irmãos, ação 8, ao verbalizar “Joanita, Lena, mais Chica só, sim”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo na zona central do abdômen, a mão esquerda aberta espalmada, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelo

³¹ Segundo Marcuschi (1992, p. 6-7), repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Em torno deste conceito, Fiorin (2008, p. 545), diz que é de forma espontâneo, não preparado anteriormente, fazendo parte de um processo formulativo na fala.

dedo indicador da mão direita, faz uso do gesto emblemático com dimensões dêiticas e ritmadas.

Figura 33 – Gesto emblemático da C6 em português – gênero autobiografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Como vimos nas discussões dos resultados acima, do gênero autobiografia, constatou-se que as 06 crianças convergem no uso dos gestos icônicos, dêiticos, emblemático + dêitico e emblemático + dêitico + ritmado, não divergindo em nenhum gesto nas duas línguas. No concernente à frequência dos gestos usados, em ndawu, predominam os gestos emblemático + dêitico + ritmado e icônicos, enquanto em português, os gestos icônicos e emblemático + dêitico. Neste gênero oral, os gestos emblemáticos + dêitico + ritmado, foram os mais expressivos, com maior incidência na língua ndawu.

Depois de termos analisado o gênero oral autobiografia, a seguir vamos analisar o gênero relato de experiência.

4.2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

4.2.1. Relato de Experiência da C1

Nos mesmos moldes da autobiografia, a C1 foi convidada pelo pesquisador para relatar uma experiência de vida em *ndawu* e em português por si vivenciada, como se ilustra na transcrição abaixo. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 23 – Transcrição do Relato de Experiência da C1

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“inini, inini ndibakumuka, ndibakusamba meso, cucukuwa mukana”	1	“tumo acordar, tumo lavar cara, tumo escovar dente”
2	“depois, depois kulavhari prato”	2	“depois costumo lavar prato”
3	“kudira mbende, kudira, kubwakija muliro, kudira mbende”	3	“tumo limpar dentro, tumo varrer, tumo arrumar”
4	“pakumwa, pakumatabichar”	4	“depois tumo acender fogo, tumo Pôr panela de chá”
5	“depois kulimpari dentro, kuvareri”	5	“depois quando tuma ferver, chamar meu avô”
6	“depois kuarumari quarto, depois kutirar”	6	“meu avô, avo tirar, pôr chá”
7	“av, depois kushamari vovo yango”	7	“depois nós tomate, depois matabichari”.
8	“Kuseriviri chá, itusu kumatabhishari”		

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A transcrição acima é referente as produções verbais da C1 em *ndawu* e em português. À medida que relata as ações por si realizadas, descreve como as pratica, como se pode ver nas ações 1 a 8 em *ndawu* e 1 a 7 em português. Na construção do seu texto oral, nas duas línguas, recorre à algumas estratégias mnemônicas como as repetições de itens lexicais para reavivar e criar ligação entre as ações passadas. Em *ndawu* recorre a repetição do advérbio de tempo “depois” e a forma verbal “*kudira*” - ‘pôr’, como se pode ver nas ações 2, 3, 5 e 6. Enquanto em português, faz uso dos itens lexicais, “tumo³²” e do advérbio “depois” nas ações 1, 2, 3, 4, 5 e 7.

Quadro 24 – Produções verbalizadas da C1

Ações	Trechos em <i>ndawu</i>	Ações	Trechos em português
2	“depois, depois kulavhari prato”	1	“tumo acordar, tumo lavar cara, tumo escovar dente”
3	“ <i>kudira mbende, kudira, kubwakija muliro, kudira mbende</i> ”	2	“depois costume lavar prato”
5	“depois kulimpari dentro, kuvhareri”		
6	“depois kuarumari quarto, depois kutirar”	3	“tumo limpar dentro, tumo varrer, tumo arrumar”
		4	“depois tumo acender fogo, tumo pôr panela de chá”
		5	“depois quando tuma ferver, tumo chamar meu avô”

³² Encurtamento da forma verbal costume.

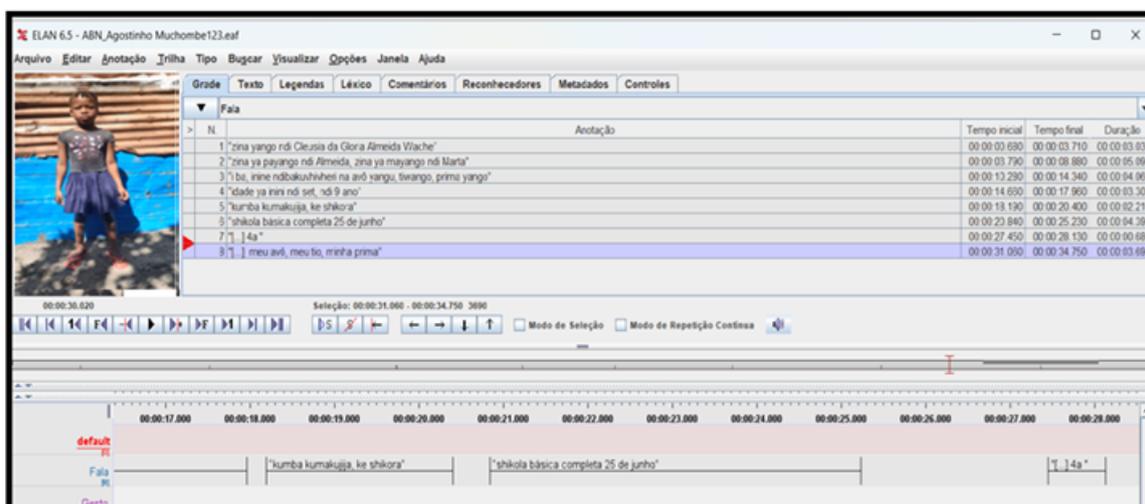
		7	“depois nós tomate, depois matabichari”.
--	--	---	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Os segmentos acima repetidos fazem parte das auto-repetições com uma frequência adjacente uma da outra, como se refere Marcuschi (2006, p. 223), um falante por si, produz a repetição em sua fala. De acordo com Marcuschi (1992, p. 6-7), a repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Em torno deste conceito, Fiorin (2008, p. 545), acrescenta que ocorre de forma espontâneo, não preparado anteriormente, fazendo parte de um processo formulativo na fala.

Na análise gestual do relato de experiência de vida da C1 em *ndawu* e em português dos trechos acima selecionados, observamos que, a C1 inicia o relato em pé com as duas mãos rentes ao tronco, olhando para frente, faz movimentos dos braços de frente para trás, usando o gesto icônico, como se ilustra na figura baixo.

Figura 34 – Abertura gestual do Relato de Experiência da C1 em *ndawu* e português



Fonte: Elaborado pelo o autor (2024)

Dos elementos destacados na análise da produção verbalizada da C1, destacamos o uso da estratégia mnemônica, como as repetições de itens lexicais, “*inine, inine*” - ‘eu’, “depois”, “*kudira*” - ‘pôr’ e “tumo”. A seguir vamos mostrar os elementos gestuais que co-ocorrem com à produção verbal, como se ilustra na figura abaixo.

Figura 35 – Gestos pantomímicos e gesticulação da C1 em *ndawu*



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ao verbalizar “depois, depois *kulavhari* prato (trad. depois lavo prato)”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central abaixo do abdômen, as mãos fechadas em cacho, a mão direita oposta sobre a mão esquerda, simula estar a lavar os pratos, usando os gestos pantomímicos com dimensões icônicas. Nos frames 2 e 3, ação 5, ao verbalizar “depois *kulimpari* dentro, *kuvhareri*”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central abaixo do abdômen, as mãos abertas são fletidas para o meio, onde se cruzam, no frame 2, a palma da mão direita sobre a palma da mão esquerda e no frame 3, as duas mãos espalmadas, os dedos das duas mãos cruzam-se na zona central do corpo, abaixo do abdômen, menciona as atividades que faz em casa (varrer e limpar dentro), usando a gesto icônico.

Figura 36 – Gesto ritmado da C1 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O frame acima é referente as ações 1, 2, 3, 4, 5 e 7 em português da C1, ela coloca os dois braços rentes ao corpo, com as duas mãos abertas sobre as coxas, os dois braços são fletidos do interior para exterior, vice-versa batendo e segurando a sua coxa, usando os gestos ritmados ao relatar as suas atividades diárias.

4.2.2. Relato de Experiência da C2

A C2 foi convidada pelo pesquisador para relatar uma experiência de vida em *ndawu* e português por si vivenciada, como se ilustra na transcrição abaixo. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 25 – Transcrição do Relato de Experiência da C2

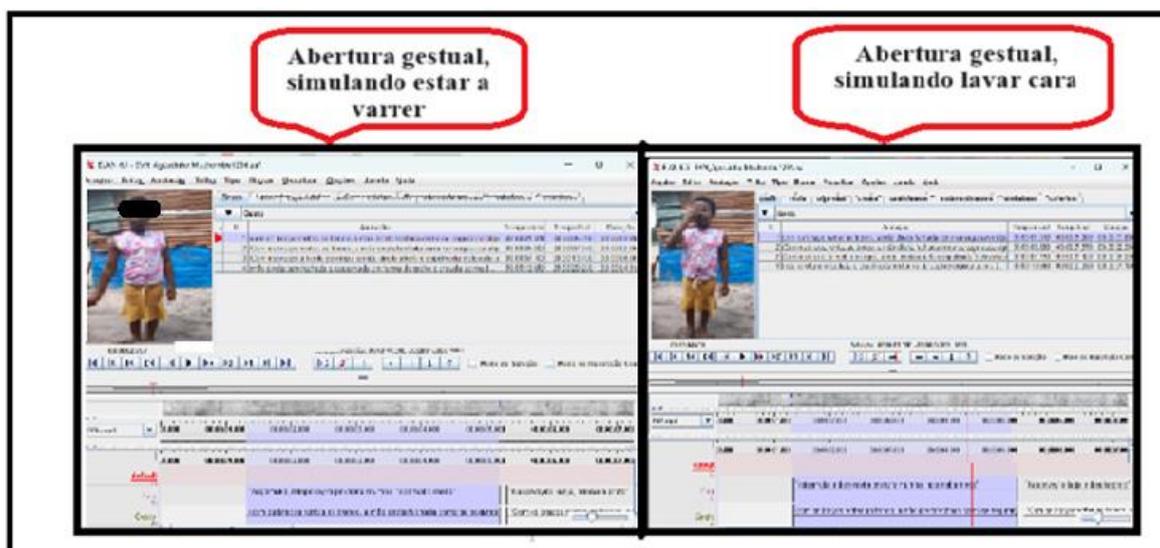
Ações	Transcrição em <i>Ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“ndigamuka, ndopsvayira- psvayira mumba, ndosmaba meso”	1	“Quando acordar, laavar cara, lavar prato”
2	“Ndopsvayira kunja, ndosuka prato”	2	“varrer dentro, varrer fora”
3	“peja suka prato, psvayira, hããã, hããã, ndosamba meso, ndopinda kutamba, ndosamba”	3	“ir tomar banho, pinda escola”
4	“ndopinda kushikora, ndigahwirira”	4	“voltar, isso aí, varrer dentro, lavar, comer, lavar prato, ir brincar”.
5	“kuha, ndoha ndopsvayira mumba”	5	“Quando acordar, laavar cara, lavar prato”
6	“ndosuka prato, ndoyendazve kutamba”	6	“varrer dentro, varrer fora”

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A transcrição acima é referente a produção verbal da C2 em *ndawu* e em português, à medida que relata as ações por si vividas, descreve detalhadamente as atividades que realiza durante o dia, como se pode notar nas ações 1 a 6 em *ndawu* e 1 a 4 em português. Na construção do seu texto oral em *ndawu*, recorre a estratégia mnemônica para lembrar as atividades vivenciadas, como a pausa preenchida “hããã”. Isso é notório na ação 3 “peja suka prato, psvayira, hããã, hããã, ndosamba meso, ndopinda kutamba, ndosamba (trad. quando termino de lavar os pratos, varro, hããã, hããã, lavo cara, vou brincar e tomo banho)”. Enquanto em português usa algumas estratégias organizadoras da fala, como as ações, 1, “quando acordar, lavar cara, lavar prato” – anuncia a primeira atividade do dia depois de acordar; 3, “ir tomar banho, pinda escola (trad. pinda ‘ir’)” – diz o que faz depois de realizar todas as atividades; 4, “voltar (...) ir brincar” – informa o que faz depois de regressar da escola; 6, “(...) varrer dentro, varrer fora” – finaliza o seu relato com as últimas atividades do dia.

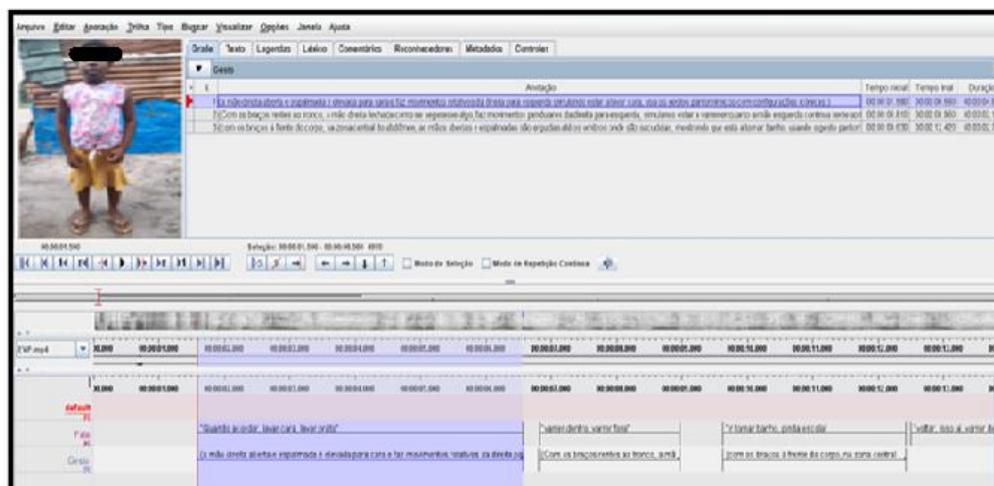
Na abertura gestual do relato de sua experiência, destacamos alguns aspectos observados no trecho selecionado a seguir. Na ação 1, ao verbalizar “ndigamuka, ndopsvayira-psvayira mumba, ndosamba meso (trad. quando acordo, varro dentro da casa e tomo banho”, a C2 inicia o seu relato em pé, com os braços rentes ao tronco, a mão direita fechada como se segurasse algo, faz movimentos pendulares da direita para esquerda, simulando estar a varrer enquanto isso, a mão esquerda continua rente ao tronco, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas. Na mesma senda, com os dois braços à frente do corpo, a mão direita aberta e espalmada, é elevada para cara e faz movimentos rotativos da direita para esquerda simulando lavar cara, enquanto o braço esquerdo fica rente ao tronco com a mão semiaberta, usa os gestos pantomímicos com dimensão icônica. Em português inicia com os braços rentes ao corpo, as mãos espalmadas e em repouso nas coxas das pernas, anunciado o que faz quando acorda, usa gestos icônicos, como se ilustra nas figuras 38 e 39.

Figura 37 – Abertura gestual de relato de experiência em ndawu da C2



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 38 – Abertura gestual de Relato de Experiência em português da C2



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada em *ndawu*, destacamos o uso da estratégia mnemônica através da pausa preenchida com o “hããã”, do ponto de vista da relação fala e gesto, onde os elementos gestuais co-ocorrerem na produção verbal, como demonstramos abaixo.

Figura 39 – Gestos pantomímicos em Ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ação 2, ao verbalizar “Ndopsvayira kunja, ndosuka prato (trad. varro fora, lavo prato)” com o braço direito fletido para direita, a mão direita fechada em cacho, como se estivesse a segurar algo, faz movimentos pendulares da direita para esquerda, simulando estar a varrer enquanto o braço esquerdo está rente ao tronco e a mão aberta, usa gestos pantomímicos com dimensão icônica. Continuando na mesma ação, no frame 2, coloca os dois braços à frente do corpo, na zona central, a mão direita fechada em cacho, os dedos sobre a palma da mão esquerda, simula estar a lavar os pratos, usando os gestos pantomímicos com dimensões icônicas.

No frame 3, ao verbalizar ação 3, “peja suka prato, psvayira, hããã, hããã, ndosamba meso, ndopinda kutamba, ndosamba (trad. terminado de lavar prato, varro, hããã, hããã, lavo cara, vou brincar e tomo banho)”, com os dois braços à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos abertas e espalmadas são erguidas até a caixa torácica, onde são sacudidas de fora para dentro, mostrando estar a tomar banho, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas ao simular a ação verbalizada de tomar banho. No frame 4, ao verbalizar “kuha, ndoha ndopsvayira mumba (trad. como, como e varro dentro de casa)”, com o braço direito erguido para cima, depois da caixa torácica e a mão direita semifechada e espalmada, é fletida para boca, simulando estar a comer enquanto isso, a mão esquerda semiaberta, com a palma da mão virada para cima, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas.

Correlação a análise da produção verbalizada em português, a C2 não usou elementos lexicais mnemônicos. Do ponto de vista da relação fala e gesto, onde os elementos gestuais co-ocorrem na produção verbal, as ações que a C2 faz em *ndawu* são as mesmas em português, isto é, os gestos são iguais.

4.2.3. Relato de Experiência da C3

A transcrição abaixo é o relato de experiência de vida em *ndawu* e português da C3. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 26 – Transcrições do relato de experiência da C3

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“Iii, inini ndayijijia no Manga-Maaascarenha”	1	“eu quando estava na 6 ^a , estava (Pausa > 5s) estudar bem, bater positiva e não negativa”
2	“professor wedo wayijijisa bom nem kutaka wana, nem kutuka”	2	“es estudava na Manga-Mascarenha”
3	“Zvese zvayi eeeexplikahwe”	3	“eu não estu, não brincava mal na sala de aula”
4	“nem ndayibuda negativa, positiva basi”	4	“o professor nos em, em, em, ensinava bem tudo bem”
5	Wari ndapasari zha, ndiri kuu kuu kujija kuu kuu escola básica Manga-Loforte”.	5	“assim passei para 7 ^a ”
		6	“estudo na eeescola básica da

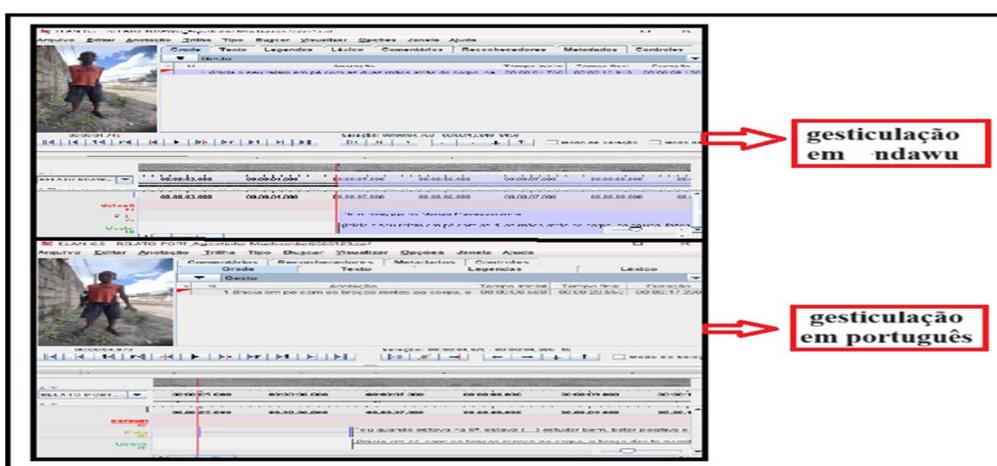
			Manga-Loforte”.
--	--	--	-----------------

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Nas transcrições acima, à medida que a C3 relata as ações por si realizadas na escola, como se pode ver nas ações 1 a 5 em *ndawu* e 1 a 6 em português. Na construção do seu texto oral em *ndawu*, não recorre a nenhuma estratégia, seja ela, mnemônica ou organizadora da fala. Em português também não faz uso de estratégias mnemônicas, mas ao iniciar o seu relato, ação 1 “eu quando estava na 6ª, estava (pausa > 5s) (...)”, ela faz uma pausa longa, como forma de refletir e recuperar o que tinha esquecido não tendo a intervenção do pesquisador, ela continuou com o seu relato.

Na análise da abertura gestual do relato de experiência de vida, destacamos alguns aspectos observados no trecho selecionado a seguir em *ndawu*, a C3 inicia o seu relato em pé com os dois braços fletidos para trás, as duas mãos agarradas atrás do corpo, isto é, na coluna, abana os ombros, faz uso de gestos icônicos. Em português também inicia em pé, o braço esquerdo fletido para a lateral, a mão aberta e a palma da mão virada para baixo, faz uso do gesto icônico enquanto o braço direito fletido para trás, a mão encostada ao corpo, como se pode ver na figura 40.

Figura 40 – Gesticulação em *ndawu* e português da C3 – gênero relato de experiência



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada em *ndawu* e em português não destacamos o uso de nenhuma estratégia linguística. Do ponto de vista da relação, fala e gesto, onde os elementos gestuais co-ocorrerem na produção verbal, serão ilustrados abaixo.

Figura 41 – Gesticulação icônica



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ação 2, ao verbalizar em *ndawu*, “professor wedo wayijijisa bom nem kutaka wana, nem kutuka (trad. o nosso professor ensinava (...) não batia nas crianças e não os insultava)”, com os dois braços rentes ao corpo, a mão direita fechada e a mão esquerda aberta com a palma da mão virada para baixo, é fletida da esquerda para a lateral esquerda, quando fala das atividades que o professor faz, usa gesto metafórico.

No frame 2, ao verbalizar em português “(...) estudava na Manga-Mascarenha” e “eu não estu, não brincava mal na sala de aula” em português, com os braços rentes ao corpo, a mão direita fechada, em repouso e rente ao tronco enquanto isso, a mão esquerda é aberta e a palma da mão virada para baixo, é fletida para baixo, diz onde estuda e o que não fazia de errado na escola, usa gesto icônico.

4.2.4. Relato de Experiência da C4

O quadro 27 é referente a transcrição da fala do relato de experiência de vida, da C4 em *ndawu* e em português. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 27 – Transcrição de Relato de Experiência da C4

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“inine ndamuka, ndasamba meso”	1	“eu acordei, costume lavar cara,

			depois lavar prato”
2	“depois ndosuka parato”	2	“depois varrer, hããã quintal, depois varrer dentro, depois ir tomar banho”
3	“ndopsvayira paruwanje, depois ndopsvayira mumba”	3	“põe sabão na cabeça e depois põe água”
4	“ndopeja, ndoyenda kugeza, ndopeja”	4	“depois começar hããã, o quê? Esfregar”
5	Ndoyigeza, ndichidira sabawu, ndojitutoriija dari”	5	“depois sai fora” (pausa > 2s)
6	“depois ndichikhwija muwiri, ndopeja ndichitutoriija até sabawu ipere”		O pesquisador pergunta: “quando sai fora, o que faz?”
7	“ndopeja ndobuda kunja”	6	“trocar roupa, trocar loupa”
			O pesquisador pergunta: “depois não brinca com os amigos?”
		7	“brincar com os amigos, depois tira (...)”

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

À medida que a C4 relata as ações por si vividas, descreve detalhadamente as atividades que realiza durante o dia, como se pode ver nas ações 1 a 7 em *ndawu* e 1 a 7 em português. Para construir o seu texto oral em *ndawu*, faz uso de algumas estratégias organizadoras de sua

fala, como nas ações 1, “inine ndamuka, ndasamba meso (trad. quando eu acordo, lavo a cara)” – anuncia a primeira atividade que faz quando acorda; 2, “depois ndosuka parato (trad. depois lavo prato)” – anuncia a segunda atividade do dia; 4, “ndopeja, ndoyenda kugeza (...) (trad. quando termino, tomo banho)” – diz o que faz depois de terminar as suas atividades diárias; 7, “ndopeja, ndobuda kunja (trad. quando termino, saio)” – finaliza as atividades do dia; também faz uso de algumas estratégias mnemônicas como as repetições de itens lexicais para formular e criar ligação entre as ações, recorrendo ao advérbio de tempo “depois” e a forma verbal “*ndopeja*”- ‘termino’ como se pode observar nas ações 2, 3, 4, 6 e 7. Enquanto em português, para construir o seu texto oral, faz uso de alguns recursos mnemônicos para se lembrar e recuperar uma atividade, como é o caso, o uso da interjeição “hããã” em pausas preenchidas nas ações 2 e 4; repetição do advérbio de tempo “depois”, nas ações 2, 3, 5 e 7 e por último, faz pergunta retórica na ação 4.

Os itens repetidos, fazem parte das auto-repetições com uma frequência adjacente uma da outra, para Marcuschi (2006, p. 223), nas auto-repetições, o falante produz a repetição em sua fala, como forma de se apoiar em momentos de hesitação para recuperar, reformular e retificar algumas palavras esquecidas durante a sua explanação. Marcuschi (1992, p. 6-7), define a repetição como sendo a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Na mesma senda, Fiorin (2008, p. 545), diz que a repetição ocorre de forma espontâneo, não preparado anteriormente, fazendo parte de um processo formulativo na fala.

Quadro 28 – Produções verbalizadas da C4 – gênero relato de experiência

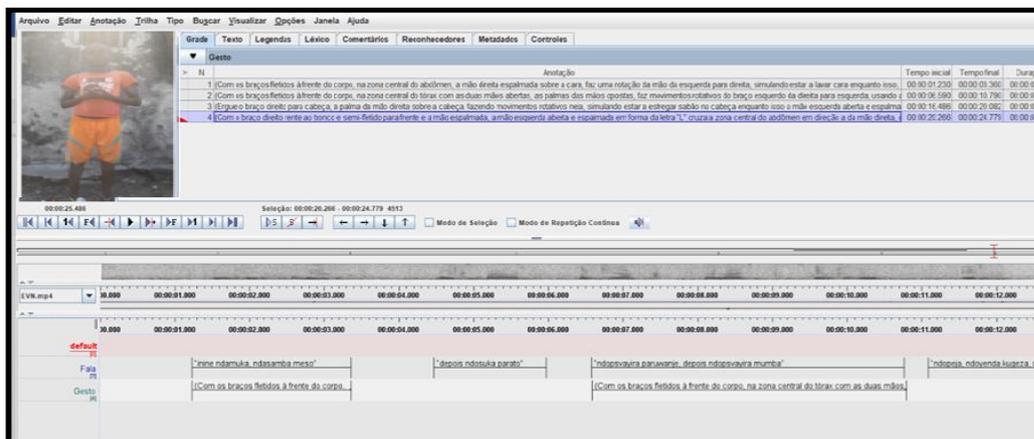
Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
2	“depois ndosuka parato”	2	“depois varrer, hããã quintal, depois varrer dentro, depois ir tomar banho”
3	“ndopsvayira paruwanje, depois ndopsvayira mumba”	3	“põe sabão na cabeça e depois põe água”
4	“ndopeja, ndoyenda kugeza, ndopeja”	4	“depois começar hããã, o quê? Esfregar”

6	“depois ndichikhwija muwiri, ndopeja ndichitiririja até sabawu ipere”	5	“depois sai fora” (pausa > 2s)
7	“ndopeja ndobuda kunja”	7	“brincar com os amigos, depois tira (...)”

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise gestual do relato de experiência da C4 em *ndawu* e em português, destacamos alguns gestos observados nos trechos selecionados a seguir. Nas duas línguas, a C4 inicia o seu relato de experiência em pé, com os braços fletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, a mão direita espalmada sobre a cara, faz uma rotação da mão, da esquerda para direita, simulando estar a lavar cara enquanto isso, a mão esquerda é fletida para baixo, usando gesto pantomímico com dimensão icônica, como se pode ver na figura 42.

Figura 42 – Gesto pantomímico na abertura gestual do relato de experiência da C4 em *ndawu* e em português

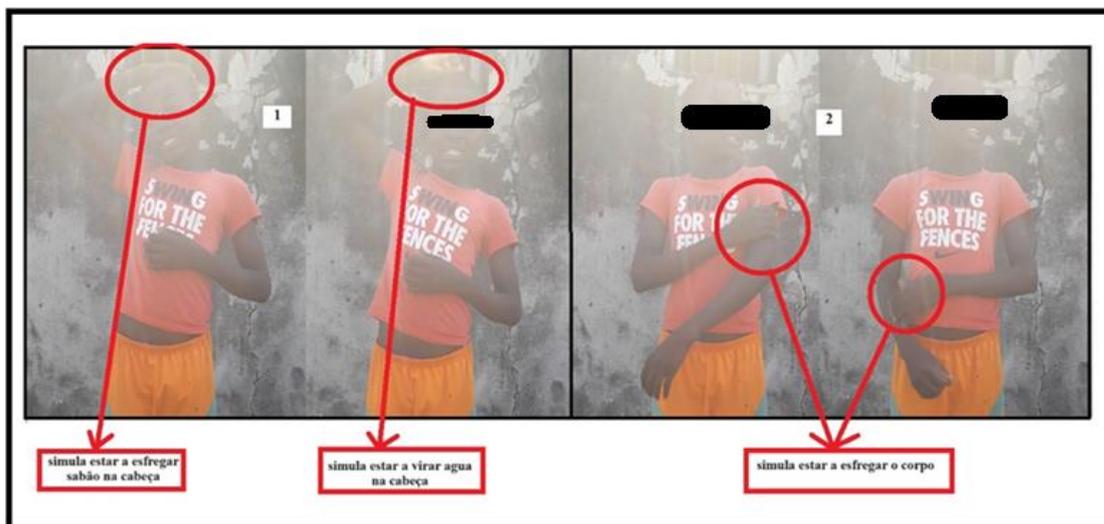


Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Dentre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C4, em *ndawu* destacamos os elementos organizadores de texto; uso de estratégia mnemônica, como a repetição de item lexical “depois” e em português destacamos o uso de estratégias mnemônicas, como a pausa preenchida com a interjeição “hããã” e as repetições do advérbio “depois”. Do

ponto de vista da relação fala e gesto em *ndawu*, é pertinente mostrarmos os elementos gestuais co-ocorrentes à produção verbal, como pode ser visto na figura 43.

Figura 43 – Gestos da C4 em *ndawu* – Gênero relato de experiência



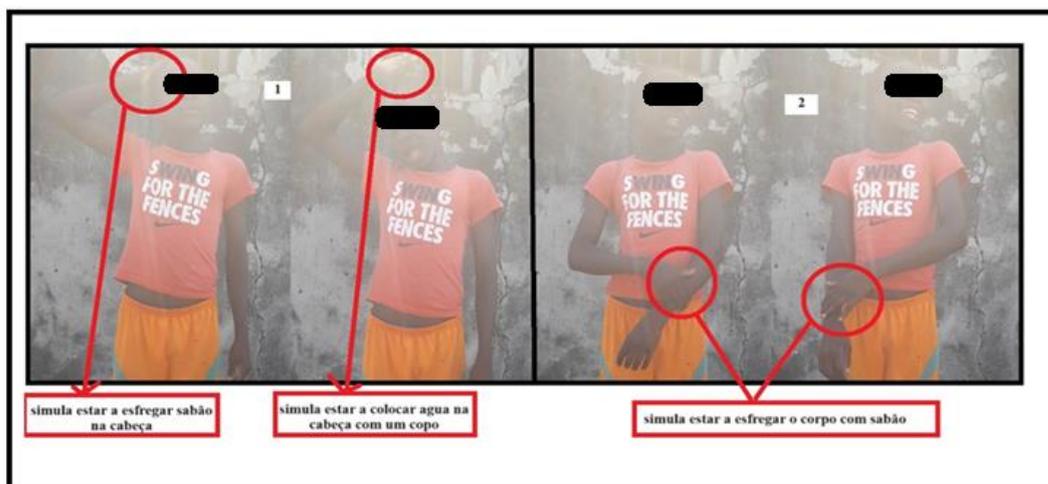
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ao verbalizar “Ndoyigeza, ndichidira sabawu, ndojituriya dari (trad. quando tomo banho, costumo esfregar sabão, e molho-me desta forma”, ergue o braço direito para cabeça, com a mão direita aberta e a palma sobre a cabeça, faz movimentos rotativos nela, simulando estar a esfregar sabão na cabeça enquanto isso, a mão esquerda aberta e espalmada repousa no abdômen, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas. Na mesma ação e no mesmo frame, o braço direito é erguido acima do ombro, com a palma da mão semiaberta simulando virar água na cabeça ao tomar banho mediante um copo, usando gesto pantomímico com dimensão icônica.

No frame 2, ao verbalizar: “depois ndichikhwiya muwiri, ndopeja ndichituriya até sabawu ipere ((...) trad. escovo o meu corpo, quando termino, molho-me até terminar sabão)”, com os dois braços à frente do corpo, o braço direito cruza a zona central do abdômen em direção ao braço esquerdo, a mão direita é aberta, a sua palma é colocada sobre o braço esquerdo, faz movimentos da mão, do antebraço para braço sucessivamente, mudando de mãos da esquerda para direita, simulando estar a esfregar-se, faz uso de gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas.

Do ponto de vista da relação fala e gesto em português, é pertinente mostrarmos os elementos gestuais co-ocorrentes à produção verbal, como pode ser visto na figura 44.

Figura 44 - Gestos da C4 em português – Gênero relato de experiência



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ação 3, ao verbalizar: “põe sabão na cabeça e depois põe água”, a C4 ergue o braço direito para cabeça, a mão direita aberta e a sua palma sobre a cabeça, faz movimentos rotativos nela, simulando estar a esfregar sabão na cabeça enquanto isso, a mão esquerda aberta espalmada, repousa no abdômen, faz uso dos gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas. Na mesma ação e no mesmo frame, o braço direito é erguido acima do ombro, com a palma da mão semiaberta, simulando virar água na cabeça ao tomar banho com um copo/caneca, usando os mesmos gestos pantomímicos com dimensão icônica.

No frame 2, ação 4, ao verbalizar “depois começar hããã, o quê? esfregar”, com os dois braços à frente do corpo, o braço direito cruza a zona central do abdômen em direção ao braço esquerdo, a mão direita é aberta, a sua palma é colocada sobre o braço esquerdo, faz movimentos da mão, do antebraço para braço sucessivamente, mudando de mãos da esquerda para direita, simulando estar a esfregar-se, faz uso de gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas.

4.2.5. Relato de Experiência da C5

A C5 foi convidada pelo pesquisador para relatar uma experiência de vida em *ndawu* e em português por si vivenciada, como se pode ver na transcrição abaixo. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 29 – Transcrição de Relato de Experiência da C5

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português

1	“ndigamuka pano, ndinopsvayira, ndosuka prato”	1	“quando eu acordar aqui no mabuto, em casa”
2	“ndochera kumwa, ndosamba, ndoyenda kushikora”	2	“quando eu acordar aqui, varrer, lavar prato, ir buscar água”
3	“ndovha kushikora, ndotora mwana, ndotamba naye até madeko”.	3	“depois tomar banho, ir na escola”
		4	“quando eu voltar na escola, levar criança, pegar até a tarde”
		5	“mãe dele lhe levar também”.

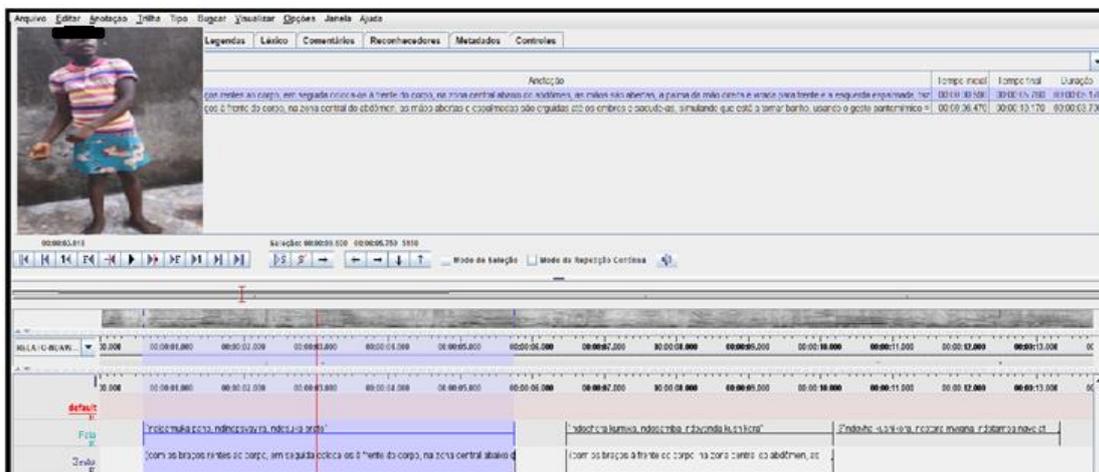
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada, a C5 relata a sua experiência de vida em *ndawu* e em português, à medida que relata as ações por si vividas e realizadas, descreve detalhadamente as atividades que realiza durante o dia, como se pode notar nas ações 1 a 3 em *ndawu* e 1 a 5 em português. Para construir o seu texto oral em *ndawu*, e em português usou algumas estratégias organizadoras da fala; em *ndawu* ações 1, “ndigamuka pano, ndinopsvayira, ndosuka prato (trad. aqui, quando eu acordo, varro e lavo prato” – diz a sua primeira atividade do dia quando acorda; 3, “ndovha kushikora, ndotora mwana, ndotamba naye até madeko (trad. quando regresso da escola, levo criança e brinco com ela até o final do dia” – finaliza o seu relato. Em português nas ações 1, “quando eu acordar aqui no mabuto, em casa” – diz a primeira atividade que faz quando acorda; 5, “mãe dele lhe levar também” – finaliza o seu relato. Nas duas línguas, a C5 não usa nenhum elemento lexical mnemônico.

Na análise gestual do relato de experiência da C5 em *ndawu* e em português, destacamos alguns aspectos, observados nos trechos selecionados a seguir. Em *ndawu*, a C5 inicia o relato em pé, com os dois braços fletidos para o lado direito, a mão direita aberta, a sua palma virada para frente, a mão esquerda fechada em cacho, faz movimentos das mãos da esquerda para

direita com o tronco ligeiramente inclinado para direita, simula estar a varrer, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas, como pode ser visto na figura 45.

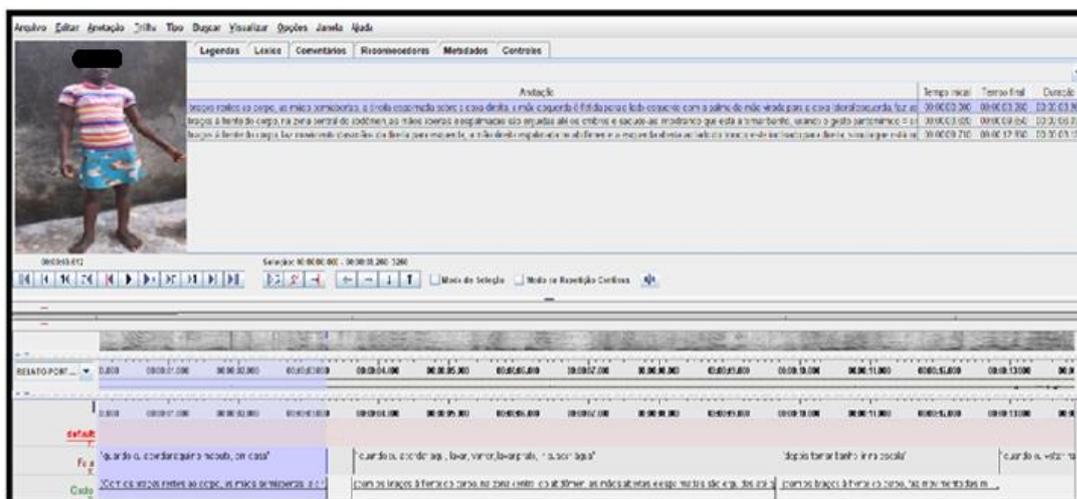
Figura 45 – Gesto pantomímico na abertura gestual do relato de experiência da C5 em ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Enquanto na análise gestual do relato de experiência em português, a C5 também inicia o relato em pé, com os dois braços rentes ao corpo, as mãos semiabertas, a direita espalmada sobre a coxa direita, o braço direito é fletido para lateral esquerdo, a palma da mão esquerda virada para a coxa, usa gesto icônico ao dizer o que faz quando acorda, como pode ser visto na figura 46.

Figura 46 – Abertura gestual do relato de experiência em português da C5



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Dentre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C5, em *ndawu* e em português, destacam-se os elementos organizadores de texto não recorrendo a nenhum elemento lexical mnemônico. Do ponto de vista gestual em *ndawu*, no frame abaixo, referente a ação 1, ao verbalizar “(...), ndosuka prato (trad. lavo prato)”, com as duas mãos abertas, abaixo do abdômen, a mão direita encostada sobre a palma da mão esquerda, simula estar a lavar pratos, usa gestos pantomímicos com dimensão icônica, como se pode ver na figura 47.

Figura 47 – Gesto pantomímico em *ndawu*



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame abaixo, figura 48, referente a ação 2, ao verbalizar “ndochera kumwa, ndosamba, ndoyenda kushikora (trad. carto água, tomo banho e vou à escola)”, com os dois braços à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos abertas e espalmadas são erguidas até aos ombros, de onde são movimentadas de fora para tórax, simulando estar a tomar banho, usando gestos pantomímicos = simulando a ação verbalizada de tomar banho, com dimensões icônicas e ritmadas.

Figura 48 – gesto pantomímico em ndawu

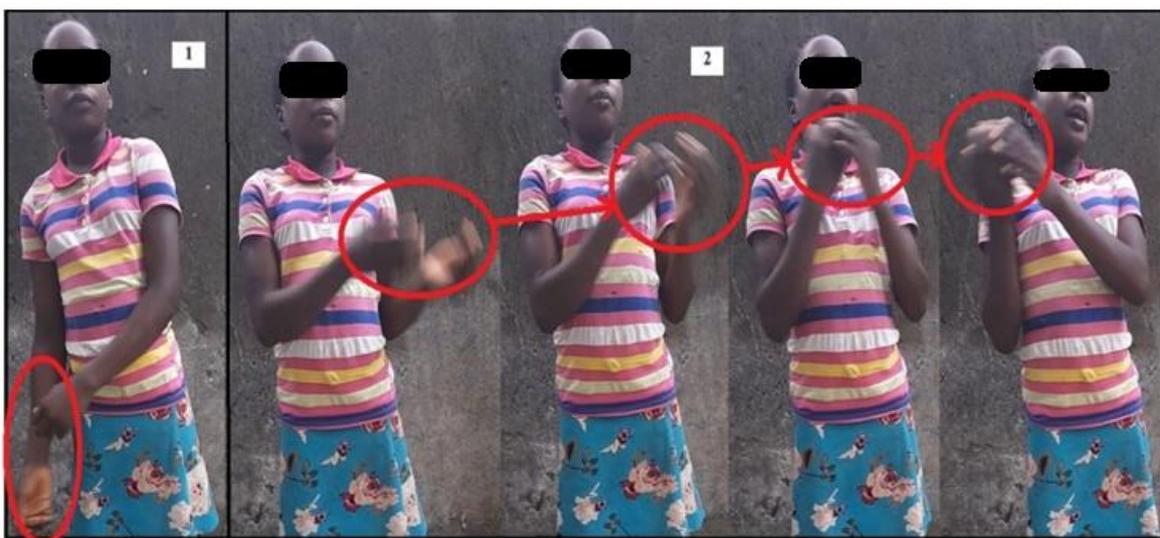


Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Do ponto de vista gestual em português, no frame 1, referente a ação 2, ao verbalizar “quando eu acordar aqui, varrer, lavar prato, ir buscar água”, com os dois braços rentes ao corpo, em seguida coloca-os à frente do corpo, na zona central abaixo do abdômen, as duas mãos são abertas, a palma da mão direita é virada para frente e a esquerda espalmada, faz movimento das mãos, da esquerda para direita, com o tronco ligeiramente inclinado para direita, simula estar a varrer, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas.

No frame 2, ação 3, ao verbalizar “depois tomar banho, ir na escola”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos abertas e espalmadas, são erguidas até ao ombro, onde são movimentadas de fora para o tórax, simulando estar a tomar banho, usando gestos pantomímicos = simulando a ação verbalizada de tomar banho, com dimensões icônicas e ritmadas.

Figura 49 – Gesto pantomímico em português da C5



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na mesma ação 3, ao verbalizar “(...) ir na escola”, com os dois braços à frente do corpo, movimenta as duas mãos da direita para esquerda, com a mão direita espalmada no abdômen e a esquerda aberta ao lado do tronco inclinada para direita, simula ir à escola, usa gesto dêitico.

Figura 50 – a gesticulação dêitica em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

4.2.6. Relato de Experiência da C6

O quadro 30 é referente às transcrições da fala do relato de experiência de vida, da C6 em *ndawu* e em português. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 30 – Transcrição de Relato de Experiência da C6

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“zvingamuka inini, no cinyi? Nosamba meso, escovar dente, escovar meno nem!”	1	“eu quando acordo, lavo cara, escovo dente”
2	“escovar meno no cinyi?”	2	“depois já, lavo prato, cato água”
3	“nozvokusuka maparato, no cinyi? no bi	3	“quando acabo de catar água, cozinho aí, matabicho com minhas irmã, só, só isso”
4	“(…) cinyi? Kuchera kumwa”		
5	“depois zha thi, bika para hama jango, depois tihe”.		

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada, a C6 conta uma experiência da sua vida em *ndawu* e em português, à medida que relata as ações por si vividas e realizadas, descreve em detalhe as atividades que realiza durante o dia, como se pode ver nas ações 1 a 5 em *ndawu* e 1 a 3 em português. Para construir o seu texto oral em *ndawu*, recorre à alguns recursos mnemônicos e coesivo como forma de se lembrar da experiência vivida, como é o caso das perguntas retóricas, que podem ser constatadas nas ações: 1, “zvingamuka inini, no cinyi? (trad. quando eu acordo, com o quê?)”; 2, “escovar meno no cinyi? (trad. escovar dente com o quê?)”; 3, “(…) maparato,

no cinyi? (trad. (...) pratos com o quê?)”; 4, “(...) cinyi? (o quê?)”, enquanto em português não recorre a nenhuma estratégia mnemônica, mas sim estratégias organizadoras da sua fala, nas ações 1, “eu quando acordo, lavo cara, escovo dente” – diz a primeira atividade que realiza quando acorda; 3, “quando acabo de cartar água, cozinho aí, matabicho com minhas irmã, só, só isso” – finaliza o seu relato de experiência.

Na análise gestual do relato de experiência da C6 em *ndawu* e em português, destacamos alguns aspectos, observados nos trechos selecionados a seguir. Em *ndawu*, a C6 inicia o relato em pé, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos abertas e espalmadas, o espalmo da mão direita bate na palma da mão esquerda, ela diz a primeira atividade que faz quando acorda, usando gestos ritmados. Em português, também inicia em pé, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos fechadas em cacho, a palma da mão esquerda sobre o espalmo da mão direita, diz o que faz quando acorda, usando gesto icônico, como se pode ver na figura 51.

Figura 51 – Abertura gestual da C6 – gênero relato de experiência



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Dentre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C6 em *ndawu* e em português, destacam-se as estratégias mnemônicas em *ndawu* e elementos organizadores de texto em português.

Do ponto de vista gestual em *ndawu*, no frame abaixo, referente a ação 5, ao verbalizar “depois zha thi, bika para hama jango, depois tihe (trad. depois de cozinhar para os meus irmãos, comemos)”, com os braços à frente do corpo, a mão esquerda aberta, com a palma da mão

virada para baixo e fletida para esquerda, faz movimento circular na mesma posição da mão, enquanto a mão direita fica na zona central aberta com a palma virada para baixo, usa os gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas, simulando estar a cozinhar, como se pode ver na figura 52.

Figura 52 - Gesto icônico da C6 em ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em português, do ponto de vista gestual, no frame abaixo, ao verbalizar (ação 3), “quando acabo de catar água, cozinho aí, matabicho com minhas irmã, só, só isso”, com os dois braços à frente do corpo, a mão esquerda aberta com a palma da mão virada para baixo e fletida para esquerda, faz movimento circular na mesma posição da mão enquanto a mão direita fica na zona central e aberta, com a palma virada para baixo, usa os gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas, simulando estar a cozinhar.

Figura 53 – gesto icônico da C6 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Neste gênero oral, as 06 crianças convergem ao usarem os gestos icônicos, ritmados, pantomímicos + icônicos e pantomímicos + icônicos + ritmados, enquanto isso, divergem no uso dos gestos metafóricos em *ndawu* e dêiticos em português. Em *ndawu* predominam os gestos pantomímicos + icônicos e os pantomímicos + icônicos + ritmados, em português predominam os pantomímicos + icônicos, icônicos e pantomímicos + icônicos + ritmados. Os gestos pantomímicos + icônicos foram os mais expressivos, com maior incidência em *ndawu*.

Depois de termos analisado o gênero oral, relato de experiência, a seguir vamos analisar o gênero oral, receita culinária.

4.3. RECEITA CULINÁRIA

4.3.1. Receita Culinária da C1

Nos mesmos moldes da autobiografia e de relato de experiência, a C1 foi convidada pelo pesquisador para o ensinar uma receita em *ndawu* e português, como mostra a transcrição abaixo. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 31 – Transcrição da receita culinária da C1

Ações	Transcrição em <i>Ndawu</i>	Ações	Transcrição em português

1	“pinda kubazari, ndotenga musere”	1	“receita de comida”
2	“kuwiya, bwaka, bwakija muliro”	2	“tumo ir no bazar, tumo comprar arroz”
3	“depois dira mbende na kumwa, kuwira”	3	“tumo vir, tumo acender fogo”
4	“kudira sari na musere”	4	“tumo pôr panela, tumo pôr água, tuma f tumo pôr sali”
5	“depois kubhafari, depois kudhimumiri (...) ku, ku, kudhimumiri carva, kudhimumiri masimbe”	5	“edi... pôr arroz”
6	“kudhimumiri padoko masimbe”	6	“depois tuma coze, tuma ir pouco”
7	“depois kudeishari, kubhafari”	7	“tumo cozer...tumo vir para aprovar que cozeu ou não”
		8	“depois, depois tumo diminuir carvão”
		9	“diminuir carvão, depois mandar bafar, depois chamar minha mãe”

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada, a C1 apresenta o passo a passo da sua receita de arroz, à medida que descreve as ações, apresenta os ingredientes, como se pode ver nas ações 3 a 7 em *ndawu* e 1 a 9 em português. Na construção do seu texto oral, nas duas línguas recorre algumas estratégias mnemônicas como as repetições de itens lexicais para se lembrar da sua receita. Em *ndawu* recorre as repetições do prefixo “*ku*³³” e do advérbio de tempo “depois”, como mostram as ações 3 a 5 enquanto em português, recorre às repetições dos itens lexicais,

³³ Prefixo da classe 15 na língua *ndawu*, classe de verbos no infinitivo.

“tumo” (encurtamento da forma verbal, costume) e também do advérbio, “depois”, nas ações 2 a 9. Vejamos às produções verbalizadas da C1.

Quadro 32 – Produções verbalizadas da C1

Ações	Trechos em <i>Ndawu</i>	Ações	Trechos em português
3	“depois dira bende na kumwa, kuwira”	2	“tumo ir no bazar, tumo comprar arroz”
4	“kudira sari na musere”	3	“tumo vir, tumo acender fogo”
5	“depois kubhafari, depois kudhimumiri ku, ku, kudhimumiri carva, kudhimumiri masimbe”	4	“tumo pôr panela, tumo pôr água, tuma fê tumo pôr Sali”
		5	“edi... pôr arroz”
		6	“depois tuma coze, tuma ir pouco”
		7	“tumo cozer...tumo vir para aprovar que cozeu ou não”
		8	“depois, depois tumo diminuir carvão”
		9	“diminuir carvão, depois mandar bafar, depois chamar minha mãe”

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Os segmentos acima repetidos fazem parte das auto repetições com uma frequência adjacente uma da outra, para Marcuschi (2006, p. 223), nas auto-repetições, o falante produz a repetição em sua fala. Segundo Marcuschi (1992, p. 6-7), repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Na mesma senda, Fiorin (2008, p. 545), acrescenta que, a repetição ocorre de

forma espontâneo, não preparado anteriormente, fazendo parte de um processo formulativo na fala.

Na análise gestual em *ndawu* e em português, dos trechos acima selecionados, observamos que, a C1 inicia a sua receita em pé com os braços rentes ao corpo, olhando para o pesquisador, usando gesto icônico, como se ilustra na figura baixo.

Figura 54 – Abertura gestual da receita culinária em *ndawu* e em português da C1

Id	Texto	Tempo inicial	Tempo final	Duração
1	"jinda kibazani nditerga musere"	00:00:30.600	00:00:03.390	00:00:02
2	"tunya, bwaka, bwaka mulri"	00:00:33.630	00:00:06.720	00:00:03
3	"depos dirabende na kumwa, kuera"	00:00:36.990	00:00:11.320	00:00:04
4	"tudra sari na musere"	00:00:11.550	00:00:13.550	00:00:02
5	"depos kuhafani, depos kuchimuni j ku, ku, kuhminuicava, tudminuui musibe"	00:00:13.140	00:00:27.170	00:00:13
6	"masembe"	00:00:17.770	00:00:27.500	00:00:09
7	"tudminuui jadhikomaiembe"	00:00:28.110	00:00:30.530	00:00:02
8	"depos kudochani, kudufani"	00:00:30.510	00:00:32.390	00:00:02

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada dos trechos acima, do ponto de vista da relação fala e gesto a co-ocorrerem nas duas línguas (*ndawu* e português), destacamos as estratégias da repetição do prefixo, “*ku*” e do advérbio “depos” e das repetições dos itens lexicais “tumo” e “depos”. Como ilustra a figura abaixo.

Figura 55 - Gesto ritmado em *ndawu*



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame acima, figura 55, ao verbalizar, ação 3, “depois dira mbende na kumwa, kuwira (trad. (...) coloco panela com água)”; ação 4, “kudira sari na musere (trad. ponho sal com arroz)” e ação 5, “depois kubhafari, depois (...) kudhiminuri masimbe (trad. (...) bafar, depois diminuir carvão)”, com os dois braços rentes ao corpo e semifletidos para frente do corpo, na zona central e as mãos abaixo do abdômen, faz movimento pendular das duas mãos, bate palmas, descrevendo as ações e apresentando os ingredientes da sua receita, usa gestos dêiticos + ritmados.

Figura 56 – gesto icônico da C1 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame acima, referente as ações de 2 a 9 em português, ao serem verbalizadas, a C1, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos fechadas em cacho, cruzadas através dos espalmos das duas mãos, descreve as ações e ao mesmo tempo apresenta os ingredientes usados na receita, usa gestos icônicos + dêiticos.

4.3.2. Receita culinária da C2

O quadro 33, mostra as transcrições da fala de receita culinária de feijão, em *ndawu* e português da C2. Usamos a numeração para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 33 – Transcrição da receita culinária da C2

Ações	Transcrição em <i>Ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“receita de feijão”	1	“receita de feijão”
2	“hããã, receita de feijão, pinda bazari, hwirira”	2	“ir no mercado, voltar”
3	“suka, suka feijão, dira m'bende”	3	“na, ir no mercado comprar feijão voltar”
4	“pera dira mubende, domayija”	4	“depois levar feijão, pôr na panela, isso aí ferver”
5	kaku, kaku, kakucini? Kakuwira”	5	“tampar, acabar tampar, ferver”
6	“kakupeja vira, kakukhutura mubasiya”	6	“acabar ferver, cozer aquele feijão, virar na bacia”
7	“suka tomate, cheka dira”	7	“acabar virar na bacia”
8	“depois zha, ndopeja cheka-cheka, chekazve sebola, kakudira”	8	“cortar tomate, a pôr óleo”

9	“cheka si pementa, dira, cheka cenora, dira”	9	“cortar tomate, pôr, cortar cebola, pôr, cortar pimenta, pôr”
10	“kakumesheri, dira feijão jiya mumbende”	10	“depois isso aí, cortar cenora, pôr”
11	“Kakuvindura, kakubura”	11	“depois me, mexeri, virar feijão”
12	“Kakudanija mamã para vaviye kupakura, tihe”.	12	“depois quando acabar, virar feijão”
		13	“mexeri, tirar chamar mamã para vir servir”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

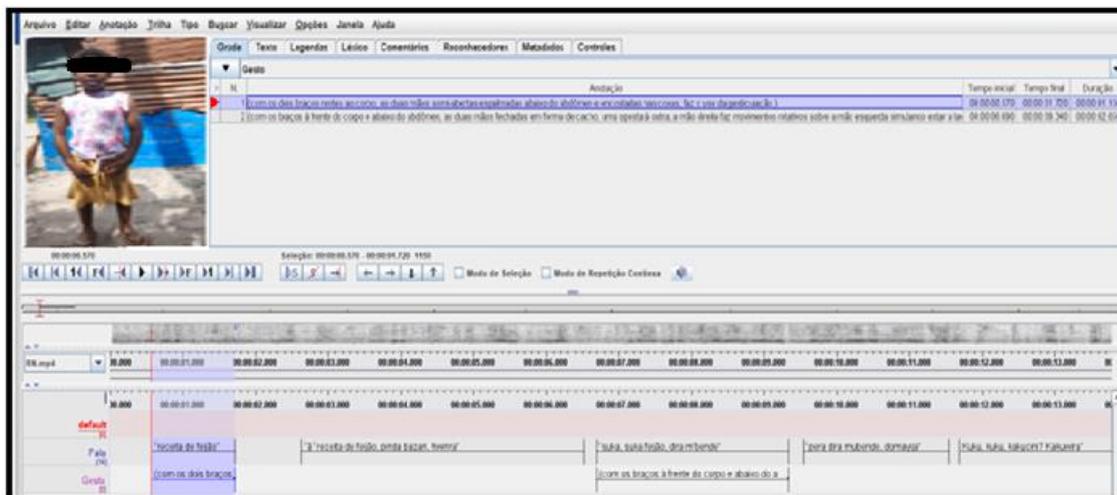
Na análise da produção verbalizada, a C2 apresenta o passo a passo da receita de feijão, à medida que descreve as ações, apresenta os ingredientes usados, como se pode ver nas ações 3 a 11 em *ndawu* e 4 a 12 em português. Para construir o seu texto oral, nas duas línguas recorre algumas estratégias organizadoras da sua fala e algumas estratégias mnemônicas para se lembrar da sua receita. Em *ndawu*, recorre as estratégias organizadoras da sua fala, podem ser notadas na ação 1, “receita de feijão” – anuncia a sua receita; nas ações 3 a 11, descreve as ações e apresenta os ingredientes; ação 2, “Kakudanija mamã para vaviye kupakura, tihe (trad. chamo minha mãe para vir servir e comeremos)” – finaliza a sua receita. E em português, podem ser notadas nas ações, 1, “receita de feijão” – anuncia a sua receita; 4 a 12, descreve as ações e apresenta os ingredientes; 13, “mexeri, tirar chamar mamã para vir servir” – finaliza a sua receita.

Nas estratégias mnemônicas, em *ndawu*, usa às repetições de itens lexicais nas ações 3 “*suka, suka* (trad. lavar, lavar)”; 5, “*kaku, kaku* (trad. e, e)”; pergunta retórica, na ação 5 “(...) *kakucini?* (trad. O quê?)” e uso da interjeição, ação 2 “*hããã*” em pausa preenchida. Enquanto em português não recorre a nenhuma estratégia mnemônica.

Nas análises gestuais, destacamos alguns aspectos nos trechos selecionados abaixo. A C2 nas duas línguas, inicia a receita em pé, com os dois braços rentes ao corpo, as duas mãos

semiabertas espalmadas abaixo do abdômen e encostadas nas coxas, usa gesto icônico, como se ilustra na figura 57.

Figura 57 – Abertura gestual da C2 em ndawu e português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada da C2, destacamos os elementos organizadores do texto e recurso mnemônico (pergunta retórica, repetições e pausas preenchidas). Do ponto de vista gestual em *ndawu*, no frame 1, ao descrever e enumerar os ingredientes, ação 3 “suka, suka feijão, dira m'bende (trad. lavo, lavo feijão e ponho na panela)”, com os dois braços à frente do corpo, na zona central e abaixo do abdômen, as duas mãos fechadas em forma de cacho, uma oposta à outra sobre os dedos, a mão direita faz movimentos rotativos sobre a mão esquerda, simulando estar a lavar feijão, usa gesto pantomímico com dimensão icônica. Na mesma ação, no frame 2, com as duas mãos abertas, viradas para baixo e fletidas para esquerda, simula colocar feijão na panela, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e dêiticas.

No frame 3, referente as ações 8. “((...) ndopeja cheka-cheka, chekazve sebola, kakudira (trad. quando termino, corto, corto cebola e ponho)” e 9, “cheka si pementa, dira, cheka cenora, dira (trad. corto pimenta, ponho, corto cenoura ponho)”, descreve as ações e enumera os ingredientes utilizados. Ao verbalizar essas ações, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, abaixo do abdômen, na zona central, com as duas mãos abertas, a palma da mão direita virada para cima e o espalmo em cima da palma da mão esquerda, faz movimentos sucessivos de frente para trás, simulando estar a cortar os ingredientes e em seguida, flete as duas mãos

para a esquerda, com as palmas viradas para baixo, simula colocar os ingredientes na panela, usando gestos pantomímicos com dimensões dêiticas e ritmadas.

No frame 4, ao verbalizar as ações 10, “kakumesheri, dira feijão jiya mumbende (trad. mexo e ponho aquele feijão na panela)” e 11, “Kakuvindura, kakubura (trad. mexo e tiro do fogo)”, com o braço direito à frente do corpo e abaixo do abdômen, a mão direita fechada como se estivesse a segurar uma colher, movimenta rotativamente a mão, simulando estar a mexer e misturar os ingredientes na panela, usando gestos pantomímicos = simulando ações verbalizadas, “mexer” segurando uma colher com dimensão ritmada. No frame 5, ao verbalizar, ação 5. “kaku, kaku, kakucini? (trad. e, e o quê?)”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central, abaixo do abdômen, as mãos pousadas sobre a parte frontal da barriga, mexe o corpo juntamente com as mãos para se lembrar de algum passo da sua receita, usando gesto icônico.

Figura 58 – Gestos pantomímicos da C2 em Ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em português, a C2 recorre aos elementos organizadores do texto. Do ponto de vista gestual em português, no frame 1, ao verbalizar ação 4 “depois levar feijão, pôr na panela, isso aí ferver”, com os braços à frente do corpo e abaixo do abdômen, as duas mãos fechadas em forma de cacho, uma oposta à outra, a mão direita faz movimentos rotativos sobre a mão esquerda simulando lavar feijão, usa gesto pantomímico com dimensão icônica. No frame 2, a mesma ação “(...) pôr na panela (...)”, ao verbalizar, com as duas mãos abertas, viradas para

baixo e fletidas para esquerda, simula colocar feijão na panela, faz uso do gesto pantomímico com dimensão dêitica.

No frame 3, ao verbalizar as ações, 8, “cortar tomate, a pôr óleo”; 9, “cortar tomate, pôr, cortar cebola, pôr, cortar pimenta, pôr” e 10, “depois isso aí, cortar cenoura, pôr”, com os dois braços à frente do abdômen, as duas mãos abertas e as palmas viradas para cima, o espalmo da mão direita sobre as palmas da mão esquerda, faz movimentos pendulares da mão direita do exterior para interior (desempenhando papel de faca) simulando cortar tomate, cebola, pimenta e cenoura, usa os gestos pantomímicos com dimensão ritmada. Depois abre as duas mãos, vira para baixo e flete-as para esquerda, simula a colocação do óleo, tomate, cebola, pimenta e cenoura panela, usa gestos pantomímicos com dimensão dêitica.

Figura 59 – Gesto pantomímico da C2 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame abaixo, figura 61, ao verbalizar as ações 11, “depois me, mexeri, virar feijão” e 13, “mexeri, tirar (...)”, com o braço direito à frente do corpo e abaixo do abdômen, a mão direita fechada como se estivesse a segurar uma colher, movimentada rotativamente a mão, simulando estar a mexer os ingredientes postos na panela, usa gestos pantomímicos = simulando ações verbalizadas, “mexer” segurando uma colher com dimensões icônicas e ritmadas.

Figura 60 – Gestos pantomímicos da C2 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

4.3.3. Receita Culinária da C3

A C3 foi convidada a ensinar uma receita que ela gosta em *ndawu* e português ao pesquisador, como mostra a transcrição abaixo. Usamos a numeração para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 34 – Transcrição da receita culinária da C3

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“primero noocheka tomate”	1	“Receita de khowa”
2	“no sebola, nooo (pausa > 4s) munyo, no caldo, no maafuta”	2	“pode ter panela, tomate, cebola, mais óleo, caldo, sal mais fogo” (pausa > 2s)
3	“logo, nodira mumuriro, logo dira paapaanela”	3	“primeiro põe panela, logo pôr alho, coertar toomate, ceebola”
4	“logo dira mafuta, tomate,	4	“logo pooo khowa, po saali”

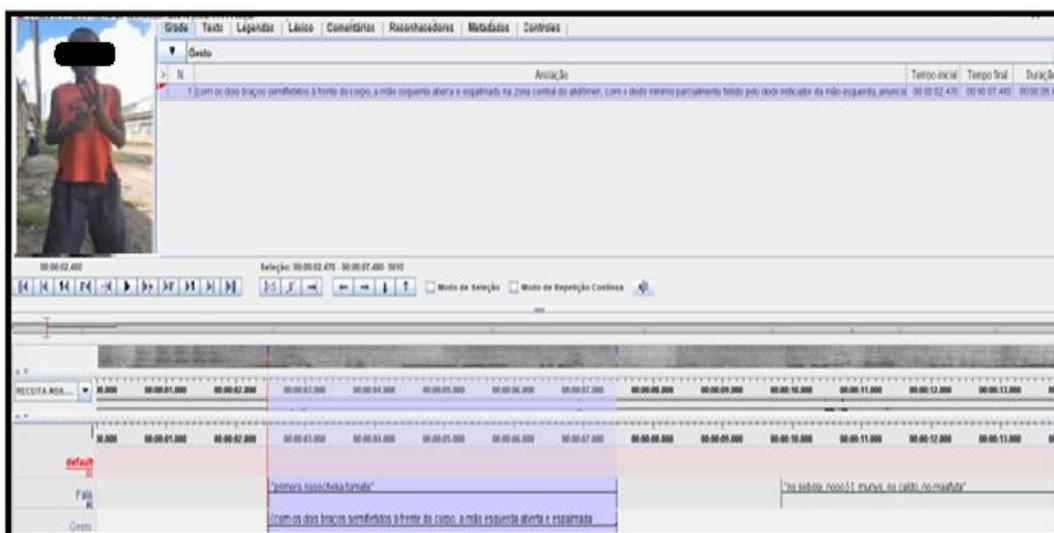
	sebhola”		
5	“logo, dira khowa, logo dira munyo, domayija”	5	“logo tampar, depois deixar frever”
6	“siya rici pwapwata”	6	“logo pôr caldo”
7	“logo dira caldo”		O pesquisador pergunta: “depois?”
8	“domayija, logo siya, logo bisa”.	7	“depois, deixar, logo tirar”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada, a C3 conta o passo a passo da receita de *khowa* ‘folhas de batata doce’, à medida que descreve as ações, apresenta os ingredientes, o que pode ser confirmado nas ações 1 a 8 em *ndawu* e 1 a 7 em português, onde primeiro apresenta os ingredientes e em seguida o modo de como os preparar. A C3 para construir o seu texto oral, em *ndawu*, usa estratégias organizadoras de sua fala, isto nas ações 1, “primeiro noocheka tomate” – anuncia a primeira ação da sua receita; 2 a 7, descreve as ações e apresenta os ingredientes; 8, “domayija, logo siya, logo bisa” – finaliza a preparação da sua verdura “khowa”. Ela também usa algumas estratégias mnemônicas para se lembrar da sua receita, como é o caso da repetição do advérbio “logo” ao longo da sua explanação. Enquanto em português, usa estratégias organizadoras da fala, ações 1, “Receita de khowa” – anuncia a sua receita; 2, “pode ter panela, tomate, cebola, mais óleo, caldo, sal mais fogo” – apresenta os ingredientes; 3, “primeiro põe panela, logo pôr alho, coertar toomate, ceebola” – diz a primeira ação a ser realizada; 7, “depois, deixar, logo tirar” – finaliza a sua receita.

Na análise gestual, destacamos alguns aspectos nos trechos selecionados abaixo. A C3 nas duas línguas, inicia a receita em pé. Em *ndawu*, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, a mão esquerda aberta e espalmada na zona central do abdômen, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelo dedo indicador da mão direita, anuncia e descreve a primeira ação e alguns ingredientes da sua receita, usando gesto emblemático com dimensões dêiticas e ritmadas, como se ilustra na figura 61.

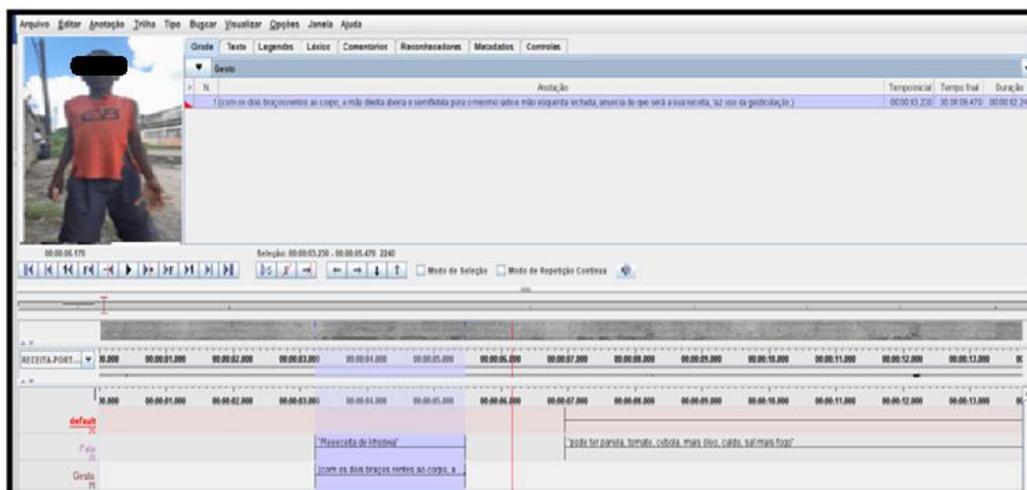
Figura 61 – Abertura gestual da receita em ndawu da C3



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Em português começa com os dois braços rentes ao corpo, a mão direita aberta e semifletida para o mesmo lado, enquanto a mão esquerda é aberta e a palma virada para frente, anuncia de que será a sua receita, usa gesto icônico, como se ilustra na figura 62.

Figura 62 - Abertura gestual da receita em português da C3



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Dentre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C3, destacamos os elementos organizadores do texto. Do ponto de vista gestual em *ndawu*, no frame abaixo, das ações 1, 2, 3, 4, 5 e 7, ao verbalizar, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central, a mão esquerda aberta e espalmada no tórax, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelos dedos indicador e polegar da mão direita, descreve as ações e apresenta os

ingredientes usados na sua receita, nestas ações, troca de mão, a mão direita passa a estar aberta e espalmada na zona central do abdômen, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelos dedos indicador e polegar da mão esquerda, continua descrevendo as ações e apresentando os ingredientes da sua receita, usando gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas, como se ilustra na figura 63.

Figura 63 – Gesto emblemático da C3 em ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Do ponto de vista gestual em português, no frame 1, ação 2, ao verbalizar “pode ter panela, tomate, cebola, mais óleo, caldo, sal mais fogo”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, a mão esquerda aberta e espalmada na zona central do abdômen, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelo dedo indicador da mão direita, apresenta os ingredientes da sua receita, usando gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas. No frame 2, ação 3, ao verbalizar “primeiro põe panela, logo pôr alho, coertar toomate, ceebola”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, a mão direita aberta e espalmada na zona central do abdômen, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelos dedos indicador e polegar da mão esquerda, descreve a colocação dos ingredientes da sua receita na panela, usa gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas, como se pode notar na figura abaixo.

Figura 64 – gesto emblemático dêitico da C3 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

4.3.4. Receita culinária da C4

A transcrição abaixo é referente a fala da C4 em *ndawu* e português quando foi convidada pelo pesquisador a ensinar uma receita que ela gosta. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 35 – Transcrição da receita culinária da C4

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“receita de couve”	1	“pode culavar couve, depois cortar”
2	“primeiro munosuka”	2	“depois põe na panela e (pausa > 4s) põe cardo mais cebola mais tampa”
3	“depois mohekera”	3	“depois ferver, depois água”
4	“depois modira mupanela, depois modira mafuta”	4	“põe sali, depois menxer pouco”

5	“mopeja modira caldo, mopeja modira sebola”	5	“depois deixa assim”
6	“mopeja motereka, mombonya, zvwira, zvwira”	6	“ferver, ferver, ferver, depois vai cozer depois (...)”
7	“mopeja, mofunungura, mombozviwona zvikuyivha ou azviripi”		
8	“mopeja, mombonyazve”		
9	“modira munyu, mopeja moravira, zvayivha, azvizivi”		
10	“mopeja, mobura”.		

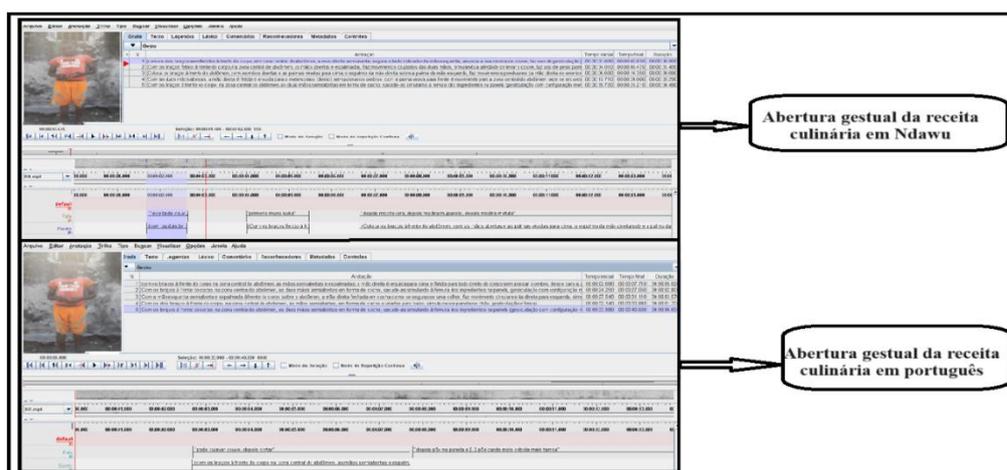
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada, a C4 apresenta o passo a passo da receita de couve, à medida que descreve as ações, apresenta os ingredientes, o que pode ser confirmado nas ações 1 a 10 em *ndawu* e 1 a 6 em português. Para construir o seu texto oral em *ndawu*, usa algumas estratégias organizadoras da sua fala, como nas ações 1, “receita de couve” – anuncia a sua receita; 2, “primeiro munosuka (trad. primeiro lavam)” – anuncia a primeira ação; 10, “mopeja, mobura (quando termina, retira do lume)” – finaliza o cozimento da sua couve. Também usa algumas estratégias mnemônicas como, as repetições de itens lexicais para formular e criar ligação entre as ações, recorrendo ao advérbio de tempo “depois”, as formas verbais “modira” – ‘põem’ e “*ndopeja*” - ‘termino’, como se pode observar nas ações 3 a 9 das transcrições acima. Enquanto em português usa alguns recursos mnemônicos como a repetição de itens lexicais para formular e criar ligação entre as ações, recorrendo ao advérbio de tempo “depois”, como se pode ver nas ações 1 a 6.

Os itens repetidos acima, fazem parte das auto-repetições com uma frequência adjacente uma da outra, para Marcuschi (2006, p. 223), nas auto-repetições, o falante produz a repetição em sua fala, como forma de se apoiar em momentos de hesitação para recuperar, reformular e retificar algumas palavras esquecidas durante a sua explanação. De acordo com Marcuschi (1992, p. 6-7), repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Fiorin (2008, p. 545) acrescenta que a repetição ocorre de forma espontâneo, não preparado anteriormente, fazendo parte de um processo formulativo na fala.

Na análise gestual, destacamos alguns aspectos nos trechos selecionados a seguir. A C4 nas duas línguas, inicia a receita em pé. Em *ndawu*, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, com a mão direita semiaberta, segura o dedo indicador da mão esquerda, anuncia a sua receita de couve, usando gesto icônico. Enquanto em português, com os braços à frente do corpo na zona central do abdômen, as mãos semiabertas e espalmadas, a mão direita é erguida para cima e fletida para lado direito do corpo sem passar o ombro, desce para a zona central do abdômen onde se encontra a mão esquerda aberta com o dedo mindinho parcialmente fletido, a mão direita passa a tocá-lo duas vezes, simulando lavar couve e, em seguida à parte lateral da mão direita bate a palma da mão esquerda, simulando cortar couve, usando gesto pantomímico com dimensão ritmada.

Figura 65 – Abertura gestual da receita culinária da C4



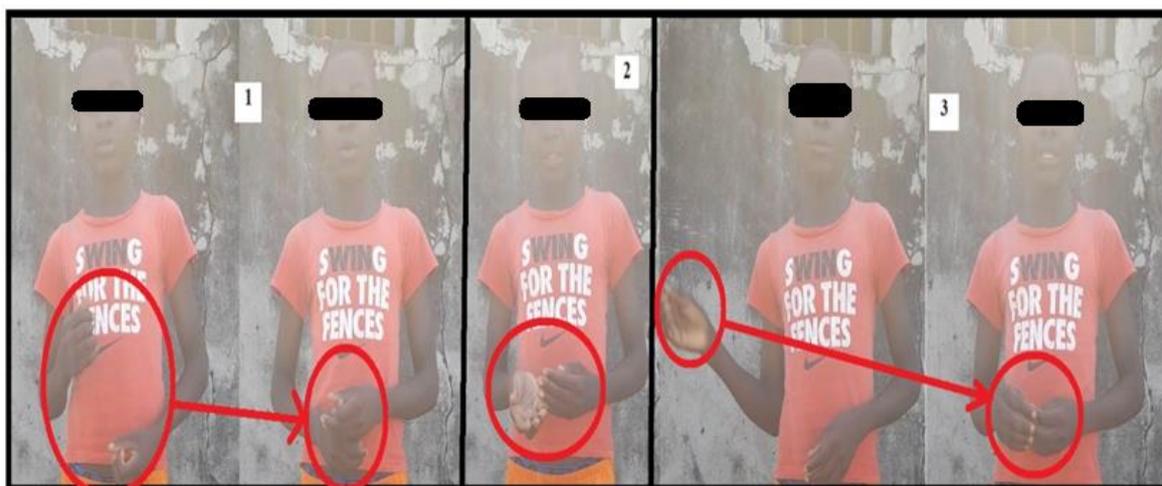
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Dentre vários elementos destacados na análise da produção verbalizada da C4, destacam-se o uso de algumas estratégias mnemônicas, como a repetição de itens lexicais “depois”, as formas verbais “modira” – ‘põem’ e “*ndopeja*” - ‘termino’. Os itens repetidos

descritos, fazem parte das auto repetições com uma frequência adjacente uma da outra, para Marcuschi (2006, p. 223), nas auto-repetições, o falante produz a repetição em sua fala, como forma de se apoiar em momentos de hesitação para recuperar, reformular e retificar algumas palavras esquecidas durante a sua explanação. De acordo com Marcuschi (1992, p. 6-7), repetição é a produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Fiorin (2008, p. 545) acrescenta que a repetição ocorre de forma espontâneo, não preparado anteriormente, fazendo parte de um processo formulativo na fala.

Do ponto de vista da relação fala e gesto, nesses momentos em *ndawu* e português, é pertinente mostrar os gestos que ocorrem na produção verbal, o que se pode ver nas figuras 66 e 67.

Figura 66– Gestos pantomímicos em *ndawu*



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ao verbalizar a ação 2, “primeiro munosuka (trad. primeiro lavam)”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central de abdômen, as duas mãos abertas e espalmadas, faz movimentos cruzados das duas mãos, simulando estar a lavar a couve, usa gestos pantomímicos com dimensão icônica. No frame 2, ação 3, ao verbalizar “depois mohekera (trad. depois corta-se)”, com os dois braços à frente do abdômen, com as mãos abertas, as palmas viradas para cima e, o espalmo da mão direita sobre a palma da mão esquerda, faz movimentos pendulares da mão direita, do exterior para interior (desempenhando papel de faca) simulando cortar couve, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas.

No frame 3, ao verbalizar a ação 5, “mopeja modira caldo, mopeja modira sebola (trad. quando acabar, põe caldo, põe cebola)”, com as duas mãos abertas, a mão direita é fletida e erguida para o mesmo lado (direito) sem passar os ombros e com a palma virada para frente, é movimentada para zona central do abdômen, onde se encontra a mão esquerda espalmada, simula pôr caldo e cebola na panela, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e dêiticas descrevendo e enumerando os ingredientes.

Figura 67 – gesto metafórico em ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 4, ao verbalizar a ação 5, “mopeja motereka, mombonya, zvwira, zvwira (trad. quando terminar, ponho panela no fogo, mexo, vai fervendo)”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos semiabertas em forma de cacho, sacude-as, simulando ingredientes a ferverem na panela, usa gestos metafóricos + ritmados.

Figura 68 – gesticulação em português da C4



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ao verbalizar a ação 3, “depois ferver, depois água”, em português, com os dois braços à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos semiabertas em forma de cacho, sacude-as simulando os ingredientes a ferverem na panela, usa gestos metafóricos + ritmados. No frame 2, ação 5, ao verbalizar “depois deixa assim”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos semiabertas, as palmas das mãos viradas para baixo, simula deixar panela no chão, usa gesto icônico. No frame 3, ao verbalizar ação 6, “ferver, ferver, ferver, depois vai cozer depois (...)”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona central do abdômen, as duas mãos semiabertas em forma de cacho, sacude-as simulando os ingredientes a ferverem na panela, usa gestos metafóricos + ritmados.

Figura 69 – gestos pantomímicos da C4 em português



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame acima, a C4 ao verbalizar a ação 4, “(...) depois mexer pouco”, com o braço direito fletido para a lateral direita, a mão direita fechada em cacho como se estivesse a segurar uma colher, faz movimento circular da direita para esquerda, simulando estar a mexer couve na panela, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas, enquanto isso, o braço esquerdo semifletido à frente do corpo, a mão esquerda fechada, repousa sobre a barriga.

4.3.5. Receita culinária da C5

A C5 foi convidada pelo pesquisador a ensinar uma receita que ela gosta em *ndawu* e português, como mostra a transcrição abaixo. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 36 – Transcrição da Receita Culinária da C5

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“ndotora ngaka, ndodira pa fogão, ndotora masimbe ndodira”	1	“receita de cacana”
2	“ndopera, ndotora panela ndodira”	2	“levar fogão, pôr carvão, pôr no carvão com fogo”
3	“ndotora panela ndodira mafuta”	3	“levar panela pôr”
4	“ndopera furuvhura, ndocheka sebhola”	4	“levar óleo pôr, cebola com cacana, lavar cacana pôr”
5	“ndopera, ndotora ngaka, ndosukira, ndodira”	5	“depois levar tampa, tampar”
6	“ndopera, ndosukira, ndodomayija”	6	“depois tirar tampa” (Pausa > 3s)
7	“ndodumuhwa, ndokanga, ndosukira, ndodira”	7	“mexer, mexer, depois levar ovo pôr, mexer, mexer, tampar”

	ndokanga, ndотора mazanda, ndodira”		
8	“ndотора mazanda ndodira, ndodomayijazve”	8	“depois quando cozer, tirar, pôr no prato, depois comer”.
9	“ndokanga, ndokanga rayivha”		
10	“ndopakura, ndodira muparato, ndopera, ndodomayija panera iyona, ndowiya, ndoha”.		

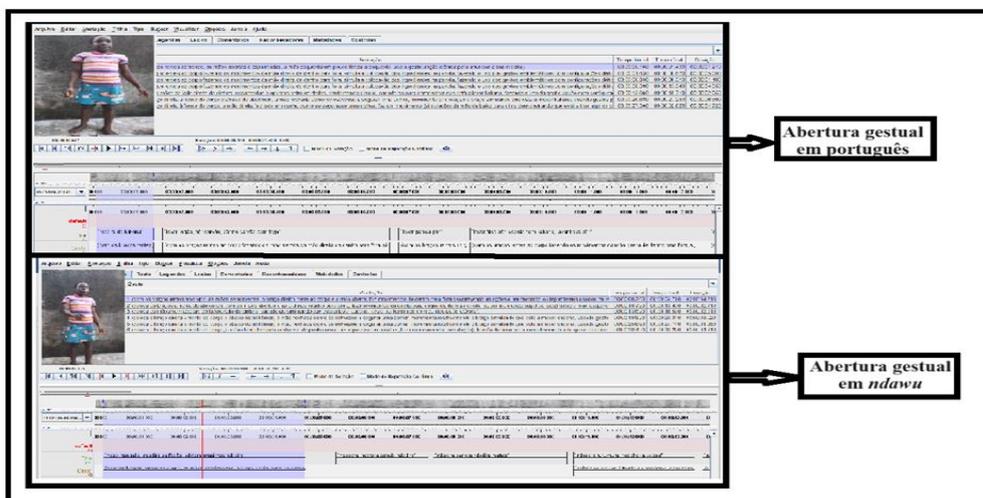
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada, a C5 apresenta o passo a passo da receita de cacana, à medida que descreve as ações, apresenta os ingredientes, o que pode ser confirmado nas ações, 1 a 10 em *ndawu* e 1 a 8 em português das transcrições acima. Para construir o seu texto oral em *ndawu* e em português, usa algumas estratégias organizadoras da sua fala. Em *ndawu*, nas ações 1, “ndотора ngaka, ndodira pa fogão, ndотора masimbe ndodira (trad. levo cacana, ponho no fogão, levo carvão ponho)” – anuncia a primeira atividade a realizar; 2 a 9, as atividades subsequentes até estar pronta a sua receita; 10, “ndopakura, ndodira muparato, ndopera, ndodomayija panera iyona, ndowiya, ndoha (trad. tiro da panela, sirvo no prato, tapo a panela e depois como” – finaliza o preparo da sua receita. Enquanto em português, nas ações 1, “receita de cacana” – anuncia a sua receita; 2, “levar fogão, pôr carvão, pôr no carvão com fogo” – diz a primeira ação a ser realizada; 3, “levar panela pôr” – diz a segunda atividade; 4, “levar óleo pôr, cebola com cacana, lavar kaka pôr” – diz as atividades subsequentes; 8, “depois quando cozer, tirar, pôr no prato, depois comer” – finaliza a sua receita.

Enquanto isso, na análise gestual, destacamos alguns aspectos gestuais na apresentação da receita, observados nos trechos selecionados a seguir. Nas duas línguas, a C5, inicia a sua receita em pé. Em *ndawu*, com os braços rentes ao corpo, as mãos semiabertas, o braço direito rente ao corpo e a mão aberta, faz movimentos de dentro para fora, descrevendo as ações e enumerando os ingredientes usados na receita, usando gestos pantomímicos com dimensões dêiticas e ritmadas. Enquanto em português, com os dois braços rentes ao tronco, as duas mãos

abertas e espalmadas, a mão esquerda um pouco fletida a esquerda, usa gesto icônico ao anunciar a sua receita.

Figura 70 - Gestos icônicos e pantomímicos na abertura gestual da receita culinária da C5 em português e *ndawu*



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Entre os elementos destacados na análise da produção verbalizada da C5, destacamos o uso dos elementos organizadores do texto e sem recurso a nenhuma estratégia lexical mnemônica. Do ponto de vista gestual em *ndawu*, no frame 1, ação 4, ao verbalizar “(...), ndocheka sebhola (trad. (...) corto cebola)”, com os dois braços à frente do corpo, na zona central do abdômen, as mãos abertas e as palmas viradas para cima, faz movimentos da mão direita, no sentido da direita para esquerda (desempenhando papel de faca) sobre a mão esquerda, simulando cortar cebola, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas. No frame 2, ação 5, ao verbalizar “ndopera, ndotora ngaka, ndosukira, ndodira (trad. quando termino, levo cacana, lavo e ponho)”, com as duas mãos semiabertas do lado direito da cintura, sacude-as, simulando estar a lavar cacana, usando gestos pantomímicos com dimensões dêiticas e ritmadas.

No frame 3, ações 7 e 9, ao verbalizar “(...) ndokanga, ndokanga, (...) (trad. (...) toro, toro (...))” e “ndokanga, ndokanga rayivha (trad. toro, toro até cozer)”, o braço direito é fletido para frente do corpo e abaixo do abdômen, a mão fechada como se estivesse a segurar uma colher, movimentada rotativamente o braço, simulando estar a mexer cacana, usando gestos

pantomímicos = simulando ações verbalizadas, “mexer” segurando uma colher com dimensões icônicas e ritmadas.

Figura 71 – Gestos pantomímicos em *ndawu* da C5 – gênero receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na mesma senda, no frame 4, ação 10, ao verbalizar “ndopakura, ndodira muparato (...) (trad. tiro da panela e sirvo no prato (...))”, coloca o braço direito à frente do corpo, a mão direita fechada em cacho como se segurasse uma colher, faz um movimento (simulação) da mão, de baixo para cima demonstrando que está a tirar algo da panela e o mesmo movimento de cima para baixo como se estivesse a colocar no prato enquanto isso, o braço esquerdo está rente ao corpo, com a mão esquerda aberta e repousando sobre a coxa esquerda, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e dêíticas e por último, na mesma ação 10, no frame 5, ao verbalizar “(...) ndowiya, ndoha (trad. sirvo no prato (...) e como”, a mão direita semifechada, é fletida e erguida para boca, simulando comer, o braço esquerdo fica rente ao corpo e a mão esquerda aberta sobre a coxa esquerda, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas.

Figura 72 – gestos pantomímicos em *ndawu* da C5 – gênero receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Do ponto de vista gestual em português, nos frames 1 e 2 (figura 73) abaixo, nas ações 2 e 3, à medida que descreve as ações, enumera os ingredientes utilizados. No frame 1, ao verbalizar a ação 2 “levar fogão, pôr carvão, pôr no carvão com fogo”; com o braço direito à frente do corpo e fletido para direita, faz movimentos da mão direita no sentido da direita para esquerda, simulando pôr carvão no fogão, usando gestos pantomímicos com dimensões icônicas e dêiticas. No frame 2, ação 3, ao verbalizar “levar panela pôr”, com os dois braços à frente do corpo, as duas mãos abertas, as palmas viradas para baixo, movimenta as duas mãos de cima para baixo, simulando estar a pôr panela no fogo, gestos pantomímicos com dimensão icônica.

Figura 73 - Gestos pantomímicos da C5 em português – gênero receita culinária



Fonte: o autor (2024)

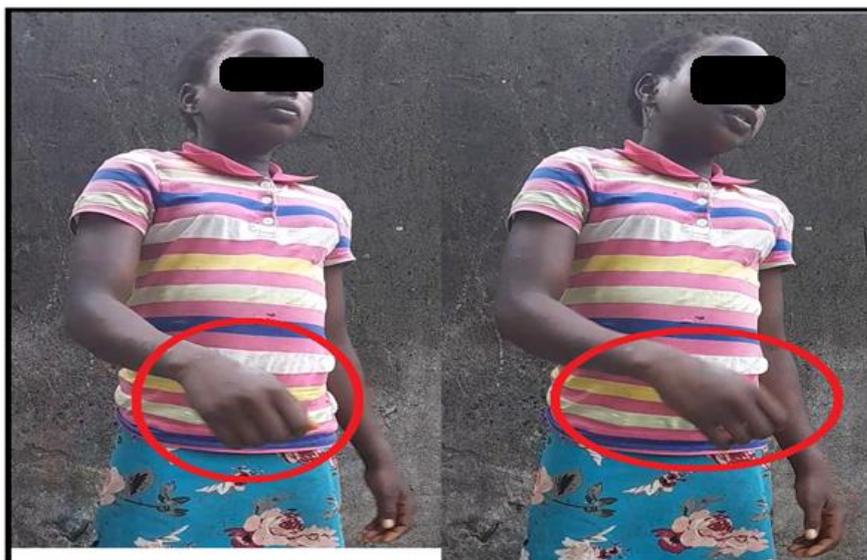
Na figura 74 abaixo, na ação 4, ao verbalizar “(...)lavar cacana (...)” com as duas mãos do lado direito da cintura, espalmadas e opostas entre os dedos, em forma de círculo, sacude-as para demonstrar que está a lavar cacana, usa os gestos icônicos + ritmados.

Figura 74 - Gestos icônicos + ritmados da C5 em português – gênero receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Figura 75 - Gestos pantomímicos da C5 em português – gênero receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame acima (figura 75), referente a ação 7, ao verbalizar “mexeri, maxeri depois (...) mexeri, mexeri (...)”, com o braço direito à frente do corpo e abaixo do abdômen, a mão

direita fechada como se estivesse a segurar uma colher, faz um movimento rotativo do braço, simulando estar a mexer cacana enquanto isso, o braço esquerdo está rente ao corpo, com a mão aberta e espalmada, usando gestos pantomímicos = simulando ações verbalizadas, “mexer” segurando uma colher com dimensões icônicas e ritmadas.

No frame abaixo, ação 8, ao verbalizar “(...) tirar, pôr no prato, depois comer”, com o braço direito à frente do corpo, a mão direita fechada em forma de cacho como se estivesse a segurar uma colher, movimenta-a de baixo para cima, demonstrando que está a tirar algo da panela e o mesmo movimento de cima para baixo como se estivesse a colocar no prato enquanto isso, o braço esquerdo está rente ao corpo, com a mão esquerda aberta e repousando sobre a coxa esquerda, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e dêiticas, por último, na mesma ação 8, a mão direita é fletida para boca, simulando comer, enquanto o braço esquerdo é colocado rente ao corpo e a mão esquerda aberta sobre a coxa esquerda, usa gestos pantomímicos com dimensões icônicas e ritmadas.

Figura 76 - Gestos pantomímicos da C5 em português – gênero receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

4.3.6. Receita culinária da C6

A transcrição abaixo é da fala da C6 quando foi convidada pelo pesquisador a ensinar uma receita que ela gosta em *ndawu* e português. A numeração é para quantificar as ações descritas por ela.

Quadro 37 – transcrição da receita culinária da C6

Ações	Transcrição em <i>ndawu</i>	Ações	Transcrição em português
1	“nodira mafuta, nodira no, no nosiya ipwapwate”	1	“vai pegar panela, vai pôr aonde? No fogo, vai pegar panela pôr no fogo”
2	“depois nodira matomate no sebola”	2	“pôr óleo, mais cebola, mais tomate”
3	“depois no, nosiya no, no depois nodira kumwa, no munyu, no nopera dira munyu”	3	“vai deixar aí um pouco ferver”
4	“nosiya padoko no pwapwata”	4	“depois vai pôr água, quando pôr água, depois o quê? Quando pôr água, depois esperar até ferver”
5	“depois nowiya, ndotora massa esparguete ndodirawo ponthopo”	5	“quando ferver, depois pegar massa esparguete pôr aí”
6	“depois ndomesheri, ndotampari”	6	“depois esperar até quando acabar água, mexer, mexer nem!”
7	“ndotampari, ndotampari, nogara deya”	7	“quando acabar depois, o quê, o quê isso?”
8	“gara, gara, gara, depois	8	“depois tirar pôr, o quê? Panela do

	munawona basi”		quê?
9	“mugawona wapera kumwa, novhundula, depois novhisa”	9	“por isso aqui friskeira com mais óleo”
10	“nodira gajika pasi”	10	“deixar ferver, quando acabar ferver, depois pôr malola, quando acabar de fritar acabou”.
11	“movhisa cinyi?”		
12	“friskeira modira pa, pamuliro”		
13	“modira pamuliro, munadira cinyi?”		
14	“monodira mafuta, mafuta nooo, mafuta deya ndinosi”		
15	“no apwapwata mafuta, ndinodira malola deya, fritar, fritar, ndapera fritar, ndapera bika”.		

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada, a C6 apresenta o passo a passo da receita de esparguete, à medida que descreve as ações, apresenta os ingredientes, o que pode ser confirmado nas ações 1 a 15 em *ndawu* e 1 a 10 em português das transcrições acima. Para construir o seu texto oral em *ndawu* e em português, usa alguns recursos mnemônicos para recuperar e lembrar algo da receita, tais como: em *ndawu* recorre estratégias mnemônicas da repetição de item lexical “depois” na ação e pergunta retórica, *movhisa cinyi?* (tirar o quê?) e em português faz uso de perguntas retóricas, como estratégia mnemônica coesiva. As tais

perguntas podem ser notadas nas ações: 1, “vai pôr aonde?”; 4, “depois o quê?”; 7, o quê, o que é isso?”; 8, “o quê? Panela do quê?”.

Na análise gestual, destacamos alguns aspectos gestuais na apresentação da sua receita, observados nos trechos selecionados a seguir. Nas duas línguas, a C6 inicia a sua receita em pé. A diferença entre ambos reside: em *ndawu*, com os dois braços fletidos à frente do corpo, a mão direita aberta, é fletida da direita para zona central, onde está a mão esquerda aberta, simula estar a pôr os ingredientes na panela, usa gestos icônicos + dêiticos enquanto em português, com os dois braços fletidos à frente do corpo, as duas mãos abertas e as palmas viradas para baixo, movimenta as duas mãos de cima para baixo, simulando estar a pôr panela no fogo, usa gesto pantomímico com dimensão icônica.

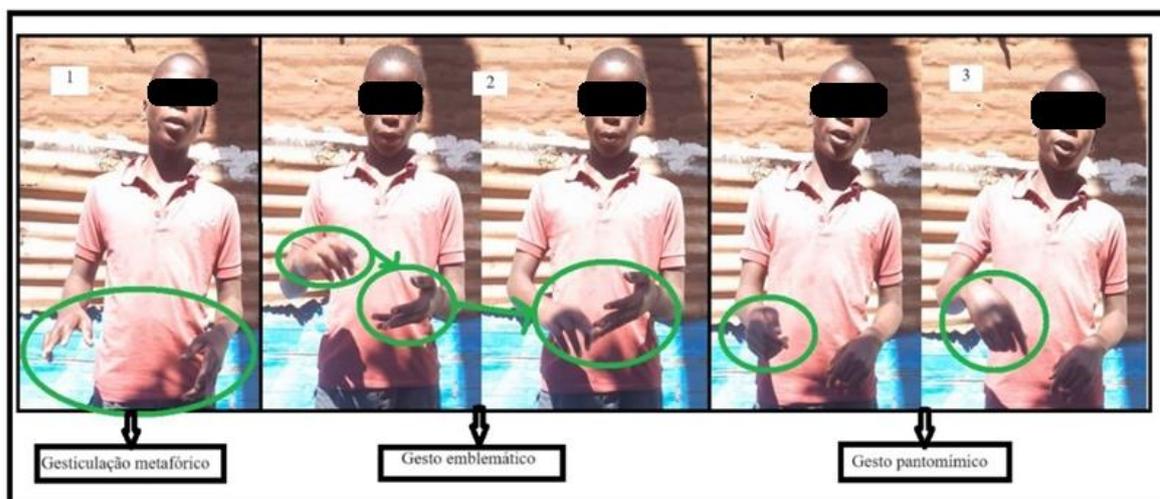
Figura 77 – Abertura gestual da C6 – Gênero receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Na análise da produção verbalizada das duas línguas, destacam-se o uso de estratégias mnemônicas, como a repetição do item lexical “depois” e pergunta retórica em *ndawu* enquanto em português, faz somente uso de perguntas retóricas, como estratégia mnemônica coesiva. Do ponto de vista da relação fala e gesto dentro destas estratégias, a seguir mostraremos os elementos gestuais que ocorrem durante à produção verbal em *ndawu*, o que pode ser visto na figura 78.

Figura 78 – Gestos metafórico, emblemático e pantomímico da C6 em ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ação 1, ao verbalizar “(...) no nosiya ipwapwate (trad. deixo ferver)”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, as duas mãos abertas, com as palmas viradas para baixo, estremece/sacude as mãos, simulando esparguete a ferver, usa gesto metafórico. No frame 2, ação 2, ao verbalizar “depois nodira matomate no sebola (trad. (...) ponho tomate e cebola)”, com os dois braços semifletidos à frente do corpo, na zona central abaixo do abdômen, a mão esquerda aberta e espalmada, com o dedo mínimo parcialmente fletido pelo dedo indicador da mão direita, que é fletido de cima para baixo, tocando os dedos da mão esquerda quando descreve as ações e apresenta os ingredientes, usando gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas.

No frame 3, ação 6, ao verbalizar “depois ndomesheri, ndotampari (trad. depois, mexo, mexo)”, com o braço direito à frente do corpo, na zona central do abdômen, a mão fechada como se estivesse a segurar uma colher, faz movimento rotativo da esquerda para direita, simulando estar a mexer/misturar os ingredientes na panela, usa gestos pantomímicos = simulando ações verbalizadas, “mexer” segurando uma colher com dimensões icônicas e ritmadas.

Figura 79 – Gestos icônico da C6 em ndawu



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ao verbalizar “nodira, gajika pasi”, ação 10, com os dois braços fletidos do lado esquerdo do corpo, as duas mãos abertas, as palmas viradas para baixo, são sacudidas para baixo, simulando estar a pôr panela no chão, ido do fogo, usa gesto icônico, ao simular pôr a panela no chão. No frame 2, ação 11, ao verbalizar “movhisa cinyi? (trad. o que tiram? / tiraram o quê?)”, com o braço direito fletido para o lado direito, a mão aberta, movimenta a mão também para a direita enquanto o braço esquerdo semifletido à frente do corpo, a mão semifechada espalmada na zona central do abdômen, mostra que está a tirar friskeira do fogo, usa gesto icônico.

Depois de termos analisado a relação fala e gesto dentro das estratégias usadas em *ndawu*, a seguir mostramos os elementos gestuais que ocorrem durante à produção verbal em português, o que pode ser visto na figura 80.

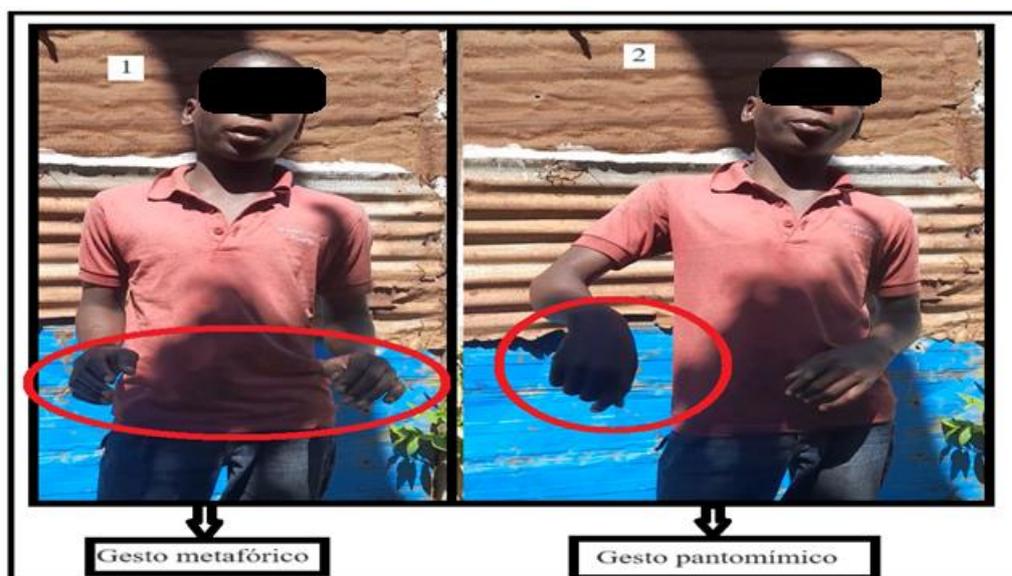
Figura 80 – Gesto emblemático da C6 em português -Gênero receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame acima, ao verbalizar “pôr óleo, mais cebola, mais tomate”, ação 2, com os dois braços à frente do corpo, as duas mãos semiabertas, a mão direita é fletida e erguida para o mesmo lado (direito) sem passar o ombro, com a palma virada para baixo é novamente, fletida para a zona central do abdômen, o dedo indicador é fletido parcialmente, o dedo mínimo da mão esquerda aberta e espalmada, descreve a ação e enumera os ingredientes posto na panela, usa gestos emblemáticos com dimensões dêiticas e ritmadas.

Figura 81 – Gestos metafórico e pantomímico em português da C6



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

No frame 1, ação 5, ao verbalizar “quando ferver, depois pegar massa esparguete pôr aí”, com os dois braços fletidos à frente do corpo, na zona do abdômen, as duas mãos semiabertas e espalmadas, as palmas das mãos viradas para baixo, são sacudidas, simulando ingredientes a ferverem na panela, usa a gesto metafórico. No frame 2, ação 6, ao verbalizar “depois esperar até quando acabar água, mexer, mexer nem!”, com o braço direito à frente do corpo e abaixo do abdômen, a mão direita fechada como se estivesse a segurar uma colher, faz um movimento rotativo da mão direita, simula estar a mexer/misturar os ingredientes na panela, usando gestos pantomímicos = simulando ações verbalizadas, “mexer” segurando uma colher com dimensões icônicas e ritmadas.

No gênero oral, receita culinária, as 06 crianças ao produzirem a sua fala, convergem no uso dos gestos icônicos, metafóricos, pantomímicos associados aos icônicos, icônicos + dêiticos, ritmados, icônicos + ritmados, emblemáticos dêiticos + ritmados, gestos metafóricos + ritmados e gestos icônicos + dêiticos e, divergem no uso dos gestos dêiticos + ritmados e pantomímicos + dêitico + ritmado em *ndawu* enquanto em português faz uso das pantomimas + dêiticos e icônicos + ritmados. Os gestos icônicos, emblemáticos + dêiticos + ritmados e pantomímicos + icônicos + ritmados são os mais predominantes na língua *ndawu* enquanto em português predominam os icônicos + pantomímicos + ritmados. Os gestos pantomímicos + icônicos + ritmados foram os mais predominantes neste gênero e com maior enfoque em *ndawu*.

Depois de termos discutido e analisado os dados da nossa pesquisa analiticamente, isto é, de forma qualitativa, a seguir vamos representar os resultados discutidos de forma quantitativa.

4.4. RESULTADOS QUANTITATIVOS

Depois da discussão e análise dos dados qualitativamente, neste subcapítulo serão analisados quantitativamente os resultados obtidos, onde serão inseridos em dois gráficos (em *ndawu* e em português) comparativos por cada criança, seguido de dois gráficos gerais contendo os gestos convergentes e divergentes produzidos por todas as crianças em cada língua e gênero e por fim, os gestos mais expressivos em cada gênero. Os tais dados mostram-nos e refletem o seguinte:

4.4.1. AUTOBIOGRAFIA

Os gráficos 1 a 15 abaixo, ilustram o total de gestos produzidos pelas 06 crianças em *ndawu* e em português durante as suas produções verbais no gênero oral, autobiografia.

Gráfico 1 – Total de gestos da C1 em *ndawu* - autobiografia

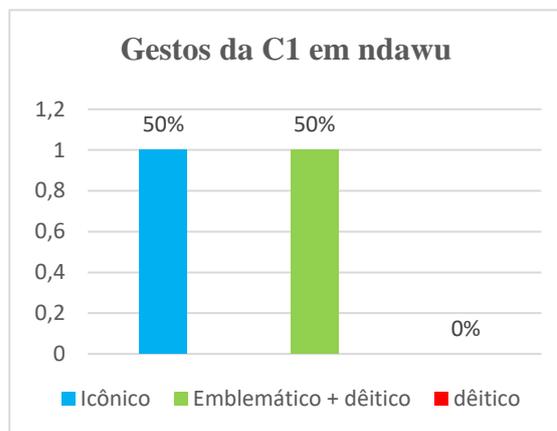
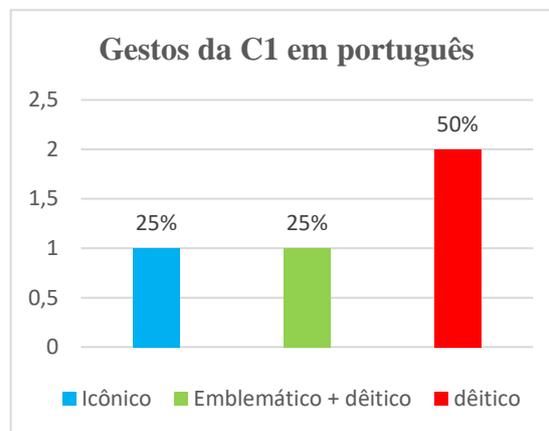


Gráfico 2 – Total de gestos da C1 em português-autobiografia



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 1 mostra as incidências dos gestos produzidos em *ndawu* pela C1, onde os icônicos de cor azul e os emblemáticos + dêiticos de verde com 50% de incidência cada. O gráfico 2, mostra os gestos produzidos pela mesma criança ao contar a sua biografia em português, onde os icônicos e os emblemáticos + dêiticos com uma incidência de 25% cada enquanto isso, os dêiticos com uma incidência de 50%.

No concernente as convergências e divergências do uso dos gestos durante a produção da sua fala em *ndawu* e em português, de acordo com os gráficos acima, a C1 difere no uso dos gestos dêiticos que foram produzidos apenas em português, com uma incidência de 50% e, coincide no uso dos icônicos e emblemáticos + dêiticos com maior incidência em *ndawu*, com 50% cada enquanto em português, 25% cada.

Gráfico 3 - Total de gestos da C2 em ndawu – autobiografia

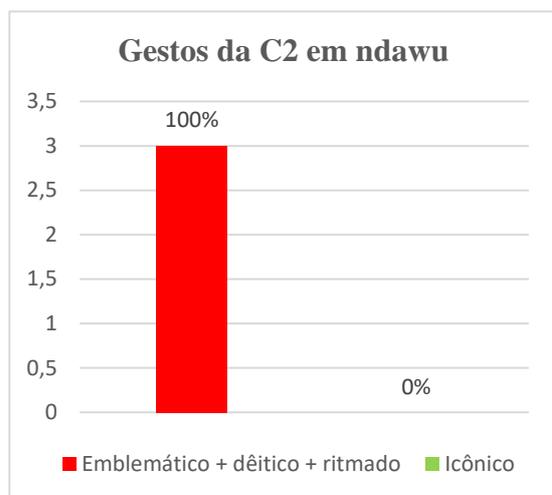
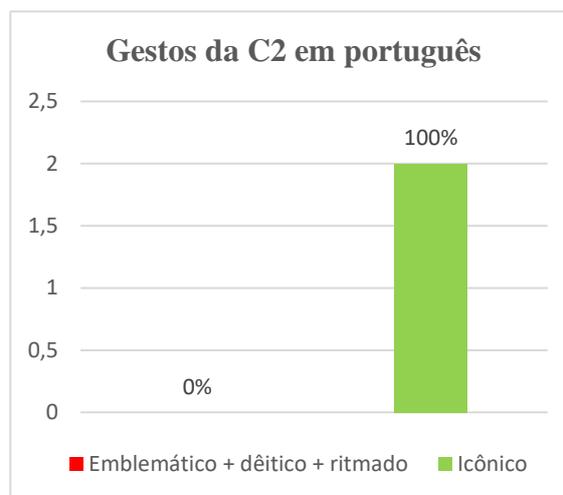


Gráfico 4 - Total de gestos da C2 em português - autobiografia



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 3 mostra que em *ndawu*, a C2 produziu apenas os gestos emblemáticos + dêiticos + ritmados de cor vermelho com uma incidência de 100% enquanto o gráfico 4, mostra os gestos produzidos pela mesma criança quando contou a mesma biografia em português, onde usou apenas os icônicos, com uma incidência de 100%.

A partir dos gráficos acima, a C2 durante a sua fala nas duas línguas divergiu no uso de todos os gestos, os emblemáticos + dêiticos + ritmados foram produzidos apenas em *ndawu* com uma incidência de 100% enquanto os icônicos em português também com 100%.

Gráfico 5 - Total de gestos da C3 em ndawu – autobiografia

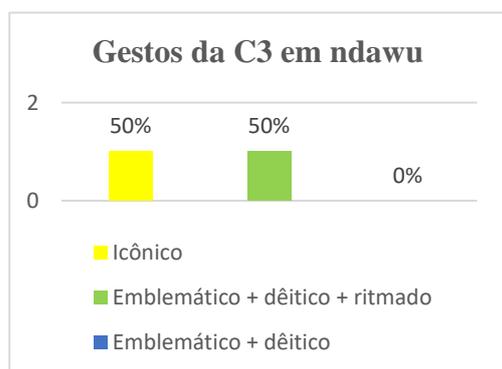
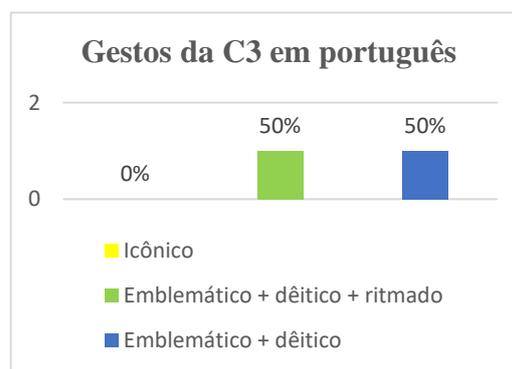


Gráfico 6 - Total de gestos da C3 em português – autobiografia



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 5 mostra os gestos produzidos em *ndawu* pela C3, onde os icônicos representados de cor amarelo e os emblemáticos + dêitico + ritmado de verde com uma incidência de 50% de cada. Enquanto o gráfico 6, mostra os gestos produzidos pela mesma

criança ao contar a mesma biografia em português, nele, os emblemáticos + dêiticos + ritmados e os emblemáticos + dêiticos, com uma incidência de 50% cada. Correlação a divergência e convergência nas duas línguas durante a fala, a C3, convergiu no uso dos gestos emblemáticos + dêiticos + ritmados, com 50% de incidência em cada língua; divergiu no uso dos icônicos que foram produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 50% e, os emblemáticos + dêiticos usados apenas em português com uma incidência de 50%.

Gráfico 7- Total de gestos da C4 em *ndawu* – autobiografia

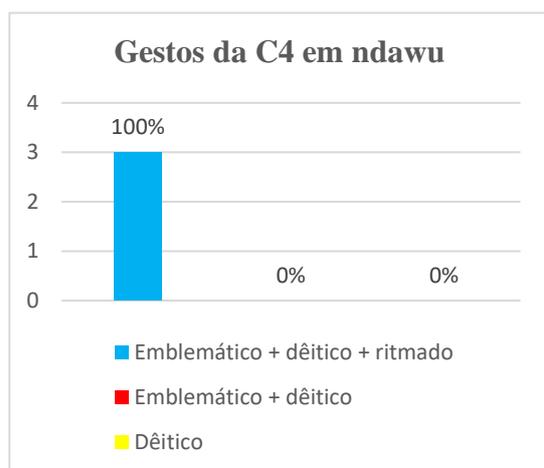
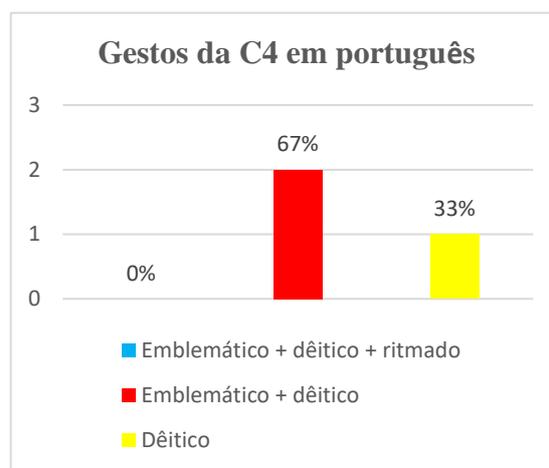


Gráfico 8 - Total de gestos da C4 em português – autobiografia



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 7 mostra os gestos produzidos em *ndawu* pela C4, onde ela produziu apenas os emblemáticos + dêiticos + ritmados de cor azul a 100% enquanto isso, no gráfico 8, mostra os gestos produzidos pela mesma criança em português ao contar a mesma autobiografia, onde os emblemáticos + dêiticos de vermelho, com uma incidência de 67% e os dêiticos de amarelo, 33%. Em relação as divergências e convergências das produções gestuais da C4 nas duas línguas, ela divergiu em todos os gestos, os emblemáticos + dêiticos + ritmados foram produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 100% enquanto os emblemáticos + dêiticos, com uma incidência de 67% e os dêiticos, com 33% foram usados apenas em português.

Gráfico 9 - Total de gestos da C5 em *ndawu* – autobiografia

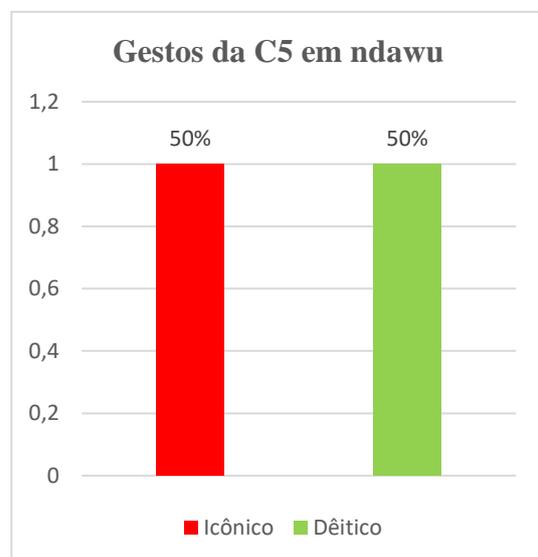
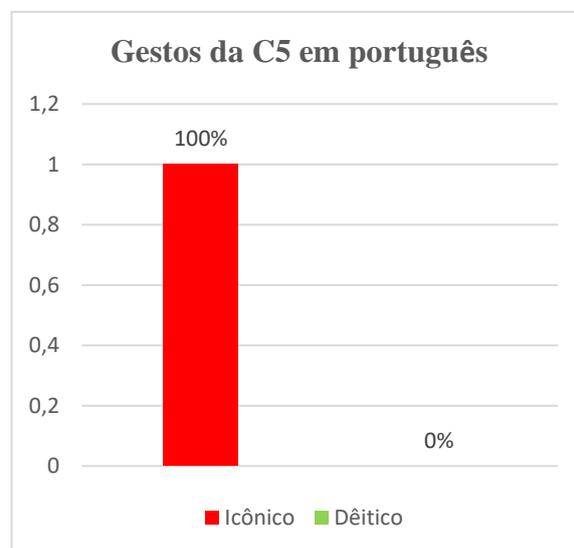


Gráfico 10 - total de gestos da C5 em português – autobiografia



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 9 mostra gestos produzidos em *ndawu*, onde os icônicos de cor vermelho e os dêiticos de verde, com uma incidência de 50% cada enquanto no gráfico 10, os gestos produzidos pela mesma criança ao contar a mesma autobiografia em português, os icônicos foram com uma incidência de 100%. A partir dos dois gráficos nota-se que a C5, nas suas produções verbais, coincidiu no uso dos gestos icônicos nas duas línguas, com uma incidência de 50% cada, tendo divergido no uso dos gestos dêiticos, produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 50%.

Gráfico 11 - Total de gestos da C6 em *ndawu* – autobiografia

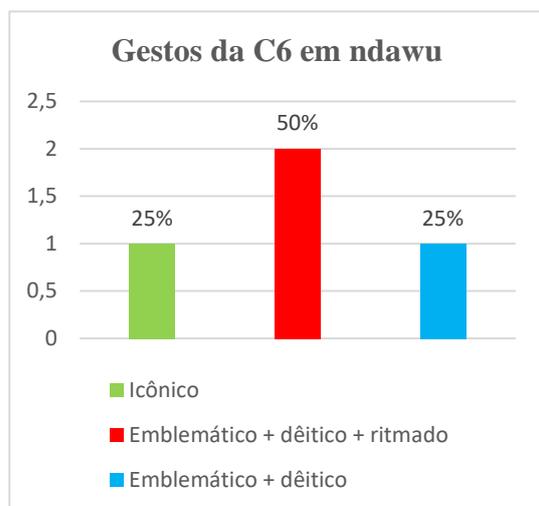
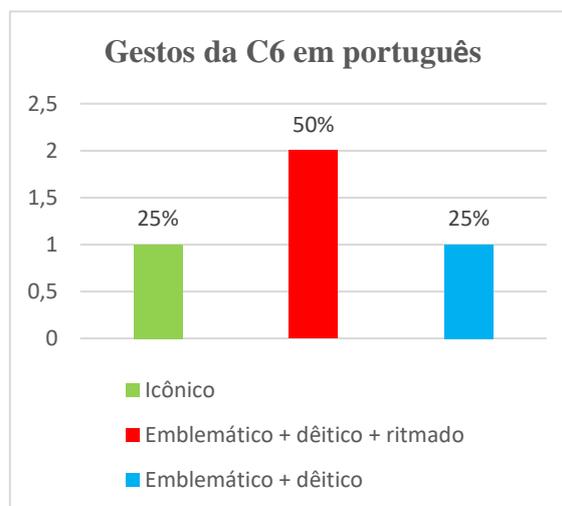


Gráfico 12 - Total de gestos da C6 em português – autobiografia



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 11 mostra as incidências dos gestos produzidos em *ndawu* pela C6, onde os icônicos de cor verde, com 25%; os emblemáticos + dêiticos + ritmados de vermelho, 50% e emblemáticos + dêiticos de cor azul, 25%. No gráfico 12, mostra os gestos produzidos pela mesma criança a contar a mesma autobiografia em português, as suas incidências coincidem com as do *ndawu*. Olhando para as divergências e convergências da C6, nas duas línguas, nota-se que ela coincidiu no uso de todos os gestos por si produzidos, os icônicos, 25% em cada língua; os emblemáticos + dêiticos + ritmados, 50% em cada língua e os emblemáticos + dêiticos, 25% para cada língua.

Depois de termos analisado quantitativamente por meio de gráficos, os gestos produzidos por cada criança no gênero, autobiografia, os gráficos 13 e 14 abaixo, ilustram as convergências e as divergências de todos os gestos produzidos pelas 06 crianças durante a produção verbal em *ndawu* e em português.

Gráfico 13 - Total de gestos em ndawu – autobiografia

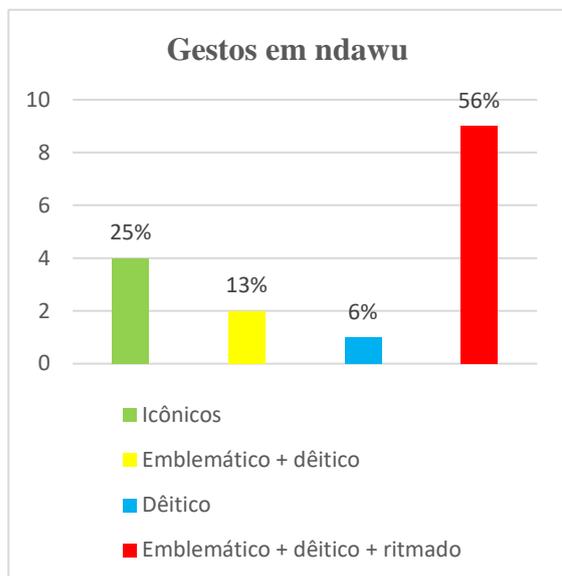
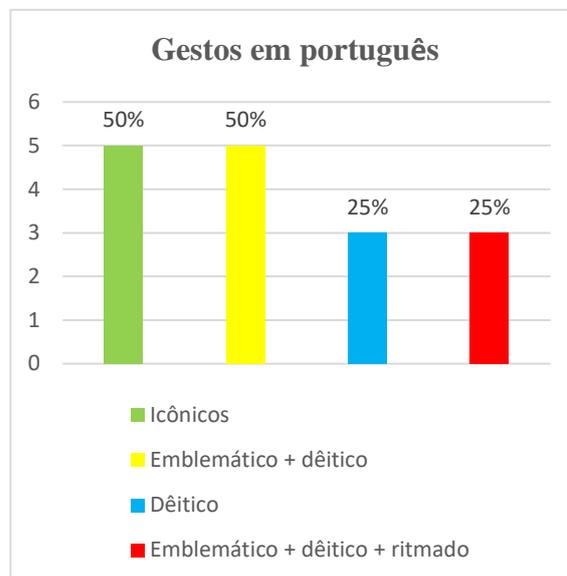


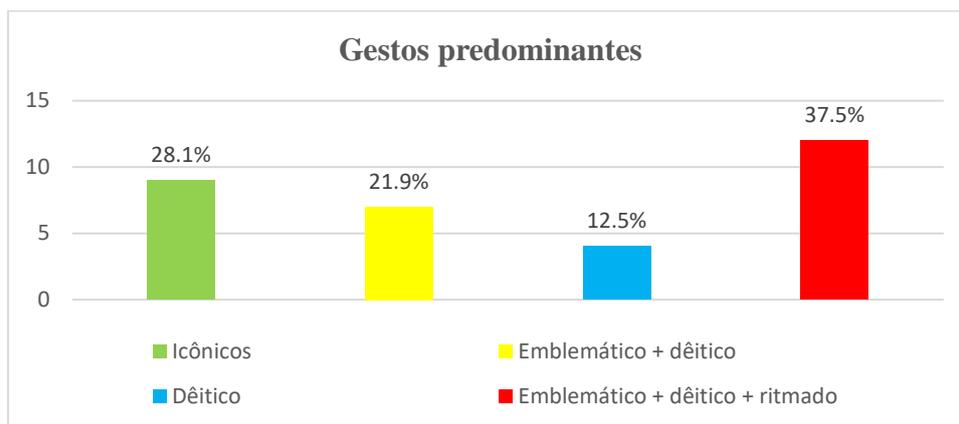
Gráfico 14 - Total de gestos em português – autobiografia



Fonte: o autor (2024)

Os gráficos acima mostram as incidências dos gestos convergentes e divergentes produzidos pelas 06 crianças no gênero oral, autobiografia. O gráfico 13 representa os gestos produzidos em *ndawu* enquanto o gráfico 14 produzidos em português, onde constatamos que todas as crianças convergem no uso de todos os gestos, divergindo nas incidências de uso, os icônicos de cor verde, com uma incidência de 25% em *ndawu* e 50% em português; os emblemáticos + dêiticos de amarelo, com 13% em *ndawu* e 50% em português; dêiticos de azul, 6% em *ndawu* e 25% em português; emblemáticos + dêiticos + ritmados de vermelho, 56% em *ndawu* e 25% em português. Neste gênero, os gestos emblemáticos + dêiticos + ritmados foram os mais expressivos, com maior incidência em *ndawu*.

O gráfico 15 ilustra os gestos mais expressivos (predominantes) no gênero oral, autobiografia.

Gráfico 15 - Gestos predominantes no gênero oral - autobiografia

Fonte: Elaborado pelo autor

O gráfico 15 mostra que os gestos, emblemáticos + dêiticos + ritmados de cor vermelha foram os mais expressivos no gênero autobiografia com 37.5% de incidência.

Depois da representação quantitativa em gráficos dos gestos, do gênero oral, autobiografia, a seguir vamos apresentar quantitativamente em gráficos, os gestos, do gênero oral, relato de experiência.

4.4.2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Os gráficos 16 a 30 abaixo, ilustram o total de gestos produzidos pelas 06 crianças em *ndawu* e em português durante as suas produções verbais no gênero oral, Relato de Experiência.

Gráfico 16 - Total de gestos da C1 em *ndawu* – relato de experiência

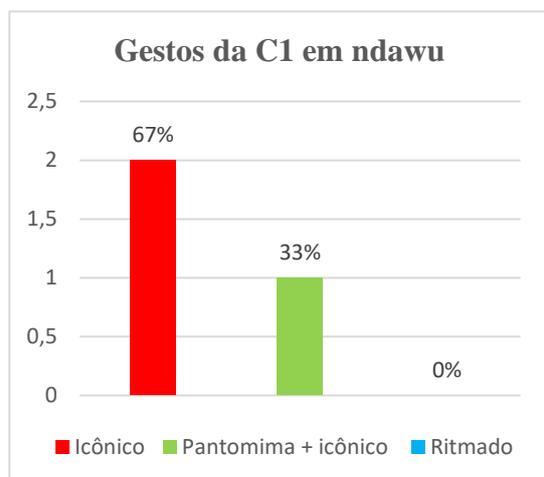
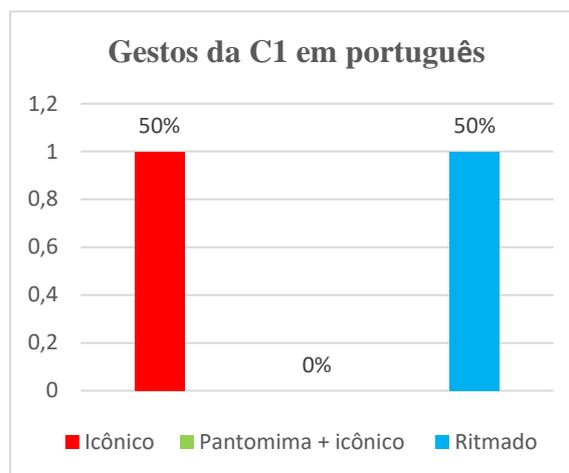


Gráfico 17 - Total de gestos da C1 em português – relato de experiência



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 16 mostra os gestos produzidos pela C1 em *ndawu*, nele, os icônicos de cor vermelha com uma incidência de 67%; pantomima + icônico de verde, 33%. No gráfico 17, os gestos produzidos pela mesma criança em português ao relatar a mesma experiência, usou os icônicos e os ritmados com uma incidência de 50% cada. A partir dos gráficos, nota-se que a C1, convergiu na produção dos gestos icônicos, com 67% em *ndawu* e 50% em português; tendo divergido nos gestos pantomímicos + icônicos de verde, produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de, 33% enquanto os ritmados produzidos apenas em português com uma incidência de 50%.

Gráfico 18 - total de gestos em ndawu - relato de experiência

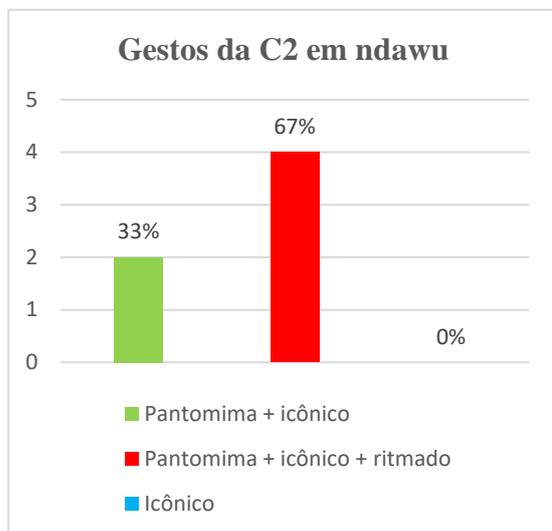
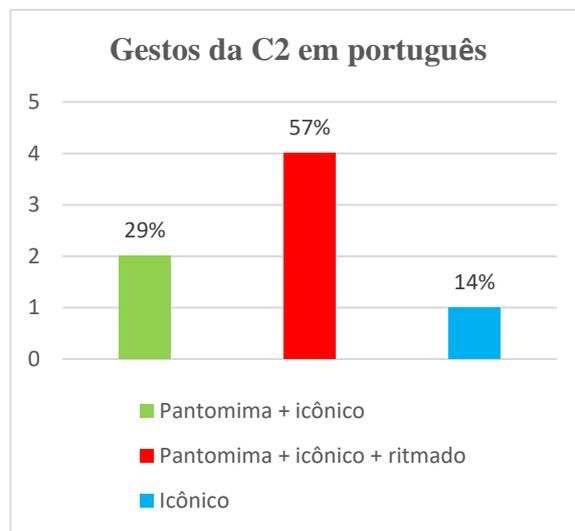


Gráfico 19 - total de gestos em português - relato de experiência



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 18 mostra os gestos usados pela C2 em *ndawu*, onde os pantomímicos + icônicos de cor verde com uma incidência de 33% e os pantomímicos + icônico + ritmado de vermelho, 67% enquanto no gráfico 19, os gestos produzidos pela mesma criança em português ao relatar a mesma experiência, onde as pantomimas + icônicos de cor verde apresentam uma incidência de 29%; pantomima + icônico + ritmado de vermelho, 57% e icônico de azul, 14%. A C2 convergiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos, com maior incidência para *ndawu* com 33% e 29% para português; pantomímicos + icônicos + ritmados, 67% para *ndawu* e 57% para português enquanto isso, divergiu nos icônicos produzidos apenas em português, com uma incidência de 14%.

Gráfico 20 - Total de gestos da C3 em ndawu - relato de experiência

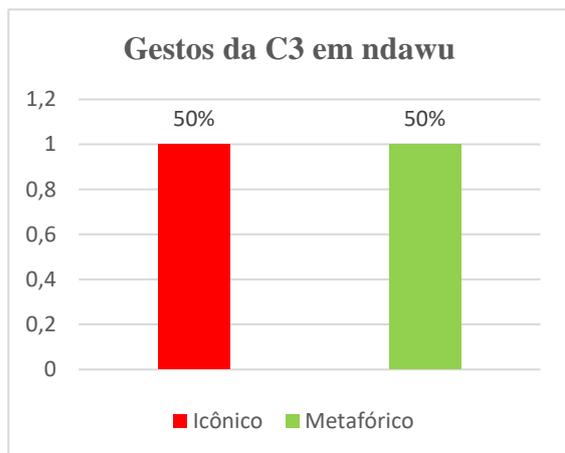
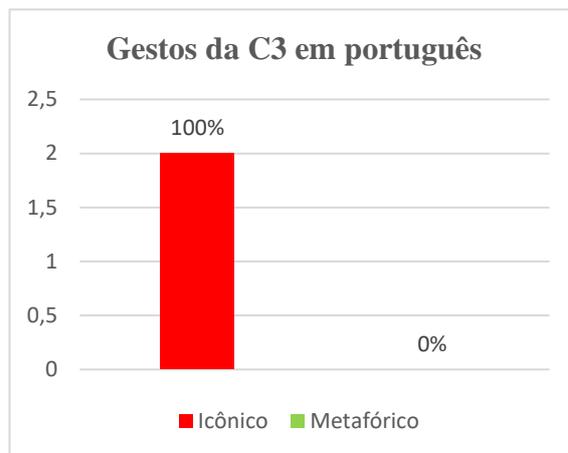


Gráfico 21 - Total de gestos da C3 em português - relato de experiência



Fonte: o autor (2024)

A gráfico 20 mostra as incidências dos gestos produzidos pela C3 em *ndawu*, os icônicos à vermelho e os metafóricos à verde têm uma incidência de 50% cada enquanto o gráfico 21 mostra os gestos produzidos pela mesma criança ao relatar a mesma experiência em português, os icônicos com 100%. A C3 convergiu no uso dos gestos icônicos, com maior incidência para o português, com 100% e 50% em *ndawu*; divergiu no uso dos gestos metafóricos, produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 50%.

Gráfico 22 - total de gestos da C4 em ndawu – relato de experiência

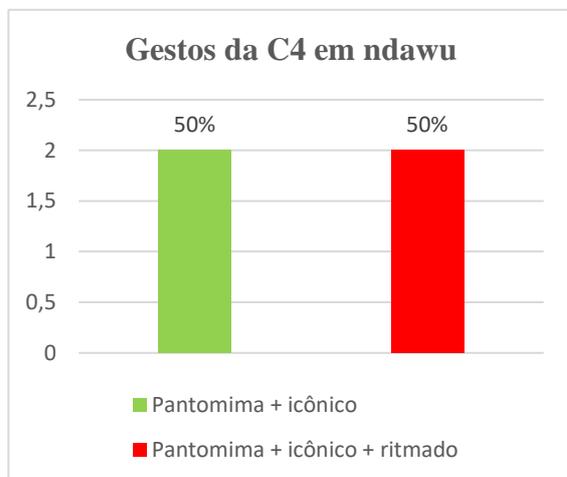
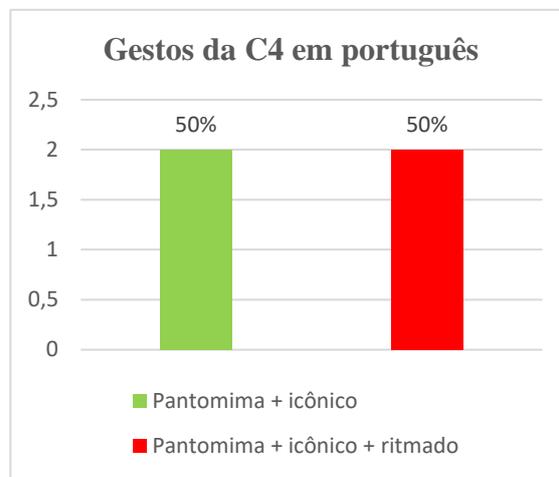


Gráfico 23 - total de gestos da C4 em português - relato de experiência



Fonte: o autor (2024)

Os gráficos 22 e 23 mostram que a C4 em *ndawu* produziu os mesmos gestos e com as mesmas incidências em português, os pantomímicos + icônicos à verde e os pantomímicos + icônicos + ritmados à vermelho, todos com 50% em cada língua.

Gráfico 24 - total de gestos da C5 em ndawu – relato de experiência

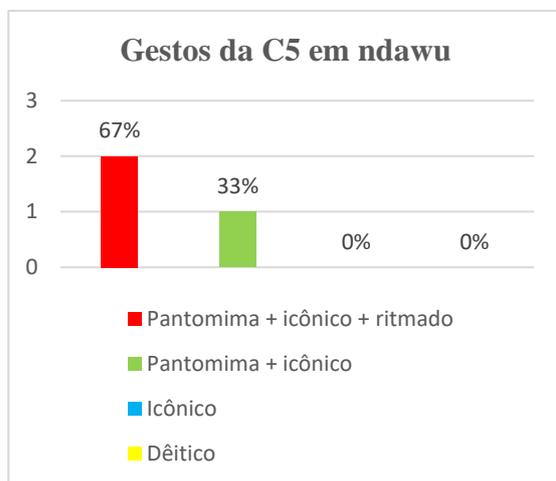
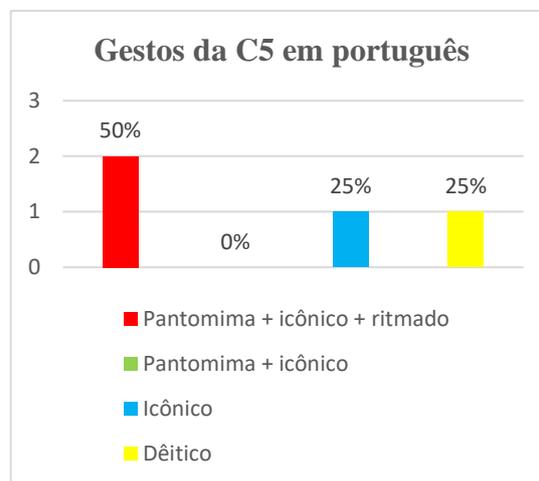


Gráfico 25 - total de gestos da C5 em português – relato de experiência



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 24 mostra as incidências dos gestos produzidos pela C5 em *ndawu*, onde os pantomímicos + icônicos + ritmados de vermelho, com 67%; os pantomímicos + icônicos de verde, com 33%. Enquanto isso, o gráfico 25 mostra os gestos produzidos pela mesma criança ao relatar a mesma experiência em português, onde os pantomímicos + icônicos + ritmados com uma incidência de 50%; os icônicos e dêiticos, 25% cada. Em relação as

convergências e divergências dos gestos nas duas línguas, a C5 convergiu ao produzir os gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, com 67% em *ndawu* e 50% em português; tendo divergido na produção dos gestos pantomímicos + icônicos, usados apenas em *ndawu* com uma incidência de 33% enquanto isso, os dêiticos e os icônicos foram produzidos apenas em português, com uma incidência de 25% cada.

Gráfico 26 - total de gestos da C6 em *ndawu* - relato de experiência

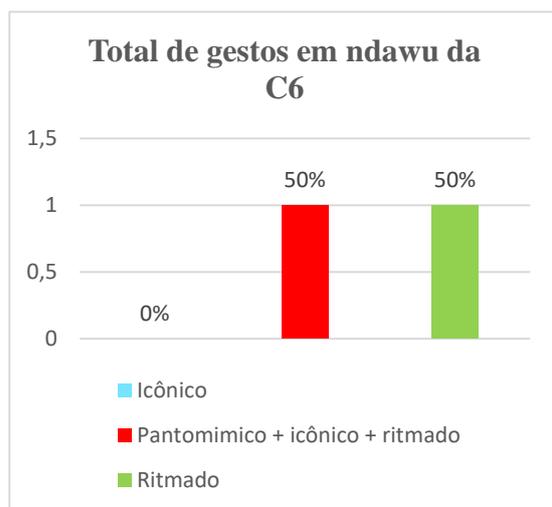
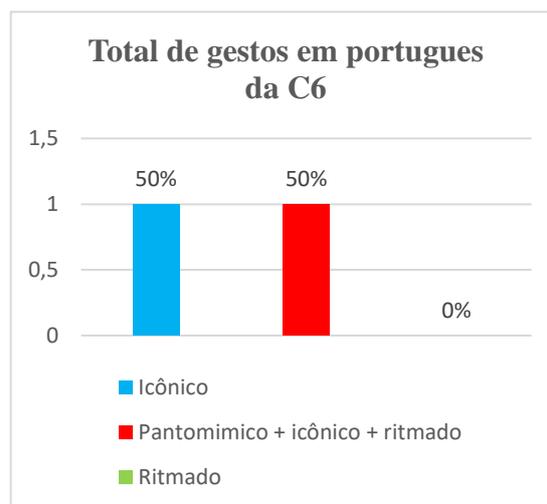


Gráfico 27 - total de gestos da C6 em português - relato de experiência



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 26 mostra as incidências dos gestos produzidos em *ndawu* pela C6, onde as pantomimas + icônicos + ritmados de vermelho e ritmado de verde, todos com 50% de incidência cada. No gráfico 27, os gestos produzidos pela mesma criança ao relatar a mesma experiência em português, os icônicos e os pantomímicos + icônicos + ritmados usados com uma incidência de 50% cada. A partir do exposto acima, a C6 nas duas línguas coincidiu na produção dos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, com 50% em cada língua; tendo divergido na produção dos gestos icônicos produzidos apenas em português com uma incidência de 50% enquanto os ritmados produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 50%;

Depois de termos analisado os gestos produzidos por cada criança no gênero, os gráficos 28 e 29 abaixo, ilustram as convergências e as divergências de todos os gestos produzidos pelas 06 crianças durante a produção verbal em *ndawu* e em português neste gênero oral.

Gráfico 28 - Total de gestos em ndawu – relato de experiência

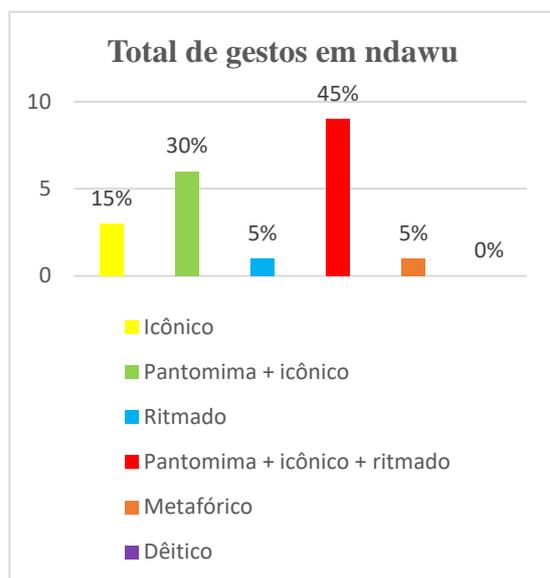
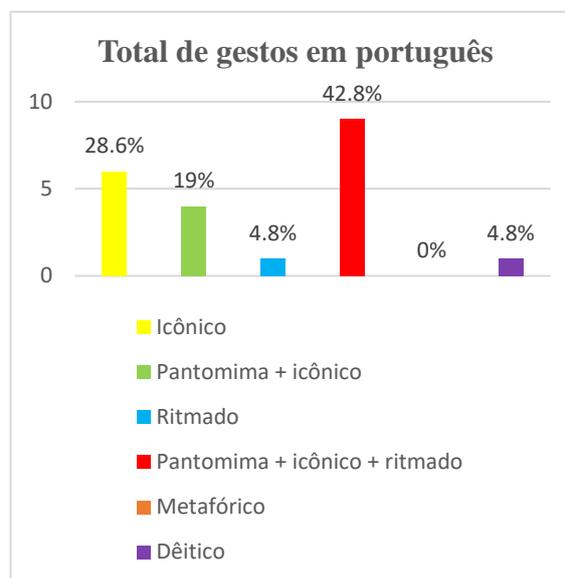
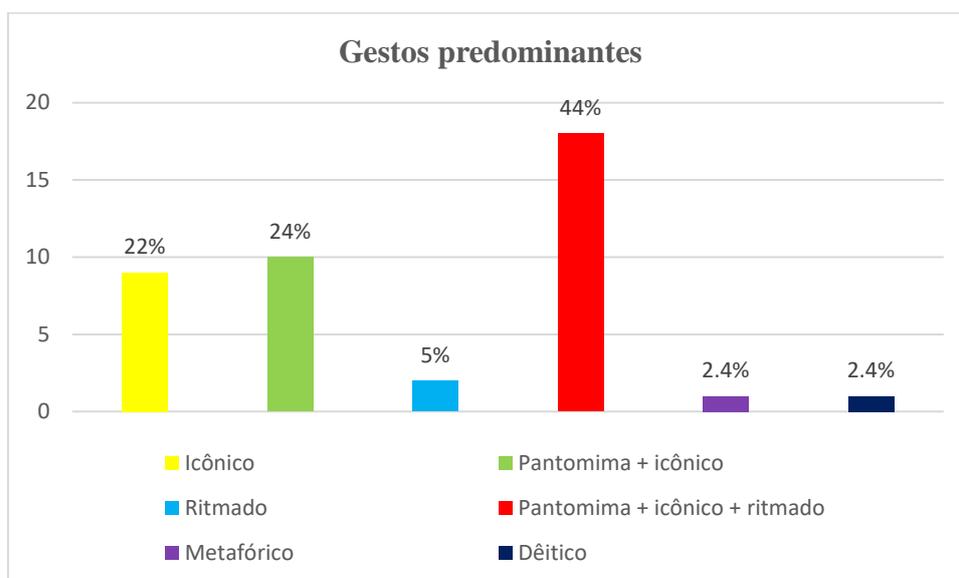


Gráfico 29 - Total de gestos em português – relato de experiência



Fonte: o autor (2024)

Os gráficos acima mostram os gestos convergentes e divergentes produzidos pelas 06 crianças no gênero oral relato de experiência, em *ndawu* ilustrados pelo gráfico 28 e em português 29. A partir deles, constatou-se a convergência no uso dos gestos icônicos de cor amarelo, com maior incidência em português 28.6% e 15% em *ndawu*; os pantomímicos + icônicos de verde, 30% em *ndawu* e 19% em português; ritmados de azul, 5% em *ndawu* e 4,8% em português; os pantomímicos + icônicos + ritmados de vermelho, 45% em *ndawu* e 42.8% em português; elas divergem no uso dos gestos metafóricos de cor laranja, produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 5% enquanto isso, os dêiticos de roxo foram produzidos apenas em português com uma incidência de 4.8%. Neste gênero, os gestos pantomímicos + icônicos + ritmados foram os mais expressivos, com maior incidência na língua *ndawu*.

Gráfico 30 - Gestos predominantes no gênero oral - Relato de Experiência

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O gráfico 30 mostra que no gênero oral relato de experiência, os gestos pantomímicos + icônicos + ritmados de cor vermelha, foram os mais expressivos neste gênero, com 44%.

Depois da representação quantitativa em gráficos dos gestos produzidos no gênero oral, relato de experiência pelas 06 crianças, a seguir vamos apresentar quantitativamente em gráficos, os gestos, do gênero oral, receita culinária.

4.4.3 RECEITA CULINÁRIA

Os gráficos 31 a 45 abaixo, mostram o total de gestos produzidos pelas 06 crianças, nas duas línguas no gênero oral, Receita culinária.

Total de gestos da C1- Gênero Receita Culinária

Gráfico 31 - Total de gestos em ndawu – receita culinária

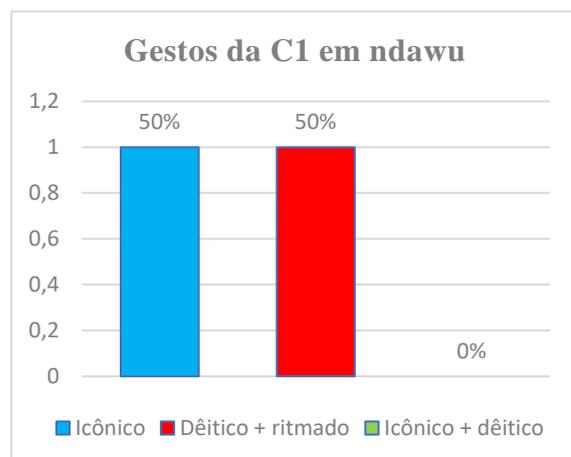
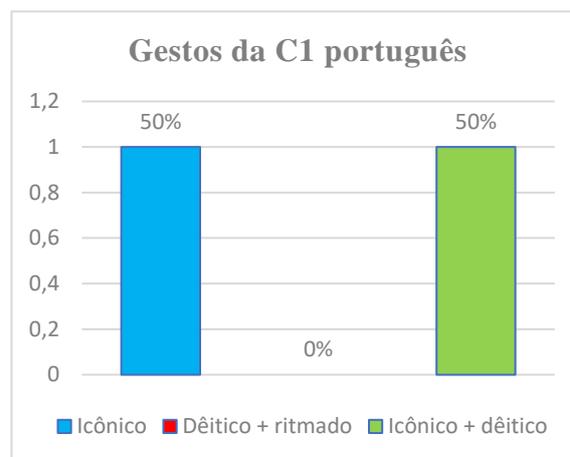


Gráfico 32 - Total de gestos em português - receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

O gráfico 31 mostra os gestos produzidos pela C1 em *ndawu*, os icônicos de cor azul e os dêiticos de vermelho com uma incidência de 50% cada. No gráfico 32, mostra os gestos produzidos pela mesma criança em português ao ensinar a mesma receita, nele usou os icônicos e icônicos + dêiticos com 50% cada. A C1, durante a sua fala nas duas línguas, convergiu no uso dos gestos icônicos de azul, com 50% para cada língua, tendo divergido no uso dos gestos dêiticos + ritmados produzidos apenas em *ndawu* com uma incidência 50% enquanto os icônicos + dêiticos foram produzidos apenas em português, com uma incidência de 50%.

Gráfico 33 - total de gestos da C2 em ndawu – receita culinária

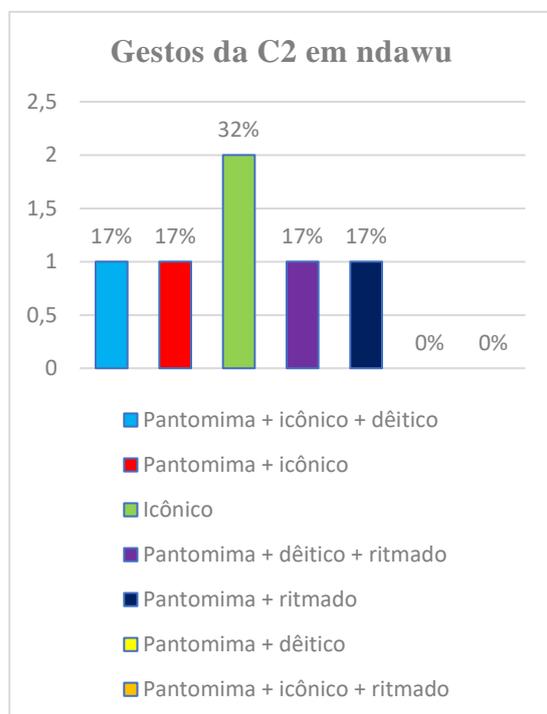
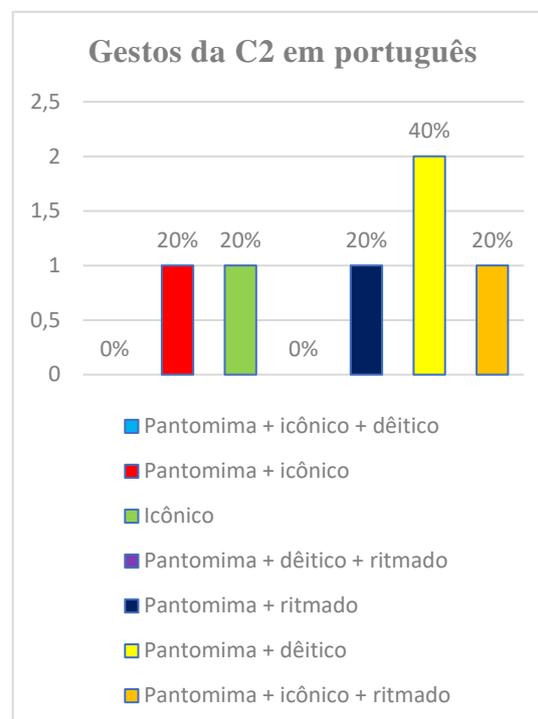


Gráfico 34 - total de gestos da C2 em português – receita culinária



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 33 mostra as incidências dos gestos produzidos pela C2 ao ensinar a sua receita em *ndawu*, neles os pantomímicos + icônicos + dêiticos de cor azul; os pantomímicos + icônicos de vermelho; os pantomímicos + dêiticos + ritmados de roxo e os pantomímicos + ritmados de preto com 17% cada; os icônicos de verde, 32%. Enquanto o gráfico 34 representa os gestos produzidos pela mesma criança ao ensinar a mesma receita em português, os pantomímicos + icônicos; os icônicos; os pantomímicos + ritmados e pantomímicos + icônicos + ritmados, com uma incidência de 20% cada e, os pantomímicos + dêiticos, 40%.

Em relação as convergências e divergências dos gestos usados nas duas línguas pela C2, constatou-se que ela convergiu no uso dos gestos, pantomímicos + icônicos, com maior incidência em português, 20% e 17% em *ndawu*; icônicos, com maior incidência em *ndawu*, 32% e 20% em português; pantomímicos + ritmados, com maior incidência em português, 20% e 17% em *ndawu*; divergiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos + dêiticos e pantomímicos + dêiticos + ritmados, produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 17% cada enquanto isso, os pantomímicos + dêiticos, com uma incidência de 40% e pantomímicos + icônicos + ritmados, 20% produzidos apenas em português.

Gráfico 35 - total de gestos da C3 em ndawu – receita culinária

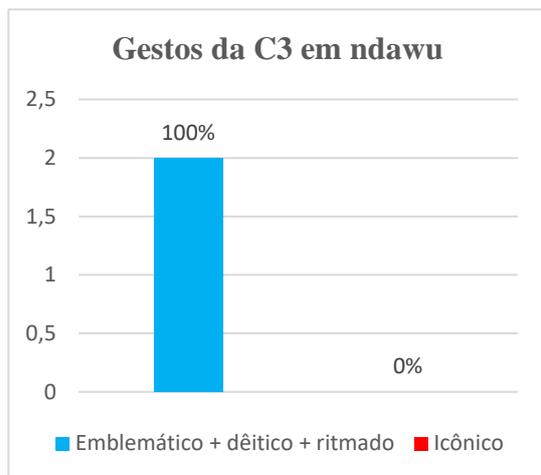
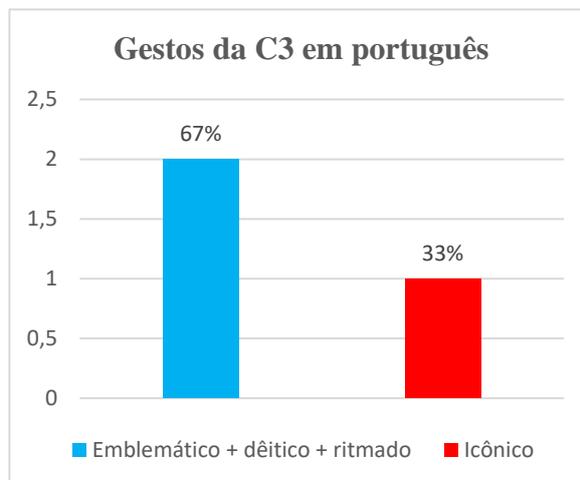


Gráfico 36 - total de gestos da C3 em português – receita culinária



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 35 mostra os gestos em *ndawu*, usados pela C3, onde os emblemáticos + dêiticos + ritmados de cor azul, com uma incidência de 100%. Enquanto, o gráfico 36 mostra os mesmos gestos produzidos pela mesma criança ao ensinar a mesma receita em português, neles os emblemáticos + dêiticos + ritmados, com 67% e os icônicos, com 33%. Nas duas línguas, convergiu no uso dos gestos emblemáticos + dêiticos + ritmados, com maior incidência em *ndawu*, 100% em português, 67%; tendo divergido nos icônicos, produzidos apenas em português, com uma incidência de 33%.

Gráfico 37 - total de gestos da C4 em ndawu – receita culinária

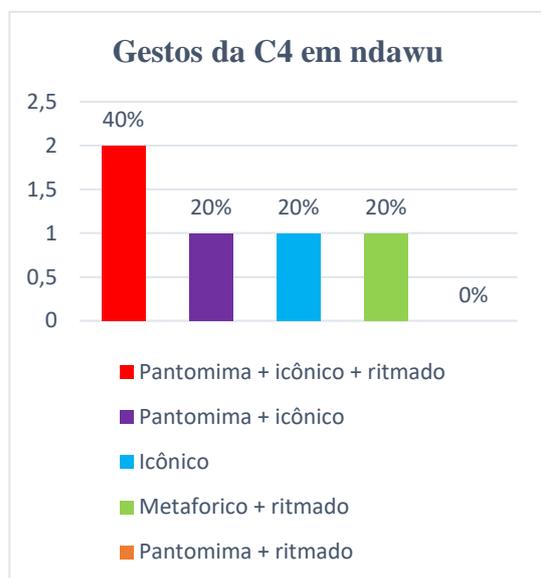
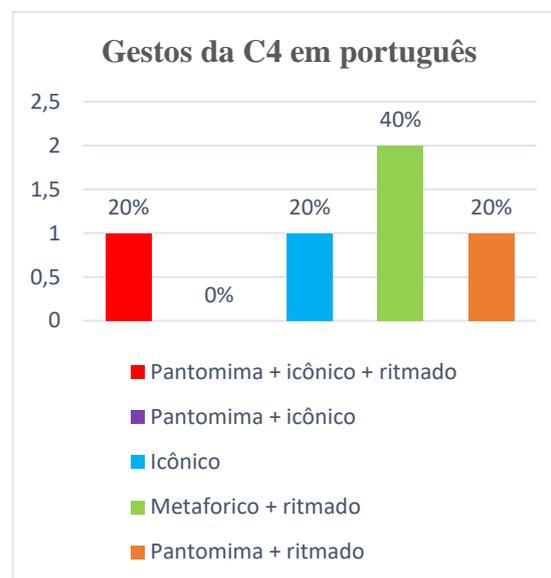


Gráfico 38 - total de gestos da C4 em português – receita culinária



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 37 mostra as incidências dos gestos produzidos pela C4 em *ndawu* durante a sua fala, onde os pantomímicos + icônicos + ritmados de cor vermelho com 40% de incidência; os pantomímicos + icônicos de roxo, 20%; os icônicos de azul e os metafóricos + ritmados de verde, todos com 20% cada. A mesma receita contada em português, como mostra o gráfico 38, a C4 produziu os gestos pantomímicos + icônicos + ritmado; os icônicos e os pantomímicos + ritmado, todos com 20% cada e metafóricos + ritmados, com 40%.

A C4 durante a sua fala nas duas línguas convergiu e divergiu no uso de alguns gestos, tendo-se notado a coincidência dos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, com uma incidência maior em *ndawu*, de 40% e 20% em português; icônicos com a mesma incidência de 20% nas duas línguas; metafóricos + ritmados, com uma incidência de 20% em *ndawu* e 40% em português. Ela divergiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos, produzidos apenas em *ndawu* com uma incidência de 20% enquanto os pantomímicos + ritmados foram produzidos apenas em português, também com uma incidência de 20%.

Gráfico 39 - total de gestos da C5 em ndawu – receita culinária

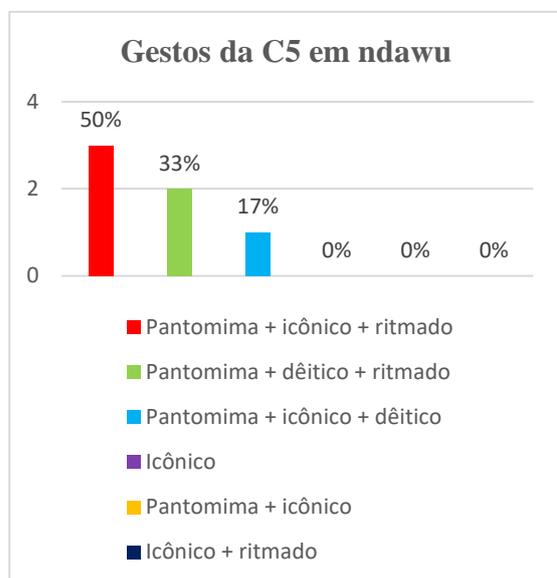
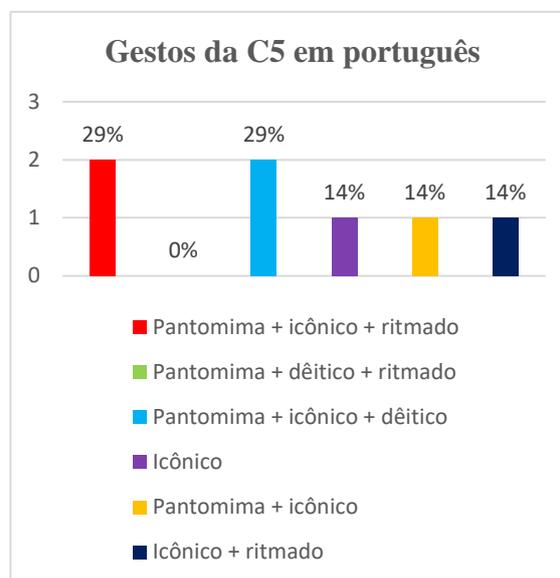


Gráfico 40 - total de gestos da C5 em português – receita culinária



Fonte: o autor (2024)

O gráfico 39 mostra os gestos produzidos em *ndawu* pela C5, onde os pantomímicos + icônicos + ritmados de vermelha, com 50% de incidência; os pantomímicos + dêiticos + ritmados de verde, 33%; os pantomímicos + icônicos + dêiticos, 17%. Enquanto isso, o gráfico 40 mostra os gestos produzidos pela mesma criança ao ensinar a mesma receita em português, onde os pantomímicos + icônicos + ritmados, com uma incidência de 29%; os pantomímicos + icônicos + dêiticos, 29%.

No concernente as convergências e divergências no uso dos gestos nas duas línguas, a C5, coincidiu nos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, com uma incidência de 50% em *ndawu* e 29% em português e, pantomímicos + icônicos + dêiticos, com maior incidência em português, 29% e 17% em *ndawu*. Divergiu nos gestos pantomímicos + dêiticos + ritmados, produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 20% enquanto os gestos icônicos; pantomímicos + icônicos e icônicos + ritmados foram produzidos apenas em português, com uma incidência de 17% cada.

Gráfico 41 - total de gestos da C6 em ndawu – receita culinária

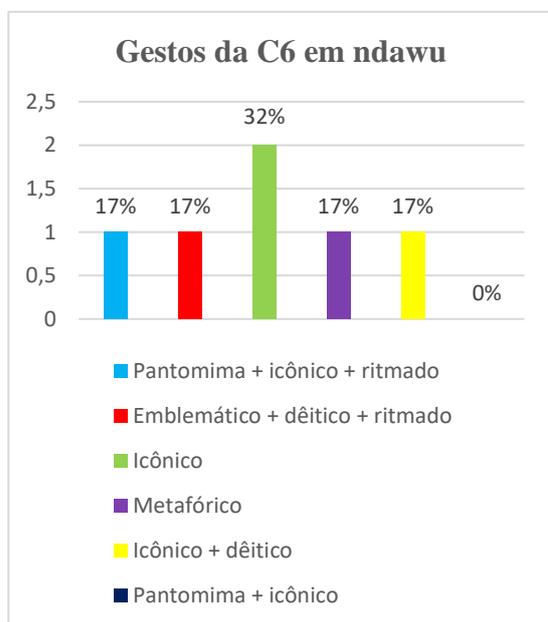
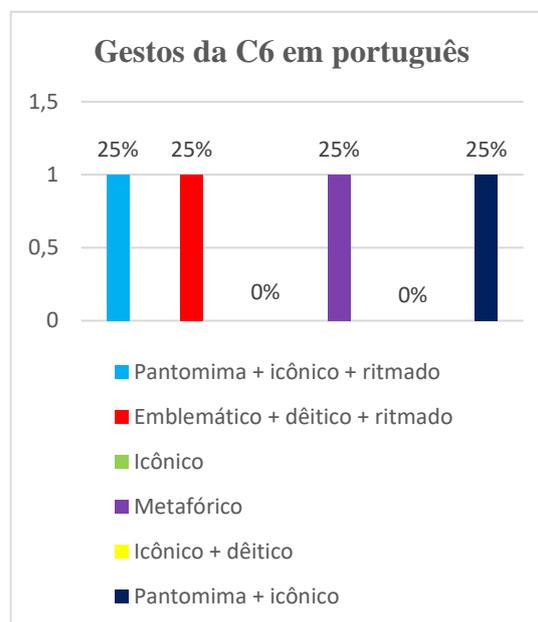


Gráfico 42 - total de gestos da C6 em português – receita culinária



Fonte: o autor (2024)

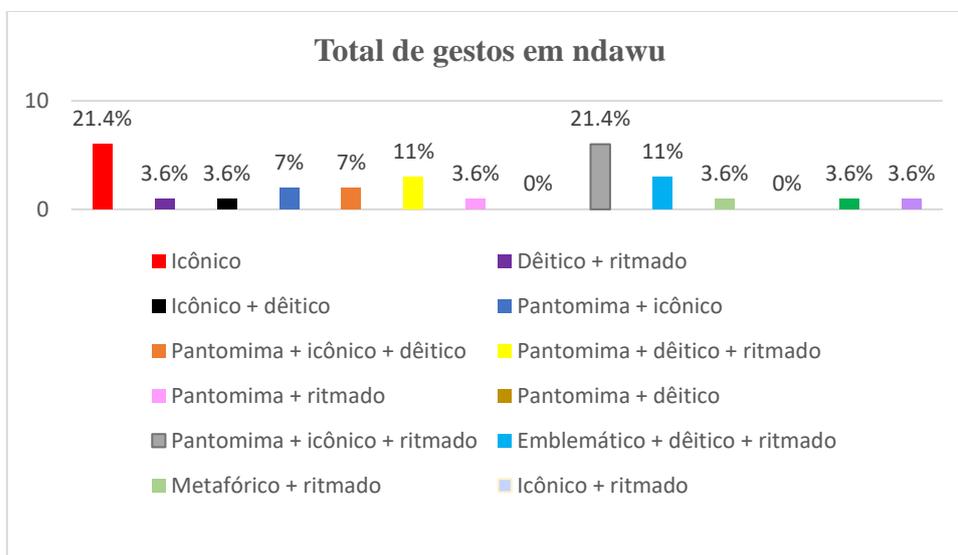
O gráfico 41 mostra as incidências dos gestos produzidos pela C6 durante a sua fala em *ndawu*, onde os gestos pantomímicos + icônicos + ritmados de azul; os emblemáticos + dêiticos + ritmados de vermelho; os metafóricos de roxo e icônicos + dêiticos, com uma incidência de 17% cada; os icônicos de verde, 32%. Diferentemente do gráfico 41, o gráfico 42 mostra as incidências dos gestos produzidos pela mesma criança em português ao ensinar a mesma receita culinária, onde os pantomímicos + icônicos + ritmados; os emblemáticos + dêiticos + ritmados; os metafóricos e os pantomímicos + icônicos, com 25% incidência cada.

Os gráficos mostram que a C6 coincidiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, com uma incidência de 17% em *ndawu* e 25% em português; emblemáticos + dêiticos + ritmados, com 17% em *ndawu* e 25% em português e, metafóricos com 17% em *ndawu* e 25% em português enquanto isso, divergiu nos gestos icônicos produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 32%; icônicos + dêiticos produzidos apenas em *ndawu*, com uma incidência de 17% e os pantomímicos + icônicos produzidos apenas em português com uma incidência de 25%.

Depois de termos analisado quantitativamente por meio de gráficos, os gestos produzidos por cada criança no gênero, receita culinária, os gráficos 43 e 44 abaixo, ilustram

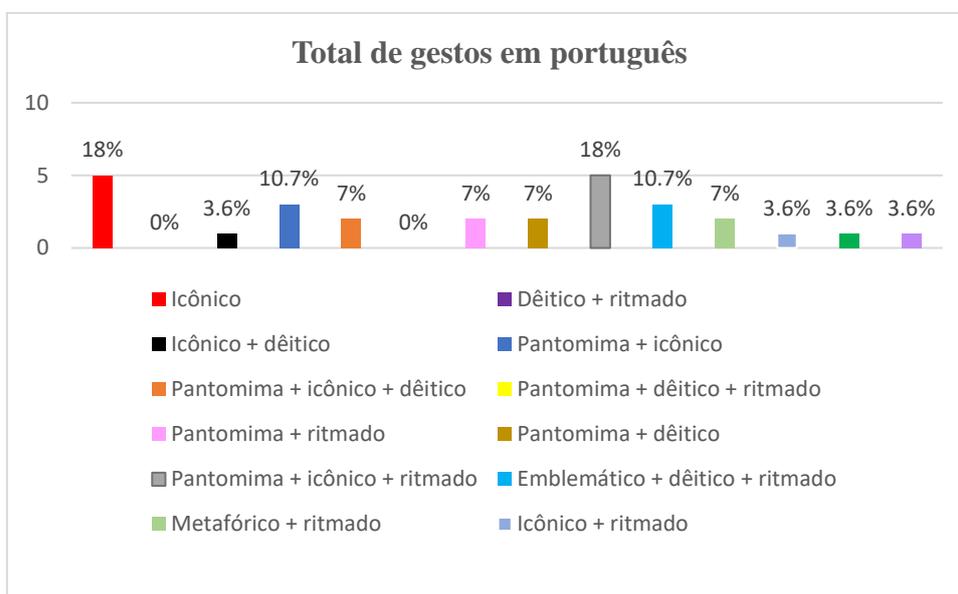
as convergências e as divergências de todos os gestos produzidos pelas 06 crianças durante a produção verbal em *ndawu* e em português neste gênero oral.

Gráfico 43 - Total de gestos convergentes em *ndawu* – receita culinária



Fonte: o autor (2024)

Gráfico 44 - total de gestos convergentes em português

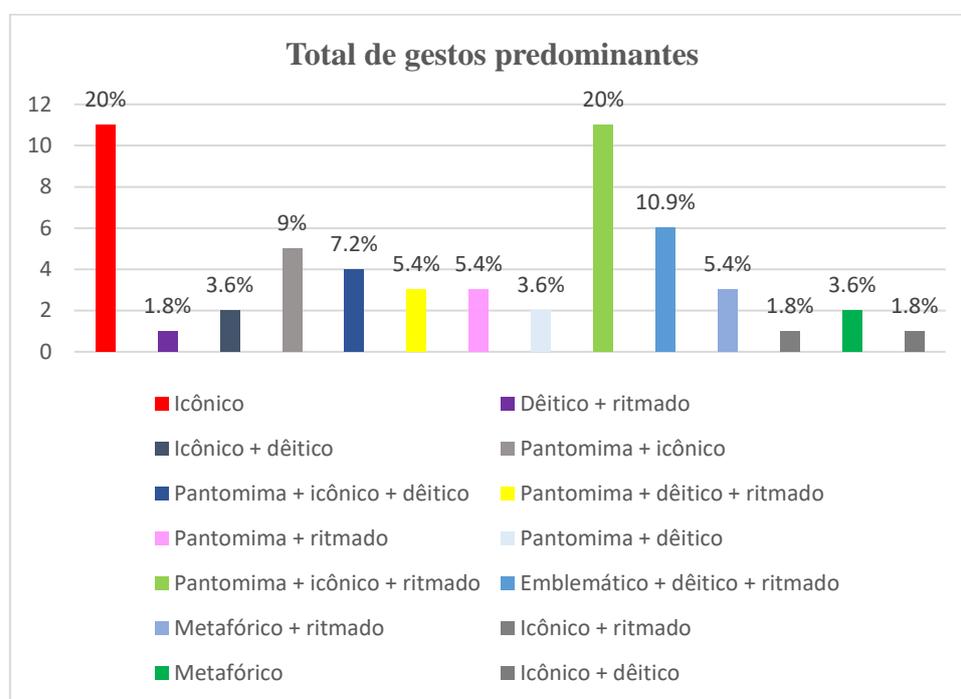


Fonte: o autor (2024)

Os gráficos 43 e 44 ilustram todos os gestos convergentes em cada língua (*ndawu* e português) das 06 crianças, no gênero oral receita culinária. Neles, constatamos que elas convergiram no uso dos gestos icônicos, com uma incidência de 21.4% em *ndawu* e 18% em português; icônicos + dêiticos, 3.6% em cada língua; pantomímicos + icônicos, 7% em *ndawu*

e 10.7% em português; pantomímicos + icônicos + dêiticos, 7% em cada língua; pantomímicos + ritmados, 3.6% em *ndawu* e 7% em português; pantomímicos + icônicos + ritmados, 21.4% em *ndawu* e 18% em português; emblemático + dêitico + ritmado, 11% em *ndawu* e 10.7% em português; metafórico + ritmado, 3.6% em *ndawu* e 7% em português; metafóricos, 3.6% nas duas línguas (*ndawu* e português) e, icônicos, 3.6% nas duas línguas. Divergiram nos gestos dêiticos + ritmados, com uma incidência de 3.6% e pantomímicos + dêiticos + ritmados, com 11%, foram produzidos apenas em *ndawu* enquanto os pantomímicos + dêiticos, com 7% e os icônicos + ritmados com 3.6%, foram produzidos apenas em português. Neste gênero, os gestos icônicos e os pantomímicos + icônicos + ritmados foram os mais expressivos nas duas línguas, com maior incidência em *ndawu*.

Gráfico 45 - Gestos predominantes no gênero Receita culinária



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

A partir do exposto no gráfico 45, os gestos pantomímicos + icônico + ritmado com 20% e os mesmos pantomímicos associados a outras dimensões, foram os mais expressivos seguidos de icônico com 20%.

5. CONCLUSÃO

O estudo em apreço, abordou sobre a multimodalidade gesto-fala na produção de gêneros orais: autobiografia, relato de experiência e receita culinária de crianças moçambicanas falantes de português e *ndawu*. Tinha como objetivo geral, analisar como as crianças falantes de duas línguas diferentes, português e *ndawu* em Moçambique usam os gestos e a fala durante a produção de gêneros orais, autobiografia, relato de experiência e receita culinária. E os objetivos específicos, identificar se existem diferenças entre as produções gestuais-vocais do mesmo gênero realizado pela mesma criança em português e em *ndawu*; descrever os gestos convergentes e divergentes produzidos por todas as crianças falantes das duas línguas (português e *ndawu*) em cada gênero; identificar os gestos predominantes em todas as crianças falantes das duas línguas, português e *ndawu* em cada gênero e em todos os gêneros no geral.

Para o alcance dos objetivos, a pesquisa foi norteada pelas seguintes questões: Existem diferenças entre as produções gestuais-vocais no mesmo gênero realizadas pela mesma criança nas duas línguas (português e *ndawu*)? Quais os gestos convergentes e divergentes que as crianças falantes de português e *ndawu* em Moçambique usam durante a produção dos gêneros orais, receita culinária, relato de experiências e autobiografia? Quais os gestos predominantes na produção de gêneros orais, receita culinária, relato de experiências e autobiografia por crianças falantes de português e *ndawu* em Moçambique?

Nas discussões e análises dos dados seguimos os postulados teóricos de McNeill (1992; 1997), Kendon (1982) e de Galhano-Rodrigues (2008). Durante as nossas discussões e análises, nas produções verbalizadas em *ndawu*, constatamos a predominância do uso dos elementos organizadores do texto e de algumas estratégias mnemônicas, como as perguntas retóricas, repetição de itens lexicais enquanto em português para além dessas estratégias, usaram as pausas preenchidas, através das interjeições.

Na produção gestual do gênero autobiografia, constatamos a existência de diferenças no uso dos gestos nas duas línguas a nível de cada criança e ao mesmo tempo coincidências de alguns gestos. Nas duas línguas, a C1 divergiu no uso dos gestos dêiticos que foram produzidos apenas em português, tendo convergido em icônicos e emblemáticos + dêiticos; a C2 durante a sua fala nas duas línguas divergiu em todos os gestos, os emblemáticos + dêiticos + ritmados usados apenas em *ndawu* enquanto os icônicos foram usados apenas em português; a C3 convergiu ao usar os gestos emblemáticos + dêiticos + ritmados, tendo divergido em gestos icônicos, usados apenas em *ndawu* e os emblemáticos + dêiticos usados apenas em português;

a C4 divergiu em todos os gestos usado, os emblemáticos + dêiticos + ritmados foram produzidos apenas em ndawu enquanto os emblemáticos + dêiticos e dêiticos foram expressos em português; a C5, nas suas produções verbais coincidiu usar os gestos icônicos nas duas línguas e, divergiu no uso dos gestos dêiticos, usados apenas ndawu; a C6 durante a sua fala nas duas línguas, coincidiu no uso de todos os gestos, icônicos, emblemáticos + dêiticos + ritmados e emblemáticos + dêiticos.

As 06 crianças durante as produções verbais no gênero, autobiografia, convergiram no uso de todos os gestos, tendo divergido nas incidências de cada tipo de gestos, onde os icônicos; os emblemáticos + dêiticos e dêiticos foram mais expressivos em português enquanto os emblemáticos + dêiticos + ritmados foram mais expressivos em ndawu. Os gestos emblemáticos + dêiticos + ritmados foram os mais expressivos neste gênero, com maior incidência em *ndawu*.

No gênero oral, Relato de Experiência, constatou-se que a C1 convergiu no uso dos gestos icônicos nas duas línguas, tendo divergido nos gestos pantomímicos + icônicos produzidos apenas em ndawu enquanto os ritmados em português; A C2 convergiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos, pantomímicos + icônicos + ritmados, divergiu nos icônicos que foram produzidos apenas em português; a C3 convergiu no uso dos gestos icônicos e divergiu no uso dos gestos metafóricos, produzidos apenas em ndawu; A C4 durante a sua produção verbal, convergiu em todas as suas produções gestuais, inclusive as incidências de cada tipo, os pantomímicos + icônicos e os pantomímicos + icônicos + ritmados; a C5 convergiu na produção dos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, tendo divergido no uso dos gestos pantomímicos + icônicos, produzidos apenas em ndawu enquanto isso, os dêiticos e os icônicos foram produzidos apenas em português; a C6 nas duas línguas coincidiu na produção dos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, tendo divergido nos gestos icônicos, que foram usados apenas em português enquanto os ritmados foram produzidos apenas em ndawu.

No gênero relato de experiência, as crianças convergiram no uso dos gestos icônicos, pantomímicos + icônicos, ritmados, pantomímicos + icônicos + ritmados, tendo divergido no uso dos gestos metafóricos produzidos apenas em *ndawu* enquanto os dêiticos em português. Neste gênero, os gestos pantomímicos + icônicos + ritmados foram os mais expressivos, com maior incidência em *ndawu*.

Na Receita Culinária a nível de cada criança, constatamos diferenças e coincidências, no uso dos gestos. A C1 durante a sua fala nas duas línguas, convergiu no uso dos gestos icônicos; divergiu nos gestos dêiticos + ritmados, usados apenas em ndawu enquanto os icônicos + dêiticos apenas em português;

A C2, constatou-se convergiu no uso dos gestos, pantomímicos + icônicos, icônicos, pantomímicos + ritmados, divergiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos + dêiticos e pantomímicos + dêiticos + ritmados, produzidos apenas em ndawu, enquanto isso, os pantomímicos + dêiticos e pantomímicos + icônicos + ritmados em português; a C3, coincidiu no uso dos gestos emblemáticos + dêiticos + ritmados, tendo divergido nos icônicos, produzidos apenas em português; a C4 durante a sua fala nas duas línguas convergiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, icônicos, metafóricos + ritmados. Ela divergiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos, produzidos apenas em ndawu enquanto os pantomímicos + ritmados foram produzidos apenas em português; a C5, coincidiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados e pantomímicos + icônicos + dêiticos, tendo divergido nos gestos pantomímicos + dêiticos + ritmados, produzidos apenas em ndawu, enquanto os gestos icônicos, pantomímicos + icônicos e icônicos + ritmados foram produzidos apenas em português; a C6 convergiu no uso dos gestos pantomímicos + icônicos + ritmados, emblemáticos + dêiticos + ritmados e metafóricos enquanto isso, divergiu nos gestos icônicos e icônicos + dêiticos produzidos apenas em ndawu enquanto os pantomímicos + icônicos usados apenas em português.

Durante as produções verbais nas duas línguas, as 06 crianças convergiram no uso dos gestos icônicos; icônicos + dêiticos; pantomímicos + icônicos; pantomímicos + icônicos + dêiticos; pantomímicos + ritmados; pantomímicos + icônicos + ritmados; emblemático + dêitico + ritmado; metafórico + ritmado; metafóricos e, icônicos, tendo divergido nos gestos dêiticos + ritmados e pantomímicos + dêiticos + ritmados foram produzidos apenas em ndawu enquanto os pantomímicos + dêiticos os icônicos + ritmados foram produzidos apenas em português. Os gestos icônicos e pantomímicos + icônicos + ritmados foram os mais expressivos nas duas línguas. Enquanto os pantomímicos, associados aos icônicos + ritmados, icônicos, icônicos + dêiticos, dêiticos + ritmados, ritmados e dêiticos, foram os mais predominantes com maior incidência em ndawu.

Nos três gêneros analisados constatamos que os gestos pantomímicos, associados aos icônicos + ritmados e emblemáticos + dêiticos + ritmados foram os mais expressivos. *Ndawu* foi a língua que mais gestos produziu, com maior incidência para os pantomímicos e os emblemáticos, todos associados. Ademais, o gênero receita culinária foi aquele que mais gestos usou em relação aos outros.

Em torno do espaço gestual usado por todas as crianças nas duas línguas e nos três gêneros orais, constatamos diferença no lugar da produção dos gestos. Em ndawu, os gestos foram produzidos em abaixo do abdômen enquanto em português foram produzidos na zona central do abdômen.

Os dados analisados neste estudo, não se devem considerar finalizados, em possíveis estudos futuros, podem ser contemplados aspectos que não foram objecto de análise neste estudo, como o olhar, as hesitações, movimento do corpo durante a produção verbal, expressão facial, movimento da cabeça, etc; na área de discurso, os marcadores conversacionais e os respectivos reformuladores da fala, na área da sociolinguística, a variação fonética-fonológica ao nível da mesma criança falante de duas línguas diferentes na mesma cultura; na área de sintaxe e semântica, em relação a produção de frases em português e os seus respectivos significados na língua.

Para finalizar, os resultados alcançados neste estudo, irão contribuir significativamente na linguística ao preencher as lacunas teórico-descritivas que se verificavam em Moçambique em torno dos estudos multimodais, gesto - fala. Por se tratar do primeiro trabalho dessa natureza em contexto bilingue moçambicano, servirá de mais valia e fonte de inspiração para as futuras pesquisas desta natureza, como forma de colmatar o défice material que se faz sentir nos estudos em aquisição da linguagem na perspectiva multimodal, gesto - fala.

6. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Ana Caroline Tomaz *et al.* *Biografia e autobiografia: Uma proposta de trabalho para a primeira série do ensino médio*. IX ENALIC (Encontro Nacional das Licenciaturas). Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/103703>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2024.

AGOSTINHO, Ana Livia; BANDEIRA, Manuel & FREITAS, Shirley. “*Línguas crioulas e o papel da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe*.” In: *Lusofonias Em Debate*, eds. Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos; Fábio Marques de Souza. São Paulo: Mentis Abertas, pp. 63–86, 2020.

ALKMIM, Tânia M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; Bentes, Anna Cristina. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.1. São Paulo: Cortez, p. 21-48, 2001.

ALMEIDA, Andressa Toscano Moura de Caldas Barros de. CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *A multimodalidade como via de análise: contribuições para pesquisas em aquisição de linguagem*. Letrônica, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 526-537, jul.-dez. 2017.

ALMEIDA, L. C. de. *A Multimodalidade em contextos de negação nas interações mãe-bebê*. 2018, Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ARAÚJO, Ana Paula de. Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/portugues-na-africa/#:~:text=Por%20Ana%20Paula%20de%20Ara%C3%BAjo>. Acesso em: 11. Agost. 2023

ARAÚJO, Gabriel Antunes de & AGOSTINHO, Ana Livia dos Santos. *Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe*. Simpósio Línguas Crioulas de Base Portuguesa na África do 7º Congresso Iberico de Estudos Africanos, realizado em Lisboa-Portugal, em 2010, pp. 49-81.

ÁVILA-NOBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. *O envelope multimodal em aquisição de linguagem: momento do surgimento e pontos de mudanças*. In: CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de (orgs.). *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BACCIN, Edena Joselita. *Modelo Didático de Gênero e Sequência Didática: Gênero Textual Autobiografia*. Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE. Dois Vizinhos - Dezembro/2008.

BANZA, Ana Paula. *O português em Angola: Uma questão de política linguística*. In: *O Universal e o Particular: uma Vida a Comparar*. Edições Colibri, Universidade de Évora, Lisboa, pp. 29-38Sd.

BEZERRA, Jéssica Tayrine Gomes de Melo; SILVA, Paula Michely Soares da e CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *Softwares de transcrição como auxílio para as pesquisas com enfoque multimodal no processo de aquisição da linguagem*. Volume: 9 – Número: 1 – ISSN 1983-3652, DOI: 10.17851/1983-3652.9.1.77-93 Texto online, linguagem e tecnologia, disponível em : <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres>, 2016.

BRANDÃO, S. *Gestos e fala nas narrativas infantis*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CÁ, Segunda & TIMBANE, Alexandre António. *A variação léxico-semântica e o ensino do português guineense*. RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa - nº 39, pp.129-152, 2021,

CAES, Valdinei. *A importância da gestualidade na comunicação não-verbal*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/138873347/A...>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2024.

CARVALHO, Francisco Romário Paz. *Gêneros multimodais: Uma proposta para o ensino de língua portuguesa*. Uespi, 2014, disponível em : <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=f33f65d77f4e5f1cJmltdHM9MTcxMjk2NjQwMCZpZ3VpZD0zMmFIMTlmMC1iZDVkLTY0MjYtM2U1OS0wODNIYmNkNzY1ZGQmaW5zaWQ9NTE4Mg&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=32ae19f0-bd5d-6426-3e59-083ebcd765dd&psq=CARVALHO%2c+Francisco+Rom%2c%a1rio+Paz.+G%2c%aaneros+multimodais%3a+uma+proposta+para+o+ensino+de+lingua+portuguesa.&u=a1aHR0cDovL2dlbG5lMnVbS5ici9hcnFlaXZvcy9hbmFpcy9nZWxuZS0yMDE0L2FuZXhvcy8yNjUucGRm&ntb=1>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

CASTRO, Lorena G. F. de; AZEVEDO, Pamela A. O. de e SANTOS, Gilmar S. dos. *Gênero textual autobiografia: fenômenos intrínsecos à produção de textos em uma sala de aula da EJA*.

V colóquio internacional “educação e contemporaneidade, ISSN 1982-3657, São Cristóvão-se/Brasil, 21 a 23 de setembro de 2011.

CAVALCANTE et al. *Análise da multimodalidade no gênero receita culinária em vídeos de fala infantil de um corpus intercontinental*. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 1, pp. 245-272, jan.-jun. 2021.

_____. *Perspectiva multimodal da aquisição da linguagem*. In: MOTA, M. B.; NAME, C. (Orgs.). *Interface, linguagem e cognição: contribuições da Psicolinguística*. 1ª ed. Florianópolis: copiart, 2019.

_____. *Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem*. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.21, n. esp., [VIII SENALE] p. 5-35, 2018.

_____. *Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso*. Investigações, v. 2, n. 1, 153-170. 2009.

CHALUCUANE, Beatriz D. P. *As Influências das Línguas Bantu no Português falado em Moçambique: Um Estudo Descritivo do Cindau*. 2017, Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2017.

CHAMBO et al. (2020). *A educação bilingue em Moçambique. Guia prática*. Universidade de Vigo, Registo ISBN: 978-84-8158-858-3, pp. 24-27, 2020.

CORREIA, L.M.S. *Aquisição da Linguagem: Uma retrospectiva dos últimos trinta anos*. DELTA [online], vol.15, n.spe, ISSN 0102-4450, pp.339-383. 1999

COSTA, Rowana Quadros Avante Simões. *O relato de experiência vivida como meio para a apropriação da linguagem escrita: Uma análise das produções de crianças em início do processo de alfabetização pela perspectiva da Teoria Histórico-Cultural*. 2021, Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2021.

DA SILVA E. E. O. *Matriz gesto-fala em sala de aula: Um olhar multimodal sobre aulas de língua materna no 4º ano do Ensino Fundamental*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFPB, João Pessoa, 2020.

DA SILVA I. J. *A Modalização verbo-gestual em entrevistas do programa Roda Viva*. 2018, Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPE, Recife, 2018.

DIAS, Juliana Braz. *Língua e poder: transcrevendo a questão nacional*. MANA 8(1):7-27, 2002

DIONISIO, A. P. *Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades)*. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (Org.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DJAU, Rachido. *Situação sociolinguística, cultural e étnica na Guiné-Bissau e sua implicação*. v. 2, n. 12, p. 111-124, ISSN 2175-1846, jul./dez. 2015.

DOS SANTOS, Luiz H. L. *Sobre a integridade ética da pesquisa*. Texto de trabalho; FAPESP. *Estado em Moçambique*. 1ª Ed., Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

DREY, Rafaela Fetzner & GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. *O enfoque da multimodalidade na análise de interações professor-alunos*. Letras, Santa Maria, v. 22, n. 44, p. 153-176, jan./jun. 2012.

ÉVORA, Luís J. R. Rendall. *Proposta de uma Base de Dados Terminológica para o Ensino Bilingue em Cabo Verde: nas Áreas de Ciências Integradas e Matemática*. 2014, Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014.

FARIA, Daniel Luporini de. *A fala e o gesto incorporados e atrelados à vida vivida*. Kínesis, Vol. X, nº 22, Julho 2018, p.58-67

FERREIRA, Kimavuidi & OSÓRIO, Paulo. *A variedade angolana do português: Contexto histórico e (socio)linguístico*. Vertentes & Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados, Fólio-revista de letras, Vitória da Conquista, v. 10, n. 1, p. 381-407, 2018

FIGUEIREDO, Carlos & OLIVEIRA, Márcia S. Duarte. *Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização*. PAPIA, São Paulo, 23(2), p. 105-185, Jul/Dez 2013. – ISSN 0103-9415, e-ISSN 2316-2767.

FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. *A Concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de almoxarife, São Tomé (Desenvolvimento das*

Regras de Concordância Variáveis no Processo de Transmissão-Aquisição Geracional), Vol. 1. 2010, Tese (Doutoramento em Linguística), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Português, Universidade de Macau, 2010.

FIORIN, R. P. *Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade*. Revista Eutomia ano I - Nº 02, revista online de Literatura e Linguística, ISSN 1982-6850, Recife, p. 538-559, 2008.

FIRMINO, G. *A Situação do Português no Contexto Multilíngue de Moçambique*. Maputo, UEM-FLCS, 2005

FIRMINO, Gregório. *Diversidade linguística e desenvolvimento nacional: questões sobre política linguística em Moçambique*. Rev. Cient. UEM: Sér. ciênc. soc. v. 1, n. 1. p. 121-132. 2015. Disponível em: <<http://www.revistacientifica.uem.mz/index>>.

FONTE, Renato Fonseca Lima da et al.. *Estudos em Aquisição da Linguagem e Multimodalidade no Nordeste brasileiro*. Estudos da Língua(gem) - ISSN: 1982-0534, Vitória da Conquista, v. 20, n. 1 p. 195-218 dez. 2022.

GALHANO-RODRIGUES, Isabel. “*Vou buscar ali, ali acima!*” (...). *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* - Vol. 7, p. 129 – 164, 2012.

_____. *Espaço e gesto: Interações no português de diferentes culturas*. AFRICANA STUDIA, Nº 11, Edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP), 2008.

_____. *Gesture Space and Gesture Choreography in European Portuguese and African Portuguese Interactions: A Pilot Study of Two Cases*. S. Kopp and I. Wachsmuth (Eds.): GW 2009, LNAI 5934, pp. 23–33, 2010.

GASPAR, Sofia Isabel Nunes Fernandes. *A Língua Portuguesa em Angola: Contributos para uma metodologia de Língua Segunda*. 2015, Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 6ª ed. São Paulo: editora Atlas, 2008.

GONÇALVES, P. *Contacto de línguas em Moçambique: algumas reflexões sobre o papel das línguas bantu na formação de um novo léxico do português*. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., (orgs. *Rosae*): *linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 401-406. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

HEINTZE, Beatrix « *A lusofonia no interior da África Central na era pré-colonial. Um contributo para a sua história e compreensão na actualidade* », *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 7/8 | 2005, posto online no dia 03 junho 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cea/1361> ; DOI : 10.4000/cea.1361

<http://ensina.rtp.pt/artigo/ultimato-ingles/>. Acesso em: 12. Agost. 2023

<https://aulanotadez.com.br/glossario/o-que-e-genero-textual-receita/>. Acesso em: 29 de abril de 2024.

<https://magic.warda.at/ask/receita-e-um-genero-textual.html>). Acesso em: 29 de abril de 2024

<https://www.bing.com/ck/a?!&&p=30ba7e241ca079f1JmltdHM9MTcxMTkyOTYwMCZpZ3VpZD0zMmFIMTlmMC1iZDVkLTY0MjYtM2U1OS0wODNIYmNkNzY1ZGQmaW5zaWQ9NTIwMA&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=32ae19f0-bd5d-6426-3e59-083ebcd765dd&psq=genero+textual+receita+de+cozinha&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cuc29lc2NvbGEuY29tLzlwMTcvMDMvcGxhbm8tZGUtYXVsYS1nZW5lcm8tdGV4dHVhbC1yZWVlaXRhLmh0bWw&ntb=1>

INE. *Estatísticas do Distrito de Cidade Da Beira*. 2008.

INE. *IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017: Resultados Definitivos Moçambique*. Maputo, 2019.

INTUMBO, INCANHA. *Situação Sociolinguística da Guiné-Bissau*. Doutorando Linguística Aplicada Univ. Coimbra.

INVERNO, Liliana. *Transição de Angola para o português: uma história sociolinguística*. In *Comunidades Imaginadas*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 169-181, 2008.

JEWITT, C.; BEZEMER, J.; O'HALLORAN, K. *Introducing multimodality*. 1. ed. Abingdon, Oxon: Routledge, 2016.

KITA, S. *Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture: A review*. *Language and Cognitive Processes*, v. 24, n. 2, p. 145-167, 2009.

KITA, S. *Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture: A review*. *Language and Cognitive Processes*, v. 24, n. 2, p. 145-167, 2009.

LAKATOS, Éva Maria e MARCON, Maria de Andrade. *Metodologia de Investigação Científica*, 3ª edição, São Paulo, Editora Átlas, 2003.

LEMKE, J. L. *Aprender a hablar ciencia: lenguaje, aprendizaje y valores*. Barcelona: Paidós, 1997.

LEVISKI, Charlott Eloize & TIMBANE, Alexandre António. *A Guiné-Equatorial no cenário lusófono: política e planeamento linguísticos*. in: SOUZA, Sweder; OLMO, Francisco Calvo. (Org.). *Línguas em português: a lusofonia numa visão crítica*. Porto: U. Porto, pp.119-135, 2020.

LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. *Protocolo de avaliação multimodal infantil – PAMI: Uma proposta para análise da matriz multimodal em cenas de atenção conjunta na síndrome de down*. 2020.

LOPES, A. J. *Política Linguística: princípios e problemas*. Livraria Universitária, Maputo, 1997.

LOPES, Amália Maria Vera-Cruz de Melo. *As línguas de Cabo Verde: Uma radiografia sociolinguística*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Linguística Geral e Românica, 2011. (disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/4699>). Acesso em: 23. Jul. 2023.

LOPES, Armando Jorge. *The Language situation in Mozambique*. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 19(5), pp. 440-486, 1998.

MACHUNGO, Inês. *Estratégias de Criação Lexical no Português de Moçambique: Aspectos da Derivação Sufixal*. Universidade Eduardo Mondlane (UEM) Moçambique, 2012.

MADEIRA, João Paulo. *A língua cabo-verdiana como elemento da identidade*. Revista de Letras, II, n.º 12, pp. 77-85, 2013.

MARCUSCHI, Luiz António. *Da fala para a Escrita: atividades de retextualização*. 10ª edição, Cortez editora, São Paulo, pp. 7-133, 2010.

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. (Orgs).
DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros Textuais & Ensino*. Editora Lucerna, Rio de Janeiro, pp. 19-36, 2002

MARTINEZ-RUIZ, Barbaro. «Kongo Atlantic Body Language». *Les actes de colloques du musée du quai Branly Jacques Chirac* [Online], 2 | 2009, Online since 08 December 2009, connection on 08 September 2020. URL: <http://journals.openedition.org/actesbranly/462>; DOI: <https://doi.org/10.4000/actesbranly.462>

MCNEIL, Nicole M; EVANS, Julia L; ALIBALI, Martha W. *The Role of Gesture in Children's Comprehension of Spoken Language: Now They Need It, Now They Don't*. In: *Journal of Nonverbal Behavior*, 24, 131–150, 2000. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1006657929803>, 2020.

MCNEILL, David. *Gesture and Language Dialectic*. University of Chicago, *Acta Linguistica Hafniensia* green - 6/28/02.

MCNEILL, David. *Hand and Mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

MORGADO, Celda e BRITO, Ana Maria. *Pronomes pessoais fortes e fracos em duas línguas de modalidade distinta, a Língua Gestual Portuguesa e o Português Europeu: estudo exploratório*. *Sensos-e* | Vol. VI - n. 1 | 2019 | DOI 10.34630/sensos-e.v6i1.3460.

NDAPASSOA. António Miguel. *Ideologias e políticas linguísticas: O caso da rádio Moçambique no período pós-colonial*. in: DA CÂMARA, C. L. e TIMBANE, A. A. (Org.). *Estudos Linguísticos e Literários sobre Moçambique*. Editor Schreibern, p. 136-148, 2022.

NDOMBELE, Eduardo David. *A influência das línguas bantu no desenvolvimento do léxico de português em Angola*. *Revista de Estudos de Português Língua Internacional*, Vol. 2, N. 1 (jan./abr.), REPLI – UERJ, 2022.

NETO, Arcelino Bezerra da Silva; GIORDAN, Marcelo; AIZAWA, Alexandre. *Análise da unidade gestual e turnos de fala em umasequência discursiva sobre tridimensionalidade da ligação química*. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

NETO, Arcelino. *Multimodalidade e produção de significados sobre representação estrutural química: aportes metodológicos para a análise gestual na salade aula*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências – modalidade Química). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NEWITT, Malyn. O impacto dos portugueses no comércio, política e estruturas de parentesco da África Oriental no século XVI. *Oceanos*, 34:63-72, 1998.

NGUNGA, Armindo et al.. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do IV Seminário*. Imprensa Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, Centro de Estudos Africanos (CEA), Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), UEM, Maputo, 2022.

NGUNGA, Armindo. *Introdução à Linguística Bantu*. 2ª edição, Maputo, Imprensa Universitária, 2014.

NGUNGA, Armindo & BAVO, Názia N. *Práticas linguísticas em Moçambique: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos*. Coleção: AS Nossas Línguas IV, Maputo, 2011.

NGUNGA, Armindo. *Elementos de Gramática da Língua Yao*. Imprensa Universitária da UEM, Maputo, 2002.

OLIVEIRA, Ádelly Kalyne da Silva e FONTE, Renata Fonseca Lima da. *Gesto de apontar e holófrase em uma criança autista na aquisição da linguagem*. VII SIMELP (Simpósio mundial de estudos de língua portuguesa, Porto de Galinhas – Pernambuco, Brasil, 20 a 24 DE agosto de 2019).

OLIVEIRA, Heloisa Tramontim de. Língua Portuguesa em Angola: silenciamentos, isolamentos e hierarquias. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 17, n. 2, 2019. DOI:

10.25189/rabralin. V17i2.507. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/507>. Acesso em: 11 jul. 2023.

OLIVEIRA, Izabel Cristina Barbosa de. *Literatura e surdez: por uma educação multimodal*. VII Congresso nacional de Educação (CONEDU), educação como (re) existência: mudanças, conscientização e conhecimentos, ISSN 2358-8829, Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso – Maceió-AL, 2020.

OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; BAIO, João Paulo; INJAI, Basílio Félix. *A inserção do “contínuo português guineense” às variedades africanas de português*. Todas as Letras U, v. 15, n. 1, pp. 130-137, 2013.

ÖZYÜREK, A. *Hearing and seeing meaning in speech and gesture: insights from brain and behaviour*. In: Phil. Trans. R. Soc. B, 369: 20130296, 2014. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstb.2013.0296>.

PEREIRA, A. C. C. *Os gestos das mãos e a referenciação: investigação de processos cognitivos na produção oral*. 2010. 148f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PEREIRA, António José Alves. *Mar cruzado e terra bilingue: Uma Breve Abordagem Sociolinguística das Línguas de Cabo Verde*. 2015, Dissertação (mestrado em ciências de linguagem), Universidade da Madeira, Centro de competência de artes e humanidades, Funchal, 2015.

PEREIRA, et al. *Os Gestos Recorrentes e a Multimodalidade em Aulas de Química Orgânica no Ensino Superior*. Quim nova esc - São Paulo -SP, BR, Vol. 37, nº Especial 1, p. 43-54, Julho 2015.

PEREIRA, Renata Reis; MORTIMOR, Eduardo Fleury e MORO, Luciana. *Os Gestos Recorrentes e a Multimodalidade em Aulas de Química Orgânica no Ensino Superior*. Vol. 37, Nº Especial 1, Quím. nova esc. – São Paulo - SP, BR. p. 43-54, JULHO 2015

PICCININI, C.; MARTINS, I. *Comunicação multimodal na sala de aula de ciências: construindo sentidos com palavras e gestos*. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, v.6, n.1, p.1-14, 2004.

PINHEIRO, Hayat Passos Ferraz. *Gestos de apontar e dêixis: O dêitico “aqui” em dados multimodais*. Linguagem em foco, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, V. 10, N. 2, 2018.

PRIESTERS, Matthias A. e MITTELBERG, Irene. *Individual differences in speakers' gesture spaces: Multi-angle views from a motion-capture study*. 2013.

RAMPAZZO, L. *Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação*. São Paulo: Loyola, 2002.

RUBIO, Cássio Florêncio. Multilinguismo nos PALOP: Perfil sociolinguístico e avaliação linguística em Guiné-Bissau. Rev. de Letras - no. 40 - vol. (1), pp. 34-47, jan./jun. – 2021.

SAMPANDERI, R. H.; COLLADO, c. F. e LUCIO, M. del P. B. *Metodologia de pesquisa*. Tradução: Daisy Vaz de Moraes, 5ª edição, dados electrónicos – Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTIAGO, Ana Maria & AGOSTINHO, Ana Livia. *Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe*. Revista a cor das letras, Feira de Santana, v. 21, n. 1, p. 39-61, janeiro-abril de 2020.

SANTOS, Ângela Cristina dos. *Gênero textual: Autobiografia - histórias de vida: Uma Possibilidade à construção, formação e valorização da identidade e seus reflexos na aprendizagem de língua inglesa*. In: Os desafios da Escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE, produções Didático-Pedagógicas, volume II, Versão On-line ISBN 978-85-8015-075-9, Maringá, 2013.

SANTOS, António Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999.

SANTOS, Marcela Ernesto. *Autobiografia feminina: a identidade e o preconceito nas memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou*. Disponível em: Autobiografia feminina: a identidade e o preconceito nas memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou | Ernesto dos Santos | Revista Iluminart (ifsp.edu.br). Acesso em: 10 jun. 2023.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos & SVARTMAN Flaviane Romani Fernandes. *O padrão entoacional neutro do português de Guiné-Bissau: uma comparação preliminar com o português brasileiro*. ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, 43 (1): p. 48-63, jan-abr 2014.

SEVERINO, A. *Metodologia de Trabalho Científico*. 21ª Edição. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Ciro Lopes da & SAMPA, Pascoal Jorge. *Língua portuguesa na Guiné-Bissau e a influência do crioulo na identidade cultural e no português*. RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa - nº 31, pp 231-247, 2017.

SILVA, Fabrício Alexandre da & FARIA, Evangelina Maria Brito de. *Considerações sobre gestos da fala: contínuo de Kendon, dimensões e sistema integrado*. ACTA - VOL. 27 – ANO 46 – Nº1 – 2022.

SILVA, Ivanilson José da. *A modalização verbo-gestual em entrevistas do programa roda viva*. 2018

SILVA, Maria Gorette Andrade & RODRIGUES, Linduarte Pereira. *Multimodalidade e Ensino: (Re)descobrimos os sentidos na interação entre linguagens*. Congresso internacional de educação e inclusão (CITEDI), práticas pedagógicas, direitos humanos e interculturalidade.

SILVA, Ralph dos Santos (2019). Técnicas de amostragem. Departamento de Métodos Estatísticos. Instituto de Matemática Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://vdocuments.com.br/ralph-dos-santos-silva...> Acesso em: 25 de Março de 2024.

SILVA, Raquel Paula da. *A Multimodalidade na aquisição de segunda língua por estudantes surdos*. João Pessoa 2020

SILVA, Wellington Souza, Centro Universitário Fundação Santo André, 2014. Disponível em: <https://www.infoescola.com/autor/wellington-souza-silva/3318/>. Acesso em: 12. Agost. 2023.

STROUD, Christopher e GONÇALVES, Perpétua. *Panorama do Português Oral de Maputo Volume II: a Construção de um Banco de “Erros”*. Maputo, República de Moçambique, Edição: INDE, 1997.

STROUD, Christopher e GONÇALVES, Perpétua. *Panorama do Português Oral de Maputo. Volume I – Objectivos e Métodos*. Edição: INDE, Moçambique- Maputo, 1997.

TIMBANE, Alexandre António. *A variação linguística do português moçambicano: uma análise sociolinguística da variedade em uso*. RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa - nº 32, pp. 19-38, 2017.

TIMBANE, Alexandre António. *A Variação Linguística e o Ensino do Português em Moçambique*. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, S/D.

TORQUATO, Clóris Porto. *As políticas linguísticas oficiais em Cabo Verde pós-Independência: a construção da nação*. Letras, Santa Maria, v. 21, n. 42, p. 151-184, jan./jun. 2011

TRAVAGLIA *et al.* *Gêneros orais – Conceituação e caracterização*. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

VALIAS, Tânia Brittes Ottoni. *Estrutura Argumental de Sentenças Causativas em Xirhonga*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

VARÃO, Carla; BATISTA, Cláudia e MARTINHO, Vânia. *Metodologia de Investigação I*. Departamento de Educação - FCUL. 2005/2006.

VIEIRA, Cristiane Rodrigues. A multimodalidade e seus significados em textos publicitários. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli | V71., N.2., p. 41-56, JUL-DEZ. 2018.

VILELA, Mário. *O Cabo-Verdiano visto por Cabo-verdianos ou contributo para uma leitura da situação linguística em Cabo Verde*. Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas, II Série, vol. XXII, Porto, pp. 633-653, 2005.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *O livro na rua. Guine Equatorial*. Seria diplomacia ao alcance de todos. Thesaurus Editora – 2011.

WALDMAN, Maurício; SERRANO, Carlos. *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula*. 1ª. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, v. 01. 327, 2007.

WARKEN, Edison José e ROBAZKIEVICZ, Maria Cristina Fernandes. *ORALIDADE – uma prática em sala de aula*. In: Governo do Estado do Paraná, (org.). *O professor PDE e os Desafios da Escola Pública paranaense*. Volume 1, Paraná, 2010.